

COMPENDIO
NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMERICA.

COMPENDIO NARRATIVO DO PEREGRINO

DA AMERICA,
EM QUE SÊ TRATAM VARIOS DISCURSOS
espirituaes, e moraes, com muitas advertencias,
e documentos contra os abusos, que se achão
introduzidos pela malicia diabolica
no Estado do Brasil.

OFFERECIDO A NOSSA SENHORA
DA VICTORIA,
*IMPERATRIZ DO CEO, RAINHA
do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãe de Deos.*

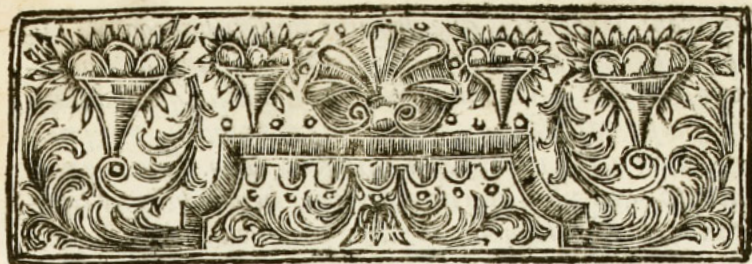
A U T H O R
NUNO MARQUEZ PEREIRA.



L I S B O A:

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.
ANNO MDCCLX.

Com todas as licenças necessarias.



SENHORA.



*E muitos Escritores sey eu , que ,
pertendendo dar seus livros á estampa , tiveram
grande trabalho , e desvêlo , para com acerto a-
charem*

charem Mecenas, que debaixo de seu patrocínio pudessem sabir á luz com elles. Deste trabalho me livrastes Vós, Senhora, por ser divida, que ha muito tempo vos estava obrigado a contribuir, por paga remuneratoria do muito, que vos devo. Tomára com acerto, que vos satisfizera; pois bem sabeis as limitadas posses de meu cabedal: porque ainda nesta humilde offerta, que vos faço, vos dou aquillo mesmo, que por vossa intercessão alcancey do vosso sagrado Filho.

He todo vosso este livro, Senhora, por muitas razões. A primeira he, porque á sombra da vossa Igreja foy ideado, ou delineado este breve Compendio: por cuja causa bem pudera agora repetir aquelle antigo adagio: que quem a bõa arvore se chega, bõa sombra o cobre.

A segunda razão he pelo titulo, que tem de Peregrino; porque tambem o fostes, Senhora, quando de Belem, em companhia de vosso dignissimo Esposo S. Jozé, levastes ao Menino JESUS vosso amado Filho, e nosso Bem, a livrá-lo das tyrannias de Herodes, para o Egypto, por jornadas tam longas, feitos todos tres Peregrinos.

He a terceira razão, porque ainda agora de presente vos estais mostrando Peregrina, no vosso grande poder, e valimento, como bem o experimentamos em todo o mundo. Chamaõ-vos na Asia, lá lhes assistis: valem-se de Vós na Africa, lá os consolais: imploraõ-vos na Europa, lá os remediais: valem-nos de Vós na America, cá nos amparais: gritaõ por Vós no mar, lá os soccorreis: chamamos por Vós em terra, abi nos acudis com vosso amparo, e patrocínio, andando sempre feita humia Peregrina por mar, e terra, em nos acudir, e remediar. Logo com muita razão pertence a Vós, Senhora, este livro pelo
titulo

titulo de Peregrino da America.

A quarta razão, porque tambem vos pertence este livro, he pela posse, e dominio, que tendes neste Estado do Brasil; por ser o primeiro Templo, que nesta terra se vos edificou pelos Portuguezes, com o Titulo da Senhora da Victoria: ou fosse permissão divina, por reconhecerem a victoria, que havieis de alcançar contra o Principe das trevas, quando com vosso grande poder, e auxilio convertestes, e estais convertendo a tão innumeravel multidão de Almas, faltas da luz da nossa Santa Fé ha tantos tempos: ou tambem, porque fostes a que vencestes a Serpente figurada na Soberba, como neste Compendio mostramos. Com que por todos estes titulos sois condigna, e merecedora deste livro, que vos offereço.

Resta-me agora, Soberana Senhora, mostrar as muitas, e grandes excellencias, e prerogativas, de que vos adornou Deos: o que a muitos Panegyristas sey eu lhes tem custado, para descobrirem os Progenitores, e feitos heroicos dos seus Mecenas. Não usarey de hyperboles, e encarecimentos; porque pretendendo mostrar pelos santos Evangelhos, (no que não póde haver duvida, por ser a mesma verdade) que sois a mais bem nascida, e da melhor ascendencia, que houve, nem póde haver.

E basta que o diga S. Mattheus cap. i. Liber generationis Jesu Christi filii David, filii Abraham &c. E assim vay continuando a Serie dos mais Progenitores de vossa sagrada Genealogia de Santos, Profetas, e Reys; até que acaba dizendo: Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.

Este Evangelho se vê cantar no dia de vosso santo nascimento: e parece, como he certo, que não póde haver mayor elogio em vosso santo louvor. E quando

isto só não bastára para credito vossô, além dos mais Evangelhos, e ditos dos Santos Padres; ouçamos as vozes daquella santa mulher Marcella, certificadas, e referidas por S. Lucas cap. 11. Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. Bemaventurado o ventre, que trouxe dentro em si tal Filho, e bemaventurados os peitos, a que foy criado.

Corroborão-se mais os vossos santos louvores, quando tantas vezes ouvimos repetir aquella Antifona: Ab initio, & ante sæcula creata sum, & usque ad futurum sæculum non desinam, & in habitatione sancta coram ipso ministravi. (Ecclis. 24. 14.) Na qual se nos dá a entender, que desde o principio, e antes dos seculos fostes creada no decreto, e predefinição divina, e tambem não deixareis de ser até o futuro seculo, e diante de Deos ministrareis em a casa santa, que he o Reyno dos Ceos.

E para credito do mais, que se pôde dizer em vossô santo louvor, se verifica nas palavras proferidas pelo Anjo S. Gabriel, quando vos annunciou a Incarnação do divino Verbo, referidas, e publicadas por S. Lucas (cap. 1. 35.) Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi. Nas quaes palavras vos assegurou o Anjo, que o Espirito Santo vos havia de assistir, ô Soberana Senhora, na Incarnação do Verbo divino. E por isso sois: Tota pulchra, & sine macula: toda formosa, e sem macula.

E quem logra estes tam sobrelevantes encomios, no que não pôde haver a minima duvida, nem discrepância, por serem todas estas verdades de fé, e tam solidas: bem posso agora dizer, que se calem os mais Chronistas á vista de tam preclaros louvores: e que só Vós, Soberana Senhora, e não outra alguma creatura, deveis ser buscada, e solicitada para o amparo,

ro , e Mecenas , não desta humilde Obra , porèm sim de outras de mayor entidade.

Mas como sey que vos pagais de hum affecto cordial, de quem , rendido a vossos sagrados pés, vos busca para seu amparo; por isso vos offereço este meu Peregrino , para que como a pobre , e muito humilde , o ampareis com vosso patrocínio : pois só em Vós confio , como tam grande intercessora , e medianeira para com vosso Filho , e meu Senhor Jhesu Christo, que sendo para seu santo serviço , e bem das almas, o deixe correr , e andar peregrinando na estampa como cousa vossa , que vos dedico , e offereço.

De quem se digna muito de vosso humilde escravo

Nuno Marques Pereira.

A O L E Y T O R.

Discreto, e pio Leitor, comvosco fallo: que emprender persuadir a essas altivas Aguias, que em seus remontados voos sobem a registar com o sublime de seus entendimentos os vibrantes resplandores dos rayos do mesmo Sol; fora anniquilar mais o meu talento, expondo-me ás notas de pouco advertido, e ás censuras de descuidado: e mais ainda em tempo que estas Aguias, de que fallo, são tão presumidas, e perspicazes, que quando chegam a fazer preza na terra, he nesse monte Libano, bebendo das crystallinas agoas da fonte Caballina; e outras, na corrente desse grande Rio Nilo, já desprezando as humildes fontes, e os pobres rios.

E por isso parece, que exercitando Christo Bem nosso todos os actos de mayor exemplo, e perfeição, em nos dar os melhores documentos com sua grande doutrina; não consta da Sagrada Escritura, que escrevesse livro algum: (assim o diz S. Agostinho em o seu livro de *Constat. Evang.* cap. 7. e o mesmo diz o P. Vieira na sua 1. p. *Serm.* 11. §. 4.) nem menos escrita, excepto naquella occasião, quando, á instancia dos Escribas, e Fariseos, lhe levaram a Adultera para a sentenciar. E reparo, que podendo Christo Bem nosso escrever a sentença em papel, ou pergaminho, (que nada lhe havia de faltar) a escreveo sobre a terra, com o dedo: quicá, para que depois de lida não existisse, e logo se apagasse, (pensamento meu) por se não expor aquelle divino Mestre ás notas, e censuras daquelles leyttores, por serem homens de muy louca presumpção, e muy presumidos de sabios, e letrados daquelle tempo: porque eram os que interpretavam as Leys, e os ditos dos Profetas;

tas; e por isso mesmo haviaõ de fazer reparo na oração, e se lhe faltava ponto, ou virgula, interrogação, admiração, dous pontos, ponto e virgula, parenthesis, e toda a mais ordem, e regra da melhor orthografia. Não porque Christo Senhor nosso a não foubesse bem entender, e em todas as linguas, e idiomas melhor escrever, e ensinar, como ensinou; porém fim (parece) o fez Christo, por lhes não dar occasião a que murmurassem: porque sabia que haviaõ de ler, e notar, e se não haviaõ de aproveitar.

Bem he verdade, que me dirão muitos, que escrever, e ainda em materias espirituaes, só incumbe a seus professores; e que eu o não sou. A isto respondendo com hum exemplo bem vulgar. Que se diria de hum homem, q̃ estando em parte donde visse atear hum incendio em huma casa, ou Cidade, se logo a vozes não gritasse que lhe acudissem com agoa, ou instrumentos, para se evitar o damno? Sem duvida se diria, que, sobre ser impio, era digno de todo o castigo. E por isto notou St. Pedro Chrysologo, que não he atrevido em fallar, quem o faz por zelo de Deos, e do proximo. Demais, que tambem do ocioso silencio se ha de dar conta a Deos, como das ociosas palavras: assim o advirtio Santo Ambrosio.

Tal me considero eu no presente caso, levado do zelo, e amor de Deos, e da caridade do proximo; por ver, e ouvir contar o como está introduzida esta quasi geral ruina de feitiçarias, e calundús nos escravos, e gente vagabunda, neste Estado do Brasil; além de outros muitos, e grandes peccados, e superstiçoens de abusos tam dissimulados dos que tem obrigação de os castigar: motivo, porque o Demonio, mestre da mentira, e sciencia magica, se tem introduzido, com perda de tantas almas remidas pelo precioso Sangue de nosso Senhor Jesu Christo.

Tenho

Tenho mais outra razam, que por Direito me favorece, segundo a Ley. (*Ord. lib. 5. tit. 117. §. 1.* Porque, como homem do Povo, posso avisar, e denunciar, para que se ponha cobro, e se castiguem similhantes vicios, e peccados; porque he certo, que dissimulá-los he querer que se não emendem.

E se me disseres, que neste Compendio nada digo de novo, e que trago nelle muitas cousas, que dispersamente já estão ditas por muy doutos entendimentos: não será a vez primeira, que se diga: *Mutasti ordinem, fecisti librum*: Mudaste a ordem, fizeste o livro. Demais, que a isso vos satisfarey com duas razoes. A primeira dará por mim aquelle Oraculo da Sabedoria, Salomaõ, quando disse: *Nihil sub sole novum*: (*Eccles. 1. 10.*) Não ha cousa nova debaixo do Sol. Donde se póde bem entender, que nada se póde dizer de novo, que ja não esteja dito.

A segunda será com a presente comparação. Vistes ja hum Igreja bem armada, e paramentada de fino ouro, rica prata, luzidos espelhos, perfeitos quadros, custosas sedas, crespos volantes, vistosos frizos, branca cera, flammantes luzes, e em fim fragrantes aromas; e ser tudo isto, ou parte deste adorno emprestado? Não porque a Igreja para ser digna de todo o culto, e veneração, lhe seja necessario este custoso apparatus: porèm fim, permitte-se este aceyo, e alinhio, para lizonja do gosto, agrado da vista, recreyo da vontade. O mesmo se ha de considerar no presente caso; pois tambem he Templo de Deos o livro, se he espirital: porque, se he profano, he mesquita, ou synagoga.

E se me notares a via recta de enfiar, ou enxerir todos os dez Mandamentos por modo de extremos, como se vão seguindo, sem os interpolar; de forte, que mais parece supposta, que verdadeira a

Historia : sabey que tenho estado em muitas partes, e com muy differentes genios de pessoas tratado, e conversado; e nellas achei a mayor parte dos casos, que vos refiro neste Compendio; e de outros, de quem tenho ouvido contar. E porque me pareceo defeito nomeá-las, nem ainda todos os lugares onde succederaõ; por isso usey do presente meyo, ainda-que vos deixe nessa supposição: e juntamente por levar seguida, e atada a composição desta doutrina.

Demais que o fundamento, e substancia da vida Christãa he o cumprimento da Ley de Deos, e observancia de seus Mandamentos, por serem as pedras fundamentaes destes nossos espirituaes edificios; e para melhor dizer, o cumprimento perfeito da vontade de Deos. Finalmente he a Ley de Deos porta, por onde só se pôde entrar á Bemaventurança: *Hæc porta Domini, iusti intrabunt in eam:* (Psalm. 117. 20.) por cuja razão fundo esta Obra nestes tam solidos fundamentos.

Tambem não cito muitas authoridades em Latim, por saber que por vulgares, os doutos as sabem; e para os mais he embaraço, porque nem todos o entendem: as quaes se apontaõ em varios livros, que muitos os não tem para as buscarem.

E se reparares no estylo, por ser em parte parabolico; tenho exemplo de muitos Authores espirituaes, que usáraõ desta frase, e genero de escrever: e o mesmo Christo Senhor nosso tratando solida doutrina com os homens, para melhor os persuadir, o praticou, e ainda hoje com mayor razão nos tempos presentes, para convencer ao gosto dos te-
diosos de lerem, e ouvirem ler os livros espirituaes, são necessarios todos estes acipipes, e viandas. E se não, vede o que se estyla, e pratica nos banquetes de agora, offerecendo-se nas mesas aos convidados

no primeiro prato varias celadas, para mais agrado, e gosto do paladar. Isto, que succede nos banquetes do corpo, vos quiz praticar neste banquete da alma.

E porque não pareça paradoxo este meu dizer; sabey que tambem os livros se comem: assim o mandou Deos pelo Anjo dizer a S. João: *Accipe librum, & devora illum.* (Apoc. 10. 9.) Tambem ao Profeta Ezequiel lhe appareceo hum braço, e na mão hum livro, e ouvio huma voz, que lhe disse: *Comede volumen istud:* (Ezech. 3. 1.) Come este livro.

Porém está hoje o mundo, e os homens em tal estado, por enfermos, flatulentos, e tediosos de ouvirem a palavra de Deos; que só gostão de ouvir as palavras ociosas, a que chamaõ cultura, equivoocos, fabulas, e comedias. Com grande razão nos ha Deos de pedir conta das palavras ociosas, por serem causa de tantas almas se perderem: E por isso discretamente disse hum contemplativo, que o que lê livros espirituaes paga o dizimo a Deos; e o que lê os profanos, paga o terço ao Diabo.

Confesso-vos ingenuamente, amigo Leytor, que pasmo, e me admiro de ver os homens, como se precipitaõ por seguirem a opiniaõ vulgar, desprezando a santa doutrina do Sagrado Evangelho, levados mais da vaidade Gentilica, que da doutrina de Christo, ao que estamos obrigados procurar como Catholicos Christãos.

A este proposito me lembra, que estando eu em casa de hum amigo lendo o Baculo Pastoral, entrou hum destes loucos Peripateticos, desvanecido com presumpçoens de discreto; e sabendo do titulo do livro, me disse, que nenhum homem de juizo se occupava em ler livro taõ vulgar. E ouvindo eu, se não blasfemia, proposiçaõ taõ mal soante, lhe perguntey:

guntey: Pois que livro se da de ler? E logo me respondeo muy ufano: Gongora: Quevedo: Criticon: Para todos de Montalvan: Retiro de cuidados: Florinda: Crystaes da alma: Novellas, e Comedias; porque estes livros ensinaõ a fallar. Pois eu entendendo, Senhor, (lhe disse) que esses livros, e outros semelhantes ensinaõ a fallar, para peccar; e este, e outros espirituaes ensinaõ a obrar, para salvar.

Não he para estes, a quem offereço o meu *Peregrino da America*, senão para vós, querido, e amado Leytor: e vos peço, quando nelle acheis alguma cousa que vos agrade, louveis a Deos, que por maõ de huma humilde creatura vos quiz dar prato, de que gostasseis; para que em reciproca uniaõ vamos a gozar da Bemaventurança em presença de Deos. Vale.

S U P P L I C A
A O S E N H O R
MESTRE DE CAMPO
MANOEL NUNES
V I A N N A.

POr grande acerto tenho fazer a V. Senhoria esta Supplica, pois tendo dedicado este livro intitulado : *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, á Santissima Virgem da Victória, e considerando-me tam falto de poder, como de cabaes para o mandar imprimir, fazendo juizo de que pessoa valer-me pudesse para debaixo de seu amparo, e protecçam poder sahir á luz com elle, foy sem duvida inspiraçam da mesma Senhora, de quem V. Senhoria he tam devoto, que me valesse de V. Senhoria; aonde poderia achar o valimento para poder conseguir o que pertendo.

A razam, porque tambem me persuado, he o remontado ecco, com que a fama tem divulgado a generosa pessoa de V. Senhoria; tanto nesta Cidade da Bahia, como nas mais partes, aonde se tem achado, nascendo-lhe tudo do grande zelo da honra de Deos, e amor do proximo, havendo-se V. Senhoria com grande largueza com os necessitados, caridade, e reverencia com os Religiosos, verdade sem engano, lizura discreta, muy summa bondade, valor extremado, propensam á guerra, e aos bons exercicios Militares, prudencia conhecida,

**

juizo

juízo delicado , applicação aos livros , e Artes liberaes , tam necessarias a hum perfeito Heróe ; finalmente o que todos reconhecemos de V. Senhoria he , que não sabe faltar com liberalidade aos nobres , e com piedade aos pobres.

E para credito destas solidas verdades permitta-me V. Senhoria dizer o que mais sinto de seu generoso , e destemido animo , usando da presente comparação ; porque se ja houve hum famoso Portuguez chamado Lourenço Alvarez , logo no principio do descobrimento do Brasil , filho da nobilissima Villa de Vianna , que teve a fortuna no seu mesmo naufragio , quando se pudera considerar perdido no fatal destroço de ter dado á costa a Náo , em que vinha embarcado , ao qual por piedade , e commiserção do Gentio Barbaro lhe foy concedida a vida , (se he que nam foy permissam divina) do qual procedeo a mayor nobreza das melhores Familias desta terra.

Com muito mais duplicadas razoes , e singulares prerogativas , as confidero eu agora na nobilissima pessoa de V. Senhoria ; porque sahindo da mesma Villa de Vianna , para esta dilatada Região da America , e chegando a este Novo mundo , não por piedade , ou cõmiserçam dos naturaes , mas sim por seu esforçado , e destemido valor fez sujeitar , e ceder toda a rebeldia dos valentes Paulistas do Sertão do Brasil , a que reconhecessem a obediencia , e sujeição , que devem ter ao nosso Grande Monarcha Rey de Portugal , quando nas Minas do Ouro de S. Paulo houve aquelle notavel motim , ou levante contra os filhos de Portugal , havendo-se V. Senhoria com tão destemido valor , e prudencia , que a todos os rebeldes venceo , e convenceo a fogo , e a ferro , até que os fez sujeitar por força ao ju-
go,

go, e obediencia, que devem ter á Real Coroa de Portugal: devendo-se todo este bom successo ao grande valor, e prudencia de V. Senhoria, acção por certo dignissima de todo o louvor, e de ser premiada com muy remunerantes cargos honrosos.

E no que mais realçou a grandeza, e generosidade de V. Senhoria foy quando vendo-se todo aquelle Povo tam obrigado, como livre do odio, e traição daquelles naturaes da terra, em agradecimento deste tam grande beneficio, que de V. Senhoria tinhaõ recebido, com vivas acclamaçoens o quizerão fazer seu Governador pelos haver livrado do poder dos seus contrarios, e pelos conservar, e estabelecer na paz, e posse de seus bens.

Foy V. Senhoria tam prudente, como fiel vassallo a seu Rey; porque todas estas honras, e acclamaçoens populares demittio, e rejeitou, e só se conservou no cargo de Regente, e Defensor daquelle povo até dar parte a Sua Magestade do que havia obrado no seu Real serviço, e conservaçam de seus póvos, como tam zeloso da honra de Deos, e leal vassallo de seu Rey, e grande caridade, que oprou, e está obrando com os proximos, seus naturaes.

Esta he a razam, Senhor, que me deo a fôrte para tomar a confiança de fazer a V. Senhoria esta Supplica, e a minha impossibilidade para adquirir o direito, como pobre, para lhe pedir se digne ler este Compendio; e quando V. Senhoria conheça que desta escrita possa resultar alguma gloria a Deos, exemplo ao mundo, supplico a V. Senhoria, como tão devoto da Mãe de Deos, a quem tenho dedicado este livro, se digne mandá-lo dar ao prélo, e ampará-lo com o seu Patrocinio, para que a mes-

ma Senhora lhe alcance de seu Divino Filho muy
prospera vida com muitos augmentos da sua divina
graça, como este seu criado lhe deseja. Cidade da Ba-
hia 28. de Junho de 1725.

De quem se digna muito de criado de V. Senhoria

Nuno Marques Pereira.

EM LOUVOR DO AUTHOR

por hum seu Amigo.

SONETO.

NEste vosso Compendio, meu Pereira,
Desorte vos contemplo discursivo,
Que me atrevo a dizer, que por altivo,
Enfinar podeis ja muy de cadeira.
Pois sabeis escrever de tal maneira,
Por estylo tam claro, e attractivo,
Que tudo o que applicais he defensivo
Nesta vossa lição muy verdadeira.
Mas que muito se sois tam peregrino,
E grave no saber, por tam fecundo,
Que de todo o louvor vos fazeis digno.
E por isso agora, sem segundo,
Vos considero ja, e imagino,
Dando gloria a Deos, e passo ao mundo.

DECIMAS.

Pereira, he tam singular
Este vosso Peregrino,
Que de louvor se faz digno,
Por discreto no ensinar :
Vossas grandezas calar,
He seguir vossa doutrina;
Pois vossa escripta me ensina
Occultar vossos louvores
Mas que digo ! Se estas flores
Publicaõ lição divina.

Agora poderá ser,
Que se reforme o Brasil
De abuzos, e de erros mil,
Em que se está vendo arder ;
Pois lhe dais a conhecer
Com tanta satisfação,
Que causais admiraçam
No zelo com que fallais,
Quando regra a todos dais
Para bem da salvaçãõ.

De Pedro Ferreira Ferrette.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se reimprimir o livro de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa no primeiro de Setembro de 1758.

Silva. Trigofo, Silveiro-Lobo.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir-se o livro que se apresenta, e depois de reimpresso, e conferido torne. Lisboa 13. de Setembro de 1758.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A Ç O.

Que se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e tair, e dar licença para que corra, sem aqual não correrá. Lisboa 20. de Settembro de 1758.

Carvalho. D. Velho. Castello.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de correr. Lisboa no Paço de Palhavãa, 15.
de Abril de 1760.

Silva. Trigofo. Silveiro-Lobo. Carvalho. Mello.

DO ORDINARIO.

PO'de correr. Lisboa vinte e hum de Abril
de 1760.

D. J. A. de Lacedemonia.

D O P A C, O.

QUe possa correr, e taxaõ em 500. reis. Lisboa
19. de Abril de 1760.

Com quatro Rubricas.



INDICE

D O S

CAPITULOS, que se contêm neste Livro.

CAP. I. *Dá o Peregrino principio á sua narração, e trata da conversação que teve com o Ancião acerca de que todos somos Peregrinos neste mundo : e do que devemos obrar com acerto, para chegarmos á nossa Patria, que he o Ceo. pag. 1.*

Cap. II. *Continúa o Peregrino a sua narração, declarando que nam forão os interesses dos cabe-daes, que o fizeraõ ir ás Minas do Ouro. E com varios exemplos mostra o grande mal, que nos resulta da ambição, e soberba. pag. 12.*

Cap. III. *Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem pôde hum homem ser muito rico, e grande Personagem em qualquer estado, e por suas boas obras de virtude vir a salvar-se. pag. 23.*

Cap.

Cap. IV. *Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehende aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmólas aos pobres necessitados pelo amor de Deos, pag. 36.*

Cap. V. *Dá principio o Peregrino á Relação da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missa: e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Resurreição por estar sepultado na Igreja de Belem, onde o Peregrino então se achava. p. 46.*

Cap. VI. *Do Catalogo dos Bispos, e Arcebispos da Cidade da Bahia desde o principio de sua fundação. E se manifestão algumas excellencias do M. Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, Religioso da Sagrada Companhia de JESU, Fundador do Seminario de Belem. pag. 61.*

Cap. VII. *Chega o Peregrino á casa do primeiro Morador: e trata dos louvores da Santa Cruz, com muitos exemplos, e milagres, que no mundo se tem visto, comprovados com toda a verdade. pag. 68.*

Cap. VIII. *Conta o Peregrino ao Morador o como Adam, e Eva forão feitos por Deos: e o que lhes succedeo no Paraíso, até que forão desterrados delle por causa do peccado. pag. 82.*

Cap. IX. *Relata o Anção ao Peregrino o principio de nossa Redempção: e mostra como a Santissima Virgem Maria foy preservada da culpa original por especial favor, e graça de Deos. pag. 86.*

Cap. X. *Manifesta o Peregrino ao Morador, como somos creados á imagem, e similhaça de Deos: como devemos fazer huma boa Confissão: e quanto nos importa ter oração: com varios exemplos. pag. 94.*

Cap.

Cap. XI. *Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Ley de Deos, com muita doutrina espi-ritual, e moral: e reprebende o grande abuso das Calundús, e feitiçarias, que se achão introduzi-das no Estado do Brasil.* pag. 115.

Cap. XII. *Trata o Peregrino do segundo Manda-mento, com muitos avisos, e documentos, para se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo.* pag. 131.

Cap. XIII. *Do terceiro Mandamento. Aconselha o Peregrino o como devem os Senhores tratar a seus escravos, e familias, fazendo-os guardar os Do-mingos, e festas: com varios exemplos de doutri-na.* pag. 148.

Cap. XIV. *Do quarto Mandamento. Dá o Peregri-no muitos documentos aos Paysdefamilias, de co-mo devem tratar, e ensinar a seus filhos: e aos filhos, de como haõ de obedecer a seus Pays.* pag. 166.

Cap. XV. *Do quinto Mandamento. Mostra o Pe-regrino que não devemos matar, nem offender a nosso proximo: e aconselha a hum criminoso o meyo de se livrar da culpa, em que estava: e de como permittio Deos que tudo succedesse bem.* pag. 201.

Cap. XVI. *Do sexto Mandamento. E do que succe-deo ao Peregrino em casa de hum homem, que esta-va concubinado: e como o aconselhou, para o livrar daquelle máo estado.* pag. 224.

Cap. XVII. *Do settimo Mandamento. E do que succedeo ao Perergino com hum Vendeiro, que es-tava roubando ao povo: e como o dissuadio daquel-le máo trato, com varios exemplos.* pag. 260.

Cap. XVIII. *Do oitavo Mandamento. Trata-se mui-ta doutrina, e se reprebende o vicio da murmu-ração, Dissuade o Peregrino com varios exemplos*
a tres

a tres murmuradores, que achou murmurando: e aconselha o como se deve livrar deste vicio. pag. 276.

Cap. XIX. *Do nono Mandamento. Relata o Peregrino os lastimosos casos, que vio succeder por causa do peccado de adulterio. E dá varios conselhos, para poderem viver os casados em bõa paz. pag. 301.*

Cap. XX. *Do decimo Mandamento. Mostra o Peregrino com muitos exemplos o damno, que nos faz a ira, e consequentemente a inveja. E faz metter em paz a dous homens vizinhos, que andavaõ em discordia. pag. 333.*

Cap. XXI. *Manifesta hum morador ao Peregrino o achaque continuo que padece, e lhe pede algum remedio para elle: e o Peregrino lhe dá duas receitas, huma corporal, e outra espirital; e lhe traz muitos exemplos dos que neste mundo padeceraõ enfermidades. pag. 348.*

Cap. XXII. *Declara o mesmo morador ao Peregrino a fôrma em que dispõem de seus bens no testamento que tem feito: E o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvaçaõ. pag. 367.*

Cap. XXIII. *Do encontro, que o Peregrino teve com o Padre Capellaõ: e da conversaçãõ, que tiveraõ acerca do estado Sacerdotal. pag. 381.*

Cap. XXIV. *Do que o Peregrino vio, e observou no alpendre da Igreja, e dentro da Capella mór, e Sacristia: e da practica, que teve com o Sacristaõ. pag. 393.*

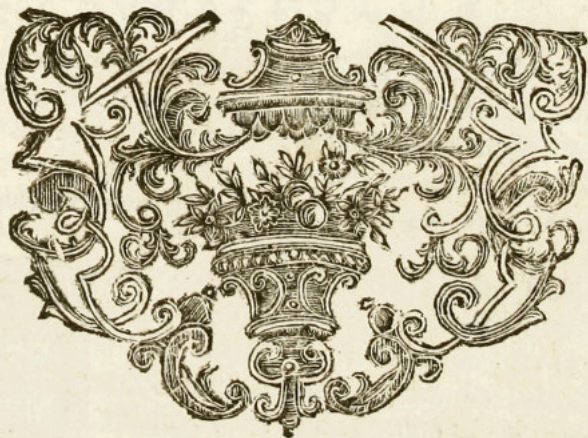
Cap. XXV. *Da explicaçaõ do Quadro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia muy espirital. pag. 405.*

Cap. XXVI. *Da relaçaõ, que dá o Peregrino da*
con-

conversação, que teve o Pastrano com os que estavam no alpendre da Igreja, acerca do que lhe succedeo na Cidade da Bahia. He materia de muita moralidade. pag. 409.

Cap. XXVII. Cópia de hum Carta escrita da Cidade de Lima ao Presidente das Chárcas, na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos vinte de Outubro de 1687. desde as quatro horas e meya da manhã, até as sette e meya do mesmo dia. pag. 440.

Cap. XXVIII. Declara-se o Ancião com o Peregrino, e lhe diz que elle he o Tempo bem empregado: faz-lhe muitos avisos espirituaes para bem de sua salvação: e se dá fim á primeira parte deste Compendio. pag. 454.





COMPENDIO NARRATIVO

DO

PEREGRINO DA AMERICA.

CAPITULO I.

Dá o Peregrino principio á sua naração: e trata da conversação, que teve com o Ancião acerca de que todos somos Peregrinos neste mundo: e do que devemos obrar com acerto, para chegarmos á nossa patria, que he o Ceo.



M treze grãos da Linha Equinocial para o Sul, na Costa da America, onde se dividio a terra, e se recolheo o mar, fazendo huma formosa Abra; das mais espaçofas que reconhece o Orbe, em suas ribeiras: em cujo golfo, como em praça, passeão navegando as embarcaçoens sem mais roteiro, que a aprazivel vista dos altos montes, cobertos de

verdes plantas, das quaes por arte de engenhos se faz o claro açúcar. Nesta bella concha se vê huma rica perola, engastada em fino ouro, aquella nobre, e sempre leal Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, Metropoli do Estado do Brasil: a qual teve seu principio pelos insignes Portuguezes naquelle novo Emporio do mundo, como largamente trataõ varios Authores. Logo na entrada da Barra, em hum vistoso outeiro, está edificada huma Igreja da Mãe de Deos com o Titulo da Senhora da Victoria.

Neste famoso sitio, e devoto Templo me achava eu huma tarde de Veraõ, por gozar da sua agradavel vista, tanto do largo mar Oceano, como da muita parte de reconcavo, por ser dilatado em dispersos rios, e muitas Ilhas: quando avistey hum veneravel Ancião, que dirigia seus passos para o mesmo lugar, onde eu estava. Vinha elle vestido á cortezaã; barba crecida, e muito branca; cabellos proprios até os hombros; com hum baculo na mão; e no alto d'elle hum relógio do Sol, e outro de horas, que em hum cordel o prendia, e lhe servia de prumo, quando d'elle usava. E como o vi perto, me levantei; e depois de me saudar, e eu a elle, com o costumado cortejo, e urbanidade, nos assentamos, e rompeo nestas palavras:

Como, Senhor, tão solitario em hum lugar tão aprazivel? Ao que lhe respondi: Já ouvirieis dizer aquelle rifaõ Castelhana: *Una ave sola, ni canta, ni llora*. E porque ordinariamente succede, de algumas companhias resultarem muitas offensas a Deos, principalmente no murmurar das vidas alheas, como o vemos por experiencia, e escrevem

varios Authores: por evitar este, e outros inconvenientes, depois de ter feito oração á Santissima Virgem da Victoria, me assentey aqui, onde me achastes: mas agora me poderey dar o parabem de gozar de vossa presença, e companhia. Ao que me respondeo o Ancião: Não devo pouco á minha dita, por vos encontrar, e participar de vossa discreta conversação. Mas fallando do sitio, posso affirmar, que assistindo algumas vezes nesta Cidade, não achey territorio mais agradavel: porém distando menos de huma legoa, e com tão bom caminho, o vejo tão pouco frequentado dos moradores della. Senhor, (lhe disse eu) o trafego dos negocios não só faz aos homens esquecerem-se do recreyo do corpo, mas tambem do espirito. Oxalá não fora isso tão certo. (me respondeo o Ancião.)

Porém passando de hum extremo a outro: quizerá que me differeis, que estado tendes, e de que tratais? Eu, Senhor, (lhe respondi) sou Peregrino, e trato de minha salvação. Muito me tendes dito, (me disse o Ancião) porque vos posso affirmar, que me dais motivo para fazer de vós mayor conceito, do que se me differeis ser huma grande personagem. Quizera, Senhor, (lhe disse eu) que me dereis a definição de vosso encarecimento, por vos não ter por lisongeiro; o que de vós se não póde presumir. Nunca Deos permitta (me respondeo o Ancião) que em mim tal vicio se ache; por ser de sua natureza tão pessimo, que, se não fora por vos molestar, vos referira varios successos, que por este vicio, e peccado tem succedido no mundo. Mas, ja que pertendeis que vos diga a razão do meu encarecimento:

Sabey que he este mundo estrada de Peregrinos, e não lugar, nem habitação de moradores; por-

que a verdadeira Patria he o Ceo; como assim o advertio S. Gregório Papa: que por isso em quanto andaõ os homens neste mundo, lhes chamaõ caminantes. E diz S. João Chryfostomo, que neste mundo não ha mais que huma virtude, da qual se compõem as outras: e he o ter-se por Peregrino nesta vida, e por Cidadão da Gloria.

E quem assim conhecer a sua Patria, com razão poderá dizer com David: Ay de mim, porque he prolongada a minha peregrinação! O qual fallando com Deos, diz: Não caleis, Senhor: porque eu sou adventicio, estrangeiro, e peregrino diante de vós, como forão os meus antepassados. Como quem queria dizer: Senhor, pois eu não faço caso das injurias dos homens, nem das propriedades da terra, e nella me trato, como quem vay de caminho; não tapeis vossos ouvidos a meus clamores.

Por esta causa premiou Deos a Abraham, por se fazer Peregrino, com o fazer Pay de todas as gentes; por ver o zelo, com que o amava, desprezando todo o socego do mundo pelo servir. Este foy tambem o modo de vida, que Deos deo, e ensinou a Isaac, quando o mandou para a terra de Canaan, que devia morar, e juntamente ser Peregrino. E diz S. Paulo, fallando com os homens, que são todos Peregrinos, e que não tem aqui Cidade permanente, e propria: e que vão caminhando, e buscando-a, que he sem duvida a Gloria. Do Abba-de Olympio se conta, que perguntando-se-lhe de que modo se viveria no mundo; deo em resposta: Trata-te, e estima te como Peregrino. Finalmente, Christo Senhor nosso tambem se chamou Peregrino: e os Apostolos tambem o forão, em quanto viverão neste mundo.

E por isso com grande razão disse David, que toda a vida do homem neste mundo não he mais que hum quasi entrar nelle, e sair logo. E em outro lugar: (*Psal. 136. v. 4.*) Como podemos alegrar-nos em terra alheia? E Job, com viver duzentos quarenta e tantos annos, disse que a sua vida era huma trasladação sómente de hum sepulcro para outro: do ventre para a sepultura.

E assim permittio Deos que a vida do homem fosse breve, para que elle nem com as prosperidades se ensoberbecesse, vendo o pouco tempo que as havia de gozar; nem com as adversidades perdesse o animo, vendo que em breve haviaõ de acabar: e para que se resolvesse a se mortificar, e viver conforme aos preceitos Divinos, e conselhos de Christo; tendo por grande ventura o comprar, com trabalhos de huma breve vida na terra, os gostos eternos na Gloria, onde deve sempre ter o seu pensamento, e o coração, tendo-se neste mundo por Peregrino, e desterrado, fugindo de empregar o seu coração na terra; porque, como aconselha Santo Agostinho, onde estão fixos, e permanentes os nossos corações, ahi estão os nossos gostos.

E deste discurso se segue, que se devem tratar, e haver os homens como Peregrinos. Porque, se bem repararmos que cousa he a vida de hum homem neste mundo, acharemos que não he mais que huma mera peregrinação: que vão caminhando com toda a pressa para a eternidade, desde o inferior ao superior, tanto que chegaõ a ter uso de razão: já andando, já navegando, já appetecendo glorias até possuí-las, e na mesma posse temendo perdê-las. O desvalido, queixando-se de não as poder alcançar,

cançar, e possuir. O enfermo, desejando a saúde, para a estragar. O navegante, buscando o porto, e talvez para se perder: e quando ja nelle se acha, appetecendo voltar; e se não he com o corpo, com a vontade. E assim não ha no homem firmeza, nem estabilidade, que por muito tempo dure; por andar sempre em huma perpetua mudança. E só pára este bullicio, quando chega a hum dos dous termos, aonde ha de ir parar: ou ao Ceo, para onde foy creado; ou ao Inferno, o que Deos não permita por sua Divina clemencia, e misericordia. Tenho-vos fallado espiritualmente: agora vos quero advertir moralmente o como se deve observar o Peregrino politico, e Christão.

Não merece pouca estimação, o que, desprezando os mimos, e regálos de sua Patria, busca as alheas, para nellas se qualificar com mais largas experiencias: por cuja razão he o sahir da Patria, o que faz aos homens mais capazes, e idoneos para muy grandes emprezas, e sufficientes para tudo; como o tem feito a tantos Varoens illustres. Porém ha de ser com tenção de não mudar só de lugar, senão tambem de costumes: porque he certo, que quem peregrina acompanhado de seus vicios, mais valera não haver sahido; pois tornará mais perdido, que aproveitado: porque as enfermidades da alma não se curão com a mudança do lugar. O Peregrino vay por onde ha de achar cada dia novos costumes, e os deve seguir, e approvar; e não reprehendê-los: pois he mais razão accommodar-se ao uio da terra; que pertender, e querer trazer aos mais ao costume da sua Patria. Ha de considerar que vay obedecer ás leys, que achar estabelecidas; e não a dar regra aos mais: e que vay aprender

der, e não a ensinar, E peregrinando assim, se qualificará em hum perfeito Heróe.

Faça muito por adquirir seis virtudes, que são: Piedade de Religião, Estimação da Justiça, Prudencia, Fortaleza, Magnanimidade, e Temperança. Observe tambem quatro meynos de virtudes moraes, e muy necessarias, para ter estimação, e sabedoria. O primeiro, apartar de si todo o máo exemplo de opinioens, e leituras, que não forem dirigidas a Deos. O segundo, fugir de ruins companhias, procurando imitar aos virtuosos, e sabios. O terceiro, ser tão bom no interior, como deseja apparecer no exterior. O quarto, e ultimo, empregar o entendimento em conhecer, e a vontade em eleger o que he verdadeiramente bom. Porque são os meynos de grande aproveitamento para com Deos, e os homens. E quem assim se occupar em sua vida, e peregrinação, mediante a graça de Deos, alcançará o premio do fructo, que deseja, que he o Reino do Ceo.

Senhor, (lhe disse eu) muy pago, e satisfeito estou do que me tendes dito, e aconselhado. Porém pergunto: Como se ha de hum homem constituir em tão solidos, e perfeitos documentos, sem ter sciencia, ou Mestre, que o ensine?

Respondo: (me disse o Ancião) Para ser hum homem politico, bom Christão, deve ser obediente aos preceitos da Santa Madre Igreja, procurando, as mais vezes que puder, o Sacramento da Penitencia: tomando os avisos, e documentos do seu Padre espirital, e os conselhos dos bons: e entendendo que ninguem póde fazer obra meritoria, sem a graça de Deos; e que não podem estar juntos em hum sujeito, o peccado, e a virtude: que Deos creou ao

homem, para que o amasse, e merecesse: que se nam nega a nenhum, que o quer. E isto basta para entender, e seguir estas verdades; e não he necessario, para entender estas maximas, ser Filosofo, nem Theologo.

Supposto que todo o homem, dotado de bom entendimento, he Filosofo natural; e na Filosofia, assim natural, como Fisica, e Moral, ha tres partes: a primeira he definição, que declara o que he a cousa: a segunda, porque razão se chama assim: a terceira, porque tal razão se chama demonstração. E logo se segue o saber o que he Definição, Entimema, Consequencia, Verdade, Falsidade, e outras muitas cousas, que são pertencentes á Dialectica, para a Filosofia natural; porém totalmente inuteis para a moral, em que convem mais obra, que palavra, e simplez conhecimento dos argumentos: e só pertence ao Theologo dizer as razoens, em que se fundão; porque as subtilezas Dialecticas mais servem de embaraço, do que de clareza para o nosso intento.

Tão laconica, e ingenuamente, Senhor, (lhe disse en) tendes mostrado os termos da Filosofia natural, e Fisica, que me tendes admirado; pois sabendo que sam necessarios tres annos, e ás vezes muitos mais, para declarar seus termos, e preceitos tão universaes; os tendes explicado tão brevemente, com tão solidos fundamentos, por meys tão perceptíveis, que me tendes satisfeito Mas o que pertendo saber de vós, he que me digais o como se poderá melhor entender essa terceira parte da Filosofia Moral, que de tanta utilidade he ao homem para viver bem virtuosamente, fundada na melhor razão: por não ficar

car indifferente , sem me saber dererminar.

Respondo : (me disse o Ancião) Filosofia Moral val o mesmo que afeição , e conhecimento das virtudes , e regimento prudente da vida espiritual ; que he , como vos disse : Prudencia , Justiça , Fortaleza , Temperança. Estes se aprendem com os ditames moraes , e pelos bons exemplos , e livros espirituaes : que tambem os muitos livros são distracção do entendimento ; como se tem visto em muitos , que cuidáraõ que sabiaõ dar documentos , por doutos , e versados em ler , e escrever , e se acháraõ tão faltos de sciencia , como cheyos de peccados no Inferno : dos quaes vos fizera mais expressa , e individual menção , se não fora prolongar este discurso , que como tão sabido de todos , e escrito nos livros , me escuso agora de vo-lo repetir. Porque he vereda perigosa a sciencia , se a Fé , e a Humildade não guiaõ seus passos.

Mas tornando ao nosso intento , venho a dizer , que mais se aprende obrando , que lendo. Exemplo. Melhor he ser caritativo , do que ler que he bom fê-lo : e melhor he obrar hoje huma virtude , do que propor de fazer duas á manhaã ; porque lá disse hum experimentado , que pelo caminho de á manhaã se vay á casa de nunca. E por isso se diz : que o inferno está cheyo de bons desejos , e o Ceo de boas obras ; por ser a primeira virtude luz , e guia para encaminhar as mais : e quanto se tem escrito , e inculcado para as virtudes , não ensina tanto , como a execucao da obra , e exercicios dellas. Para obrar bem , he necessario pôr por obra , o que se propõem na vontade : e melhor he obrar alguma cousa com virtude ; do que ler , e fallar muito , e não fazer nada : e daqui vem , que muitos
fe

se mostráráõ muy praticos na virtude de palavras, e pelo contrario obrando. E assim para o acerto da vida, como para a segurança da Gloria, não ha de ser só a memoria, e o desejo de obrar bem; porém fim pondo-o em execuçaõ. Não seja o amor especulativo, ha de passar ao pratico; porque nisto está todo o bem, em que nos devemos occupar, considerando os grandes poderes da virtude; pois ella faz não só dos bons melhores, mas dos máos bons, e de peccadores justos: e tudo o mais sem virtude, he nada. Porque tambem deixar o vicio por medo, e não por aborrecimento; mais se póde chamar a este tímido, que justo: porque a nenhuma maldade póde favorecer o secreto. Bem póde hum occultar o seu peccado; mas não poderá deixar de o temer, ainda que cego do amor proprio, que he a causa, que o homem menos conhece, e sempre o engana: por ser o peccado morte da alma, verdadeiro mal, inimigo de Deos, occasião de desgraça, incendio voraz da consciencia, condemnação eterna.

Póde o homem ser pela virtude amigo de Deos, bemquisto com os homens, lograr saude, ter descanso, seguir a luz da fé, e os dictames da razão; escapar do Inferno, seguindo a Christo, abraçando a virtude, aborrecendo o peccado, que he a causa de todo o nosso mal, e ultimamente meyo de nos privar de gozar da Gloria. Finalmente o peccado lançou a Luzbel do Ceo, e deo com elle, e com todos os seus sequazes no Inferno: e a Adam desterrou do Paraizo, e a todos os seus descendentes os pôs em hum valle de lagrimas. E desta sorte me parece que vos tenho em parte fatisfeito do

mui-

muito , que se póde dizer deste particular : porque o achareis escrito em livros espirituaes , e practicado nos pulpitos por Prégadores Evangelicos , e Missionarios Apostolicos. Resta agora que me deis noticia de vossa peregrinação.

Taõ obrigado , e satisfeito (lhe disse eu) me confidero , que por divida tenho não faltar ao que me pedís : e mais ainda , quando vos vejo taõ douto , como ensinado do tempo , e com taõ largas experiencias , que estas se não pôdem adquirir , senão depois de muitos annos. Por cuja razão levo seguro abonador á minha narração , ainda que me reconheço pouco verboso ; e menos elegante no estylo. Mas como sempre ouvi dizer , que se ha de fallar a quem deseja ouvir : affouto , e confiado , me animo a vos obedecer. Não me começarey a inculcar pelo solar de meu nascimento , ou alabanças da minha Patria ; por aquelle ser muito humilde , e esta ter pouco nome : supposto que para nascer , qualquer lugar basta ; o que parece necessario , he só fazer eleição da terra para viver. Não me eximindo porém , quando no fio da historia passar por ella , de publicar suas excellencias , que algumas inclue em si , como notoriamente se sabe. E assim , só tratarey agora do que faz ao nosso intento.

CAPITULO II.

Continúa o Peregrino a sua narração, declarando que não foraõ os interesses dos cabedaes, que o fizeraõ ir ás Minas do Ouro. E com varios exemplos mostra o grande mal, que nos resulta da ambição, e soberba.

DEpois de ter concorrido, e navegado muitas partes deste Estado do Brasil, e assim Cidades, como Villas, e Lugares; chegando a esta da Bahia, a tempo que se contavaõ tantas alabanças, e grandezas dessas Minas do Ouro de S. Paulo: mais levado de hum desejo de ver esse portento da fama, novo mundo descoberto, ha tantos annos incognito, que dos lucros do interesse; me deliberey ir a vê-las. Senhor, (me disse o Ancião) necessariamente vos hey de atalhar os fios da vossa narração; pois vos ouço dizer cousa taõ estranha de me persuadir a crer: e vem a ser, que houvesse pessoa, que intentasse conseguir huma jornada taõ longe, e por caminhos taõ asperos, sem que o levassem os interesses, que todos nesta vida appetecem. Pois sabey, Senhor, (lhe disse eu) que por reconhecer os grandes males, que desse vicio resultaõ a quem nelle se entrega; fugi, e fugirey, como quem de huma fera peçonhenta procura escapar. E vede se tenho razão.

He a Ambição irmã da Soberba, e ambas produzidas da Inveja: por ser esta semelhante ao Inferno. Aonde entra este vicio, impéra a Soberba, cresce a Avareza, reina a Luxuria, accende-se a Ira, existe a Gula, governa a Inveja, acha-se a Pirguça.

guiça. E como será possível livrar-se huma creatura racional do Inferno, achando-se nella todos estes sette peccados; sendo que todos estes vicios, ou peccados, os favorecem as riquezas, e consequentemente a Soberba! E o peyor he, que sem embargo de serem tão grandes males, andão tão introduzidos no mundo, e em todos os estados: e não sey se diga que ainda naquelles, que tinhão obrigação de os reprehender, e castigar.

Fundo esta minha razão nas palavras de Christo Senhor nosso por S. Lucas (*cap. 18. v. 25.*) quando disse, que mais facil he passar hum calabre pelo fundo de huma agulha, que entrar hum rico no Reino do Ceo. E he muito para reparar, que não disse Christo hum ladraão, ou malfeitor; senão hum rico. Porque parece nos quiz mostrar que basta que hum seja rico, para cahir em todos os peccados: por serem as riquezas, em poder de quem as estima, a materia, em que se ateaõ, e ardem os mais vicios.

Enão cuidem os Reys, e Monarchas do mundo, que se pôdem livrar desta summa verdade, por se verem estimados de todos; se não seguirem a doutrina do mesmo Christo, que para todos nos deo remedio, como quem veyo ao mundo para nos salvar. Porque nos mostra a experiencia, pelo que temos ouvido, lido, e visto de muitos Imperadores, Reys, e grandes Personagens, que por ambiciosos, e soberbos, se vieraõ a perder: por serem a ambição, e a soberba inimigas da Ley Divina, e por isso causa da nossa perdição. E se não, vede.

Do Imperador Commodo, que succedeo no Governo de Roma, por fallecimento de seu pay Marco Aurelio, no anno de 180., se refere, que nelle se desco-

descobrirão os vícios de Caligula, e Nero, escurecendo todas as virtudes moraes de seu pay; e admitindo todas as maldades, e torpezas, que pode accumular para seu depravado gosto, e appetite. Por se ver rico, e poderoso, se fez o mais cruel, e soberbo Imperador daquelle tempo. Esta peste durou treze annos, até que Narcizo Lavrador o matou na Praça. Porque não tarda o castigo a quem o merece: por serem os gostos, e deleites desta vida vesperas de tragedias lamentaveis, a quem as provoca por seus peccados.

Não falta quem diga, que Dario foy o primeiro Rey, que cunhou dinheiro: tão poderoso, e rico se fez, que nenhum teve mayor thesouro, nem poder, como elle. E que vos parece que lhe succedeo com todo este poder, e riquezas? Vir Alexandre Magno, por-lhe guerra, vencê-lo, destruí-lo: e não só desbaratá-lo dos bens, que idolatrava; como tambem tirar-lhe o Ceptro, e Reino, despojá-lo da mesma mulher, e filhos; e prendê-lo, tendo-o maniata-do com correntes: e tudo isto, porque foy tão soberbo, e ambicioso. O qual talvez não experimentára, se fora mais humilde, e desinteressado: porque se sujeitára a partido, pagando feudo, e tributo, como muitos Principes, que por não quererem experimentar os rigores de quem, parece, dominava a fortuna, como Alexandre, se renderão á sua vassallagem, e assim ficaraõ livres de mayores trabalhos. Isto, que a Dario succedeo, mostra a experiencia: porque muitos, fiados nas suas riquezas, e soberba, vem a ser ludibrio do esgarmento, e espectaculos de compaixão.

Carlos VIII. se fez Rey de França: e por se ver lisongeado de muitos, se perdeu, porque se quiz fa-
zer

zer Senhor de muitas Provincias, e dominar muitos Reinos. Por ambicioso, e soberbo, veyo este a morrer de repente, depois de ter tomado posse do Cetro, e Coroa no anno de 1495., e acabou dalli a tres annos; não achando hum sepulcro no seu Reino, entre os seus Vassallos, em que seu corpo fosse sepultado: que a tanto, como isto, chega a demaziada ambição, e soberba, por não seguirem a Ley Divina, e os dictames da razão.

São as riquezas, e as soberbas, as que nesta vida impedem, e tirão o socego, e ainda o mesmo credito, e honra, como se tem visto dos muitos exemplos. Veja-se o que succedeo em França, no anno de 1602, ao Mariscal de Viron. Este, todo o seu valor, e esclarecidas façanhas, que obrou pelo seu Rey, as desfez com o delicto, que fez contra si mesmo. Por soberbo, e ambicioso, menosprezando os favores do seu Principe, depois de ter livrado a vida de tantos perigos, a veyo entregar ás mãos de hum verdugo; porque se não soube vencer guardando as Leys Divinas, em que nos devemos fundar.

Quem ama as riquezas, e se deixa levar da soberba, vem a experimentar a sua pouca firmeza, e estabilidade; porque ainda, no mayor auge da fortuna, se não livra do precipicio, e desamparo. Assim succedeo a Roberto, Conde de Sex, de Inglaterra. Este, havendo obrado feitos heroicos com o seu grande valor, e esforço; depois de ter ganhado aquella memoravel batalha dos rebeldes Irlandezes, cahio em tal baixa em hum instante da privança da sua Rainha Izabella, por soberbo, e ambicioso das glorias, e riquezas do mundo; que veyo a acabar a vida em hum cadafalso, não lhe valendo os clamores do povo: porque o sentimento não impede a justiça.

Diz Seneca, que as riquezas fazem aos homens altivos, soberbos, e invejosos: e que poucos são os Ricos, e Grandes do mundo, que não tenham estes efeitos consigo. Ao Duque de Ossuna, que em Napoles tinha grangeado o nome de Bom Soldado, mandou prender ElRey Philippe III. por haver incorrido em odio da Nobreza, por soberbo; altivo, e ambicioso: todavia ficou suspeitosa a prizão. Porém o certo he, que a ambição domina a razão.

Finalmente, he a ambição a que mais brevemente nos tira a paz, e socego, e abbrevia a vida. De Alexandre Magno se conta, que sendo tão esforçado na guerra, como favorecido das venturas, e riquezas do mundo; acabou a vida no breve curso de seus annos, não chegando ao fim da idade, pela grande appetencia de mais mundos vencer. E talvez vivera mais, se não fora tão soberbo, e ambicioso de glorias vaidosas. Porque he certo que quem se não contenta com o que tem, vem a perder o que mais deseja.

Não assim succedeo áquelle grande Imperador Sigismundo, por ser tão desinteressado, como ajustado ás Leys Divinas. Do qual se conta, que trazendo-se-lhe quarenta mil escudos de ouro de hũa Provincia de Ungria: pensativo, como cuidadoso, em que os havia de empregar; passou toda huma noite sem dormir. E assim como amanheceo, chamou a todos os Cabos do seu Exercito, e abrindo o cofre, onde estavam os dobrões, lhes disse: Vedes aqui os meus inimigos, que me não deixaram dormir, nem ter socego. Tomay-os, e reparti-os entre vosoutros: e assim me livrarey desta molestia passada. E sahindo tão contentes, como aproveitados os circunstantes, tornou o Imperador a chamá-los, e repetio dizendo-lhes:

lhes: Foraõ-se já esses verdugos, que me atormentáraõ esta noite passada? E respondendo-lhe, disse-raõ os Cabos: que já os tinhaõ repartido. Disse o Imperador: Graças a Deos, que já estou livre deste tormento.

Com grande razaõ disse Santo Agostinho, que he o ouro principio de todos os trabalhos. Porque, bem considerado, naõ ha genero de molestia, que o amor das riquezas naõ traga comfigo: aos corpos priva de todo o descanso, e ás almas despe de todas as virtudes. Donde se vê bem claramente o pouco socego, e paz, que tem os taes comfigo; pois todos os desvélos, e cuidados entregaõ ás temporalidades, as quaes os fazem viver esquecidos de Deos, e da Gloria, na consideração de que naõ ha outra felicidade mayor, que as riquezas, e bens deste mundo. E se naõ, vede o que diz Christo Senhor nosso por S. Joaõ. (*cap. 5. v. 44.*) Como podeis ter fé, se em tudo buscais as honras do mundo? E assim he sem duvida: porque tanto se paga hum rico dos bens que possue, que entende lhe naõ he necessario mais, para ser bemaventurado na terra. E por isso tanto anhelaõ, e appetecem as adoraçoens mundanas, que saõ os cargos, e postos do mundo; sendo estas hum final certo de prescitos: motivo, porque chamou S. Paulo ás riquezas, e grandezas deste mundo, laços do demonio.

E daqui procede, que muitos querem antes tormenta para subirem; que bonança, e paz para viverem. Quem jamais vio ambicioso, e soberbo, que naõ acabasse nas mãos do sentimento? Pois he certo, que estes cegos do engano atropellaõ as leys contra si mesmos; e daõ armas á crueldade, para serem executados. E nunca haveria pena, que os molestasse, se naõ houvesse nelles gosto, em que se

embelezassem. E o peor he, que podendo tomar o exemplo dos passados, não se querem defenganar, senão em si mesmos. Sendo que são muito limitados todos os cabedaes dos olhos mundanos, e ambiciosos; porque nunca chegam a comprar o que seu desejo appetece: e muitas vezes lhes não bastam para pagarem os juro do que a sua esperança tem feito de divida.

E porque não fique este Estado do Brasil sem algum exemplo dos muitos, em que a soberba, e as riquezas tem feito estragos; reparay, e notay com attenção. Ide a Pernambueo, passay ao Rio de Janeiro, subî a S. Paulo, entray nesta Cidade, correy essas Villas, e seus Reconcavos: vereis em quantos tem a soberba, e os interesses feito notaveis destroços. A huns, arrimar bastoens: a outros, largar ginetas: a muitos, encostar vengálas: a alguns, deixar alabardas, e fugirem muitos Soldados: despejar Engenhos, desamparar fazendas. E se perguntares a essas ruinas, quem lhes causou tão lastimosos estragos; vos responderão em eccos essas arruinadas paredes, e medonhas fornalhas dos Engenhos: que tudo lhes procedeo da soberba, e demasiada ambição.

Oh, se estes taes, a quem isto succedeo, soubessem persuadir-se, que tudo era huma quimera, e presumpção vaidosa, como escusariaõ de experimentar aquelles lamentaveis golpes! Viriaõ a conhecer, que todas as soberbas, e riquezas se haõ de tornar em pó, e cinza: e que a maior valentia consiste em pelejar contra os nossos inimigos, que são: Mundo, Demonio, e Carne; e não contra os nossos proximos, que são creaturas feitas á imagem, e similhaça de Deos; e pelo que tem de se-
rem

rem de barro , são fracas por natureza ; e triunfar de hum fraco , não he valor , senão cobardia : porque só sabe ser valente , quem a si se sabe vencer. Mas defengam-se todos , que se não fizerem estes discursos tão fundados nos dictames da razão , e Ley Divina ; serão castigados por Deos rigorosamente nesta vida, e na outra : porque he do mesmo Evangelho , que Deos contrafaz á soberba.

São tantos os males , que trazem comsigo a Soberba , e a Avareza ; que se os homens bem advertidamente o considerassem , as haviaõ de aborrecer , pelos damnos, e precipicios, em que os põem de sua salvação. Admiravelmente S. Paulo a este intento , quando disse , que difficulosamente se achará hum rico , que não seja soberbo. E eu digo , que não só contamina este vicio , ou mal ao senhor da casa, mas tambem á mulher , aos filhos , e aos mesmos escravos ; por ser a morada desta peste infernal em casa dos ricos , e muitas vezes sóbe aos Palacios. E o peyor he , que tambem entra nas Clausuras mais reformadas : e se não he pela pompa das gallas , accommette pela presumpção do nascimento , e fidalguia : e quando vê que nem por hum , nem por outro modo se póde introduzir ; entra pela presumpção do Saber , e por este meyo tem destruido grandes talentos. E vejão lá os Scientes, se achão de que se reprehenderem.

E consideray agora , se póde haver mayor enfermidade , que o peccado da Soberba. Basta que até no Ceo entrasse por sua má qualidade , por ser conceituosa ; como succedeo a Luzbel , e a seus sequezes. E que fará no mundo fomentada pelas riquezas ! Verdadeiramente , a mayor parte dos que vão ao Inferno he por este peccado ; porque he op-

posto á Humildade, a qual Deos préza em supremo gráo por suas grandes excellencias.

Muito bem devia de saber o quanto importa para a salvação esta virtude aquelle Gran Duque de Gandia, S. Francisco de Borja, quando largou o seu Ducado, para se recolher á sagrada Religião da Companhia, e nella exercitar todos os actos da mayor humildade. E basta, que quando escrevia ao seu Geral se puzesse de joelhos, para mostrar o quanto observava esta santa virtude.

E por isso, o que pertende salvar-se, não deve fazer tanto apreço das vanglorias do mundo: porque he certo, que quem ama ao perigo, periga nelle. Querer ser ricos, he querer ser dos muitos, que se perdem. Os ricos, e soberbos do mundo não crem estas verdades, como cegos da ambição; contenta-se com adorar as riquezas, succeda o que succeder: fazendo-se cada vez mais altivos, e desprezando aos humildes pobres.

Porque verdadeiramente, bem considerado o como trata hum rico a hum pobre, parece que o não tem por proximo, pois tanto o despreza: porque ainda do cortejo, e urbanidade, que lhe faz, se offende; por suppor o rico, que o fim daquelle cortezia assenta sobre lhe pedir alguma cousa da sua fazenda, e que perderá as adoraçoens, que sollicita entre os mais ricos: e assim se fazem tão inchados, que nem junto de si querem ver a hum pobre.

São estes taes, como hũa casta de peixes, que ha neste Brasil, e lhes chamaõ Bayacús, entre os quaes ha huns, que tem espinhos. São estes peixes peçonhentissimos, por terem no fel o mais refinado veneno, que ha no mundo: e que ainda que algumas
pessoas

peſſoas os comem, he com muita caatêla. Mas vamos á comparaçãõ. Coſtumaõ eſtes peixes, aſſim como os peſcaõ, e tiraõ da agoa, começarem a inchar, e fazem-fe como humas bólas. Os de eſpinhos, não ha quem pegue nelles, pelo riſco das agudas pontas: inchaõ deſórte, que aſſim morrem ás vezes dando hum grande eſtouro. Occupaõ-fe eſtes peixes em mariſcar pelas margens dos rios, e mangaes; e fô quando ſe vem em terra, he que inchaõ.

Aſſim ſaõ os Bayacús humanos, ou deſhumanos: tanto que ſe vem nas prayas, e terras do Brazil, logo começaõ a inchar: e ſe lhes daõ algum officio, ou poſto, fazem-fe Bayacús de eſpinhos, não ha quem ſe chegue junto delles. E ſe dizem a hum deſtes: Baſta, Bayacú, porque pódes rebentar; ou ſe lhe tocaõ, cada vez incha mais. Bem ſey que eſte exemplo, ou moralidade he muy humilde; porèm como he taõ vulgar, cada qual o tome no ſentido mais acomodativo.

Oh deſgraça da natureza humana! Oh cegueira dos racionaes! Quem te pudéra deſenganar, antes de chegares ao precipicio de tua vaidade, e perdiçãõ! E para prova de tudo o que tenho dito, reſpon-da o Rico Avarento, de que lhe ſerviraõ as riquezas que tinha, os comeres exquiſitos, a preſumpçãõ vaidosa, a ſaude perfeita, as gallas cuſtoſas, a cama branda, as adoraçoens mundanas, os deſprezos a Lazaro? Dirá, ſem duvida, que lhe não ſerviraõ de mais, que para eſtar ardendo para ſempre no Inferno. E por contraposição: Que goſto, que alegria, que gloria eſtará gozando para ſempre Lazaro na Bemaventurança, por ter ſido pobre, chagado, roto, faminto, e deſprezado!

Agora conheço, que com muita razaõ diſſe S. Ber-

nardo, vendo o tropel das culpas, que corrião neste mundo: que a moeda corrente entre os homens, não era mais que o amor desordenado dos bens temporaes, por cuja razão não havia fé segura entre os homens, porque tudo tinham contaminado a Soberba, a Avareza, a Cobiça, e a Luxuria: e que por causa destes vícios faltava a observancia nos Religiosos, a modestia nos Sacerdotes, a justiça nos Ministros, a madureza nos velhos, a sujeição nos moços, o amor natural nos parentes, a fidelidade no povo, a reverencia nos subditos, o exemplo nos Prelados, o amor da Castidade nos Virgens, a pudicia nos casados. Tudo isto disse o Santo, ha mais de quinhentos e tantos annos. E que terá succedido desde então até agora, em tempos tão perversos, e cheyos de tantos vícios, como estamos vendo, e experimentando! Por isso David com espirito profetico pedia a Deos que lhe tirasse o véo dos olhos, para que pudesse conhecer as maravilhas dos seus mysterios. (*Psal.* 118. 18.) Isto he, a cegueira da Soberba, da Ambição, da Concupiscencia, e de todos os mais vícios, e peccados, que nos privaõ, e cegaõ, para não podermos ver os infinitos beneficios, que actualmente nos está Deos fazendo, e pela nevoa da culpa não podemos ver, nem enxergar.

Bem sey, que me dirão muitos ricos, sabendo do que agora aqui vos digo: O que não podes haver, dá-o pelo amor de Deos. Porém a isso lhes responderey: (porque não fiquem sem resposta) Que me aproveitaria ser senhor de todo o mundo, se houver de perder a minha alma? Porque he certo, que com perda da salvação não póde haver ganancia.

CAPITULO III.

Mostra o Peregrino com varios exemplos, que bem póde hum homem ser muito rico, e grande Personagem em qualquer estado, e por suas boas obras de virtude vir a salvar-se.

S Enhor, (me disse o Ancião) supponho (pelo que me tendes acabado de dizer) que não haverá rico, nem grande personagem, que não vá ao Inferno. Respondo: (lhe disse eu) He falsa essa vossa suposição. Porque além de negares hum attributo a Deos, de seu infinito, e absoluto Poder, (e seria hum formal heresia, considerar-se que não póde obrar Deos independente, em qualquer creatura, e em tudo o mais com muy superior imperio) temos muy grandes exemplos de que tem havido muitos Santos Imperadores, Reys, e Fidalgos muy poderosos, que, sem largarem seus Reinos, e Estados, vivêraõ, e acabáraõ com grande virtude.

Porque he muy proprio em Deos não querer que a virtude impida a administração do officio. Pois não seria justo a hum Rey, que vivesse como hum Anacoreta, como vos mostrarey nos exemplos seguintes.

De certo Ermitão de boa vida se conta, que querendo saber de Deos, quem naquelle tempo o igualava na virtude; lhe foy revelado, que o Imperador Theodosio, posto que estava na mayor grandeza do mundo no seu Imperio: porque com toda a Sua Magestade lhe não era inferior nas boas obras. E indo o Ermitão ao Reino do Imperador, e fallando com elle, depois de lhe dizer o motivo, que o persuadi-
ra a fazer aquelle exame; lhe disse o Imperador a

observancia de sua vida: de que ficou admirado o Ermitão, por ver a huma Magestade tão superior com huma vida tão ajustada.

E não he menos para admirar, e louvar a grandeza de Deos, em fazer que houvesse hum S. Luiz, Rey de França, que pelas relevantes virtudes, tão vistas, e manifestas, chegou a ser Canonizado: nascendo, vivendo, e reinando no seu mesmo Reino, e governando a seus Vassallos, onde acabou a vida sem renunciar o seu Estado.

No nosso primeiro Rey de Portugal D. Affonso Henriques se póde ver o muito que obrou em toda a sua vida, com tão grandes exemplos de virtude, que chegou a ter o merecimento de lhe apparecer Christo Senhor nosso visivelmente: e por isso tão feliz, como victorioso contra a nação Otomana, vencendo-os, e destruindo-os, pelo grande valor, com que Deos sempre o favoreceo. Deo este famoso Rey principio ás glorias da nossa dilatada Monarchia, vivendo, e reinando no seu mesmo Reino, onde acabou com grande opiniaõ de conhecida virtude. O que se comprova pelos muitos milagres, que tem feito depois de morto: e basta que ainda hoje se conservem as prendas de seu valor no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra em grande veneraçãõ, como são: a espada, e escudo com que pelejava pela Fé contra os Mouros, e a sobrepelliz com que rezava no Coro em companhia dos mais Religiosos. Grande credito, e affombro de todos os Principes, e Monarchas do mundo!

E deixando por agora outras muitas, e evidentes provas de sua grande virtude; referirey sómente o caso, que succedeo na noite seguinte ao dia, em que ElRey D. João I. ganhou a Cidade de Ceuta aos Mou-

Mouros. Appareceo armado o nosso Rey D. Affonso Henriques no Coro daquelle Convento, em que está sepultado, aos Religiosos; havendo passado duzentos e trinta annos depois da sua morte: e lhes disse que, por Divina disposição de Deos, elle, e seu filho o Rey D. Sancho haviaõ soccorrido a seus vassallos naquelle conflicto. Vejaõ agora os Senhores Reys de Portugal, e seus vassallos, se pôdem ter receyo de conseguirem suas victorias, tendo taõ grande Defensor, e fazendo elles da sua parte o que devem por agradar a Deos.

E não será para menor gloria da Nação Portugueza, a preclara virtude da nossa Rainha Santa Isabel, a qual como luzente tocha, nas sombras da noite de tantos trabalhos, em que se via Portugal, resplandece com taõ grande luz; que rebatendo os impetos do Inferno, alhanou, e pôs em paz todas as discórdias, que havia entre seu marido, e filho, com as quaes o inimigo pertendia perturbar aquella Monarchia, tão invejada de todas as Naçoens do mundo. E finalmente mereceo ser canonizada por Santa, como todos o sabem.

Affonso I. Rey de Leão, chamado o Catholico, pelas suas grandes obras, e virtudes, succedeo a Fávila seu cunhado, estendendo o Reino dos Christãos pelas Asturias, Castella a Velha, e Biscaya: e acabou com plausivel gloria, assim em armas, como em virtudes. Foy coroado o seu sepulcro com as vozes dos Anjos, chamando-lhe Justo: e com razão, por haver sido o Defensor da patria, perseguindo, e extirpando ao Arrianismo.

Naõ foy menor o zelo, com q̃ procedeo em grandes virtudes El Rey Henrique III. de Castella, chamado o Enfermo: o qual, por suas esclarecidas virtudes,

tudes, teve a gloria de acabar com grande opiniaõ de santidade. Costumava dizer este Monarcha, que mais temia as maldições do povo, que as armas dos inimigos.

A Imperatriz Dona Maria, filha, nora, mulher, e mãy de cinco Imperadores (gloria, que até agora se não sabe que outra mulher haja conseguido) obrou taõ relevantes actos de virtude, que pudéra servir de exemplo ás mais Imperatrizes, e Rainhas; e ainda a todas as Matronas do mundo. E para coroar seu dito fim, se mandou sepultar no Convento das Descalças, que ella havia fundado em Madrid; deixando a todas huma grande opiniaõ de virtudes, pelas que havia exercitado em sua vida.

E verdadeiramente me parece, que não ha cousa, de que Deos mais se agrada, e os Catholicos se edificuem, que de verem aos Principes devotos, e bem inclinados á veneração, que devem a Deos.

De Filippe IV., Rey de Castella, que de idade de dezaseis annos entrou no Governo do seu Reino, se refere hum caso digno de memoria: e he, que a primeira vez que sahio fóra depois de coroado, encontrando com o Santissimo Sacramento, que levavaõ a hum enfermo; deixou a carroça, e reverenciando a Deos o foy acompanhando com summa devoção, até o tornar á Igreja; deixando soccorrido ao enfermo, por ser necessitado. Acção verdadeiramente digna de ser louvada em hum Principe Catholico.

E que direy eu dos Principes, e Reys do nosso Reino de Portugal, e do seu grande zelo, e heroicas obras de virtude, que fizerão, e estão obrando; por serem Christianissimos, fervorosos, e diligentes, augmentadores do culto Divino, defensores da Igreja
de

de Roma, e por isso sempre favorecidos dos Summos Pôitifices com singulares graças, e indulgencias; e não menos por haverem sempre estendido a Fé de Christo, ainda pelas mais remotas partes do mundo: e com muy inteira observancia da Religião Catholica, sem a minima nota, nem discrepancia da Fé.

Basta para credito dos nossos Serenissimos Reys de Portugal, o que disse o Summo Pontifice. No tempo do Senhor Rey D. João IV., de gloriosa memoria, succedendo haver guerras entre Portugal, e Castella; e por isso achando-se o nosso Reino taõ salto de Bispos, pelos Summos Pontifices lhes não quere-rem conceder as Bullas, na consideração de que não tinha sido justa a liberdade de Portugal, como depois por evidente verdade se comprovou; houve quem por acção pia disse ao Papa, que entaõ governava a Igreja de Deos: Que olhasse não se offendesse Portugal de tanto aperto. Respondeo o Papa: Eu bem sey porque cordel puxo. Porque estava bem no cabal conhecimento de que nos Principes, e Reys de Portugal nunca houvera rebeldia contra o Pastor dado por Deos. Porque o de que fazem mayor apreço, e alarde de sua Excelta Magestade os Reys de Portugal, he o timbre de serem obedientissimos ao Vigario de Christo na terra.

Porém não he muito que assim sejaõ, quando foy taõ esclarecido seu principio, procedendo do Senhor Conde D. Henrique: daquelle Principe, digo, adornado de tantas prendas, e descendente dos mayores Monarchas do mundo; como se póde ver na sua Chronica, e estão ainda hoje publicando suas obras, e grande esforço, e valor. Este não só destruiu aos Mouros na sua Provincia, ou Condado, entaõ, e
agora

agora dilatado Reino de Portugal; mas tambem se foy offerecer a mayores riscos, e perigos na Conquista da Terra Santa, onde obrou com ardente zelo do amor de Deos esclarecidas façanhas. E depois de effectuado o seu intento, indo-se despedir o nosso valoroso Conde do Rey Godofredo de Jerusalem; vendo o Rey que lhe não quiz acceitar nada dos despojos da guerra, do que lhe offerecia, em remuneração do muito que tinha obrado; lhe fez offerta das mayores prendas do mundo, que se haviaõ restaurado naquella Conquista, e foraõ as Reliquias santas: as quaes o nosso Conde acceitou, e prezou mais que muitos milhoens; por serem o ferro da lança, com que se abriu o lado de Christo Senhor nosso; parte da Coroa de espinhos; hum pedaço do Santo Lenho da Vera Cruz; huma çapatinha da Virgem Nossa Senhora; e huma touca de Santa Maria Magdalena: admiraveis, e estupendas prendas, para serem prezas das dos corações dos Principes Portuguezas. E com estes tão illustres despojos, se retirou bem pago do seu triumpho; tendo por venturoso acerto todos os desvelos que padeceo, a troco da gloria que alcançou, para braço, e timbre dos Estandartes de seus Exercitos. E por isso prevaleceo a sua Real descendencia, até o tempo que por nossos peccados fomos sujeitos aos Reys de Castella.

Porém Deos, acudindo com sua palavra, nos deo a Restauração no nosso Rey D. João IV., de gloriosa memoria, descendente do mesmo tronco: no qual se viraõ todas as partes, que se podiaõ desejar, e achar em hum Principe Politico, e Christão; por ter hum animo, valoroso, e concorrerem nelle, além das mais virtudes, a Verdade, a Justiça, e a Liberalidade, attributos, que fazem a hum Monarcha excelso,

celso, e soberano. E para nós mostrar Deos com mais evidencia a sua santa vontade, e que se pagava de que aquelle Reino tornasse á sua liberdade por aquelle Monarcha; despregou o braço direito da Cruz, para o abençoar, no dia que lhe foy render as graças da sua acclamação. E em outra occasião o livrou de seus inimigos, como se vio, indo na Procissão de Corpus Christi; além de outros muitos prodigios, e affombrosos milagres, que em seu favor fez. E por isso foy tão allumiado este grande Rey pela Divina Sabedoria, que soube ensinar a doutos, reprehender a sabios, e castigar a soberbos. Foy hum segundo David: porque entre tantos perigos, e continuas guerras, nunca deixou de louvar a Deos, compondo hymnos ao Divino em Solfa, por ser muy insigne Musico, e por isso muy inclinado ao culto Divino. Reinou poderoso, viveo Christão, acabou triunfando de seus inimigos: deixando o seu Reino com forças muy duplicadas, para se poder defender; e com tão soberanos Principes, como filhos de hum Rey tão ajustado ás leys Divinas.

Até que viemos a gozar a gloria de sermos governados por aquelle invicto Monarcha D. Pedro II. no nome, e primeiro nas virtudes; tão pio, como Pay de seus Vassallos, e sempre saudade dos Lusitanos: por ser conservador da paz, e guerreiro acerrimo contra o dragão infernal. Porque verdadeiramente nenhum dos Reys passados fez mais amplificar, e estender a Fé Catholica por todas as partes do mundo, que aquelle nosso Monarcha.

Digaõ-no os habitadores da India: publiquem-no os moradores do Brasil: contem-no os assistentes de Angola: manifestem-no os residentes das Ilhas: confessem-no os doentes de Cabo Verde: agradeçaõ-no

os enfermos de S. Thomé. E em fim, todos os naturaes do nosso Reino de Portugal, com repetidas demonstrações de agradecimento, estão dizendo que nunca foraõ mais cordialmente tratados com repetidos favores, e graças espirituaes, que quando em vida deste grande Monarcha: Já com assistencias de Missionarios: já com Operarios do Santo Evangelho; como tambem procurando-lhes os meynos do bem espiritual, a troco do grande dispendio da sua Real fazenda, para sustento das Casas, e Hospícios, que por varias partes do mundo mandou edificar. Foy taõ amigo da Virtude, que o ponto estava em saber que houvesse algum bem inclinado, para logo ser da sua liberal mãõ favorecido. Porque nunca soube dizer: Não, ao que se lhe pedia em favor da necessidade; nem negar cousa de piedade, em serviço de Deos. Motivo, porque dizendo-se-lhe em certa occasião, que muitos pobres com capa de virtude faziaõ seu negocio; respondeo: que antes que-ria ser enganado por hum hypocrita, que lisongeado por hum perverso.

E como Deos sempre pôs os olhos de sua Divina misericórdia nesta Monarchia, deo por Esposa a este Rey taõ pio a nossa sempre memoravel Rainha D. Maria Sofia, aquelle claro espelho de virtudes, e do solar taõ condigno de estimações; de cujo tronco se transplantou aquelle fecundo ramo para o nosso Reino de Portugal, que de Reaes fructos fazonados nos deixou satisfeitos nas posses das esperanças de não mendigarmos Successores para a nossa Monarchia. E com muita razãõ o podemos assim esperar, fiados naquella palavra de Deos dada a El Rey D. Affonso Henriques, quãdo lhe prometteo que nelle, e na sua descendencia estabeleceria o seu Imperio.

Foy esta Preclara Rainha em suas excellentes virtudes hum prototypo de todas as perfeições, pelo que então se vio, e ainda hoje está publicando a fama por todo o mundo, aonde chegou o remontado ecco de suas relevantes acções. Digaõ os Templos, e Hospitaes de Lisbõa, o quanto os enriqueceo com paramentos, e custosas rendas, e assistencias de suas Reaes visitas: respondeã os pobres, o quanto foraõ favorecidos, e remediados com suas esmólas: publiquem em fim as viúvas, e orfãos, o quanto a todos amparou: sendo hum vivo retrato de todas as virtudes espirituaes, e moraes; dando exemplo a seus Vassallos, e educação a seus Reaes filhos. Lembra-me que ouvi contar, que certo Religioso de muita virtude, e authoridade lhe disse em huma occasião: porque tanto opprimia aos nossos Principes em tão tenra idade? Respondeo: Crio-os com esta doutrina, para castigar Hereges, e governar Christãos. Dito, e documento, que em laminas de ouro se devia escrever nas portas de todos os Palacios dos Principes, e Monarchas Catholicos do mundo. Mas para que me canso em pertender publicar os innumeraveis prodigios, e obras de virtude, que fez esta nossa Rainha, sempre digna de memoria; quando só o silencio os póde explicar, e nunca encarecer.

E porque me não he possivel individualmente fazer digressão especial dos feitos heroicos de todos os Principes, e Fidalgos deste Reino, e das grandes obras de virtudes, com que tem procedido; contento-me com vos dizer, que houve Principe, que antes quiz dar a vida pela Fé de Christo, que consentir que se entregassem as Praças, que lhe haviaõ custado o seu sangue, e de seus Vassallos; e por não chegarem a ser profanados os Sagrados Templos

plos pelos inimigos de nossa Santa Fé: como succedeo ao Senhor Infante D. Fernando.

Fidalgo houve, que chegou a tal extremo o seu valor, que não só desprezou a vida nas mãos de seus inimigos pela fidelidade do seu Rey; senão ainda no mayor risco, e conflicto, mandou a seu filho, que ainda que alli o visse fazer pedaços, (como logo se deo á execução) não desistisse da defenſa do Castello, em que estava. Isto se vio em D. Nuno Gonſalves, Capitaõ do Castello de Faria.

E não foy menos para se louvar o zelo de D. Joaõ de Castro na India, que chegou a empenhar os cabellos de ſua propria barba, por não perigar a Fé de Chriſto, nem serem ultrajados com menosprezo os Templos ſagrados, que ſe tinhaõ edificado nas Praças, que havia ganhado á custa de ſeu grande valor para o ſeu Rey.

Naõ deixarey de publicar o invencivel eſforço daquelle Heróe Portuguez D. Nuno Alvares Pereira, Condeſtabel do Reino de Portugal, debaixo de cujas bandeiras ſe aliſtava o triumpho, e militava a fortuna. Eſte, ainda na guerra, não perdia tempo de ſe moſtrar verdadeiro Soldado da milicia de Chriſto: inſinuando-nos, que aſſim como a cautéla importa á vida; aſſim tambem a virtude conduz á ſalvação, ſendo no meſmo tempo Hercules nas forças, e Elias na Oração. Foy taõ pio, que chegou a barrer os Templos de Deos, pelos achar çujos dos cavallos dos inimigos na occaſião da guerra: motivo, porque todos os ſeus Soldados, vendo taõ grande exemplo, o imitavão; e na conſiança de ſeu valor deſeſtimavão os perigos, e appetecião o trabalho da guerra. E por iſſo não havia empreza, que para elle foſſe diſcultoſa; nem para os inimigos lugar ſeguro, por

colq
inte-

interior, e apartado que estivesse em suas fronteiras. Acabou este famoso Heróe a vida Religioso de nossa Senhora do Monte do Carmo no seu grande Convento de Lisboa, com opiniaõ de grande virtude, como notoriamente se sabe.

Demais que, para prova do que vos digo, ricos são os Eminentissimos Cardeaes, e os Illustrissimos Arcebispos, e Bispos: os quaes nem por andarem vestidos de purpura, e com authorizado apparato de Pontifices, deixáráõ de fazer grandes obras de virtude, pelas quaes conhecidamente chegáráõ muitos a ser Santos. E assim, bem póde hum ser rico, e grande Fidalgo, e andar bem vestido no exterior, (porém sem nota do desvanecimento) e ser no interior hum Santo. Porque Deos não se paga das apparencias; porém sim das realidades.

Muito folguey de vos ter ouvido (me disse o Aniciaõ) a relaçam, que tendes feito com tão antigos, e modernos exemplos; por virem tanto a proposito de vossõ intento. Porém pergunto: Se o ouro he tão prejudicial aos homens; como permite Deos que seja manifesto ás creaturas?

Haveis de saber (lhe disse eu) que o ouro per si he hum metal muy nobre, e perfeito, e por isso de muita estimaçaõ, e valor, por ser gerado dos Astros, e do calor do Sol; e por essa razam, tão alegre á vista, como agradavel ao coração. Este, posto na mão, e poder de hum homem Christaõ, pio, virtuoso, e esmóler, fica realçando mais; porque se vê resplandecer nas Igrejas, luzir nos Altares, vestindo aos nús, sustentando aos pobres, e prestando aos necessitados. Porém, se dá em mão, e poder de hum máo Christaõ, ambicioso, avarento, e vicioso: he o mesmo, que huma espada nas mãos de hum louco

cup C furio-

furioso. E para que melhor me entendais, vos quero mostrar os effeitos do ouro por hum exemplo, e tal vez que com novidade, segundo o que me parece.

He a Filosofia huma das Sciencias, de que se faz mayor estimaçãõ, e apreço, por ser porta de todas as faculdades. Esta sabida por hum Gentio, ficará grande Filosofo; porèm grande Idolatra. Aprendida por hum Cismatico, ficará grande Mestre em Artes; porèm grande Apostata. Ensinada a hum Calvinista, ou Lutherano, ficaráõ grandes Bachareis; porèm grandes Hereges. Estudada, e praticada por hum Catholico Christaõ, ficará perfeito Licenciado, e com licença para poder fallar, realçando com mayor lustre de saber, aproveitando-se a si, e a todos: porque com ella colhe o verdadeiro fructo das Escrituras, com que se aproveita; e os reparte pelos mais com liberal graça do Espirito Santo, enchendo-os dos bens espirituaes. E reparay, que sendo a Sciencia huma só, e tal vez aprendida de hum só Mestre; toma os effeitos, segundo os sujeitos, em que se acha.

Assim tambem o ouro, e os cabedaes: nas mãos, e poder de hum avarento, será rico fim; porèm mais miseravel: nas mãos de hum vicioso, será bem visto de alguns; porèm aborrecido de muitos: em poder do insolente com presumpções de soberbo, será flãmante, e luzente; porèm abraçará como fogo. Mas se o ouro, e as riquezas se acharem nas mãos, e poder de hum bom Christaõ; seráõ para todos de proveito, tanto para quem as possue, como para os mais, com quem as repartir. E reparay, que sendo só de huma mesma especie este metal, toma os effeitos das pessoas, em cujo poder se acha.

Finalmente, se alguns destes ricos dam em serem miseraveis, e avarentos; succede-lhes o mesmo, que

que ao animal immundo , ao qual engenhosamente os comparou hum discreto. E se não , vede se ha cousa mais propria , e semelhante. O Cevado, em quanto vivo , para nenhuma cousa serve ; e só trata de comer , e engordar: o que se não acha nos outros animaes, como largamente trataõ varios Authores , e com especialidade Jeronymo Cortez no seu Tratado dos Animaes , assim domesticos , como sylvestres , e ainda volateis. Porque vemos, que o Boy trabalha , o Cavallo carrega , o Carneiro dá lã, a Cabra dá leite , o Cam caça , o Gato alimpa a casa: e finalmente não ha animal , que não tenha seu ministerio. Porém o Cevado , só depois de morto se aproveitaõ delle: come-se-lhe a carne, guarda-se-lhe a banha , apanha-se-lhe o sangue, não se lhe perdem os miudos , e finalmente tudo se lhe aproveita. Assim tambem o rico avarento : em quanto vivo , para nada val ; tanto que morre , para todos serve. Apparece o dinheiro , que tinha escondido , e talvez pelo ter furtado: come o parente, aproveita-se o testamenteiro , pagaõ-se os Clerigos , remedeiaõ-se os pobres , satisfaz-se aos que trabalharaõ no Funeral: e em fim todos se aproveitaõ , porque em sua vida a ninguem prestou.

Podiaõ estes cegos , e ambiciosos das riquezas tirar grandes lucros , e conveniencias de se poderem aproveitar , fazendo-se despenheiros de Deos, foccorrendo aos pobres , desprezando o superfluo, e abraçando a virtude. Porque diz Seneca , que grande he aquelle , que com a riqueza se faz pobre. E só assim se poderãõ possuir os bens do mundo , tendo dominio nelles , não se deixando vencer de sua vangloria , que tanto anheiaõ os cegos deste vicio ; e por fim muitas vezes entregaõ tudo

aos ausentes, ficando de presente a sua alma sem hum Missa.

Finalmente, de tudo o que tenho dito se colhe, o quanto se deve fugir do vicio da avareza, pelos grandes males, que traz consigo tanto para o corpo, como para a alma: e o pouco caso, que devemos fazer dos bens temporaes; pois tanto nos impedem para gozarmos os bens do Ceo. E assim havemos de considerar, que todos somos nesta vida peregrinos, e que nam convêm carregar muito; antes devemos repartir do que tivermos pelos companheiros, para ficarmos mais livres, e desembaraçados para caminharmos para o Ceo, onde só poderemos descansar, como em Patria, para onde fomos creados. E agora conhecereis se tive razam para vos dizer, que não foraõ os interesses do ouro o motivo, que me persuadia a conseguir aquella tam longa jornada.

C A P I T U L O IV.

Trata o Peregrino das grandes excellencias da Pobreza: reprehende aos pobres calaceiros: e declara o muito, que a todos aproveita o fazer esmólas aos Pobres necessitados pelo amor de Deos.

NA verdade vos digo (me disse o Ancião) que se eu fora senhor de muitos cabedaes, todos desprezaria por seguir vossos dictames. Mas offerece-se-me huma duvida acerca do vosso pio discurso, que tomara me dereis soluçaõ a ella, para ficar mais satisfeito; e vem a ser: Se a Pobreza he tão louva-
da

da, e de todos acreditada por virtude; como fogem muitos della?

Respondo: e permitta Deos que acerte, para vos deixar satisfeito. He a Pobreza semelhante á Virtude, e Justiça: a Virtude, todos a appetecem, e nella tocam; porèm poucos a querem abraçar: e do mesmo modo a Justiça, todos a louvam; ninguém a quer em casa. E a razam disto he, porque a Virtude tocada por fóra, parece aspera; e abraçada, he macia, e regala: a Justiça, vista de perto, offende; porèm assentando-se no tribunal da razam, quem a quizer ver, reconhecerá suas excellencias. A Pobreza, vista como parece, mette horror: he o mesmo lutar com ella, que com hum fero; por supor quem a vê desta forte, que o priva de todo o focego, expondo-o a todo o trabalho, enchendo-o de toda a miseria.

Porèm ouvi entre muitos a hum S. Francisco de Assis, perfeito, e sonoro clarim da gloria, em louvor desta virtude: o qual não só foy seu imitador venerando-a, mas tambem a vozes sempre invocando-a por Senhora Santa Pobreza. A' lêm de outros muitos Santos, que deixando os bens do mundo, só abraçaram esta santa virtude, como se póde ver das suas vidas.

Mas fallando acerca do modo, com que se póde haver hum homem com esta santa virtude: haveis de saber que a Pobreza he hum habito da vontade allumiada do entendimento; e se contenta hum homem com só aquillo, que lhe he necessario, e lhe basta, desprezando o superfluo, e desnecessario. Esta he a que professaram, e louvaram os antigos, como virtude moral, que franquea a porta, por onde se entra ao repouso do espirito. Esta mesma professão

todos os estados de pessoas, que fazem particular voto della, como virtude, que abre o caminho para a entrada do repouso eterno. E desta participam tambem todos os ricos, que repartem com Deos, e com seus pobres do que lhes sobra do sustento necessario de seus estados, e dignidades.

Offerece-se aqui outro genero de Pobreza, que per si nem he virtuosa, nem viciosa; porèm he occasião de exercicio de virtudes, da constancia, da fortaleza, da paciencia, e soffrimento della. Esta se chama casual, ou fortuita: e como não pende do arbitrio dos homens, nem procede de sua negligencia, ou froxidão; não os faz ser culpaveis, antes dignos de commiseracão. Nasce do rigor da guerra, do incendio, do naufragio, do roubo, ou de outro qualquer incidente. E desta não ha homem, nem estado seguro.

A pobreza ociosa, e mãy de todos os vicios, he a que procede aos froxos, timidos, desalentados, vagabundos, e mendigos, sem urgente necessidade. Porque tambem importa muito fazer diligencia em procurar por meynos licitos o provimento para poder passar a vida. E ainda que muitos remissos, vagabundos, e pirguicosos o attribuem á fortuna, e os Antigos fabulárao com este nome de Fortuna, e lhe levantárao estatuas, e templos; com tudo he abuso dizer que ha má, ou boa fortuna: e só devemos considerar que Deos dá a huns por sua divina providencia, e tira aos outros por seus justos decretos.

As sortes, diz Salomão, não dependem da mão do homem, que as tira; senão da vontade de Deos, que as governa. E melhor está a qualquer Christão conformar-se com sua santa vontade; fazendo po-
rèm

rêm da sua parte acçoens prudentes por trabalhar: porque tambem he peccado o ser negligente , principalmente nas cousas espirituaes. Porque diz Santo Thomáz , que he virtude ser diligente ; e que esta se requer em todas as virtudes. E quando nam succeda nos bens temporaes o que queremos , e pedimos ; entendamos que he para nosso bem , por vias que nam alcançamos : porque Deos nam só faz mercê , quando dá ; senão tambem quando nega. O melhor despacho na vontade dos homens, he: Como pede: no tribunal de Deos muitas vezes he melhor, quando nam ha que deferir. Porque Deos tambem concede muitas vezes por peccados , e nega por merecimentos.

Isto se vê em muitos lugares da Sagrada Escri-tura, e ainda por experiencia o estamos vendo: e neste caso, e em todos os mais, nos devemos sempre resignar muito na vontade de Deos. Donde aquelle celebre Lavrador, perguntando-se-lhe porque razam seus campos , e lavouras davam sempre mais abundantes fructos , que os dos seus vizinhos ? respondeo : Eu nunca quero outro tempo , senão o que Deos quer : como quero o que Deos quer ; dá-me Deos os fructos, como eu quero.

E desta forte costuma esta santa virtude da Pobreza servir de medianeira para com Deos , vendo que nos accõmodamos com a sua santa vontade: e assim nos dá Deos paz , e faude neste mundo , com os bens q̃ vê nos são necessarios: e depois vendo a nossa paciencia , e resignação , nos dá os bens da gloria. E tambem nos castiga , per ver a pobreza pinguicosa, calaceira , e vagabunda , por não querermos trabalhar. Porque diz S. Paulo: Quem não trabalha , nam come. (2. *ad Thes.* cap. 3. v. 10.) Por esta razão se

ordenou em Castella, no tempo de El Rey Filippe II. baixasse hum Decreto, ou Pragmatica em Madrid em dezeseis de Janeiro de 1597., no qual se constituo a fórma de como se havia de permittir aos pobres mendigos pedir pelas Villas, e Cidades; para excluir a muitos, que viciosamente se occupão neste exercicio de tirar a ração, e esmóla aos que por doentes a merecem, e por recolhidos padecem, por não poderem andar pedindo pelas portas.

Por esta causa se tem observado em muitos Reinos, e Provincias do mundo, para se evitarem muitos, que se fazem mendigos, e folgazões a fim de não trabalharem, obrigá-los a estar em varias occupaçoens, por bem da Republica: e aquelles, a quem incumbe o cargo de Juizes Ecclesiasticos, e Seculares, por serviço de Deos, e bem commum, acodem a fazer exame, para que nenhum ande ocioso, tendo saúde, e forças para trabalhar, nem viva com máo exemplo, e escandalo, roubando com enganos, e vicios a esmóla dos verdadeiros pobres. Funda-se esta razam na geral queixa, que frequentemente se ouve em varias partes, dos muitos, que pelo costume, e calaçaria de pedir, deixaõ de trabalhar podendo. Porque lá diz aquella sentença:

Atalhar a que não peça
Quem mendiga com malicia,
He administrar justiça.

Declaro porèm, e digo, que não he meu intento neste discurso encontrar, nem dissuadir que se dem esmólas aos verdadeiros pobres; porque não seria acerto intrometter-se alguem (excepto aquelles, a quem incumbe) em examinar aos pobres, que

Ihe pedirem esmóla : mas antes cada hum entenda, que he justo dá-la a quem a pedir pelo amor de Deos. Porque se souberem os homens o quanto obraõ pelo bem, que fazem de dar esmólas, não só as dariaõ aos que lhas pedem em suas casas ; mas tambem andariaõ buscando pelas ruas a quem as dar, para terem este grande merecimento.

Diz S. Basilio em huma Homilia: Se tiveres dous pães, e chegar hum pobre á tua porta, toma hum, e dá-lho pelo amor de Deos; e levanta as mãos para o Ceo, e dize estas palavras : Senhor, este pão dou por vosso amor, com perigo meu: mas eu estimo em mais vosso mandamento, que meu proveito ; e deste pouco que tenho, dou hum pão ao que o ha miser.

Varios, e infinitos são os bens, que resultão aos que costumão fazer esmólas, e obras de misericordia: como tambem muitas são as promessas, com que Deos se obriga a remunerar a quem faz obras de caridade aos pobres. Porque, sendo seus attributos iguaes, faz alarde de sua misericordia. Elle mesmo diz por S. Lucas: Sede misericordiosos, assim como vosso Pay he misericordioso. (*Luc. cap. 6.v. 36.*) E tambem promette por S. Mattheus: Bemaventurados os misericordiosos; porque elles alcançarão misericordia. (*Matth. cap. 5.v. 7.*) E á vista de tão grandes favores, e promessas, não haverá quem confiadamente não dê hum, para cobrar hum cento: porque este mesmo Senhor promette dar cento por hum.

Estes são os verdadeiros bens, que póde cada hum levar consigo; porque passaõ com a alma á outra vida, onde ainda os Monarchas, e Principes do mundo se achão sóz, e desamparados de toda a companhia;

panhia; e só se achão com as suas obras boas. Aos quaes aconselharia eu, que dessem parte das suas fazendas á sua alma, e nam toda ao seu corpo, e a seus filhos, que logo os deixarão, e se não lembrarão delles jamais: e que se houvessem de gastar cada dia comfigo vinte, gastem quatro com as suas almas. Porque, se o guardarem na terra, poderá ter descaminho: e se o repartirem com os pobres, o entesourarão no Ceo, onde o terão bem guardado. Loucura he muy grande (diz S. João Chrysostomo) deixar teus bens em lugar, donde has de fahir; podendo levá-los para onde sempre has de viver. Faze esmólas aos pobres, que te passarão a tua fazenda para as Indias dos Ceos. Não me lembro (diz S. Jeronymo escrevendo a Neoposiano) haver lido que morresse de má morte, o que de boa vontade se exercitava em obras de misericordia: porque tem estes taes muitos, que intercedão, e roguem a Deos por elles; nem he possivel que não sejam ouvidos. Por esta razão devem os ricos ser muy caritativos, e compassivos para com os pobres: e quando lhes não dem esmóla, ao menos lhes não devem dar más respostas, com que os fação ir desconfolados; para não offenderem a Deos, que tanto se paga das obras de caridade feitas aos pobres.

A este respeito vos quero contar o que me succedeo com hum pobre mendigo, que se estava queixando de huma desabrida resposta, que lhe dera hum rico por lhe pedir huma esmóla; e por esta causa estava muy triste, e affligido. Vendo-o eu naquelle estado, lhe disse: Pedi confiadamente, Irmao pobre, e não vos envergonheis de pedir aquillo, que se vos deve: porque mayor razão tem o rico para se envergonhar de vós negar a esmóla, do que vós em lha pedir; pois vos nega aquillo que Deos lhe deo, ou em-
prestou

prestou para repartir com vosco. E se elle vos disser que lhe tem custado muito ganhar, e adquirir o que possue; dizey-lhe, que muito mais custou a Christo nosso Senhor o remir-nos, para nos dar o Ceo de graça. E se vos parece encarecimento este meu dizer; reparay, quando vos responde hum rico á vossa petição, dizer-vos que lhe perdoeis pelo amor de Deos: e desta resposta tiray a inferencia, e vereis que quem pede perdaõ mostra-se em parte devedor a seu crédor, e de alguma sorte se considera obrigado. Tudo isto lhe disse eu, porque o vi triste, e desconsolado da má resposta, que lhe havia dado aquelle rico avarento. Porque havemos de suppor, que o pobre representa a Pessoa de Christo Senhor nosso; como se tem visto, e consta de varios prodigios, em que nos quiz mostrar Deos o quanto se paga de nos ver esmoleres para com os pobres.

E he tanto divida o dar esmóla ao necessitado; que ainda no estado Ecclesiastico, quem come renda da Igreja, está obrigado a soccorrer aos pobres. A isto me disse o Ancião: Bem aviados estão alguns Parochos, que eu conheço, que nem ao pensamento lhes vem o darem esmólas aos pobres, na consideração de que muito fazem em lhes darem o pasto espiritual. Nesse particular, Senhor, (lhe disse eu) me não metto a aconselhar; porque no dia do Juizo se verá o premio, que a todos ha de dar o rectissimo Juiz conforme seu merecimento: elles tem Livros, e são doutos, saberão a razão dessa razão. (Se he q̃ ha algum, que deixe de o fazer: porque ainda assim eu me não persuado que deixem de observar a obrigação do seu estado.)

Ja que estamos em materia de caridade, tomáramos saber (me disse o Ancião) se o emprestar a quem tem
neces-

necessidade, he tambem obra de caridade, e meritoria? Respondo: (lhe disse eu) E com huma circumstancia, que póde ser o emprestimo em tal occasião, e a pessoa que esteja em tanta necessidade, que tenha o mesmo, merecimento, (se não for mayor) que a propria esmóla. E se não, vede. A esmóla, ja sabeis que se faz pelo amor de Deos ao proximo, e que podeis dar o que quizeres. Porém, quando fazeis o emprestimo, dais, e emprestais pelo amor do proximo mais do que quereis. Porque aqui se entende o preceito da Ley de Deos, quando nos obriga a amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos. Este, quando vos pede emprestado, o faz com grande necessidade: e quem acode ao seu proximo em grãde necessidade, tambem ama a Deos, e obra caritativamente; e de tal sorte, que não só dá o que quer, senão muito mais; porque dá o que se lhe pede. E se á esmóla repugna a natureza dar voluntariamente do que tem; esta obra do emprestimo faz mayor força, por dar, ou emprestar mais do que quer. E assim, que tanto tem de mayor repugnancia, quanto cresce mais o merecimento. Porque verdadeiramente, tomado em rigor, quem pede emprestado, he porque não tem valor para pedir, sem tornar a restituir a importancia do que pedio; e muitas vezes com mayor necessidade que o pobre mendigo. E por isso diz Santo Agostinho, no seu Tratado da Misericordia de Deos, que bom he dar esmóla a quem a pede; mas dá-la a quem a não pede, he melhor: porque não he perfeita a caridade, que a poder de rogos se alcança. E nestas palavras nos está insinuando o Santo, que quem pede emprestado, não pede esmóla; porém sim té grãde necessidade. E como o bem, e fructo da esmóla assenta no soccorro da necessidade

cessidade : logo dando-se a quem pede emprestado com necessidade , tambem se faz grande obra de caridade , constando ser precisa , e necessaria.

Tendes definido o vosso discurso , (me disse o Ancião) e provado o vosso conceito com authoridade de Santo Agostinho , que se não póde duvidar. E assim podeis continuar o mais , que vos resta acerca do vosso intento.

O mayor encarecimento (lhe disse eu) das obras de misericordia , e do singular merecimento diante de Deos , para os que dão esmóla aos pobres ; he , que no dia do Juizo , calando-se todas as mais virtudes , só pelas obras de misericordia seremos sentenciados: os que as observáraõ , com o premio da gloria ; e castigados os miseros com a pena eterna do inferno. Finalmente , só por nam ouvirmos contra nós aquella formidavel , e horrenda sentença , que ha de dar no dia do Juizo aquelle rectissimo Juiz Jesu Christo Senhor nosso , tão irrevogavel , como merecida , dizendo : Ide malditos , e desaventurados ao fogo eterno ; porque tive fome , e não me déstes de comer : tive sede , e não me déstes de beber ; deviamos ser caritativos. E desta sorte me parece que tenho satisfeito á pergunta , que me fizestes acerca de ser a Pobreza de todos louvada , e de muitos aborrecida. Perdoay-me , se não tenho dado a soluçãõ á vossa proposiçãõ , tam coherente , como dezejaveis.

Senhor , (me disse o Ancião) nunca me enganey com vosco , desde que vos ouvi referir os progressos da vossa peregrinaçãõ. De tal sorte me tendes satisfeito , que permitta Deos que sirvaõ a todos os que vos ouvirem de regra , e norma , para poderem observar vossos documentos ; por estes serem fundados em tão solidas verdades , que não poderá haver nellas duvida,

vida, nem a minima discrepância. O que vos peço agora, he, que continueis a narração de vossa historia: porèm assentemos que vos nam haveis de offender, se vos perguntar alguma cousa, aindaque seja cortando os fios de vossa narração. Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que seja a pergunta filha da ignorancia; nunca poderey suppor esta em vós, além do muito que vou colhendo de vossos reparos, e discreta conversação.

C A P I T U L O V.

Dá principio o Peregrino á Relação da sua jornada para as Minas do Ouro: trata das excellencias da Missa: e manifesta algumas virtudes do Veneravel Arcebispo da Bahia D. Fr. Manoel da Resurreição, por estar sepultado na Igreja de Belem, onde o Peregrino então se achava.

COm effeito me embarquey, e chegando ao porto da Villa da Cachoeira, ja quando as sombras da noite embargavaõ a luz do dia; por não ter conhecimento em terra, me deixey ficar na embarcação. E antes que de todo o Sol com seus rutilantes rayos usurpasse o verdor das plantas, e adustasse a terra com seu calor; me puz a caminho, seguindo minha derrota, sem mais comboy, que hum cajado, alforjes, e humã cabaça de agoa. E depois de ter passado a Villa, sem que seus habitadores me dessem os alegres dias, comecey a ir descobrindo copados arvoredos, fragrantés flores, espaçoso prado, todo coberto de fino argento, em fórma de perolas,

com

com que a rica Aurora sem dispendio o enriquecia, para lhe communicar a vida no fresco orvalho, em que se convertia. E logo começáraõ os passarinhos a festejar a alegre manhã, com taõ sonora harmonia, e canto de suas vozes, que podiaõ competir com o melhor contraponto que a arte póde inventar.

R O M A N C E.

LA' cantava o Sabiá,
Hum recitado de amor
Em doce metro sonoro,
Que ás mais aves despertou.

A este tempo se ouvia
N'um raminho o Curió,
Com sonora melodia,
E com requebros na voz.

O Mazombinho Canario,
Realengo em sua cor,
Deo taes passos de garganta,
Que a todos os admirou.

O' encontro lhe sahio,
Passarinho Bom cantor,
De ramo em ramo saltando,
Só por ver sahir o Sol.

De picado o Sanhaçu,
Taõ alto soltou a voz,
Que cantando a compasso,
Compasso não levantou.

A encarnada Tapiranga
Quando mais bem se explicou,
Foy por numeros da Solfa,
Com mil requebros na voz.

A linda Guarinhataã,
Chochorriando, compôs
Hum solo bem afinado,
Que seu amor explicou.

O alegre passarinho,
Que se chama Papa-arroz,
Pelos seus metros canoros
Cantava, ut, re, mi, fa, sol.

A Carricinha cantando,
Tanto seu tiple afinou,
Que nas clausulas da Solfa
Se não vio cousa melhor.

E logo por effes ares
Remontado o Beijaflor,
Tocando hia nas azas
Com donaire hum bello som.

O valente Picapáo,
De hum páo fez o tambor,
E com o bico tocava
Alvorada ao mesmo Sol.

Despertando o Pitahuaã
Com impulsos de rigor,
Disse logo: Bem te vi,
Deste lugar em que estou.

O Fradinho do deserto,
Contemplativo, mostrou
Que tambem sabe cantar
Os louvores do Senhor.

O Curuginha cantando,
Parecia hum Roxinol;
E sempre tão entoado,
Que nunca desaffinou.

As Andorinhas no ar,
Com donayre, e com primor,
Fizeraõ hum lindo bayle,
Que feu amor inventou.

O lindo Cucurutado,
Com bella voz, se mostrou
Que era musico famoso
Do Real Coro do Sol.

- O pintado Pintafigo
Da Solfa Compositor,
Endechas fez, e hum Romance,
Que em pasmo a todos deixou.

As formosas Aracuaãs,
Sem temer ao caçador,
Em altas vozes cantavaõ
Cada qual com bello som.

Sahio de ponto a dançar
A Lavandeyra, e mostrou
Era tão destra na dança,
Que pés na terra não pôs.

A formosa Jurutí
No bico trouxe huma flor,
E com taõ custosa galla,
Que as tenções arrebatou.

Sahio de branco a Araponga
Com taõ galhardo primor,
Que foy alvo das mais aves,
Pela alvura que mostrou.

Vieraõ em bandos logo,
Cantando com bom primor,
Periquitos, Papagayos,
Tocanos, e mais Paos.

Nesta suave harmonia
Se divulgava huma voz
Pelos ares, que dizia:
Arára, Arára de amor.

Naõ fallo aqui das mais aves,
Nem dos Sahuins, e Guigós,
Que com bayles de alegria
Festejaõ ao Creador.

A este tempo, que ja seriaõ sette horas da manhã, avistey aquelle propiciatorio Templo do Seminario de Belem, taõ condigno de veneração: e pelo grande dezejo que levava de fazer nelle oração, e ouvir Missa, por reconhecer os grandes fructos, que resultaõ a quem a ouve; apressey os passos.

Detende agora os de vossa narraçaõ: (me disse o Anciaõ) e aindaque pareça cortar o fio da vossa historia;

toria; como seja a materia espirital, e tão necessaria, vos peço que me digais os bens, que resultão de ouvir Missa. E não vos faltará tempo para proseguir vossa narração, nem a mim para vos ouvir.

Senhor, (lhe disse eu) se bem foubra hum Christo o que lucra em assistir, e ouvir Missa todos os dias, deixaria os mayores negocios do mundo, por não faltar a tão grande bem espirital. Primeiramente, a Missa he a melhor cousa, e a mais sagrada, que Deos deixou na sua Igreja, por ser huma representação da Payxaõ, e morte de nosso Senhor Jesu Christo; para que, lembrando-nos do que por nós padeceo, nos seja esta repetida memoria hum despertador grande para amar a Deos, e servî-lo. He a cousa mais agradavel, e acceita a este Senhor, que quantas podemos fazer, e obrar, e os Anjos, e Santos, pelo que ouvireis.

Em quanto se está á Missa, e se offerece, he o tempo mais opportuno q̃ ha para a oração, e para se negociar com Deos, e pedir-lhe mercês em companhia de milhares de Anjos, que lhe assistem, ajudando-os; por ser a oração hum dos mayores remedios, que ha para destruir os vicios, chegarmo-nos a Deos, e grangear virtudes. Faz abater a soberba, deixar a avareza, refrear a luxuria, applacar a ira, esquecer da gula, diminuir a inveja: e finalmente de tibios, e pinguçosos, nos faz diligentes no serviço de Deos.

Mas tornando ao nosso intento: he tambem a Missa a melhor obra, e de mais proveito, que podemos offerecer pelas almas do Purgatorio: e não ha palavra, nem final, nem cerimonia nella, que nam tenha grandes significações, e mysterios. Diz S. Lourenço Justiniano, que agrada mais a Deos huma Mis-

sa, que os merecimentos dos Anjos, e Santos da terra. E S. Bernardo diz, que em huma Missa offerecemos muito mais a Deos, que se deramos tudo quanto temos aos pobres, e aindaque fomos senhores do universo, e deramos de esmóla todo o mundo, e suas rendas. E a razão he: porque neste Sacrificio offerecemos a Deos seu Filho; e este, e seus merecimentos excedem infinitamente a todos os bens da fortuna, e da graça: e nelle apresentamos ao Padre Eterno o mais, e o melhor que lhe podemos dar; e Sua Divina Magestade nos póde pedir.

Desde que sahimos de casa para ouvir Missa, (conforme o que diz Santo Agostinho) logo o nosso Anjo da guarda começa a contar os nossos passos, e a escrevê-los no livro das boas obras. E além das muitas, e grandes Indulgencias, que pelos Summos Pontífices se tem concedido, e applicado aos que ouvem Missa; os Papas Urbano IV., Martinho V., Sisto IV., e Eugenio IV. concederaõ duzentos annos de Indulgencias a quem devotamente ouve huma Missa, ou a diz, ou dá esmóla para ella; como de suas Bullas consta.

Vede agora o que perde hum Christão por hum breve tempo; que ainda este, segundo diz o rifaõ, assim como o dar esmóla não empobrece, o ouvir Missa não gasta tempo. E basta por todo o referido, o que diz Christo Senhor nosso por *S. Matthews* 6. 33. Buscay em primeiro lugar o Reyno de Deos, e em consequencia vos virão todas as cousas.

Finalmente neste sagrado Sacrificio da Missa se acha para os afflictos allivio, para os tristes consolação, para os attribulados remedio, para os cõbatidos soccorro, para os desconsolados esperança: e toda a mais paciencia, fortaleza, graça, por meio deste divino Sacri-

Sacrificio se alcança ; porque he fonte , luz , e mar de infinitas graças , e indulgencias para os vivos , e tambem para as almas do Purgatorio.

E desta sorte me parece, Senhor , que tenho satisfeito em parte ao que me pedistes ; deixando o muito, que se póde dizer deste alto Sacrificio : do qual supposto que graves Authores tenhaõ bem fallado, nunca cabalmente explicação , nem declaração suas grãdes excellencias. E como he mysterio de fé , que a olhos fechados se deve crer ; tambem cegos , e surdos d'elle participaõ , e podem gozar de seu fructo: e só quem o fez , e instituio , o entende , e póde perfeitamente declarar.

Posso com verdade certificar, (me disse o Anciaõ) que não sey qual sera o Christão , que , conhecendo essas verdades taõ certas , deixe de ser devoto de ouvir Missa todos os dias ; podendo. Agora vos peço continueis a vossa narração: porque tambem estou com desejos de que me digais as excellencias , e prodigios dessa Igreja do Seminario de Belem.

Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que cheguey a tempo, que se estava dando principio a huma Missa , a qual ouvi. E depois de fazer oração ao Santissimo Sacramento , me cheguey ao reclinatorio , onde vi o Menino Jesus , Maria Santissima , e S. Jozé : e com os olhos arrazados em lagrimas de puro gozo de ver aquelle Ceo cá na terra ; fallando com o Divino Infante , lhe disse :

Como, meu bello Menino ,
Nesse presépio deitado !
Sendo vós huma flor bella,
Como vindes buscar cravos ?

Tiritando estais de frio
Em hum incendio abrazado,
Unindo esses dous extremos
De ser divino, e humano.

Bem tomára, meu Amante,
Neste peito reclinar-vos;
Mas receyo que por frio
Vos não dê bom agazalho.

Porém agora conheço,
Meu divino Soberano,
Que do vosso amor foy traça,
Por me livrar do peccado.

Por isso agora, meu Deos,
Diante de vós prostrado
Vos venho pedir perdão,
Nas valias confiado.

Peço-vos, por vossa Mãe;
Pois conheço ser de agrado
A vossos santos ouvidos
O mimo de seus affagos:

E tambem por S. Jozé,
Aquelle bendito Santo,
Que logrou o privilegio
De vos assistir por Ayo:

Que me perdoeis, Senhor:
Para que deste lethargo
Me possa livrar da culpa,
Em que me vejo engolfado.

E olhando para a Senhora, lhe disse:

E Vós, Sagrada Senhora,
Amparo de peccadores,
Attendey a meus clamores,
Com que vos invoco agora.

Ajuda peço, e soccorro,
Para me poder livrar
Do pelago deste mar,
Onde ja me affogo, e morro.

Pois sois rutilante Sol
Para os tristes navegantes;
Sendo eu hum dos errantes,
Sede vós o meu farol.

E porque estais em lugar,
Que tendes a Deos presente;
Sendo vós Mãe tão clemente,
Perdaõ espero alcançar.

E como sey de certeza,
Que vós sois o nosso amparo;
Socorro peço, e reparo
A' minha grande tibieza.

Para que com clara luz
Possa melhor acertar,
E dos meus erros livrar
Para sempre. Amen Jesus.

E olhando para S. Jozé, lhe disse:

P Araninfo sagrado,
 Meu Saõ Joseph,
 Applicay os ouvidos
 A quem vos quer.

Naõ olheis meus peccados;
 Pois bem se vê,
 Que por isso o Infante
 Veyo a nascer.

Alcançay-me o perdaõ;
 Pois póde ser
 Que vos ouça quem póde
 Tudo, fazer.

Para que possa ir
 Ao Ceo a ver,
 Como vejo na terra,
 A todos tres.

E depois de ter feito estes breves soliloquios ao Menino Jesus, á Senhora, e a S. Joseph; pedi ao Sacristaõ, (que logo alli appareceo) que me mostrasse o lugar, onde estava sepultado aquelle Veneravel Prelado Arcebispo D. Fr. Manoel da Resurreiçaõ. Senhor, (me disse o Sacristaõ) que motivo vos persuade para querer ver o sepulchro desse Veneravel Prelado? Sabey (lhe disse eu) que a causa procede de o ter ainda hoje muy presente na lembrança, desde o tempo q̃ o vi em sua vida, e dos grandes fructos espirituaes, que obrou com sua santa doutrina, e bom exemplo, tanto na Cidade da Bahia, como quando foi de

de visita áquellas Villas do Sul ; mostrando ser bom Pastor, no zelo de bom Prelado, sem embargo de estar occupado em os mais honorificos cargos , e occupações de Arcebispo no espirital, e Governador no temporal por fallecimento do General Mathias da Cunha : tendo-se havido em todos elles sempre com grande prudencia no decidir , e resolução no executar, inteireza no advertir, madureza no reprehender , piedade no castigar : mostrando em tudo hum espirito adornado de virtudes , e grande generosidade de valor.

E ainda nestas occupações, como se informasse, e soubesse que havia passado muitos annos sem terem ido Prelados áquellas Villas ; se resolveo a ir visitá-las, reconhecendo quanto serviço faria a Deos em acudir ao bem das almas, por serem suas ovelhas, como tão cuidadoso Pastor , porque sumamente dezejava dar cumprimento a suas obrigações. E não reparando nos longes , e inconvenientes de viagens por mar ; nem no trabalho dos caminhos por terra, tão fragosos , como asperos, por desertos ; todas estas difficuldades venceo. E quando se lhe representavaõ por algumas pessoas , dizia : Com estes encargos tomei esta occupação de Prelado ; e não he bem os deixe agora por temor: porque hey de dar conta a Deos do que se me encarregou.

Com effeito partio por mar , e chegou á Villa dos Ilheos. E depois de a ter visitado com aquelle fervoroso espirito, se pôs a caminho : e chegando ao Rio das Contas , que são mais de vinte legoas , por longas prayas , e altas serranias ; fez tambem sua costumada doutrina ao povo , e fructo a Deos. E dahi se partio para a Villa do Camamú, que lhe ficava mais de quatorze legoas distante , por asperos campos , e rios

rios caudalosos: aonde esteve mais dias, pelo maior concurso da gente, e ter mais que fazer na sua visita, e Missão; porque nunca perdeu tempo, em que se não visse visitar, chrismar, prégar, e ainda confessar: sendo em tudo incansavel na Vinha do Senhor, como tão grande Operario, pela obrigação de seu dignissimo cargo de Arcebispo. Dalli passou á Villa de Boypéba, que dista doze legoas, embarcando parte da jornada por mar em canoas, e parte por terra; fazendo o mesmo fructo naquella Villa. Della se embarcou para a do Cayrú por hum dilatado rio, que tem mais de quatro legoas; na qual foy recebido com muy aprazivel gosto. Despedio-se della para a Força do Morro; e dahi se passou, por huma grande praya, que tem mais de nove legoas, á Villa de Jaguaripe. E correndo muita parte das Freguezias, e Igrejas deste Reconcavo, caminhou tão apressado, como dezejoso de chegar a este Seminario; porque parece que corria, para chegar ao fim, que tanto appetecia. Isto posso eu certificar, por lhe ter ouvido dizer, que hia descansar a Belem. Como se por espirito profetico estivesse vaticinando o lugar, onde havia de ter o seu felicissimo transito.

E não será bem que eu passe agora em silencio, ou deixe de publicar o muito, que lhe fizeraõ os habitadores daquellas Villas, e Lugares, em demonstrações do agradecimêto pelo que haviaõ recebido, e experimentado daquelle Prelado tão pio, como liberal; pois nunca lhes quiz acceitar dadivas, nem offertas pelos chrismar, prégar, e administrar todos os mais Sacramentos. Por esta razão todos aquelles moradores, com discreta emulação, e agradavel cortejo, se lhe hiaõ offerecer para o acompanharem

rem: do que o Prelado se mostrou muy agradecido; e lhe custava muito dissuadi-los, para que não tivessem aquella molestia: sendo em muitos frustrada esta diligencia; porque nem por isso deixavaõ de o seguir, acompanhando-o nos desertos, pelo perigo do Gentio barbaro, Onças ferozes, e varios animaes peçonhentos, como alguns o tem experimentado naquelles caminhos por solitarios. Mandou-se-lhe fazer cazas em alguns Lugares mais desabridos, providas de todo o necessario, e com regálos; para em parte lhe suavizarem a molestia de seus longes, para que pudesse descansar, porque não experimentasse aquelle Serafim humano a menor falta naquelles corações abrazados de amor: e supposto que em alguns faltassem os cabedaes, visse que lhes sobrava a vontade de muito mais obrarem pelo servir.

Quando se partia este Prelado daquellas Villas, e Lugares, não se ouvia outra cousa, senão lagrimas, suspiros, e ays, pelas portas, e janellas daquellas devotas, e faudozas mulheres; dizendo: Ja se vay o nosso Pay, que de tão longe nos veyo ver, e chrismar. Os escravos, não havia quem os acalentasse, com faudozas lagrimas, e alaridos em som de amor, pelo muito que este zeloso Prelado tinha advertido a seus senhores o como os deviaõ de tratar. Os meninos diziaõ pelas ruas: Ja se vay o Arcebispo Santo; pelas grandes demonstraçoens, que viam de sua conhecida virtude. Deixo de vos referir os mais prodigios, e relevantes obras deste Veneravel Prelado, tanto de reforma de vidas, como de emenda de máos costumes, que fez naquelles póvos em serviço de Deos: como vou de caminho, me nam posso dilatar.

Muito me tendes edificado, me disse o Sacristão, na relação que me fizestes deste Prelado: e agora vejo, que com grande razão me pedis que vos mostre onde está sepultado. E logo foy cômigo á Capella mór, e nella me mostrou huma sepultura com huma campa de pedra, na qual me certificou estar o corpo deste Prelado ainda incorrupto. Porque nos quer Deos mostrar, que não tem a terra jurisdição para o desfazer; pois tanto se mortificou em o servir. E para desaffogo da minha saudade, lhe repeti este

S O N E T O.

OH Principe, que fostes hum Atlante
Em o vosso Governo Arcebispal;
Pois com zelo devido tão fatal
Vos mostrastes de Deos muy fino amante!
E assim não perdestes hum instante
Na observancia do bem espirital;
E mostrando hum affecto cordial,
Sempre fostes na Fé muito constante.
Foy o fim, que tivestes, muy ditoso,
Por buscares jazigo em tal lugar;
Pois morrendo vivestes glorioso.
Beneficio tão grande, e singular,
Que por feres de Deos ja tão mimoso,
Tantas glorias viestes, alcançar.

Senhor, me disse o Sacristão, muito folguey de vos ouvir recitar o Soneto em louvor deste Veneravel Prelado. E porque me pareceis fer homem de larga noticia desta terra, vos peço que me digais, quantos Bispos, e Arcebispos tem havido neste Arcebispado, depois que se descobrio o Brasil. Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que segundo hum quaderno manuscrito, que achey em casa de hum homem digno de todo o credito, e muy curiofo de fazer lembrança de algumas antiguidades; estava nelle o assento seguinte.

CAPITULO VI.

Do Catalogo dos Bispos, e Arcebispos da Cidade da Bahia, desde o principio de sua fundação. E se mostraõ algumas excellencias do Muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmaõ, Religioso da Sagrada Companhia de Jesus, Fundador do Seminario de Belem.

BISPOS.

1 **D**Om Pedro Fernandez Sardinha, Clerigo: ao qual matou o Gentio barbaro, indo por terra para Pernambuco, em o Rio de S. Miguel; depois de ter dado á costa nos Baixos de D. Rodrigo, navegando da Bahia para Lisboa, em companhia de Antonio Cardoso de Barros primeiro Provedor deste Estado: no anno de 1556.

- 2 D. Pedro Leytao , Clerigo : o qual foy sepultado na Santa Sé; e passados alguns annos , se trasladárao os ossos para Portugal. O anno , e dia de sua morte he incerto.
- 3 D. Antonio Barreyros , Clerigo : que falleceo no anno de 1600. Está enterrado na Igreja Velha do Collegio de Jesus , na Capella mór.
- 4 D. Constantino Barradas , Clerigo : que falleceo no anno de 1618. Está sepultado na Capella mór de S. Francisco desta Cidade.
- 5 D. Marcos Teixeira, Clerigo : Falleceo em seis de Outubro de 1624. no Arrayal , no tempo em que estava a Cidade tomada pelos Holandezes. Está sepultado na Capella de Nossa Senhora da Conceição , do Engenho da Cidade , em Itapagipe de cima.
- 6 D. Miguel Pereira , Clerigo : que falleceo no anno de 1630. em Lisboa , estando para se embarcar para este seu Bispado.
- 7 D. Pedro da Silva de S. Payo , Clerigo : que falleceo no anno de 1649., e foy sepultado na Sé, na Capella mór. Seus ossos foraõ levados para Lisboa no Galeão Santa Margarida , ao qual comeo o mar nas alturas das Ilhas , sem se salvar pessoa alguma; indo na companhia da Armada Real, de que era General o Conde de Vilapouca Antonio Tellez de Menezes.
- 8 D. Alvaro Soares de Castro , Clerigo : que falleceo

leceo em Lisboa antes de ter as Bullas, por Suas Santidades as não quererem conceder em vida do Senhor Rey D. João IV. em quanto duráraõ as guerras, que teve com Castella.

- 9 D. Estevaõ dos Santos, Religioso de S. Vicente de Fóra, dos Conegos Regrantes. Falleceo no anno de 1672. Está sepultado na Sé da Cidade da Bahia.
- 10 D. Constantino de S. Payo, Religioso de S. Bernardo. Falleceo em Lisboa, antes de lhe chegarem as Bullas de Roma.

A R C E B I S P O S.

- 1 **D**Om Gaspar Baratta de Mendonça, Clerigo. Falleceo em Lisboa, depois de sagrado, e ter mandado tomar posse deste Arcebispado, que foy governado por seu mandado alguns annos. Renunciou o Arcebispado, por se não achar com forças para passar o mar, por causa de achaques.
- 2 D. Fr. João da Madre de Deos, Religioso de S. Francisco da Cidade de Lisboa. Falleceo neste seu Arcebispado, no anno de 1686. e foy sepultado na Sé.
- 3 D. Fr. Manoel da Ressurreição, Religioso de S. Francisco do Convento de Varatojo. Falleceo no anno de 1691. Está sepultado na Capella Mór da Igreja do Seminario de Belem, dos Religiosos da Companhia de JESU da Cachoeira, onde falleceo vindo de visita das Villas do Sul.
- 4 D. João Francisco de Oliveira, Clerigo. Chegou a esta Cidade no anno de 1692. Governou este Arcebispado sette para oytos annos; e foy para Portugal a ser Bispo de Miranda, no de 1700.
- 5 D. Sebastião Monteiro de Vide, Clerigo. Chegou a este seu Arcebispado em vinte e nove de Mayo de 1702., vindo de ser Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. Falleceo no anno de 1724. adornado de virtudes, e merecimentos.
- 6 D. Luiz Alvares de Figueiredo, Clerigo, Provisor, Vigario Geral do Arcebispado de Braga, onde foy Bispo Coadjuutor do Arcebispo D. Rodrigo

drigo de Moura Telles. Foy feito Arcebispo desta Cidade no anno de 1725. aonde chegou no mesmo anno: o qual ainda vive, e existe; e lhe prospere Deos a vida para lhe fazer muitos serviços.

Senhor, (me disse o Sacristão) grande gosto me déstes com a relação, que fizestes tão individualmente desses Prelados, que tem havido neste Estado: e he sem duvida, que se não houvera algum curioso, que os tivesse escrito, ficariaõ no lethargo do esquecimento. E despedindo-se de mim o Sacristão, fiquey vendo, e observando o primor, e arte, com que está feito aquelle sagrado Templo, traçado, e fabricado por seu Fundador o Veneravel Padre Alexandre de Gusmaõ da Companhia de JESU: tanto pelas mediçoens, e regras da Geometria, como pelas conrespondencias do bem arrimado dos Altares, e Pulpitos: os quaes são feitos de luzida, e burnida tartaruga com frizos brancos de marfim, que bem pudera apostar vantajens com o mais perfeito embutido da Europa, e do mais luzido jaspe de Genova, e porfido de Italia. E está em tal proporção toda a Igreja, que em nada se lhe pôde pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar. Entrey na Sacristia, e vi o grande affeyo, e alinhho, que tudo me pareceo huma copa bem arrumada: devendo-se isto ao Veneravel Padre Alexandre de Gusmaõ.

E seja-me agora permittido, Senhor, (disse eu ao Ancião) fazer hũa breve digressão em louvor deste insigne Varaõ; porque reconheço nelle as prendas, de que o tem Deos ornado. Muita mercê me fareis: (me disse o Ancião) porque nisto me dareis grande gosto

gosto , pelo muito que tenho ouvido publicar de suas esclarecidas obras.

Pois sabey (lhe disse eu) que só o não faberá estimar , quem não conhecer suas virtudes. Porque he para todos liberal , verdadeiro , cortez , affavel , desinteressado , magnanimo , prudente , attento ás acções , no animo constante , sempre no semblante igual : sendo hum epilogo de todas as virtudes espirituaes , e moraes ; como publica o remontado eco , clarim sonoro de suas relevantes prendas , por todo mundo : ja pela grande fama de insigne Orador , ja por Mestre jubilado , e Escritor doutissimo : unindo-se a nobreza de seu preclaro nascimento com o perfeito estado de melhor Religioso.

E para mayor affombro , e pasmo do muito que tem feito , e obrado este perfeito Heróe no serviço de Deos; se considere, que consta da sagrada Escriitura, que dezejando David fazer hum Templo a Deos, para lhe dar culto , e veneração , o não pode conseguir em sua vida , sendo Rey tão mimoso de Deos: a qual obra recômendou por sua morte a seu filho Salomaõ , que lhe deo principio , e o acabou ; e por isso teve tão altos favores de Deos neste mundo , como se sabe. E que mais vos parece que obrou Salomaõ no Templo? Collocou a Arca do Testamento, figura de Maria Santissima , e dentro recolheu o Manná , que representava o Santissimo Sacramento. Porém este perfeito Heróe ainda fez mais: porque fez hum Templo para Deos, e nelle collocou a verdadeira Arca do Testamento Maria Santissima , e o Divinissimo Sacramento não em figura, como fez Salomaõ ; porém sim em realidade , como o cremos por fé. Porque, segundo o que diz Santo Agostinho , era aquelle Templo de Salomaõ huma lombra á vista do que

haviamos de ver agora: e por isso este mais glorioso que o de Salomão. Fez mais hum Seminario, para ensinar aos parvulos a palavra de Deos, e nelle recolheo Sacerdotes, figuras, e representação de Anjos.

Porém entra agora o meu reparo. Que fizesse hum Templo hum Rey tão poderoso, como Salomão; não me admiro: mas que hum pobre Religioso, ao mesmo tempo que o intentou fazer, o puzesse logo em execução, e o acabasse com tal perfeição, e primor da arte! Isto só se póde crer que o pudesse fazer, quẽ he tão favorecido de Deos, como o nosso Veneravel Heróe. E se não, vede se tenho razão, e se provo o meu pensamento com a presente comparação.

De Alexandre Magno, o mais esforçado Rey que houve no mundo, escreve o seu Chronista tão relevantes grandezas, que pasina o entendimento de quem as ouve repetir. E fazendo comparação com o presente Alexandre, se póde dizer com mayor razão, que o primeiro foy sombra á vista deste Gusmão. Porque se Alexandre Magno foy Rey em Macedonia; Alexandre de Gusmão foy Rey, ou Reytor da sagrada Religião da Companhia de JESUS. Se Alexandre Magno teve coroa, foy momentanea, e temporal: e Alexandre de Gusmão tem coroa imprefa na alma, e espera gozar outra na gloria para sempre. Se Alexandre Magno deo culto aos Idolos, e destruiu Cidades com soberba; Alexandre de Gusmão fez Templos consagrados a Deos, reformou Cidades, augmentou Provincias, com doutrina, e humildade. Se Alexandre Magno conquistou o mundo com homens soldados guerreiros, symbolo da soberba; Alexandre de Gusmão venceu o Ceo com Sacerdotes, e meninos, que representaõ Anjos pelo estado

tado da innocencia. E finalmente, se Alexandre Magno conquistou o mundo com soberba, e poder; Alexandre de Gusmão reformou o mundo com humildade, e saber.

Veja-se agora o quanto vay de hum Alexandre a outro: hum appetecendo glorias do mundo, como Pagaão; e outro sollicitando as glorias do Ceo, como Christão. E gozar, e lograr estes, e outros privilegios, todos desprezou, e renunciou, para habitar em hum Seminario pobre, sendo Mestre de meninos: imitando a hum Imperador Carlos V., que deixou hum Imperio pela Religião; e hum S. Francisco de Borja largando hũ Ducado por hum Cubiculo.

Finalmente, contento-me com dizer, que não cabe na limitada esfera de meu talento publicar os grandes louvores, que se devem a este Barrete; pois vejo que a Mitra de mayor supposição se dignou muito ficar depositada no archivo do seu Recolhimento, por reconhecer as suas grandes virtudes.

Senhor, (me disse o Ancião) verdadeiramente por este Varaão se póde dizer, que morrendo ha de viver na memoria de todos aquelles que lerem seus doutos livros, e souberem de seus feitos heroicos. Podeis continuar a vossa narração: porque basta que vos diga que estou muy satisfeito do que vos tenho ouvido deste insigne Varaão.

E depois de sahir da Igreja, (disse eu ao Ancião) pedi agazalho a hum morador daquellie territorio, que mo deo com muy grande vontade; e com effeito passey alli o resto do dia, e a noyte, por dar descanso ao corpo, e tregoas aos cuidados do desvélo, que tinha tido: e para acordar com tempo, desperterey quando apenas do vigilante embaixador do Sol vaticinava, que o dia se esperava a poucas horas. E

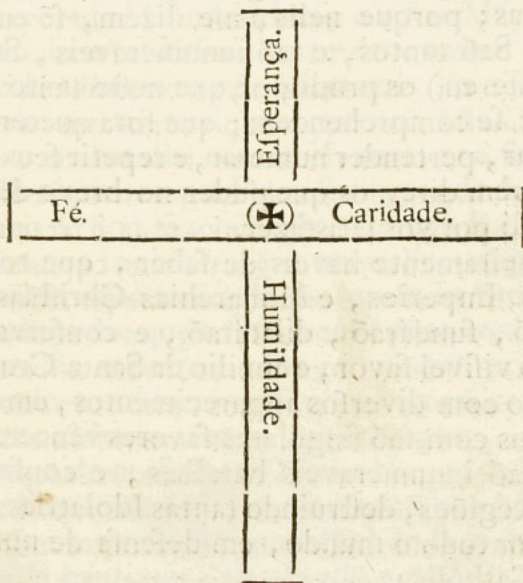
assim me despedi do dono da casa, representando-lhe os justos agradecimentos, com que me partia obrigado de seu tão gratulatorio agazalho.

CAPITULO VII.

*Chega o Peregrino a casa do primeiro Morador :
E trata dos louvores da Santa Cruz , com
muitos exemplos , e milagres , que no mun-
do se tem visto , comprovados com toda
a verdade.*

E Logo me puz de marcha : e caminhando parte daquelle dia, fuy encontrando com varias pessoas, de quem tomava os roteiros vocaes, para seguir com acerto a jornada que levava. A este tempo, porque o Sol ja me negava toda a frescura para poder andar, me vali de huma bem copada arvore, que em hum alto estava, para me poder defender de seus vibrantes rayos : e deste lugar estava descobrindo o eminente dos montes, o bayxo dos valles, e muita parte do espaçoso dos campos. Ja os escravos se retiravaõ do trabalho, pelo intenso do calor. Alli jantey : e porque me não temia dos ladrões, me dei-xey roubar do somno. E despertando vi que as arvores se estavaõ acenando hũas ás outras, dando senhas de alegria, por verem que ja a fresca viração chegava a defendê-las do ardente calor, com que o Sol as opprimia, sem se poderem mover do lugar em que estavaõ. E porque seriaõ passadas duas horas depois do meyo dia, me puz outra vez de caminho. Etendo andado largo espaço ; antes que fosse mais tarde, tratey de buscar pousada : e reparando

vi huma Fazenda, e nella huma alta Cruz. Cheguey, bradey, respondeo-me o dono da casa: e depois de nos saudarmos, me foy encaminhando para huma varanda, que lhe servia de alvergue de receber os hospedes. Porèm eu que vi o primor com que estava collocada a Santa Cruz em hum bem florido Calvario, com assentos altos de grossos madeiros; e nos quatro cantos, frescos lirios, fragrantés jasmíns, alegres cravos, cheirosas rozas, e em fim enlaçados arcos por maravilhas; rompi nestas palavras.



BEndito, e louvado seja Deos; pois vos vejo, e adoro, estandarte da gloria, instrumento da nossa Redempção, symbolo da Fé, chave do paraizo, divino arco Iris da paz entre Deos, e os homens, terror do Inferno, espanto dos Demonios, timbre dos Catholicos, esforço dos fracos, escudo

dos fortes justificados na graça de Deos: Cruz ben-
dita, sempre estimada, e de Deos prezada desde
o principio do mundo: no fim do qual haveis de
apparecer como estandarte Real nas mãos do ver-
dadeiro Deos, por insignia da justiça, para cas-
tigar os máos; e triumpho da gloria dos Bemaventu-
rados, servindo-lhes de guia, para irem gozar da
eterna Bemaventurança.

Muito me tendes edificado, Senhor, (me disse o
morador) com os louvores que tendes dito da San-
ta Cruz: peço-vos me digais algumas das suas ex-
cellencias; porque nella, me dizem, se encerraõ
muitas. São tantos, e tão innumeraveis, Senhor,
(lhe disse eu) os prodigios, que neste santo Lenho
da Cruz se comprehendem; que fora querer esgot-
tar o mar, pertender numerar, e repetir seus louvo-
res: porém direy os que puder no breve deste dis-
curso, só por vos satisfazer.

Primeiramente haveis de saber, que todos os
Reynos, Imperios, e Monarchias Christãas se res-
tauráraõ, fundáraõ, dilatáraõ, e conservaõ me-
diante o visível favor, e auxilio da Santa Cruz. Pro-
va-se isto com diversos apparecimentos, em que os
Christãos com tão singulares favores vencerãõ tan-
tas, e tão innumeraveis batalhas, e conseguiraõ
novas Regiões, destruindo tantas Idolatrias, e He-
resias por todo o mundo, em defensa de nossa Re-
ligião Catholica.

Seja o primeiro milagre o exemplo de quando ap-
pareceo a Santa Cruz, e nella Christo Senhor nosso
crucificado, ao nosso primeiro Rey D. Affonso Hen-
riquez, naquella milagrosa batalha no Campo de
Ourique contra os Mouros; que, por cousa tão sa-
bida, e authenticada, me escuso de referir.

A El Rey D. Pelayo em Castella, nas Asturias, estando para dar batalha contra os Mouros em hum alto monte: e peleijando o Infante só com mil homens contra os Mouros, que trazião duzentos mil Barbaros; lhe foy necessario fortificar-se com os Christãos em Santa Grutta de Cova Donga: e achandose ahi em o ultimo risco de suas vidas, lhes appareceo a divina Cruz, na qual tiverão ajuda, e favor de Deos, e vencerão a seus inimigos; como largamente refere o Author do Livro intitulado: *Hespanha Restaurada pela Cruz.*

Ao Imperador Constantino, e a sua Mãe Santa Helena coube a felicissima sorte de acharem o mesmo Santo Lenho, em que padeceo nosso Redemptor. E a este mesmo Imperador appareceo hũa Cruz no Ceo, indo em batalha contra Maxencio: e foy final da grande victoria, que Deos lhe havia de dar.

No anno de 800. fazendo guerra Hugo Rey Christianissimo dos Inglezes, que naquelle tempo erão Christãos: e valendo-se este do Apostolo Santo André, a quem pedio que o favorecesse para com Deos; appareceo-lhe o Santo, e lhe prometteo victoria, confirmando-o nesta promessa com hum Cruz, que lhe mostrou sobre o campo dos inimigos.

No tempo do nosso Rey D. João II., que descobrio o grande Reyno de Congo, succedeo que havendous Irmãos naquelle Reyno, filhos do Rey do Congo, hum se bautizou, abraçando a nossa ley, e se chamou D. Affonso, e começou a prégar a Fé de Christo; e o outro lhe fez guerra. Vendo o Catholico o grande poder do contrario, retirou-se a hum Castello, ou Fortaleza, com vinte Portuguezes. Pôz-lhe cerco o contrario, com vinte mil Pretos: e vendose apertado no cerco o Christão, lhe sahio com os
vinte

vinte Portuguezes, com tão destemido valor, como quem hia a morrer martyr pela Fé de Christo. Porém foy tal o favor, e ajuda de Deos, que os vinte venceraõ, e cativaraõ aos vinte mil contrarios. Depois da victoria, perguntou o vencido ao Irmão vencedor, onde estava a gente, com que o havia vencido? E mostrando-lhe este com o dedo os vinte; entaõ lhe disse o vencido, que de outra mão havia sido a victoria: affirmando-lhe, que contra o seu exercito viera outro com adornos resplandecentes, guiados de hum Cavalleyro, que levava huma Cruz branca.

Tambem appareceo no Ceo huma formosa Cruz vermelha, similhante á de Calatrava, naquella famosa batalha das Navas de Tolosa, no anno de 1212. Motivo, porque a tomou por timbre de suas Armas a familia dos Pereiras, como se vê no escudo, e Armas de D. Nuno Alvares Pereira; e outras muitas familias, que tambem na batalha se acháraõ; como se póde ver no livro intitulado *Nobiliarchia Portugueza* a fol. 314.

Conta Niceforo, que no anno quarto do Imperador Constantino, passando os Turcos os montes Caspios, entráraõ na Armenia, onde havia de muitos dias tão grande peste, que não escapava pessoa alguma: e persuadidos de alguns Christãos os Turcos se tosquiaraõ á maneira da Cruz, e cessou tão grande mal.

Com a Santa Cruz profetizou o Apostolo S. Thomé na India, na Cidade de Meliapôr, que naquelles remotos climas se havia de venerar este sagrado instrumento de nossa Redempção. Porque depois de ter arvorado huma Cruz, ao pé della mandou pôr hum letreiro, que dizia: Que quando o mar alli chegasse,

gasse, chegariaõ tambem de partes remotissimas do Occidente outros homens da sua cor, que prégariaõ da mesma Cruz, da mesma Fé, e do mesmo Christo, que elle prégava. E sendo distante do mar doze legoas o lugar, em que levantou a Cruz; tudo depois se vio cumprido.

O Eminentissimo Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça, Prelado dos mayores, e mais Illustres, que teve a Igreja de Toledo, e em vida, e morte deyxou admirado ao mundo; foy taõ devoto da Soberana Cruz, que em honra, e veneração della, fez obras excellentes, e cousas admiraveis. Fez em Toledo o Hospital da Santa Cruz, dos Meninos expostos: em Valhadolid o Collegio Mayor, com a invocação da Santa Cruz: em Roma reparou a Igreja da Santa Cruz: e em Jerusaleem fez o mesmo. Pagou-lhe Deos esta devoção: porque no dia de sua morte (que foy em hũa sexta feira dedicada á Cruz, e Payxaõ de Christo) se vio no ar sobre o seu Palacio Archiepiscopal em Guadalaxara hũa Cruz branca, até quarenta covados de largo. E contando-se este prodigio ao Santo Prelado, ja em o ultimo transito de sua vida; mandou que logo sem mais demora se celebrasse diante d'elle a Missa da Santa Cruz: acabando de a ouvir, deo a alma ao Creador. Traz este caso D. Christovaõ Louçano no seu Livro intitulado, *Los Reyes nuevos de Toledo*, pag. 52.

Naõ deixarey de repetir aquelle estupendo caso, que succedeo no Reyno de Castella, na Villa chamada da Caravaca. Tendo hũ Rey Mouro tomado posse da Villa por força das armas, e dominado aos seus habitantes; por burla, e mofa dos Christãos, disse a hum Sacerdote, que logo celebrasse Missa, porque queria ver as suas ceremonias. E depois de se lhe darem

darem todas as vestimentas , para poder celebrar ; disse o Sacerdote ao Rey Mouro , que lhe faltava hũa Cruz , sem a qual não podia celebrar. Instou o Rey , dizendo-lhe que celebrasse sem embargo de não ter Cruz. E logo pondo o Sacerdote os olhos no Ceo , immediatamente desceo hũa Cruz , que vulgarmente chamaõ de Caravaca , por ter succedido o milagre naquella Villa assim chamada.

Estranho caso he o que succede no Reyno de Galiza em hum porto chamado Mogia , e se vê visivelmente nas vazas das mares. Apparecem muitas Cruzes nas pedras, e tão perfeitas como se fossem nellas lavradas, de varias fórmãs, humas grandes, e outras pequenas, como escreve Francisco de Molina em verso por estas palavras.

NOtad una cosa bien nueva , y estraña ,
 Que en piedra muy dura la fuerça del agua
 Ballestas y Cruces nos pinta , y nos fragua ;
 Que quien no le viere , dirá que es patraña :
 Y allá en otras partes las pinta otro dia.
 No siento , quien sienta tal cosa en España.

E o mesmo Escriitor louva isto em proza, dizendo assim : Este caso he dos que digo não seraõ cridos ; porque pareceria fabuloso , se pela vista cada dia o não vissemos. E D. Joaõ de la Parrilla Duque diz o seguinte : Em hum porto , que se chama Mogia , em o qual quando cresce a maré , em hũas pedras , em hum areal que alli ha , ficaõ esculpidas em as mesmas pedras humas Cruzes tão perfeitas , como se á mão se lavrassem : e tambem humas béstas com suas chaves tam bem lavradas , como de tal Mestre , que alli as fez. As quaes béstas , e Cruzes , logo que a
 agoa

agoa vaza pela minguante, se vem alli visivelmente por todos: e depois no outro dia, tornando a vir a corrente as desfaz, e apparecem em outra parte daquelle porto, da maneira que havemos dito. He cousa tão admiravel, que se não fora tão certa, e tão vista dos olhos, não o escrevera aqui. São palavras do mesmo Author.

Não he menos de admirar o prodigio, que todos os annos está succedendo ao nosso Reyno de Portugal, na Villa de Barcellos, no dia da Invenção da Santa Cruz, no terreiro, ou campo junto da Igreja; quando apparecem milagrosamente aquellas Cruzes em fórma visivel sobre a terra: o qual, por tão sabido, me escuso de mais authorizar.

No livro da Vida de D. João de Castro se conta aquelle apparecimento da Cruz, a qual se traz pintada na pag. 58., onde se póde ver com toda a certeza, com que o escreve o Author do mesmo livro.

Admiraveis, e prodigiosos são os grandes finaes, com que nos tem mostrado Deos a veneração, que se deve ter á Santa Cruz; para que os Fieis Catholicos a venerem como remedio, e instrumento de nossa salvação. E assim não houve Imperador, nem Rey Christão, que não usasse da Santa Cruz, para conseguir as suas mayores empresas. E ainda agora se tem visto o quanto as Armas Imperiaes vencerão ao Turco, como se póde ver, e ler nas gazetas daquelle invicto Principe Eugenio: o qual não só esculpida nos estandartes, mas tambem em seu esforçado, e devoto peito traz hum a Cruz, e nella a Imagem de nosso divino Redemptor: e por isso sem duvida com tanto vencimento contra os inimigos da nossa Santa Fé Catholica.

Nestas dividas, e mercês, estão tambem os nossos
Reys

Reys de Portugal, e seus Vassallos a nosso Senhor JESU Christo, que tantas vezes os tem socorrido com o soberano final da Santa Cruz, com cujo patrocinio venceraõ, e desbarataraõ a seus inimigos, approvando, e exaltando a nossa Santa Fé.

A Vasco da Gama, que foy o primeiro que descobrio a India, succedeo o grande Affonso de Albuquerque no anno de 1500. E indo este pelo mar da Persia a dar principio ao descobrimento daquellas incultas Provincias, lhe appareceo no Ceo huma Cruz resplandecente, e gloriosa, antes que os Lusitanos passassem adiante, a tempo que elles se viaõ em grande aperto, e quasi perdidos: cujo sagrado resplendor adoraraõ todos de joelhos, derramando muitas lagrimas, de puro gozo, e devoçaõ.

Este apparecimento da Cruz no mar Persiano confirmaõ muitos, e muy publicos, e authenticos testemunhos, divulgando-se entaõ por attençaõ dos devotos Portuguezes, que affirmaraõ haver visto com seus olhos aquella celestial appareçaõ; como escreve Affonso de Albuquerque, filho menor do primeiro, de que acima fallámos; segundo o que lemos nos Commentarios Lusitanos, de que fazem mençaõ muy celebres Escritores, como Mafedo, Cocio, Freitas, e Ordoño de Zavallos.

Porèm muito mais claramente ao nosso intento Pedro Gregorio Tolosano, affirmando que os Reynos do Oriente, e Meyo dia descobertos pelos Lusitanos, se attribuem visivelmente ao patente auxilio da Cruz. A felicissima expedicaõ, (diz elle) que fizeraõ os Portuguezes em as Provincias da Ethiopia, á Cruz se deve: pois lhes appareceo huma manhaã, achando-se faltos de todo o consolo, e soccorro humano, determinados ja de tornarem-se ás
suas

suas casas, sem poderem conseguir o seu intento.

Não foy menos para venerada a Santa Cruz nesta Provincia do Brasil, quando pelo Capitão Pedro Alvares Cabral foy descoberto este Estado no anno de 1500. E assim, acompanhado de muitos Portuguezes faltaraõ em terra (á qual chamaraõ Porto Seguro ; por reconhecer alli o abrigo de seus mayores trabalhos, depois da grande derrota, e tempestades do mar) aos tres dias do mez de Mayo, como affirmão alguns: e logo arvorando o estandarte da fagrada Cruz em demonstração de grande alegria, se celebrou Missa, e houve Prêgação, não faltando salvas de artilheria da Armada ; e puzeraõ por nome a terra taõ formosa, Provincia da Santa Cruz : titulo, que depois converteo a cobiça, e os interesses do mundo em Provincia do Brasil, como vulgarmente hoje se chama. Este, e outros muitos prodigios são os deste Veneravel, e Santo Lenho, a quem se deve todo culto, e veneração. E basta que todos os Santos da Igreja deste santo final se ajudaraõ, e delle se valem, para lançarem fóra os Demonios, e fazerem outros milagres, como foraõ : S. Bento, Santo Antonio, e outros innumeraveis Santos, que se não pôdem repetir no breve deste discurso.

Finalmente, são tantos, e taõ grandes os bens, que resultaõ da veneração devida á Santa Cruz ; que a Missa, sendo taõ excellente Sacrificio, que Deos fez, (como ja tenho dito) se não pôde celebrar sem assistencia da Cruz. E os homens Catholicos, que de mais honrados, e esforçados se prezaõ ; o mayor brazaõ, e timbre, que pôdem ter, em remuneração dos seus serviços, he acceitarem por paga a Cruz de Christo nos peitos. Deixo o mais, que pudera repetir : porque, como são immensos os prodigios da Santa Cruz, não

naõ se pôdem dizer todos neste limitado discurso.

Admirado, e satisfeito estou, Senhor, (me disse o morador) de vos ouvir publicar as grandes excellencias da Santa Cruz. Porém só resta que me digais o como foy estimada por Deos desde o principio do mundo, como proferistes na vossa saudação, que lhe fizestes. Porque me parecia que antes que Christo nosso Redemptor padecesse a sua sagrada Payxaõ, e Morte, não tinha veneração a Cruz, por servir de patibulo, ou instrumento de castigar aos culpados, e condenados á morte, como hoje serve a forca: e que só depois que servio de instrumento para nossa Redempção, tivera o culto, e veneração, que lhe daõ os Catholicos Christãos.

Assim parece: (lhe disse eu) porém sabey que a Cruz, logo desde o principio do mundo, foy feita, e estimada de Deos no Ceo, e venerada na terra. Porque tanto que Deos creou o Ceo, logo lhe pôs huma Cruz, que vulgarmente chamaõ o Cruzeiro, feita, e composta de luzentes Estrellas; como visivelmente apparece, da Linha Equinoccial para o Sul, da parte do Oriente.

Foy tambem venerada a Cruz no mundo em todos os tempos: tanto na Ley da natureza, como na Ley escrita, e agora na Ley da graça pelos Christãos. Foy estimada, e venerada na Ley da natureza pelos Santos Patriarchas, quando com ella abençoavaõ a seus filhos, e faziaõ alguma cousa de mayor estimacão no serviço de Deos. Assim se vio figurado no cado, com que Jacob perseguido passou as agoas do Jordaõ. Tambem se representou nas mãos do mesmo Jacob trocadas sobre Efraim, e Manassés: onde escolhendo ao mais moço, retractou o Espirito Santo a nova eleição, que em virtude da Cruz de Christo se havia

havia de fazer da Gentilidade. Foy tambem representada a Cruz no páo, com que o Proféta Eliseu tirou do Jordão o ferro do machado, que nelle tinha cahido. Outra figura da Cruz foy o sacrificio de Isaac, pelo que depois se vio em Christo nosso Senhor no monte Calvario.

Na Ley Escrita foy venerada a Cruz na figura da Vara de Moysés, como o entendem, e dizem os Santos Padres. E o mesmo Moysés não escaparia de ser affogado no rio Nilo, quando nelle o lançaraõ seus pays, pelo livrarem de Faraó, e de seus edictos, se não fora dentro daquella cestinha de juncos, tecida, e feita de muitas cruces. A'lém de outras muitas figuras da Cruz, que nesse tempo se viraõ.

Na Ley da Graça, teve, e terá a Cruz estimação até o fim do mundo; por ser o instrumento da nossa Redempção, e pelas estupendas maravilhas, com que obrou Christo no seu amor para conosco, consummando tudo quanto os Profétas tinhaõ escrito, e dito dos seus milagres. O que tudo fez para remedio de nossa salvação, tomando a Cruz por instrumento de sua sagrada Paixaõ; pois della, como de cadeira, deo ao mundo tanta doutrina: della, como de altar, sacrificou sua sagrada Pessoa em satisfação das nossas culpas: della, como de baluarte fortissimo, pelejou contra os inimigos mortaes apoderados do mundo pelo peccado: e della finalmente aperfeioou tudo o que convinha para o nosso remedio. E daqui lhe veyo ao mesmo Christo aquelle nome, que (como diz o Apostolo) he sobre todos os nomes, e a elle se prostraõ, e ajoelhaõ os Anjos, os homens, e os demonios. (*Ad Philip. 2. 10.*)

Estas glorias, estas ditas lograõ sim os Fieis Chri-

stãos, de verem exaltada, e venerada a Cruz de Christo. Porém para os pertinazes Judeos, e os mais inimigos de nossa Santa Fé; em vez de gloria, lhes causa mayor pena verem, e ouvirem fallar na Cruz; e lhes ha de servir nas mãos de Deos de seu castigo.

E para os Demonios, e todo o Inferno, não pôde haver mayor terror, que ver a Cruz de Christo. Assim o publicão elles, e por larga experiencia o sabemos todos os Christãos. E isto se comprova com aquelle caso, que succedeo a hum Judeo; o qual, anoitecendo-lhe longe do povoado, se recolheo a hum templo derrubado de Idolos: aonde juntos os Demonios, como a fazer audiencia, ou resenha de seus successos, viraõ estar o Judeo, que com grande medo tinha feito o final da Cruz, benzendo-se. Mandou o mayoral aos outros, que vissem o que era aquillo. O Demonio, que chegou a reconhecê-lo, disse a grandes brados: Ay, ay, que este vaso está vazio; mas está bem sellado! Motivo, porque o deixaraõ; e dalli se converteo o Judeo, pelo que experimentou de ser livre pela Cruz. E que pouca devoção tem muitos Christãos á Santa Cruz, á qual deviaõ de prezar tanto, como arma, com que nos livra Deos de todos os perigos!

E para mayor intelligencia deste mysterio da Cruz, e suas excellencias: haveis de saber que tres foraõ as bençoens, que Deos fez, e obrou em forma de Cruz no principio do mundo. A primeira, foy a da natureza: a segunda, a da graça: e a terceira, ha de ser no fim do mundo, quando em corpo, e alma formos gozar da Bemaventurança. Todas tres nos mostrou Deos por figura, e realidade, na creação do primeiro homem Adam: quando o fez em forma de

de Cruz: depois quando lhe infundio a alma com os dotes da graça; e ultimamente quando em companhia de Eva os abençoou em figura de resurreição, em que haviaõ de resuscitar.

Estas bençoens se vem tambem lançar os Papas, Cardeaes, Bispos, e todas as mais pessoas constituidas em Dignidades Ecclesiasticas, no fim da Missa, e nas mais ceremonias da Igreja, quando abençoão ao povo Christão, invocando nella as Tres Pessoas da Santissima Trindade, que as formou, e dirigio para bem nosso. Na Vara, ou Insignia do Summo Pontifice se vem expressamente estas tres Cruzes symbolo do Summo poder daquelle supremo Ministro de Deos.

Esta insignia, ou estandarte da Cruz, se vê levar em todos os Arcebispos, e Bispos diante de si nos seus Bispados: e os Primazes por todo o Reino onde o saõ. E ainda muitas Religiões em acto de Comunidade, quando administraõ os Officios Divinos, a levaõ alçada; para nos mostrarem que com aquelle estandarte nos remio Christo Senhor nosso do cativoiro de nosso peccado. E por isso quem não ama a sagrada Cruz, praticamente nega a Fé.

Tem a Cruz quatro partes, em que se divide: e estas se mostrão na fórma em que a vistes pintada, e escrita no principio deste discurso. A primeira he a Fé, a segunda Esperança, a terceira Caridade, e a quarta Humildade. E para poder estar levantada, he necessario que fique a Humildade fixa em parte solida; porque se não poderá ver bem este estandarte, ou triunfo, se não se estribar nas bases da Humildade: e assim he certo, que ninguem póde acertar com o caminho do Ceo, sem levar por guia a Cruz. Esta foy a razão, porque disse Christo Bem nosso: Se

alguem quer vir apoz mim, tome a sua Cruz, e faga-me. (*Matth. 16. 24.*) Porque a Cruz he o principio, meyo, e fim efficaz da nossa salvaçaõ; por ter sido o principio de toda a formaçaõ do genero humano principiado em Adam.

Isso he o que eu tomára saber (me disse o morador) com mais distincçaõ. Pois ouvi, (lhe disse eu) que he necessaria muita attençaõ: e começarey pelo principio do mundo, e creaçãõ do primeiro homem.

C A P I T U L O VIII.

Conta o Peregrino ao morador, o como Adam, e Eva forão feitos por Deos: e o que lhes succedeo no Paraizo, até que forão desterrados delle por causa do peccado.

CReou Deos o Ceo, e a Terra, como consta da sagrada Escritura: e desta creaçãõ não trato aqui, por não estender este discurso; mas só tratarey da creaçãõ do primeiro homem, que foy Adaõ, o qual foy formado fóra do Paraizo no campo Damasceno pelas mãos de Deos. E querendo Deos dar-lhe principio, disse toda a Santissima Trindade: Façamos o homem á nossa imagem, e similhaça. E logo tomou daquella terra limosa, que estava na superficie: e daquelle embrion em fórma de Cruz (reparay, que aqui teve principio a Cruz) começou a delinear aquelle supremo Artifice ao nosso primeiro Pay, havendo-se entãõ Deos como hum Estatuario quando dá principio a huma estatua com os braços abertos: e depois de o aperfeiçoar, e consumir, ficou huma formosissima creatura. E assim feito Adaõ, logo Deos o compôs de quatro humores, da composiçaõ dos quatro Elementos, de que necessita a creatura

tura vivente, para se conservar, que foraõ: Terra, Agoa, Ar, e Fogo; dando a Terra a materia de que foy creado; a Agoa, para a composiçaõ da massa; o Ar, o refrigerio para respirar; o Fogo, para o calor natural.

Consummado assim finalmente o corpo de Adam, lhe inspirou Deos a alma racional. Vio-se Adam feito homem com taõ relevantes dotes da natureza, como foraõ: Sciencia infusa, livre alvedrio, memoria, entendimento, vontade, e outras differentes graças, de que estava adornado, e composto pelas mãos de Deos: e com hũa rectidaõ natural, que cha-maõ justiça original, com que naturalmente a alma racional obedecesse a Deos, e senhoreasse aos sentidos, e membros corporaes, e a todos os animaes. Aqui se pôs de joelhos Adam, reconhecendo a seu Creador o beneficio de sua creação, e das mais graças, de que o havia adornado. Deste acto se seguiu lançar-lhe Deos a benção em fórma de Cruz. E esta foy a segunda vez, que se vio a Cruz feita pelas mãos de Deos: huma, quando formou a Adam; e outra, quando lhe infundio a graça.

Seja-me agora concedido fazer aqui hum reparo, ou exclamação. Desta sorte sahio Adam feito das mãos de Deos: a mais bella, e perfeita creatura, que se vio. E como sahio Christo das mãos dos homens, quando o puzeraõ na Cruz? (Antes que o profiga, deixay-me enxugar as lagrimas, para poder referir este lastimoso caso) Foy hum retrato da morte: ferido, e taõ maltratado, como o vemos na Cruz. Vede agora o quanto vay das obras dos homens ás obras de Deos. Os homens afeando a mais perfeita belleza; pois nunca se vio, nem se ha de ver nascido no mundo outro homeni com tantas

perfeições, como foy JESU Christo. E Deos, de hũa vil materia, como foy limo, e barro, fez a Adam tão perfeita creatura. Vejaõ lá os homens o como fazem as suas obras, á vista das obras de Deos

Formado affim o homem no campo Damasceno, perto de Hebron; logo o passou o Senhor ao Paraizo de deleites, que era hum horto amenissimo, situado da parte do Oriente em o mais alto da terra, em cujo meyo estava a arvore da Vida, a da Sciencia do bem, e do mal, e outras varias arvores fructíferas, hervas, e flores cheirosas: e neste meyo nascia huma fonte, de que procediaõ quatro rios, Ganges, Nilo, Tigre, e Eufrates; os quaes regavaõ o mesmo Paraizo, e depois escondendo-se debaixo da terra, e tornando a fahir em outras partes, fertilizavaõ todo o mundo.

Estando Adam neste tão delicioso Paraizo, pôs em lingua Hebraica seus proprios nomes a todos os animaes, que foraõ trazidos á sua presença por mandado de Deos. E depois, para que não estivesse sem companhia, lhe deo Deos hum somno, ou extasi, e tirando-lhe huma costella do seu lado, estando dormindo, della formou huma mulher, que foy Eva; e a deo a Adam por companhia em Matrimonio, deitando-lhes a ambos a sua benção (e esta foy a terceira Cruz, que fez Deos na creação de Adam, e Eva, como vos tenho dito, e promettido mostrar) para que crescessem em successão, e multiplicação, e enchessem a terra, e dominassem, e governassem a todos os animaes, e se sustentassem a seu gosto, e vontade dos fructos della.

E só lhes mandou que se abstivessem de comer da arvore da Sciencia do bem, e do mal: com pena de morrerem, se comessem della. Porque não comendo

do daquella arvore, viveriaõ no Paraizo com toda a felicidade em perpetuo, e continuo contentamento de seus entendimentos, e saude de seus corpos; parte em virtude, e forças da rectidaõ original; e parte em sustento dos fructos das mais arvores, para alimento da vida: e no fim, sem morrerem, seriaõ trasladados vivos com toda a successaõ, e mudados ao Ceo, onde para sempre em eterna Bemaventurança gozassem de Deos em companhia dos Anjos.

Porèm Adam, constituido em todas estas honras, não guardou o preceito de Deos: porque comeo do fructo prohibido, que lhe deo Eva; á qual tinha dito o demonio, transformado em serpente, que comendo-o elles, seriaõ como deoses. Comeraõ finalmente ambos do fructo da arvore vedada, primeiro Eva, e depois Adam: e deste modo se fizeraõ a si, e a todos os seus descendentes sujeitos não só ao peccado, que he a morte da alma, mas tambem a varias calamidades, e enfermidades do corpo, e á morte corporal, e condemnação eterna: e por esta razão se chama este peccado de nossos primeiros Pays peccado original. Do qual nasceo, que viciada a rectidaõ original, sentindo-se, e conhecendo-se a mesma carne rebelde ao espirito, e tendo ja Adam, e Eva pejo de se verem nus, cobriraõ-se com folhas de figueira: e ouvindo a voz do Senhor, que passeava ao fresco do ar no Paraizo depois do meyo dia; envergonhados temeraõ, e se esconderaõ da face do Senhor. Porèm chamando-os Deos, vieraõ á sua Divina presença, (porque a Deos não ha quem se lhe esconda) e lhes deo o Senhor a sentença a cada hum, confórme a pena do seu peccado, ouvindo-os primeiro; e tambem a Serpente não ficou sem castigo. A' Serpente amaldiçoou, que andaria sempre arrastada,

stada, e se sustentaria da terra. A Eva, que teria dores no parto, e estaria sujeita ao varaõ. E a Adam, que comeria o paõ com o suor de seu rosto, cultivando a terra. E finalmente, á hora nona (isto he, ás tres depois do meyo dia) vestindo Deos á Adam, e Eva com tunicas de pelles de animaes, os desterrou daquelle lugar, e os levou a Judea junto a Hebron, cerrando-lhes as portas do Paraizo, e pondo diante d'elle hum Querubim com huma espada de fogo, para guardar o caminho da arvore da Vida.

C A P I T U L O IX.

Relata o Anciaõ ao Peregrino o principio de nossa Redempçaõ: e mostra como a Santissima Virgem MARIA foy preservada da culpa original, por especial favor, e graça de Deos.

MElhor não podieis dizer (me disse o Anciaõ) da creação do homem, nem explicar o seu principio. Porém agora vos quero declarar hum mysterio, que talvez ainda não tereis ouvido, por ser muy digno de ponderação, e de grande edificação para todo o Fiel Christaõ. Muita mercê me fareis, Senhor, (lhe disse eu) em mo dizer. Pois ouvi. (me disse o Anciaõ)

Sabey que ficando ainda entaõ Deos no Paraizo, se não arrependido de haver feito a Adam, (pois em Deos não se dá arrependimento, porque tudo tem presente) parece que considerando a pouca estabilidade, e grande fraqueza da natureza humana; appareceo alli a Soberba (por ser esta a raiz de todo o peccado, (1) e inimiga do homem) pomposamente vestida de escarlata, com hũa capa roçagante, e hum escudo, e nelle escrita hũa letra que dizia:

Sou

(1) initium
mnis
ecceati
st super-
ia. Ec-
1.10.15.

Sou a Soberba invejosa,
 Similhante ao Inferno :
 E por isso meus sequazes
 Padecem hum mal eterno.

(2)

Si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum.

1 Joan. 2. 1.

(3)

Ord. lib. 3. tit. 20.

(4)

Contra regulam text. in cap. 1. de caus. possess. & propriet.

(5)

In charitate perpetua dilexi te. Jerem. 31

(6)

Per viscera misericordiae Dei nostri. Luc. c. 7. 8.

(7)

Ab initio, & ante saecula creata sum. Eccl. 24. 14.

(8)

Ante omnem creaturam. Eccl. 24. 1.

(9)

Et humilia respicit in caelo, & in terra. Pl. 112. 6.

(10)

Dixit Dominus Dominus meo: sede a dextris meis &c. Pl. 109. 1.

E Fazendo huma grande genuflexão a Deos, rompeo nestas palavras: Senhor, venho da parte de Lucifer fazer-vos hum requerimento, como a tão recto Juiz, contra Adam, e sua defendencia. Aqui acudio o Verbo Divino, (2) dizendo ao Eterno Padre: Senhor, bem sabeis que temos determinado que haja ley entre os mortaes, por onde elles se governem: e que na ordem do Juizo são necessarias tres pessoas: Juiz, que julgue; Author, que accuse, e Reo, que se defenda. (3) Adam está ausente, vay indefeizo: (4) e por esta razão deve haver quem defenda a sua causa. E logo acudio o Espirito Santo dizendo: Venha a Piedade, que póde assistir em sua defeza. (5) E assim o mandou o Eterno Padre por seu Divino decreto, e grande misericordia. (6) Veyo logo huma formosa Donzella (7) vestida de azul celeste com manto de gloria, de tão excellente fôrma, que a todos satisfez sua presença, e formosura, por ser feita, e creada pela Omnipotencia de Deos, (8) e prostrada de joelhos muy humildemente se pôs abaixo do Throno da Santissima Trindade. (9) Disse então o Eterno Padre ao Divino Verbo, que se assentasse á sua mão direita, em quanto castigava a seus inimigos: (10) e á Soberba permittio que fizesse seu requerimento.

E continuando a Soberba, disse: Senhor, pec-

cou

(11)
In Inferno nulla est redemptio.

(12)
Emisit eum Dominus Deus de paradiso voluptatis, Gen. 3. 23.

(13)
In pulverem revertéris. Gen. 3. 19.

(14)
Convertimini ad me, & convertar ad vos. Zach. 1. 3.

(15)
Oculi Dei in diligentes se. Eccli. 34. 15.

(16)
Adjuvabit eum Deus mané diluculo. Pl. 45. 6.

(17)
Superbia ejus, & arrogantia ejus. plusquã fortitudo ejus. Isa. 16. 6.

(18)
Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terræ. Gen. 2. 7.

cou Luzbel, e pelo peccado foy condemnado elle, e todos os seus sequazes ao Inferno, por vóllo Divino Decreto, onde padece, e padecerá terribes tormentos por toda a eternidade. (11)

Agora vejo que peccou Adam contra Vossa Divina Magestade, e que foy condemnado a desterro (12) com pena de morte; (13) o qual ainda vive, e com esperanças de merecer perdaõ de sua culpa; (14) quando parece que não tem lugar, por sua grande desobediencia, e ingratitude, que commetteo contra Vossa Divina Magestade.

E olhando o Eterno Padre para a formosa Donzella, (15) lhe disse: E que respondeis por parte de Adam em sua desculpa? Senhor, (16) bem conheço, (disse a Piedade) que vos tem desobedecido Adam, e por essa causa, com justa razãõ, mereceo o castigo, e desterro, que lhe destes a elle, e a toda a sua descendencia. Porém, Senhor, Adam he de muy fragil metal: peccou por fraqueza, e não por soberba, ou malicia. E sendo assim, parece que não he o seu peccado da qualidade, e graveza do de Lucifer: porque sendo este de natureza Angelica, e com tão claro entendimento; arrojado da soberba, e da inveja, vos quiz negar a adoração, sendo Vós o que o creastes, e lhe destes o ser, e os mais dotes da graça, de que se vio adornado.

Acudio logo a Soberba muy arrogante, e presumida, (17) dizendo: Não livra essa razãõ a Adam, e a todos seus descendentes de ficarem sujeitos á pena eterna. Porque sendo Adam de natureza inferior, (18) por isso mesmo tinha razãõ de se mostrar mais agradecido a quem o fez, e adornou de tão relevantes dotes da graça, e da

natureza, de que se vio enriquecido. Demais, Senhor, que Vós o fizestes á vossa imagem, e sim-
 milhança, (19) beneficio tão grande, e singu-
 lar; e lhe destes mais a sciencia infusa, com a re-
 ctidão natural, e a promessa da gloria. E sendo
 assim, parece que mais obrigado estava Adam
 a observar os vossos preceitos: e quando não
 fosse mais, em igual paralê-lo com Lucifer. E se
 nenhuma destas razões basta para ser castigado
 Adam: elle peccou, e pelo peccado ficou simi-
 lhante aos brutos, (20) e servo do mesmo pec-
 cado: (21) e, como humilde creatura, não pô-
 de merecer perdão, nem satisfazer a culpa, que
 commetteo contra Vossa Divina Magestade, a
 qual por ser incomprehensivel, não a pôde com-
 preender o entendimento creado, e pela des-
 igualdade que vay da creatura ao Creador, fica
 Adam inhabil para o merecimento, e satisfação.
 Pela qual razão he digno de todo o castigo, e
 morte. (22) E olhando para a Piedade, lhe disse:
 E assim, que não podeis deixar de conceder a
 minha conclusão.

Aqui se lhe arrazáraõ os olhos em lagrimas á
 formosa Donzella, derramando liquidos cry-
 staes por entre encarnadas rosas, e olhando pa-
 ra o Divino Verbo. (23) A este tão enternecido
 acto acudio o Verbo Divino, dizendo: Senhor,
 eu me offereço (24) pelo genero humano a satis-
 fazer a culpa, que commetteo Adam contra
 Vossa Divina Magestade. E acceitando o Eter-
 no Padre a offerta, tambem a approvou o Espi-
 rito Santo, e se confirmou por toda a Santissima
 Trindade. (25)

Foy então lançada da presença de Deos a mal-
 dita

(19) Faciamus ho-
 minem ad i-
 maginem, &
 similitudinem
 nostram. Gen.
 1. 26.

(20) Comparatus est
 parentis infi-
 pientibus, &
 similis factus
 est illis. Psal.
 48. 13.

(21) Qui facit pec-
 catum, servus
 est peccati.
 Jean. 8. 34.

(22) Per peccatum
 mors. Rom. 5.
 12.

(23) Emitte ma-
 num tuam de
 alto, eripe me,
 & libera me
 de aquis mul-
 tis. Pl. 143. 7.

(24) Oblatus est,
 quia ipse vo-
 luit. Isai. 53. 7.

(25) Deliciæ meæ,
 esse cum filiis
 hominum.
 Prov. 8. 31.

(26)
Fecit poten-
tiam in bra-
chio suo, dil-
perfit super-
bos mente
cordis sui.

Luc. I. 51.

(27)
Tanquam leo
rugiens. 1. Pet.
5. 8.

(28)
Et ecce bestia
alia similis ur-
so in parte ste-
tit. Dan. 7. 5.

dita Soberba. (26) E achando-se ella taõ abati-
da, e envergonhada, por ver que se lhe naõ de-
ferio como intentava, nem poder entender o
mysterio da Incarnação do Divino Verbo para
nossa Redempção; enchendo-se de mayor raiva,
e inveja se precipitou arrojando-se; e desfazen-
do-se em golpes, com horrendos alaridos, (27)
se foy á presença de Lucifer. E esta foy a pri-
meira vez, que se viraõ, e ouviraõ no mundo re-
lampagos, e trovões, vomitados daquelles fero-
zes lobos do Inferno, ameaçando, e desejando
devorar ao genero humano. (28)

E logo se vio em alegres accentos a córos su-
bir da terra para os Ceos toda a Sãtissima Trinda-
de com repetida musica de Anjos, que cantavaõ:

Victoria, Victoria,
Cantem os Ceos;
Pois MARIA Sagrada
A' Soberba venceo.

Victoria, Victoria;
Pois o Verbo nos deo
Palavra de cobrar
O que Adam perdeo.

Victoria, Victoria;
Que Adam naõ morreo
Pelo horrendo bocado,
Que a mulher lhe deo.

Victoria, victoria,
Mortaes; pois venceo
MARIA o triunfo,
Que Eva perdeo. (29)

(29)
Ipsa conteret
caput tuum.
Gen. 3. 15.

E agora ficará mais claro , como a Virgem MARIA Senhora Nossa foy livre , e preservada de toda a culpa , e risco do peccado original , desde o primeiro instante de seu ser , por ter sido medianeira dos homens para com Deos desde o principio do mundo , depois que Eva , e Adão peccaraõ.

Senhor , (disse eu ao Ancião) não tenho a minima duvida de que a Senhora fosse , e seja livre de toda a culpa desde o primeiro instante de seu ser : porém só reparo nesse vosso dizer , que tambem foy livre de risco do peccado original. Respondo : (me disse o Ancião) e para que fiqueis no cabal conhecimento desta verdade , day-me attençaõ.

Peccou aquelle Povo de Israel no deserto , cahindo em atrozes , e abominaveis culpas , quando , esquecidos do verdadeiro Deos , lhe negáraõ a devida adoração : e vendo-se Deos taõ offendido de hum Povo , a quem tinha feito tantos beneficios , tratou logo de o castigar. E conhecendo Moysés a grande razaõ que Deos tinha , lhe supplicou huma , e muitas vezes , que perdoasse ao Povo , já com jejuns , já com muitas penitencias entre noite , e dia. E como Deos lhe não deferisse a esta supplica , lhe chegou a dizer Moysés : Senhor , ou haveis de perdoar ao Povo , ou me haveis de riscar do vosso Livro. E vendo-se Deos (ao nosso modo de dizer) posto em extremos , acabou com sua Divina justiça a usar de sua misericordia , perdoando antes ao Povo , que borrar , ou riscar a Moysés do seu Livro.

Que este Livro seja figura de MARIA Santissima , assim o entendem os Santos Padres. Livro , (parece que disse Deos) em que se ha de escrever a minha Palavra : *Verbum caro factum est*: Livro da geração de meu amado Filho: Livro finalmente da vida eter-

eterna: borraão, ou risco nelle? Isso não: perdoe-se a esse povo ingrato; que eu sou quem sou. E aqui tendes (concluio o Ancião) a prova real, por onde se mostra que não houve a menor mancha, ou risco na pureza de MARIA Santissima.

A muito, parece, se atreveo Moysés com Deos. (disse eu ao Ancião) Ao que elle me respondeo: Moysés, tinha-lhe Deos revelado todos os mysterios da Incarnação, Paixão, Morte, e Resurreição de seu Unigenito Filho: e sabia o como por meyo de MARIA Santissima havia de vir todo o bem da Redempção ao genero humano: e fiado nesta tão grande valia, por isso com hum respeito amoroso, em tom de submissão, e reverencia de servo, tomou este atrevimento.

Tenho entendido, e fico muy satisfeito (disse eu ao Ancião) com a prova que déstes tão genuina, com tanta clareza, e primor do vosso discurso, tão discreto, como douto. Porém só me fica huma duvida; e solta esta, não terey mais que duvidar. E vem a ser, que fallando Christo. Senhor nosso de S. João Bautista, disse, que entre todos os nascidos nenhum nasceo mayor que S. João Bautista Sendo certo, que tambem a Virgem Senhora nossa nasceo, e o mesmo Christo. Logo, se a Senhora nasceo, e o mesmo Christo; como entenderemos este texto?

Ora reparay nos termos com que fallou Christo, (me disse o Ancião) e entendereis o sentido do texto. Disse Christo: *Inter natos mulierum non surrexit maior Joanne Baptista.* (Matth. II. II.) Aquelle verbo: *surrexit*: quer dizer, levantou-se. O Bautista antes de ser santificado por Christo no ventre de Santa Isabel, estava cahido na culpa original; e só depois se levantou. MARIA Santissima, e Christo

Senhor nosso, nunca estiverão cahidos na culpa: e por esta razão não era necessario levantarem-se. E aqui tendes solta a duvida.

E assim podemos todos confessar, que MARIA Santissima, entre todos os filhos de Adam, foy isenta da culpa, e livre do risco do peccado, desde o primeiro instante de seu ser, sendo a excepção da natureza, o mimo da ventura, a fonte da graça, o remedio dos homens; porque a creou Deos, desde o primeiro instante de seu ser, destinada, e predestinada para ser Mãe sua. E por isso com muita razão disse, ou cantou aquelle discreto Poeta Portuguez:

S O N E T O.

NO Decreto mayor, que do eminente
Sacro Solio alcançou o Amor constante
A favor do Universo naufragante,
Que agonizava lastimosamente:

O Padre pôs a mão omnipotente,
A penna concedeo a Pomba amante,
Foy o Verbo a Palavra relevante,
E MARIA o papel foy mais decente.

Como, pois, sendo taes neste traslado
A mão, a penna, e a Palavra, havia
O papel deste assumpto ser manchado?

Oh pura sempre, oh singular MARIA!
Mal o borrão teria do peccado
O papel, em que o Verbo se escrevia.

Tão admirado, como satisfeito estou, Senhor,
(disse eu ao Anciao) de vos ter ouvido relação tão
pro-

prodigiosa; porque além das muitas lagrimas de gozo, que tenho derramado, me ficará por hum grande despertador, ter mais que agradecer a meu Senhor JESU Christo tão grande beneficio.

Bem he que conheçais, e todo o genero humano, (me disse o Ancião) o muito que se deve a Deos nosso Senhor pelo seu grande amor, e infinita piedade; com que se dignou vir ao mundo a tomar carne humana, para poder padecer pela culpa que commetteo Adam, sendo seu Redemptor, e Salvador, e de todo o genero humano: o que tudo tem satisfeito, e completado na sua Sacratissima Paixão, e Morte, e admiravel Resurreição. Podeis agora continuar o mais, que passastes com o morador Isto farey, Senhor, (lhe disse eu) por vos dar gosto; pois tanto vos estou obrigado: e agora com mais duplicada razão, pelo que me acabastes de explicar do principio de nossa Redempção.

C A P I T U L O X.

Manifesta o Peregrino ao morador, como somos creados á imagem, e similitão de Deos: como devemos fazer huma boa confissão: e quanto nos importa ter oração: com varios exemplos.

DEpois de me ter ouvido com grande attenção o morador, continuey eu dizendo-lhe: Sabey, Senhor, que tenho trazido todo este passo, e relação, para vos mostrar em como a Cruz logo desde o principio do mundo foy feita, e ordenada por Deos: e que ella servia, serve, e ha de servir de instrumento de todas as obras de seu mayor agrado: e já des-

desde entã por vaticinio de como havia de ser o meyo, e remedio de nossa Redempção.

Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) que melhor me não podieis explicar o que vos tenho perguntado. E como seja tarde, fazey-me favor de que nos recolhamos do sereno da noyte, e descanfareis do trabalho do caminho. Agradecido me mostrey: e obedecendo, logo nos recolhemos a huma varanda, na qual achamos a mesa posta. E depois de cearmos: como o morador fosse de bom entendimento, e fizesse de mim bom conceyto; me tornou a metter em conversa, dizendo-me: Senhor, perdoay-me, se eu for importuno; porque o dezejo de saber me faz tomar esta confiança. Como se me offerece huma duvida, tomára que ma explicasseis. E vêm a ser, que tenho ouvido que Deos, em quanto Deos, não tem fôrma humana: logo, que imagem, e similhaça he esta, que Deos deo ao homem, como dissestes, na formação de Adaõ? Respondo, (lhe disse eu) posto que a materia não seja da minha profissão. Porém como seja tam necessaria a explicação della; pelo que tenho ouvido, e lido, sujeytando-me á Fé, e aos preceytos da Santa Madre Igreja, com a devida reverencia, e submissão a Deos:

Digo, que supposta a grande desigualdade que ha entre o Creador, e a creatura; podemos considerar, que a similhaça, que tem o homem com Deos, he nas operaçoens da alma. Porque assim como Deos está em todo o mundo, e o enche com a grandeza de sua Essencia: assim a nossa alma está em todo o corpo, e o enche com o ser natural, que Deos lhe deo. Assim como Deos não póde ser inficionado, nem offendido com alguma cousa deste mundo: assim a nossa alma não póde ser cortada, nem quebrada com

as cousas corporaes. Assim como Deos vê todas as cousas, e não he visto com os olhos corporaes nesta vida: assim a nossa alma vê todas as cousas exteriores, e não póde ser vista dellas. Assim como Deos he vida verdadeira, e dá vida a todo o vivente: assim a nossa alma he vida do corpo, e dá vida a cada parte d'elle. Assim como o ser infinito de Deos, ainda crescendo, ou decrescendo as creaturas, nam he accrescentado, nem diminuido: assim a nossa alma, nem nos pequenos membros do corpo, nem nos mayores se faz mayor, nem menor. Assim como em Deos ha huma Essencia, e tres Pelloas: assim na nossa alma há huma substancia, e tres potencias. Assim como o Eterno Padre he Deos, o Filho he Deos, e o Espirito Santo he Deos: assim o Entendimento he alma, a Vontade he alma, e a Memoria he alma. Assim como Deos he hum só, e em todo o lugar, e todas as cousas vivifica, e governa: assim a nossa alma em todo o corpo, e toda em qualquer parte d'elle, está vivificando, movendo, e governando todas as partes do mesmo corpo. Assim como Deos he simplicissimo, e não composto de materia, nem forma: assim a nossa alma he simplicissima, e não composta de cousa corruptivel. Finalmente, nenhuma honra ha tão grande para o homem, como ser a sua alma creada á imagem, e similhaça de Deos, e ser ornada com os quatro dotes da gloria.

Senhor, (me disse o morador) antes que deis fim ao vosso discurso, tomára que me explicasseis quaes são esses dotes da gloria. Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que o primeiro he Claridade, o segundo Subtileza, o terceiro Impassibilidade, e o quarto Agilidade. Em quanto ao primeiro: bastante mostra nos deo Christo nosso Senhor deste dote, quando se transfigurou

figurou no monte Tabor; posto que os Discipulos lhe não viraõ mais que o rosto glorioso, e as vestiduras alvas como a neve, da luz que participáraõ de seu corpo, que todo estava banhado della. Esta cegava em Moyfes os olhos daquelle povo, a qual por ser taõ grande, o não podiaõ ver. Esta vio Santo Estevão nos Ceos abertos, nas horas de seu martyrio. Esta vio sem duvida a Santissima Virgem em seu Filho resuscitado. Esta vio S. Paulo, quando Christo lhe appareceo no caminho: e foraõ taõ grandes os rayos de sua luz, que cahio do cavallo, perdendo a vista. E muitas vezes nos ha mostrado Deos, ainda nos corpos defuntos, a quem ha concedido este grão tam superior. De Santa Margarida, filha de ElRey de Ungria, sahiraõ resplandores como do mesmo Ceo. Aquelle menino, a quem os Judeos tiráraõ a vida em odio de nosso Senhor JESU Christo, foy descoberto o lugar onde o haviaõ escondido, cõ tantas luzes, que por isso foy visto, e achado. E assim succedeo tambem a S. Pedro Bispo de Cappadocia com os Quarenta Martyres, que os inimigos de nossa Santa Fé haviaõ lançado no rio, para que não fossem achados dos Christãos; como foraõ vistos por Duarte Rey de Inglaterra. Sobre o corpo de ElRey Osualdo se vio huma columna milagrosa de claro resplendor, que chegava até ao Ceo.

O segundo dote, que chamaõ de Subtileza, ficarão com elle os corpos, e as almas taõ subtis, que nam haverá parede, ou corpo, (por grosso, ou denso que seja) que o não passem, ou traspassem, sem impedimento. E isto mesmo se vio em Christo, quando entrou no Cenaculo depois de resuscitado, sem que fosse necessario abrirem-lhe as portas os Discipulos, para entrar.

O terceiro dote, que he o da Impassibilidade, faz aos homens incapazes de padecer mudanças do tempo, nem enfermidades, nem outra alguma molestia: de tal maneira, que nem o fogo os poderá queimar, nem o frio offendê-los, nem ferê-los o cutello, nem fazer-lhes offensa coufa alguma.

O quarto dote, que he Agilidade, constitue aos homens tam ageis para o uso de todos os seus membros, que em hum instante passarão da terra ao Ceo, sem que haja pezo, que retarde sua ligeireza.

Isso tomára eu saber (me disse o morador) por alguns exemplos. Porque sendo tão longe da terra ao Ceo; como he possivel em hum instante subir huma alma a gozar da gloria, tendo merecimento para lá ir; e descer em hum instante ao Inferno huma alma em peccado mortal, estando o Inferno no centro da terra, e sendo esta tam grossa, de qualquer parte em que esteja, para ir a esse abyssmo? Por huma evidente comparação (lhe respondi eu) vos hey de mostrar isso, que vos parece tam difficultoso.

Haveis de saber que (segundo o que dizem os Mathematicos) dista o Sol da terra hum conto duzentas e treze mil e trezentas e trinta e tres legoas: cujo corpo tem hum milhaõ, e mais settenta e cinco mil seiscentas e oitenta legoas de grosso. E supposta esta distancia: ponde ao Sol, quando estiver reverberando o seu calor, hum vidro crystallino, e debaixo huma migalha de lãa, ou outra similhante coufa; e vereis, que em hum instante o calor do Sol passa, e traspassa o vidro, e queima a lãa, ou materia, que debaixo d'elle está. Assim tambem: como o amor he fogo, e sendo este divino, he mais activo, e vehemente; o mesmo he fahir huma alma de seu corpo, (que he a nuvem, que se interpõem ao Sol

Sol Divino) que ir logo em hum instante buscar ao seu centro, que he Deos, a participar della visão beatifica.

E por contraposição : a alma, que ama as cousas terrenas, e está em peccado mortal, he como hum espingarda, ou peça de artilheria, que quando se ouve o estrondo, que he o sentimento da morte, ja a bala, que he a alma, tem feito o emprego no centro do Inferno, para onde tinha feito o seu ponto nesta vida. Assim succedeo a Lusbel : rompeo o relampago da inveja, deo o trovam da soberba, cahio a pedra do seu peccado no centro do Inferno, onde ficou, e estará para hum eternidade.

Basta, Senhor, (me disse o morador) porque ja tenho entendido cabalmente toda a verdade, e me déstes a conhecer o que eu ignorava. Mas ja que Deos vos trouxe a esta casa, tomará que me explicasseis mais algumas cousas do bem do espirito, que he o que devemos procurar: porque as mais conversações me parecem ser palavras ociosas, das quaes dizem nos ha Deos de pedir conta. Assim he, (lhe disse eu) porèm conversações póde haver entre os homens, que, como não sejaõ dirigidas a máo fim, tambem seraõ admittidas na ordem do bom viver, e governo do homem. Assim supponho: (me disse o morador) porèm, pelo que hoje se pratica no mundo, poucas saõ as conversações, que não allentem em offensa de Deos, e do proximo. A isto lhe disse eu: Muy escrupuloso me parece Vostra mercê. Oxalá que assim fora; (me disse o morador) porque nam seria tão grande peccador. (q̃ por tal me reconheço) Porque passaõ ás vezes muitos mezes, sem me confessar; e muitos Domingos, e dias Santos, sem ouvir Missa. Tudo póde succeder sem ser peccado, (lhe disse eu)

eu) havendo urgente causa. Com isso me não posso eu escusar, (me disse o morador) porque bem sabeis que daqui a Belem nam he tam longe , e que o podia eu fazer muy facilmente: porèm sobre ser preceito, tenho mais o peccado da pirguiza. Agora vos não desculparey ; (lhe disse eu) porque não sey que possa haver desculpa nesse peccado. Perto da Igreja, deixar de ouvir Missa ; he final de prescito, e nam de predestinado.

Senhor, aindaque eu pareça demasiado (me disse o morador) em vos molestar ; o dezejo de saber me faz ser importuno. Como entenderey os sinaes, que tem hum homem de ser predestinado, ou prescito ? Sabey , Senhor, (lhe disse eu) que nunca me podereis molestar , entendendo que o fim da vossa pergunta assenta no proveito espiritual , e bem da alma. São muitos os sinaes de predestinado, que apõtaõ os Mestres de espirito: porèm os mais provaveis, por onde se póde conhecer o que he predestinado, são ouvir hum homem a palavra de Deos , e obrar bem nas tres Virtudes Theologaes, que são Fé , Esperança , e Caridade. E por prescito teremos todo aquelle que obrar o contrario , e se deixar estar na culpa , sem o moverem os golpes da doutrina , nem os remorsos da consciencia : além de outras muitas razoes, que se acham escritas por graves Authores.

Mas tornando ao nosso proposito : o mais celebre dito , que tenho ouvido , de Principe Christam, e digno de se trazer sempre na memoria, e muitas vezes na conversação, foy o de ElRey Filippe o Prudente de Castella, quando disse : que nam sabia qual era o Christão, que podia dormir em peccado mortal. Dito , e documento merecedor de ser escrito

critos com letras de ouro nas portas publicas das Cidades, e Villas.

Senhor, (me disse o morador) isso dizia esse Monarcha, porque tinha hum Capellaõ á sua ordem, e todas as noytes se confessava : e quando este por algum incidente estava impedido, mandava chamar a outro. Mas eu, e outros semelhantes, que vivemos em hum deserto sem copia de Confessor, e mal nos podemos confessar de anno a anno; e muita mercê nos faz Deos, quando nos confessamos de mezes a mezes; como nos poderemos livrar de dormirmos, naõ em hum peccado, senaõ em muitos? Respondo: (lhe disse eu) Deos he de muita misericordia; e como sabe melhor as nossas impossibilidades, e inconveniencias, do que nós as entendemos, e sabemos conhecer; para tudo nos deixou remedio: e por esta razãõ naõ temos desculpas que lhe dar. Lede os Livros espirituaes, consultay aos Confessores, que saõ os nossos directores: e vereis que vos ham de aconselhar, que á noyte, antes, ou depois de vos deitar a dormir, façais exame de consciencia, trazendo á memoria todos os peccados, que commettestes naquelle dia: e que façais entaõ hum acto de contriçaõ com dôr, e arrependimento de ter offendido a Deos, por ser quem he, e porque o amais sobre todas as cousas, pedindo-lhe perdaõ de vossas culpas, propondo de as confessar, e de nam tornar a peccar. E deste modo vos poreis em graça de Deos: e se morreres naquella noyte sem confissãõ, por naõ ter Confessor, nam ireis ao Inferno. E pelo contrario, milhares de homens se tem condemnado, por nam fazerem esta breve diligencia.

Senhor, (me disse o morador) isso tenho lido, e me tem aconselhado os Confessores; porẽm nunca

fiz reflexam nesta materia, como devo, e fou obrigado. Mas agora prometto, mediante a graça, e favor Divino, pôr por obra daqui por diante o que me dizeis: porque não he bem que, por huma couza tam breve, perca eu o muito em que vou interessado, que he o premio da eterna gloria. Mas ja que tocamos nessa materia de Confissão, tomára que me desseis algum modo, ou interrogatorio breve de como melhor me possa confessar, e que eleigam farey de Confessor.

Senhor, (lhe disse eu) muitos são os Livros, que desse particular tratam, e dão a fórmula de como nos havemos de confessar. Porém como me vejo obrigado a satisfazer ao que me pedis; vos digo, que tres cousas deve fazer o Christão, para bem se confessar; além de outras muitas, que se aconselham. Senhor, (me disse o morador) ainda que seja em breve, tomára que mas repetissemos.

Para se fazer huma boa Confissão.

PRimeiramente, (lhe disse eu) haveis de saber que a Confissão, para ser boa, ha de ter dezeseis partes; a saber: simplez, humilde, pura, fiel, frequente, clara, discreta, voluntaria, vergonhosa, inteira, secreta, chorosa, apressada, forte, propria, e obediente. E suppostas estas dezeseis partes, que vos digo em breve, por nam dilatar o nosso intento; deveis de saber, que ao menos se deve o Christam conformar com tres pontos, exame, dôr, e proposito: examinando todas as culpas, e peccados, que tem commettido contra Deos: tendo dôr de haver offendido a Deos, por ser quem he, e porque o ama sobre todas as cousas. E fazendo proposito firme de

nao

naõ tornar a cahir naquellas, nem em outras culpas.

Para que façais bem o exame, haveis de considerar vossos peccados, alguns dias antes que vades aos pés do Confessor, trazendo á memoria todos os pensamentos, palavras, e obras, com que tendes offendido aDeos depois da outra Confissão que fizestes: e se cumpristes a penitencia. E para que melhor isto se faça, buscareis lugar opportuno, e parte socegada, fazendo lembrança dos tratos, que tivestes depois da ultima confissão; dos lugares em que estivestes; e das pessoas com quem conversastes. E depois de bem examinados vossos peccados, proponde de os dizer, e declarar todos ao Confessor, sem encobrir algum. E fazendo isto, cumprireis com o que estais obrigado: e pelo contrario, se o não fizeres, podendo, não será bem feita a vossa confissão. E tambem, para vos livrares de algum escrupulo, vos digo: que se depois de feito este exame com esta diligencia, vos esquecerem alguns peccados, não sendo por malicia; tambem vo-los perdoará Deos, com os demais que vocalmente differes ao Confessor. E feita esta memoria, com dôr, e arrependimento, e hum proposito firme de nunca mais peccar; vos podeis confessar, discorrendo pelos Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja; valendo-vos do patrocínio de nosso Senhor JESU Christo, e da Santissima Virgem MARIA sua Mãe, por ser tam grande medianeira para alcançarmos a graça de podermos receber o Santissimo Sacramento com limpeza da alma.

E de caminho vos quero mais advertir: que se depois de feita esta memoria, e exame, entre a vossa lavoura, que he o bem ganhado, achares fizia-
nia,

nia, ou monda alhea, que he o mal levado; arrancay-a de pressa, e não espereis de dia em dia para o restituir: porque não sabeis se vos dará Deos lugar de o fazer; nem tambem será acerto, cuidar que vossos filhos, ou herdeiros, encommendando-lhes vós isso em vosso testamento, cumprirão o que vós não tivestes zelo de o fazer em vida por vossa alma. E se nam, vede o que succede no mundo acerca dos testamentos, e herdeiros: quantas demandas se movem, e quantos tempos duraõ; e as almas padecendo. Este aviso vos faço de passagem: e peço-vos, que o considereis muito de vagar.

E assim, se tiveres alguma cousa que restituir, especialmente de honra, fama, ou fazenda mal ganhada, ou havida illicitamente; o melhor conselho he, que antes que vades aos pés do Confessor, o tenhais satisfeito. E se não tiveres possibilidade para o fazer entam; propõe firmemente de o satisfazer com toda a brevidade possivel: compondo-vos com as pessoas a quem deveis, para vos darem tempo para lhes pagar. E se houveres injuriado a alguẽ, e tendes inimistades, reconciliay-vos com elles, antes que vades receber aquella Hostia immaculada; para que vos não succeda o q̃ succedeo a Judas. Porque fazendo-o assim, mediante a graça de Deos, alcançareis o fructo deste Sacramento da Penitencia, que he livrar da culpa, communicando-vos a graça, e fazendo-vos capaz de gozar dos bens eternos.

Senhor, antes que acabeis o vosso discurso, (me disse o Lavrador) quero que me digais, que eleição farey de Confessor, como vos perguntey. Tendes razãõ, (lhe disse eu) que por humas cousas esquecem outras. A eleyção, que haveis de fazer de Confessor

(po-

(podendo) deve ser de hum só, a quem tendais por vosso director: e esse seja douto, prudente, e virtuoso, que sayba distinguir, discernir, e conhecer a enfermidade da vossa alma. Porque, se para os achaques do corpo buscamos o melhor Medico; e para fazer hum vestido, o melhor official: com mayor razão, para a enfermidade da alma devemos de buscar o melhor Medico; e para o vestido, com que havemos de apparecer na Corte celestial, o melhor official, para o fazer com acerto. Porque succede muitas vezes haver tanta ignorancia da parte dos Penitentes, que de pequenos peccados suppõem não poderem ser absoltos, sem irem a Roma a buscar a absolvição: e de outros de grande pezo, e circumstancias, fazem tam pouco caso, que nam chegam a confessá-los. E por esta razam he necessario haver Confessor douto, prudente, e virtuoso, para os saber examinar, e aconselhar.

Dessa forte, Senhor, (me disse o morador) parece-me que a confissão, para ser bem feita, tanto depende do Penitente, como do Confessor. Assim succede muitas vezes: (lhe disse eu) porque por falta de bons conselhos, vam muitos Confessores ao Inferno, levando a muitos Penitentes consigo. Tomára que me contaísse algum exemplo acerca disso. (me disse o morador) Pois ouvi. (lhe disse eu)

Conta o Padre Christovão da Veyga Religioso da Companhia de JESU, no seu Livro *Casos raros da Confissão*. cap. 14. o caso seguinte. Houve certo Fidalgo, que tinha hum Confessor de molde para o seu gosto, porque em tudo lho dava: as penitencias eram suaves, as palavras brandas, as reprehensões nenhuma; de tal modo, que vivia muito á sua vontade, sem emenda alguma de vida, engolfado em

deleites, e vícios, fazendo Confissões sem o propósito firme que para a Confissão se requer. Apressou-lhe Deos os annos da vida (castigo merecido do máo procedimento que tinha em suas Confissões) com huma morte nam esperada, e repentina, no melhor de sua idade; ordenando tambem que o Confessor o seguisse morrendo dentro de pouco tempo. Succedeo pois, que estando a mulher deste Fidalgo em hum seu Oratorio encommendando-se a Deos, lhe appareceo de repente a figura de hum homem muy espantosa, ardendo em vivas chammas de fogo, a qual trazia a seus hombros outra pessoa rodeada das mesmas chãmas. Ficou a mulher grandemente atemorizada com esta visão. Porém aquelle, que vinha aos hombros, lhe disse: Não temas, que eu sou teu marido. Este, que me traz aos hombros, he o meu Confessor: o qual assim como em vida me soffria minhas culpas, sem me reprehender dellas, e sem me dar penitências medicinaes, para apartar-me de meus vícios, antes condescendendo com meus peccados, com que por meus passos contados me trouxe ao Inferno; agora na morte justamente mandou Deos que elle seja participante das penas, que me atormentaõ: e assim padece as mesmas, que eu padeço. E ditas estas palavras, desappareceroã ambos; ficando a mulher affligidissima, pela condemnação de seu marido. Advirta, pois, todo o Penitente, que nam ha de fiar sua alma do Confessor, que com affagos, e lizonjas o trata na Confissão; para não experimentar o que estes dous miseraveis estaõ padecendo por toda huma eternidade no Inferno.

E porque nam fiquem os bons Confessores sem ouvirem o premio, que Deos costuma dar aos que com zelo usam bem do seu officio: ouvi o caso seguinte.

guinte. Conta-se nas *Chronicas de S. Francisco p. 2. lib. 2. cap. 48.* que houve em França na Provincia de Aquitania dous Ecclesiasticos ricos, e grandes amigos, hum dos quaes era Abbade, e o outro Arcediago em huma Igreja Cathedral daquelles Reynos. Gastavaõ estes a sua Fazenda em regalos, e entretenimentos, cuidando no descanso de sua carne, e em dar gosto a seus corpos; e descuidando-se totalmente das suas almas: e andavaõ, como andorinhas, buscando para o Inverno as terras quentes; e para o Veraõ as frescas, e temperadas.

Passando ambos em huma occasião por tempo de Veraõ ao lugar que costumavaõ, os colheo e noyte em hum campo despovoado, onde havia huma deserta Igreja, algum tanto apartada do caminho: recolhéraõ-se alli, para descansarem aquella noyte; ceáraõ, e accommodáraõ-se para dormir, como melhor pudéraõ. O Arcediago aindaque tinha alguns vicios, tinha tambem algumas obras boas, pertendendo caminhar pelos dous caminhos, largo, e estreito, e gozar de ambas as glorias desta vida, e da outra. Confessava-se a miudo, e tinha por Padre espirital para a sua alma a hum Religioso de S. Francisco, grave, douto, e exemplar: o qual tinha muito cuidado da salvação do penitente, dando-lhe bons conselhos; reprehendendo-lhe seus descuidos, avisando-o de seu perigo, e encommendando-o continuamente a Deos nosso Senhor. (que são os officios de hum verdadeiro Padre espirital) E na verdade lhe aproveitaraõ muito ao penitente as oraçoens de seu Confessor; pois por ellas conseguiu a emenda de sua vida, e com ella sua salvação, como se verá no successo desta noyte. Estava o Arcediago dormindo na Igreja que tenho dito: e na mesma occasião estava

tava seu Confessor orando por elle. Vio o Arcediano entre sonhos, que ao lugar onde elles estavaõ dormindo, vinha Christo a julgar aos homens com grande Magestade, e apparato: e que se juntava hum multidaõ de gente, huns á maõ direita, e outros á esquerda. Vio tambem, que elle mesmo, seu companheiro o Abbade, e todos os seus criados, que os acompanhavaõ, ficáraõ a maõ esquerda: e que os Demonios os accusavaõ de todos os seus peccados, culpando seus passatempos, e regálos, em que gasta-vaõ as rendas Ecclesiasticas, as quaes deviaõ gastar em sustento dos pobres, e em fazer bem por suas almas. Vio mais, que havendo ouvido o Juiz todas as accusaçoens, deo sentença de condemnação contra elles: e que logo acudiraõ com grande impeto os Demonios, e levariaõ ao Abbade, e a seus criados ao Inferno. Tudo isto via com grande temor, e tremor, suando de ancia, e pena: e se lhe dobrou o temor, quando vio que os Demonios o vinhaõ buscar, e a seus criados, assim como tinhaõ feito ao Abbade, e aos de sua familia: e que estendendo os Demonios os garfos, hum delles lhe pegou pelo ventre, puxando delle para o levar com igual furia, e dôr; chegou o seu Confessor nesta occasiaõ, e o deteve, e tambem forcejava para defendê-lo. E estando nesta agonia, batalhando o Demonio por levá-lo, e o Confessor por defendê-lo; despertou com hum mortal suor, palpitando-lhe o coração, e taõ quebrantado, como se se achasse em hum exercito de inimigos batalhando. Esteve duvidoso do que faria: mas cren-do que havia sido só sonho, e cansaço do caminho; quiz descansar da pena que tivera, e não despertar aos mais: e assim tornou a dormir, encomen-dando-se a Deos nosso Senhor.

Mas apenas havia cerrado os olhos ; quando tornou Deos a mostrar-lhe a mesma vizam , que antes, do Juizo , e condemnação do Abbade seu amigo , e dos seus. E chegado a este passo, despertou segunda vez, frio , e pasmado , e com mayores dores que a primeira vez ; com que recebeo grandissimo temor, e começou com vozes a chamar por seus criados. Despertáraõ aos gritos ; e ordenou que se vestissem, para no mesmo ponto partir , e proseguir sua viagem. Foraõ despertar ao Abbade , e a seus criados ; e a todos acháraõ mortos.

Entam conheceo o Arcediago que o sonho havia sido verdadeiro, e que pelas orações de seu bom Confessor , elle , e seus criados não estavaõ no Inferno. Pôs-se de joelhos , dando graças a Deos nosso Senhor pela mercê , que lhe havia feito , e porque lhe concedia tempo para chorar suas culpas, e fazer dellas penitencia. Propôs firmíssimamente de se emendar dalli por diante , e de tomar outro genero de vida. Tratou de dar sepultura aos defuntos : e tornando á sua terra , avisou a seus criados do perigo em que estava a sua salvação , e da vizaõ que tivera , exhortando-os á penitencia : e que na mudança da vida o seguissem , ja que na vida larga , e deliciosa o haviaõ seguido. Pagou compridamente os salarios , e dividas , que devia : e dando o restante de sua fazenda aos pobres , tomou o habito de S. Francisco, e perseverou em rigorosa observancia até o fim de sua vida. Avisou a muitas pessoas conhecidas , como as havia visto á mão esquerda do Juiz , e em particular a dous criados : huns , e outros fizeram pouco caso de seus avisos , e se viraõ delles infelices successos. Mas elle teve felicissimo fim , passando desta vida carregado de merecimētos ao Ceo.

Daqui se vê a importacia grande de ter hum bom Confessor ; pois toda a salvaçaõ deste Arcediago consistio em ter hum Confessor bom , douto , e santo O Confessor ha de ser como o Medico, Cirurgiaõ, e Sangrador:naõ ha de olhar para o melindre,ou grandeza do enfermo ; senaõ para o risco em que estã da faude da alma.

Andando á caça Filippe II. Rey de Castella , foy-lhe necessario sangrar-se logo , e chamãraõ o Sangrador daquella Aldea em que entaõ se achava; porque nam havia outro. Perguntou-lhe o Rey: se sabia a quem havia de sangrar? Respondeo : Sim : a hum homem. Estimou grandemente ElRey ao Sangrador, e servio-se d'elle dalli em diante. Assim haõ de ser os Confessores, e todos os que costumaõ fallar de-finteressados : naõ haõ de olhar para respeitos de Principes, nem de Dignidades Ecclesiasticas.

Nunca succederia aquelle taõ lastimoso caso a certo Ecclesiastico desta America , ha bem pouco tempo ; se este fosse advertido de seus Confessores, e Prelados. Muita mercê me fareis Senhor , (me disse o morador) se mo contares ; porque nam tive noticia desse successo. Sabey , Senhor, (lhe disse eu) que segundo huma Carta, que ouvi ler , feita no anno de 1715. foy o caso na forma seguinte. Hum Sacerdote desta America estava publicamente concubinado com huma mulher, havia muitos annos, com grande escandalo de hum povo inteiro : mas todos lhe dissimulavaõ este peccado , ainda aquelles que o podiam emendar , e reprehender. Succedeo pois , que em huma noyte estando elle com a concubina em huma sacada das casas em que morava, para ver certo festejo , que na rua se fazia ; pegou o fogo em huns barris de polvora , que esta-

vaõ

Este caso
succedeo
em Pernã-
buco na
Cidade de
Olinda.

vão nas lojas das mesmas casas, e fez o incendio voar o edificio; e do ar veyo huma trave, que cahio sobre ambos, e os matou; ficando todos os mais, que junto delles estavaõ, livres do perigo. Notavel caso, Senhor, (me disse o morador) para exemplo de todos: e muy especialmente para os Ecclesiasticos, que sabendo o quanto devem ser espelhos da virtude, estaõ dando escandalo com o seu máo viver aos Seculares.

Mas ja, Senhor, que tam bem me tendes instruido (continuou o morador) no modo com que se ha de confessar hum Christaõ, e das partes que ha de ter hum bom Confessor, com taõ claros exemplos: tomára que me ensinasseis o como poderey agradar mais a Deos com algumas orações; e em que fórma poderey estar orando: se de joelhos, ou em pé, ou tambem assentado? Haveis de saber, (lhe disse eu) que ha muitos livros espirituaes, que nos inculcam por varios modos como devemos orar, vocal, e mentalmente: e por esta razão me pudéra eu escusar de satisfazer ao que me pedis. Porèm com exemplos vo-lo direy, o mais breve que puder.

Primeiramente haveis de entender, que Deos não se paga de muitas palavras; porèm sim de hum coração contrito, e humilhado. Isto supposto. A Oração, ou Meditação he a nossa riqueza espiritual, por ser o negocio, em que a náõ da nossa alma se carga nas Indias das Virtudes, das cargas dos merecimentos, para fazer viagem para o Reyno do Ceo; servindo-lhe de farol o entendimento, o qual se acende no lume celestial do Sol divino; enchendo-se as vélas do prospero vento dos santos affectos do amor de Deos. E posta huma alma neste mar de graças, basta que reze as suas contas com muita attenção.

ção. Porque assim como todas as embarcações, para se poderem segurar das correntes do tempestuoso mar, necessitam de se amarrarem com boas amarras, e firmes ancoras: assim tambem os Christãos, para se poderem segurar das tempestades do mar deste mundo, haõ de trazer as amarras nas mãos, e as ancoras no coração: isto he, as contas nas mãos, e as palavras do Padre nosso, e Ave Maria no coração; para se poderem livrar de irem á Costa desamarrados; e perderem-se nos penedos, e baixos do peccado. E entã a Virgem nossa Senhora, vendo esta firmeza, intercederá por todos a Deos, para que não periguem no mar das culpas, e vão séguros ao porto da salvação; porque não ha Oração mais agradável a Deos, que o Padre nosso, pela fazer o mesmo Christo nosso Senhor: e a Ave Maria, por ser feita em louvor de sua Mãy Santissima. E estas Orações ditas, e meditadas, como se devem dizer, e rezar, bastaõ para nos grangearem a graça de Deos.

Assim rezava aquelle Santo Lavrador, que sempre se levantava á meya noyte, e estava em oração até amanhecer. Começava a considerar: Padre nosso, que estás nos Ceos. E mettendo-se para dentro da grandeza, e santidade de tal Pay, e vendo a sua baixeza, e vileza; chorava amargamente, por ser filho tão indigno deste soberano Pay: e nestas considerações ficava arrebatado até amanhecer, dizendo mil males de si, e que era tão grande peccador, que nunca podia acabar hum Padre nosso. Isto he ser Santo. Senhor, (me disse o morador) tomára saber donde vem esta palavra, ou nome de Santo. Ser Santo, (lhe disse eu) val o mesmo, que ser homem são de peccado, desapegado da terra, e com merecimētos para gozar de Deos na Bemaventurança.

Isto

Isto supposto; dizia hum, que não sabia ler: Eu estou occupado em ler o meu livro, que tem tres folhas. Pela manhã até o jantar, leyo a primeira folha, que he preta: na qual leyo os meus peccados, e as penas do Inferno que mereço; e me desfaço em lagrimas de contrição. Depois até Vesperas, leyo a segunda folha, que he vermelha: e nella leyo a Payxaõ do Senhor; e espero perdaõ, e me animo a levar a minha Cruz, e seguir a meu Senhor. De Vesperas por diante, leyo a terceira folha, que he de ouro: e leyo nella a gloria do Ceo, e com quantas fadigas e penas a alcançaraõ os Santos; e me animo a obrar bem pelo caminho delles. E para confirmação do que vos digo, ouvi o seguinte caso.

Era S. Isidro Lavrador: e entrando huma vez em huma Igreja, e vendo nella a Christo Senhor nosso; foy tal o affecto de seu amor, que não podendo por outros termos melhor explicar-se, e fazer a sua Oração, rompeo nestas palavras dizendo: Señor, si vos tuvierades ganado, yò os lo guardára. E por isso teve tantos merecimentos para com Deos, que chegou a ser taõ grande Santo. Isto só he ser bom Estudante, e Grammatico espirital; que soube fazer bem a sua Oração. Mas que importa que muitos sejaõ grandes Latinos, e ainda Filósofos, e Theologos, e darem-lhe as partes da Oração; se as não sabem concordar em genero, numero, e caso, que são as tres Virtudes Theologaes, Fé, Esperança, e Caridade; nem conformarem-se com as oito partes da Oração, que são as Bemaventuranças.

E assim vos digo que todos podem ter Oração, e Meditação, ainda os que não sabem ler, nem escrever; meditando na Payxaõ de Christo Bem nosso, e nos quatro Novissimos do homem, que são: Morte,

Juizo, Inferno, e Paraíso: sabendo os Mandamentos, e guardando-os muy inteiramente; crendo firmemente no que contêm o Credo, e os Artigos da Fé, por serem Mysterios de nossa salvação; e sendo muy devotos da Virgem nossa Senhora, para alcançarem o seu patrocínio para com Deos.

Em quanto ao como devemos estar quando oramos; as nossas forças nos ensinarão: porèm pelo grande respeito que se deve a Deos; estando com saúde, sempre he acerto estar de joelhos. Mas no caso que o não possais fazer; tambem se póde orar em pé, ou assentado, e ainda deitado: porque Santa Maria Magdalena, orava muitas vezes (por enferma, e fraca) deitada, e nem por isso deixava de agradar a Deos a sua Oração. Porèm nunca será acerto estar falando no tempo de Orar. E feito isto com dezejo de mayor perfeição; não poderá faltar a graça, e auxilio de Deos, para nos salvar.

Verdadeiramente vos posso affirmar (me disse o morador) que estou tão satisfeito do que vos tenho ouvido; que tenho por venturoso acerto o chegares a esta casa, pelo bem espirital que tenho recebido de vossa discreta conversação: porèm como seja tarde, tendes naquelle apolento cama, podeis ir descansar. E logo me recolhi a huma camera, que ficava na mesma varanda, onde passey a noite.

CAPITULO XI.

Falla o Peregrino do primeiro Mandamento da Ley de Deos, com muita doutrina espirital, e moral: e reprehende o grande abuso dos Calundús, e feitiçarias, que se achão introduzidas no Estado do Brasil.

NAõ era ainda de todo dia, quando ouvi tropel de calçado na varanda: e considerando andar nella o dono da casa, me pôs a pé; e sahindo da camera, o achei na varanda, e lhe dey os bons dias, e elle tambem a mim. Perguntou-me como havia eu passado a noyte? Ao que lhe respondi: Bem de agasalho, porém desvélado; porque não pude dormir toda a noyte. Aqui acudio elle logo, perguntando-me, que causa tivera? Respondi-lhe, que fora procedido do estrondo dos tabaques, pandeiros, canzás, botijas, e castanhetas; com tão horrendos alaridos, que se me representou a confusão do Inferno. E para mim, me disse o morador, não ha cousa mais sonora, para dormir com socego. A isto lhe disse eu: Com razam dizem os naturaes que vivem junto do rio Nilo, que nam sentem o estrondoso susurro de suas correntes; e pelo contrario os que vão de fóra se não podem entender; ainda quando mais alto gritão. Senhor, (me disse o morador) se eu soubera que havieis de ter esse desvélo, mandaria que esta noyte não tocassem os pretos seus Calundús.

Agora entra o meu reparo. (lhe disse eu) Pois, Senhor, que cousa he Calundús? São huns folguedos, ou addivinhações, (me disse o morador) que dizem estes pretos que costumão fazer nas suas terras, e quando se achão juntos, tambem usão delles cá, pa-

ra saberem varias cousas; como as doenças de que procedem; e para addivinharem algumas cousas perdidas; e tambem para terem ventura em suas caçadas, e lavouras; e para outras muitas cousas.

Verdadeiramente, Senhor, (lhe disse eu) que me dais motivo para nam fazer de vós o conceito, que até agora fazia; pois vos ouço dizer que consentis na vossa fazenda, e nos vossos escravos coufa tam supersticiosa, que nam estais menos que excommungado, e os vossos escravos; além de seres transgressor do primeiro Mandamento da Ley de Deos. Acudio o morador dizendo: Como assim, Senhor? Tornay-me a explicar esse ponto; que me tendes mettido em grande confusão. Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que, além de teres peccado mortalmẽte no primeiro Mandamento da Ley de Deos, estais excômungado, e todos os vossos escravos, por convires, e consentires em semelhantes superstiçoens contra o mesmo Mandamento.

Porque haveis de saber que este preceito de amar a Deos he (como diz *S. Mattheus cap. 22. vers. 38.*) o primeiro, e o mayor Mandamento. Por este preceito se prohibe, e condena todo o culto dos Idolos, e superstições, e uso de arte magica; e se manda guardar tudo o que pertence á verdadeira Religiaõ, a qual sómente dá culto, honra, e adoraçaõ justa, e devida a hum só Deos verdadeiro, Eterno, Immenso, e Onnipotente, Trino em PESSOAS, e Uno na Essencia. Este preceito de amar a Deos, consta claramente de toda a Sagrada Escritura. Por elle temos obrigaçam, tanto que chegamos a ter uso de razãõ, de saber de memoria os Mandamentos da Ley de Deos sob pena de peccado mortal, e a explicação delles: em tal fórma, que se ignorantemente peccar-

peccarmos, tambem ignorantemente havemos de ir ao Inferno: porque he culpa grande, ignorar aquillo, que temos obrigação de fabermos.

E não basta que hum diga: Sou Christão, ou: Vivo em terra de Christãos; senão tambem he necessário ir ouvir, e aprender a palavra de Deos para si, e para a ensinar á sua familia, se a tiver. Porque para os que vivem nas trevas da Gentilidade, costuma a Divina Providencia usar de sua misericordia com elles, mandando-os allumiar com a luz da Fé pelos Operarios do São Evangelho, aos quaes chamou Christo Luz do mundo: (*Matth. c. 5. v. 14.*) e por outras palavras, candeaceza. (*ibid. v. 15.*) Estas luzes foram então os sagrados Apostolos, e Santos Doutores: e são agora os Prégadores da Igreja, que nos prégaõ o Santo Evangelho. E tambem permite sua divina Misericordia, que muitos destes Gentios sejaõ trazidos ás terras dos Catholicos, para os ensinarem, e doutrinarem, e lhes tirem os ritos Gentilicos, que lá tinhaõ aprendido com seus pays.

E se não, dizey-me: He sem duvida, que estes Calundús, que vós chamais, e consentis que usem delles os vossos escravos, e na vossa fazenda; he rito, que costumaõ fazer, e trazer estes Gentios de suas terras. Tambem he certo, que por Direito especial de huma Bulla do Sũmo Pontifice se permitio que elles fossem cativos, com o pretexto de serem trazidos á nossa Santa Fé Catholica, tirando-se-lhes todos os ritos, e superstições Gentilicas, e ensinando-se-lhes a doutrina Christãa: o que se não poderia fazer, se sobre elles não tivessemos dominio. Logo como se lhes póde permittir agora, que usem de similhantes ritos, e abusos tão indecentes, e com taes estrondos, que parece que nos quer o Demonio

mandar tocar triunfo ao som destes infernaes instrumentos , para nos mostrar como tem alcançado victoria nas terras, em que o verdadeiro Deos tem arvorado a sua Cruz á custa de tantos Operarios, quãtos tem introduzido neste novo mundo a verdadeira Fé do Santo Evangelho? Não vos parece que tenho razam para vos estranhar , e a todos os que isto consentem , e dissimulaõ em terras de Catholicos Christãos?

Dizey-me: Atrever-se-ha algum Christão ir fazer os ritos , e ceremonias de nossa Santa Madre Igreja á terra de Infieis , sem que lho prohibaõ elles com rigorosos castigos? He sem duvida que nam. Logo parece que tacitamente (ou para melhor dizer, expressamente) se está este peccado da idolatria , e feitiçaria permittindo nestes póvos, e Christandade; pois não ha castigo. Oh (deixay-me dizer) por isso experimentamos, e havemos de experimentar muitos castigos , se não houver cobro em cousa tão importante. Lá dizia o Profeta Isaías: Ay de mim, porque caley. (*cap.6.v.5.*) Como se dissera: Ay de mim, Senhor de Israel , quantos peccados hey consentido, e quantas maldades hey dissimulado , e calado : as quaes , se eu as reprehendera , se emendariam ; e se eu as descobrira , se castigariaõ!

Senhor, (me disse o morador) ja que tam bem me tendes explicado o que eu tanto ignorava , e de que não fazia caso; permitti-me mandar chamar estes escravos á vossa presença : que o demais , com o favor de Deos, em quem confio, e adoro , eu o evitarey. E logo despachou hum famulo a chamar os mais escravos: os quaes , aindaque de vagar , foram chegando ; e por mais diligencia que o dono da casa fazia, para que chegasse o Mestre dos Calundús, nam era possi-

possivel ; sendo que o dia era Domingo, e não havia occupação. E chegando em fim elle , e todos os mais á minha presença , perguntey ao Mestre dos Calundús: Dizey-me, filho ; (que melhor fora chamar-vos pay da maldade) que cousa he Calundús? O qual com grande repugnancia, e vergonha me disse : que era uso de suas terras , com que faziaõ suas festas, folguedos, e addivinhações. Nam sabeis, (lhe disse eu) esta palavra de Calundús o que quer dizer em Portuguez? Disse-me o preto que não. Pois eu vos quero explicar, (lhe disse eu) pela etymologia do nome, que significa. Explicado em Portuguez, e Latim, he o seguinte: que se calaõ os dous: Calo duo. Sabeis quem saõ estes dous que se calaõ? Sois vós, e o diabo. Cala o diabo, e calais vós o grande peccado que fazeis, pelo pacto que tendes feito com o diabo; e o estais ensinando aos mais fazendo-os peccar, para os levar ao Inferno quando morrerem, pelo que cá obráraõ junto comvosco. Aqui tendes a explicação desse horrendo peccado: o qual por sua natureza, e malicia he tão pessimo, que se vós foubesseis a qualidade dessa culpa, e os mais, fugirieis della, como do mesmo Inferno.

Mas dizey-me: Sabeis vós as Orações? Disse-me o preto que sim. Pois dizey-me o Credo. (lhe disse eu) E querendo o preto dar-lhe principio, nunca o pode proferir, nem acertar. Aqui se começou a atemorizar o dono da casa, e os escravos a encher-se de temor, e horror. Ao que acudi eu, dizendo que não temessem ao inimigo, posto que o tivessem á vista: porque com ajuda de Deos, em quem eu tanto confiava, havia elle de sahir destruido; pois nada póde, sem Deos lho permittir. E logo lhes disse, que todos dissessem commigo a Oração seguinte: Eys a
Cruz

Cruz de Christo aqui : Espiritos máos, fugi, que da Tribu de Judá, o Leaõ foy vencedor da geração de David : Alleluia, alleluia, alleluia. E repetindo eu todo o Credo, e os Mandamentos da Ley de Deos; perguntey ao preto, se cria em Deos Padre todo poderoso? Ao que me respondeo, que sim cria verdadeiramente. Pois se credes, (lhe disse eu) e sabeis os Mandamentos da Ley de Deos, nos quaes se nos manda que o honremos, e amemos sobre todas as cousas; que razã tendes para crer no diabo, e fazer que estas pobres miseraveis creaturas, remidas com o precioso sangue de meu Senhor JESU Christo, creão, e idolatrem em superstiçoens, e feitiçarias do diabo? Aqui se calou o preto.

Entaõ lhe disse eu: Pois sabey, (e a vós todos vos digo o mesmo) que por este nosso bom Deos deveis deixar todos os bens, e haveres do mundo, e ainda ao mesmo pay, e mãy, mulher, e filhos : e se necessario for entregá-los ao sacrificio, como de boa vontade o fez Abrahã a Isaac. Era seu unico filho Isaac: e mandando-lhe Deos que o sacrificasse; por obedecer a Deos, cujo amor excedia ao do filho, o pôs em execuçaõ: ao que Deos acudio suspendendo-lhe o golpe, por ter conhecido a sua Fé, e amor, e nos dar exemplo. E a razã he: porque mais devemos a Deos, que a todo o mundo. E se naõ, vede. Este Senhor nos tem dado vida, e o mesmo ser, e nos promete salvar, dando-nos os bens da gloria : o que nenhum dos nossos parentes, nem o poder de todo o mundo nos póde fazer; porque tudo está dependendo deste immenso Deos.

E reparay com attençaõ as muitas, e grandes obrigaçoens que deveis a Deos, por vos ter dado conhecimento de si; e por vos ter tirado de vossas ter-

ras,

ras, onde vossos pays, e vós vivieis como Gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruidos na Fé viveis como Christãos, e vos salvais. Fez Deos tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo; que mil annos, antes de vir ao mundo, o mandou escrever, e profetizar nos seus Livros, que são as Escrituras Sagradas. Virá tempo, diz David, em que os Ethiopes, (que sois vós) deixada a Gentilidade, e Idolatria, se haão de ajoelhar diante do verdadeiro Deos. E que fariam assim ajoelhados? O mesmo Profeta: Farám Oração levantando as mãos ao mesmo Deos. E quando se cumprirão estas duas promessas, huma do Psalmo settenta e hum, e outra do Psalmo sessenta e sette? Cumprirão-se principalmente depois que os Portuguezes conquistáraõ a Ethiopia Occidental: e estaõ-se cumprindo hoje, mais, e melhor que em nenhuma outra parte do mundo, nesta America; aonde trazidos os mesmos Ethiopes em innumeravel numero, todos com os joelhos em terra, e com as mãos levantadas ao Ceo, crem, confessão, e adoraõ todos os mysterios da Incarcação, Morte, e Resurreiçãõ do Creador, e Redemptor do mundo, verdadeiro Filho de Deos, e da Virgem MARIA; e em fim todos os mais Mysterios da Santissima Trindade.

Vede se póde haver mayor beneficio, que escolher-vos Deos entre tantos Idolatras, e diferentes nações, trazendo-vos ao gremio da Igreja, para que lá com vossos pays vos não perdesseis, e cá como filhos seus vos salvasseis? Póde haver mayor beneficio? E vós pagando-lhe tanto pelo contrario com vossos abusos, querendo desprezar este beneficio por huma cega promessa diabolica, e taõ vil entretenimento. Logo se assim he, no que não póde haver duvida: se o credes, e o confessais; como estais obrando

do

do o contrario, sem temer o castigo deste Senhor, fiados em que he Pay, quando tambem he de justiça, e tão recto, que nos ha de pedir conta de tudo o que obrarmos contra os seus Mandamentos?

Aqui começou o dono da casa, posto de joelhos diante de hum Imagem de Christo Senhor nosso, que estava em hum Oratorio da mesma varanda, a dizer em altas vozes: Senhor Deos, misericordia. E logo todos repetimos o mesmo em vozes altas, com muitas lagrimas; e demos principio a rezar todas as Orações, e Ladainhas. Acabado este grande acto, disse eu ao dono da casa: que mandasse vir todos os instrumentos, com que se obravaõ aquelles diabolicos folguedos. O que se pôs logo em execução, e se mandáraõ vir para o terreiro; e no meyo d'elle se fez hum grande fogueira, e nella se lançaõ todos. Alli foy o meu mayor reparo, por ver o horrendo fedor, e grandes estouros, que davaõ os tabaques, botijas, canzás, castanhetas, e pés de cabras; com hum fumo tão negro, que não havia quem o soppor-tasse: e estando até entãõ o dia claro, se fechou logo com hum lebrina tão escura, que parecia se avizin-hava a noyte. Porém eu, que fiava tudo da Divi-na Magestade, lhe rezey o Credo; e immediatamen-te com hum fresca viração tudo se desfez. Alli os fuy confortando, e exhortando; desorte, que met-tidos em confiança do poder, e amor de Deos, ficá-raõ muito contentes.

Entãõ lhes disse eu: Para que venhais no conhe-cimento do que saõ os erros, e abusos, com que o diabo tem introduzido em tão varios povos, e na-ções esta sciencia, e péste infernal de feitiçarias, e addivinhaçoens: Sabey que varias foraõ as supersti-çoens antigas entre a Gentilidade, as quaes ainda ho-
je

je as observaõ os Mouros. Porque pronosticavaõ por canto das aves, e a estes chamaõ Aruspices: e vaticinavaõ por voz, e movimento dos animaes, e pelas entranhas das victimas. A estas supersticoens se ajuntavaõ outras, huma das quaes he a Geomancia, que depende de certas figuras, circulos, e pontos formados em terra: e esta ainda hoje se vê entre vofoutros observada. A Pyromancia se funda em algumas observações ridiculas de cores, e movimentos de fogo. A Hydromancia consiste em barro em caldeiroens de agoa, deitando dentro algumas coufas com diversas ceremonias supersticiosas. A Quiromancia, he a que hoje professaõ os Ciganos, de mentir, e enganar pelas rayas das mãos: e com ser manifesto engano, ha nos homens appetencia de saber o futuro. Outra Sciencia ha, a que chamaõ Astrologia judiciaria, a qual póde ser certa em quanto á observação do movimento dos Astros: porém Deos sobre tudo. E o mais douto, e acertado fundamento de todo este discurso he, que todos nascemos para morrer: e que trabalhemos muito para seguirmos os conselhos de Christo, para nos salvarmos. Esta he a mais certa doutrina, que eu vos posso inculcar, e a todos os mortaes: e que deixeis de consultar a estes falsos Oraculos mentirosos, que não sabem mais que enganar-vos, e levar-vos ao Inferno.

Alli passsey todo aquelle dia, a rogo, e persuasão do morador, em varias conversações, todas dirigidas a bom fim, e a proposito deste primeiro Mandamento; dizendo-lhe o quanto lhe importava occupar aos seus escravos, e familia em os exercitar na Doutrina Christãa, e livrá-los de ruins companhias: porque destas tem resultado muitos

damnos,

damnos, e offensas de Deos.

Contou-me entaõ o morador a este proposito o seguinte caso. Sendo eu Estudante (disse elle) na Cidade da Bahia , me manifestou huma mulher parda, como em certa occasiaõ outras quatro, duas pardas, huma branca , e outra crioula , a induziraõ com persuasões dizendo-lhe, que se ella quizesse ter ventura com os homens com quem tivesse amizade illicita , havia de usar do que ellas faziaõ : porque de outra sorte se naõ havia de augmentar , nem ter nada de seu. E levada destas persuasões , as acompanhou huma noite de escuro a certo lugar desviado da Cidade : e depois de feitas as ceremonias , chegando a huma paragem consignada , lhes appareceo visivelmente o diabo em fôrma de hum grande Caõ muy negro ; e depois de lhes fazer muy grandes festas , e affagos , tratou de ter concubito com ellas. E chegando a esta parda com o mesmo intento, lhe disse ella que naõ convinha em tal peccado : e logo lhe deo hum desmayo tam grande , que nam tornou em si , senaõ no dia seguinte , achando-se em casa de huma das camaradas. (ou, para melhor dizer , das inimigas) E perguntando-lhe eu , quem eraõ as da consulta ; nunca mo quiz descobrir. Esta parda , que me referio este caso , falleceo dalli a poucos tempos, e com demonstrações de muy boa Christãa , segundo o que me pareceo : tambem me havia certificado , que depois de se confessar deste successo , naõ tivera amizades deshonestas com homem algum : e que havia feito voto a Deos de guardar castidade. E depois, confessando-me eu do que tinha ouvido ; me disse o Confessor, que eu fizera mal em nam denunciar da parda : porèm como fosse ignorancia , e nam malicia , e
por

por ser ja fallecida, me absolveo. Até aqui o morador.

Ahi tendes o exemplo (lhe disse eu) do que sejaõ estes adjuntos, e festas dos Calundús. E ainda mal, que tanto póde o inimigo com similhante gente : e nam sey se diga, que muitos nam tem razão para se deixarem enganar. Tem este infernal inimigo seus corretores, que induzem, e o inculcão para este fim: mette-lhes de permeyo as conveniencias de ganharem, para depois se perderem; e apanhando-os dentro, faz de huma creatura o que quer : porque como lhe falta a Fé, e o temor de Deos, joga com ella, como lá dizem, a péla. Porque o peccador, tanto que chega ao profúdo de suas maldades, tudo despreza. (*Prov. 18. 3.*) Por esta razam disse o Profeta Rey : *Abyssus abyssum invocat.* (*Psal. 41. 8.*) E succede tambem, que pelos caminhos, que hum peccador pecca, por ahi he atormentado. E vede que consequencias se seguem desse horrendo peccado.

Sahe huma mulher desse atroz acto immunda, e inficionada : chega hum homem a sollicitá-la ; alli o contamina, e o inficiona de taõ máo humor, que o deixa incapaz de viver. Começa a queixar-se, e não ha Medico, nem Cirurgiaõ que lhe acerte com o mal, por ser de especie diversa da natureza, apanhado em hum vaso do Inferno: ja queixando-se de flatos melancolicos, ja de dores insupportaveis ; e em fim não ha cura que lhe acerte, nem remedio que o cure. Aqui chega hum corretor do diabo, e lhe diz, que se quizer ter faude, procure hum preto curador: (ou, para melhor dizer, feiticeiro) este lhe come o dinheiro, e tal vez dá com elle no Inferno.

Assim

Affim succedeo a El Rey Ocozias, de quem diz a Escritura que estando enfermo mandou consultar sobre sua faude ao demonio Beelzebub; e Deos lhe mandou intimar pelo Profeta Elias, que por deixar a Deos, a quem podia consultar sobre o estado de sua vida, se não levantaria da cama, em que estava, e morreria. (*Lib. 4. Reg. cap. 1.*) Bem entendeo esta verdade o Paralytico, que só creio que Christo lhe podia dar faude, e fazer o milagre de o sarar; como fez quando lhe disse, que tomasse o seu leyto, e se fosse em paz: (*Matth. 9. 6.*)

A este respeito vos contarey o que succedeo a hum feiticeiro, que enganou ao Demonio. (porque tambem a este se engana, por não saber o futuro contingente, nem o que tem huma creatura no seu entendimento) E foy o caso, que consultando hum feiticeiro ao diabo acerca da faude de hum enfermo, lhe respondeo, que ja não tinha remedio o enfermo, por ser o mal muy velho: e que não havia medicina, que lhe pudesse dar faude. Replicou o feiticeiro: que visse se lhe podia dar algum remedio, pelo grande lucro, que lhe havia promettido o doente. Disse-lhe o diabo: que não tinha remedio por ordem natural; mas só querendo Deos milagrosamente, como Author da natureza. Calou-se o feiticeiro, e fez hum discurso comfigo acertado. Logo Deos he o que tudo póde fazer: e se eu fizer penitencia, posso salvar-me: e tu, diabo, nada podes, sem Deos o permittir. E com esta resolução, tratou de buscar a hum Confessor douto, e bom Christão, e com elle se confessou da sua culpa, e fez penitencia, e acabou com opiniaõ de grande arrependimento; ficando o diabo burlado do feiticeiro, por lhe ter descoberto a verdade sem o querer fazer.

Tam-

Tambem se conta na vida de Santo André Apostolo, que consultando hũa mulher com o demonio o remedio, que teria, para se livrar de hum parto perigoso; lhe disse o demonio que se valesse do Santo. E indo ella pedi-lo ao Apostolo, lhe respondeo: Com justa causa padeces esse trabalho; porque casaste mal, consultando ao demonio: mas com tudo faze penitencia, crê em JESU Christo, e lança o menino. E crendo ella, logo moveo, e cessárao as dores.

E ainda as creaturas racionais, tão cegas, como enganadas, se deixão levar destes enganadores, entregando as suas almas ao demonio, por não terem fé em Deos! Só em Deos devemos crer, e resignar-mo-nos muito na sua santa vontade; fugindo deste torpe vicio, e de mulheres inficionadas de semelhantes torpezas, e tão desamparadas, que por hum interesse vil se entregão a culpas tão horrendas, que não são dignas de se proferirem entre Catholicos. Vede agora as consequencias deste infernal peccado.

Com razão disse S. Paulo na Epistola primeira aos Corinthios (*cap. 6. v. 15.*) que o homem, sendo membro de Christo, pela fornicação se faz membro de meretriz: que, segundo entendo, val o mesmo, que do diabo. Porque não he para proferir entre Catholicos, o que nesse infernal vicio se usa, tão fóra dos termos da natureza; que mais parece huma formal heresia, que acto simples de fornicação, ensinado pelo Mestre do peccado, que he o mesmo diabo: o que por pejo, e modestia vos não posso relatar; e lá o sabem estas, e estes ministros de Satanaz. E não me estranhem os Moralistas tocar neste primeiro Mandamento o que pertence ao sexto. Porque além da razão de se encerrarem neste todos os dez; tambem

cabe pela razão da Idolatria , com que as creaturas racionais se idolatraõ humas ás outras, esquecendo-se do mesmo Creador. E com mais circumstancias os Christãos, que os proprios Gentios : pois estes ignoraõ o verdadeiro Deos ; e nós, crendo no mesmo Deos, e confessando-o , somos taes , que o deixamos pelas creaturas. Ah , meu Deos ! Grande he a vossa misericordia ; pois tanto nos soffreis , esperando a nossa emenda , para nos perdoar os grandes peccados , em que temos cahido ! E nós sem nos querermos arrepender , nem emendar. Por falta deste arrependimento , e emenda , tem no mundo succedido tantos castigos em Reinos, Provincias , Cidades, povos, e geraçoens ; como consta da lição dos Livros, e Escritura sagrada.

Na verdade vos digo , Senhor , (me disse o morador) que assim he : porque vejo hoje tão dissimulado este peccado no mundo , e principalmente no Brasil ; que não ha quem não saiba delle , e ainda aquelles a quem incumbe o reprehendê-lo, sem castigo. Senhor , (lhe disse eu) assim succede ; e está succedendo : e talvez , que por essa causa experimentemos tantos castigos de Deos ; porque são taes os homens, que, por se conservarem com os seus escravos, estaõ dissimulando este peccado. E o que mais temo, he não sey se de escravos tenha passado a libertos, e ainda a brancos ; por falta de castigo : donde se poderá bem dizer , que quem dissimula vicios , quer que vão em augmento.

Assim parece. (me disse o morador) Mas já que tendes tocado em tão grandes materias, e tão necessarias ; quero-vos perguntar hum a cousa, em que tenho feito reparo. E vem a ser: Porque causa o diabo para com algumas pessoas se ha taõ franco em obedecer ,

decer, que assim como o invocão, logo apparece; a outros me consta, pelos ouvir contar, que ainda chamado muitas vezes, não quer apparecer? Respondo: (lhe disse eu) O diabo, além de ser sciente, e Astrologo, he grande judiciario; e pelos effeitos, conferencias, aspectos, e mais sinaes, conhece hũa creatura: e sobre tudo he muy opinativo. (quiçã que por essas suas presumpções esteja no Inferno pensando para sempre) Como sabe que essas pessoas que o chamaõ, ou seja com desesperaçã de raiva, ou com interesse de alguma cousa, se lhes apparece visivelmente, o desprezarã; (como lhe fez essa parada, cujo caso me contastes) por se não ver desprezado, não se quer cõunicar; e só o faz áquelles, de quem tem cabal certeza que o haõ de receber.

Assim me persuado. (me disse o morador) Porém offerece-se-me outra duvida, e vem a ser: De que procede nesta Gentilidade, que vem de Angola, e Costa da Mina, haver entre elles aquelle abuso das Quigillas, o qual guardaõ alguns tão pontualmente, como se fora hum Mandamento da Ley de Deos, e antes morrerã, que deixar de observá-lo: e este consiste em não comerem caça, ou peixe, marisco, e outras muitas cousas. Pergunto, se isto he peccado? Respondo: (lhe disse eu) he sem duvida peccado. Porque a creatura racional nasce livre de guardar algum preceito Divino, ou humano sobpena de peccado, antes de ter uso de razão: e só nascemos com o encargo da culpa original, por ser contrahida nos nossos primeiros Pays; da qual ficamos livres pelo Sacramento do Bautismo. E os que morrerã antes da instituiçã deste Sacramento, e tinhã feito boas obras, supprio-lhes o preciosissimo Sangue de Christo, quando na sua sagrada Paixã o derramou por

nosso resgate, pelo terem merecido, para delle se aproveitarem.

Isto supposto: Quigilla he hum pacto explicito, que fazem estes Gentios com o diabo, sobre o qual assenta alguma conveniencia corporal da parte do que o faz: como de terem bom successo na guerra, fortuna na caçada, na lavoura &c. Procedem estes pactos, e Quigillas, de ter o diabo grande inveja da creatura racional, e querer por varios meynos induzi-la a peccar, fazendo-a guardar seus preceitos, e mandamentos, para a precipitar no Inferno. Esta Quigilla, ou pacto, passa por tradição a filhos, netos, e mais descendentes; porém como estes não foraõ os motores do pacto, fica sendo nelles implicito: e como ignorão a causa, não tem a culpa tanta graveza, como a de seus pays, e ascendentes, que o fizerão expressamente. Por isso eu disse no principio do discurso deste Mandamento, que peccão todos aquelles que o não guardão; salvo por ignorancia, ou pela pouquidade da materia se puderem livrar de serem transgressores deste preceito. Porém depois de advertidos, e exhortados, estão obrigados a renunciar todos os pactos, e Quigillas. Eu tenho visto a muitos pretos, depois de bautizados, e confessados (por se lhes ter feito carga desta culpa) usarem de comer do que lhes era prohibido por Quigilla nas suas terras, e ficarem livres de lhes fazer mal o que comeraõ.

Tenho entendido (me disse o morador) o que me explicastes. E porque he já noite, e hora de nos recolhermos, podeis ir descansar; e á manhaã seguireis a vossa derrota: que eu pelas quatro horas me resolvo partir para Belem com os meus escravos, a tratar do bem da minha alma, vistas as advertencias, que

que me tendes feito: e não sey com que palavras me poderey mostrar agradecido ao muito que vos devo. Só vos peço queirais acceitar huma limitada matatagem, que será para passares o dia de amanhã. Eu me mostrey muy agradecido; e logo nos recolhemos. E no dia seguinte se partio o morador; e eu fuy continuando a minha jornada.

CAPITULO XII.

Trata o Peregrino do segundo Mandamento, com muitos avizos, e documentos, para se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo.

TOdo aquelle dia fuy só: e porque as nuvens me serviaõ de reparo ao calor do Sol, caminhey larga jornada. E como se chegava a noite, tratey de buscar pouxada: quando ouvi em altas vozes a hum homem apaixonado jurar pela Hostia consagrada; dizendo: que se encontrasse alli aos que lhe tinhaõ feito aquelle damno, os havia de matar. Fuy-me chegando, como quem não tinha de que se recear, fiado na minha innocencia: (posto que nem sempre esta val, nem está livre de perigos) quando vi a hum homem, que com quatro escravos estava atando humia cerca. Dei-lhe as boas tardes, para que me desse a boa noite. Conrespondeo-me primoroso, (que não sey que tem isto de ter hum homem bom entendimento; que, ainda quando mais apaixonado, não sabe faltar á cortezia) e logo me perguntou se buscava agasalho? Ao que lhe respondi que sim. E como já estava quasi acabada a tarefa; disse elle aos escravos, que como findassem a obra, se recolhessem.

Levou-me em sua companhia, até que chegamos á casa, e logo me deo assento. E assentado elle tambem, me disse : Bem conheço , Senhor , me estranharieis ouvir-me com repetidas vozes apaixonado invocar varias juras. Ao que lhe respondi : Senhor , he a nossa natureza de huma composiçaõ , que nem sempre póde estar em hum ser : motivo (além dos mais) porque chamaõ ao homem mundo abbreviado. Porque assim como succede estar o mundo em humas occasiões com serenidade , em outras tempestuoso , já ventando , já chovendo , e em fim n'outras com relampagos , e trovões ; assim tambem o homem em huma occasiã se acha alegre , em outras triste , já gritando , já chorando , e maldizendo-se. Porém nunca será acerto jurar , nem praguejar : porque no deixar de o fazer se mostra o homem Christão , racional , e prudente ; além da offensa de Deos , que he o que mais devemos evitar.

Assim he , (me disse o morador) e convenho no que me dizeis. Porém a causa que tive para a minha queixa , e juras que me ouvistes proferir , procedeo de huns visinhos , que de proposito sollicitaõ occasiões de me molestar , como agora fizeraõ ; porque achei aquella cerca derrubada , e nella tirados alguns páos: e com esta paixã disse as palavras , que me ouvistes. Senhor , (lhe disse eu) bastante causa tivestes para a vossa queixa : porém não queirais , sobre o detrimento que vos daõ, offender a Deos com similhantes juras; que he o que se nos prohibe no segundo Mandamento , quando se nos manda não jurar o santo Nome de Deos em vaõ. Senhor, (me disse o morador) ja que tocaste nesse Mandamento, tomá-ra que me explicasseis o como se entende ; porque muitas vezes reparo nisso , e lhe não sey dar a diffini-
ção :

ção : pñderà-o ter perguntado ; mas como me envergonho , o não tenho feito. Pois , Senhor , (lhe disse eu) se de alguma cousa não devemos ter vergonha , he de perguntarmos tudo aquillo , que devemos saber para bem de nosla salvação.

Dizey-me : Que vituperio he a hum Catholico , procurar saber a Doutrina Christãã ? Tem-se por cousa de grande honra o vestir-se hum da libré de hum Príncipe ; e ter-se-ha vergonha de se vestir da de Christo ? Os artifices mais vñs no mundo se prezaõ de suas artes : e os Christãos será bem envergonharem-se de aprenderem , e saberem a doutrina Christãã , para se poderem salvar ? Pois advirtaõ que o Filho de Deos tem dito , que se ha de envergonhar diante de seu Eterno Padre dos que se envergonharem de seguì-lo , e imitá-lo diante dos homens. (*Luc. 9. 26.*) Por isso , sabendo o Apostolo que Deos se offende do animo , e não da natureza ; mandava a Timotheo , não só que se não envergonhasse de servir a Deos ; mas que não quizesse envergonhar-se. (*2. ad Timoth. 1. 8.*) Porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor : pôr no impedimento a vontade , que havia de pôr na resolução ; era mayor culpa , que não resolver-se por ignorancia , ou froxidão. Animos envergonhados , não se achão senão em coraçõens fracos. Perguntára eu aos homens , se a algum lhe peza de que o tenham por entendido ? He certo que não. Pois que mais entendimento , e credito pôde haver , que saber-se que não ignora hum homem aquillo que tem de obrigação entender , e saber ?

A este proposito vos quero contar o que succedeo em minha presença a hum sujeito presumido de entendido. Estava este repetindo-me varios verços , e a

outros mais circumstâtes. Assim que acabou, chegou-se hũ rapaz a elle: e pelo ver taõ perito nas relações, parecendo-lhe que estava dizendo Orações; lhe pediu que lhe ensinasse os Artigos da Fé. Defendeo-se elle huma, e outra vez com frivolas desculpas: até que lhe differaõ os que estavaõ presentes, que satisfizesse ao que lhe pedia o rapaz; e vendo-se envergonhado, e corrido, chegou a dizer que os não sabia de cór. Vede agora, quando isto succede a hum presumido em decorar versos, que fará quem os não sabe dizer lidos? Isto he bem que se diga, para confusão de alguns Christãos presumidos de muy entendidos, ignorando a doutrina Christãã, que todos estamos obrigados saber sobpena de peccado mortal. Porque tem muitos para si, que lhes basta que os tenham por homens praticos, bem fallantes, e versados em ditos selectos. Sendo que pouco importa que hum saiba bem fazer hũa decima, ou hum soneto; se não souber a doutrina Christãã, que he porque Deos nos ha de perguntar, e do que nos havemos de aproveitar para a nossa salvação. Porém isto supposto:

Para mayor luz, e intelligencia deste segundo Mandamento, havemos de advertir, que nelle se não prohibe absolutamente os juramentos permittidos em Direito Divino, e humano, quando a razão, e justiça os pedem, com verdade, e necessidade, e em Juizo. Estes juramentos se devem entender em tres fórmãs, que são: assertorio, comminatorio, e execratorio. Todos são de huma mesma especie; porque todos se ordenão a hum mesmo fim, que he confirmar, e manifestar a verdade. E só o que se prohibe neste Mandamento, he jurar falso, trazendo a Deos por testemunha: e tambem ser hum homem taõ pouco advertido, e menos Christão, que por
quasi

quasi nada tenha por uso invocar a Deos, e a seus Santos, sem urgente necessidade: isto he, trazer, e jurar o santo Nome de Deos em vão, sem caula, ou necessidade urgente. Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) e fico de acordo, para perguntar daqui por diante o que não souber acerca da doutrina Christã. Mas já que fallamos em juramentos, tomára que me explicasses, se além destes, que me acabastes de dizer, ha mais fórmãs, ou nomes delles, porque vejo que se trata nos Auditorios do judicial de outros nomes de juramentos: e tomára saber, qual delles he mais arriscado, quando se vão dar, e por justiça se obriga a que se jure.

Respondo: (lhe disse eu) Supposto os muitos nomes, que lhe dá o Direito Civil, e se trataõ nos Auditorios; (porque só hum Author, chamado Rocafuli, quer que haja dezaseis fórmãs de juramentos, (*tom.2. tract.2. lib.1. Sect.2. n.52. & seqq.*) reduzil-os-hey a tres fórmãs, que mais vulgarmente se praticaõ nos Auditorios, que são os seguintes: juramento de calumnia, suppletorio, e decisorio.

: Juramento de calumnia costuma pedir o Reo, e dar o Author, quando se põem em algum libello, ou artigos, ou se dá alguma querêla. E neste juramento declara o Author, se bem, e verdadeiramente põem aquella caula, e a pertende provar, sem dolo, ou malicia.

Juramento suppletorio se permite, quando nas causas entre partes se não acha plena, e concludente prova, pela qual os Ministros possaõ determinar as sentenças: e costuma mandar que os Authores jurem suppletoriamente em supprimento de prova, para declararem as circumstancias, e factos da caula. Porque suppõem o Direito, e os Ministros, que não ha-

haverá pessoa que jure falso.

Juramento decisorio, he no caso que hum Author manda citar o Reo, e vindo este a Juizo, se lhe permite que jure se deve o que lhe pede o Author em sua acção: e por este juramento, se confessa, fica condemnado o Reo; e absoluto, se jura que não deve. Chama-se vulgarmente juramento da alma.

Nesta fórma de juramento tem introduzido a malicia grandes abusos: e a mayor parte desta culpa tem os Advogados. (e não sey se diga, que os ambiciosos Solicitadores) Porque succede mandar hum homem citar a outro: e vendo-se o Reo citado, cego de raiva, (e talvez falto de dinheiro) busca a hum Letrado, e muitas vezes a hum Requerente; e diz-lhe, que para aquella audiencia o mandáraõ citar. Pergunta-lhe o Advogado, ou o Requerente: Pois deveis, ou não? Responde-lhe o miseravel apaixonado, que não deve cousa alguma. A isto lhe diz quem o aconselha: Pois ide á audiencia, que lá averiguaremos isso. E quando lhe diz que he verdade que deve, porèm que não está em tempo de lhe pagar; costumaõ responder-lhe aconselhando-o: Tendes o remedio na mão: dizey que he verdade que deveis; porèm para pagar para tal tempo. Vay hum destes muy contente, e dá hum juramento falso: e o peyor he, que disto se não confessa; porque diz (como a alguns tenho ouvido dizer) que o Letrado, ou Requerente o aconselhára assim, porque o entende muy bem.

Póde haver mayor desgraça! Que por hũa tão limitada paga queira hum homem dar tal conselho, para ir, e levar ao outro comfigo ao Inferno! Podendo-lhe dizer: Senhor, quem deve, paga, ou roga, ou vay á cadeia. Confessay a divida puramente; e depois fazey por vos compôr com a parte: porque não ha

ha homem tão tyranno, que vendo ao seu devedor confessar a verdade, lhe não dê huma espera, para lhe poder pagar. E quando por isso tenhais alguma molestia na execução; consideray que, por teres sido moroso na paga retendo o alheyo, padeceis essa execução, e molestia: e que melhor he padecer neste mundo qualquer detrimento, que ir pagar ao Inferno.

Hum caso vos quero contar, que succedeo em certa Villa, diante de hum Juiz de vara vermelha, e podia servir de aresto para alguns de vara branca. E foy, que mandando citar hum homem a outro para sua alma, por certa quantia, que lhe devia, vierão o Author, e Reo a Juizo: fazendo o Ministro ao Reo as perguntas judiciaes, reparou que elle se perturbava. E naquelle breve intervallo acudio o Juiz dizendo ao Reo: Eu entendo o que pertendeis: he sem duvida que deveis, e quereis que o Author vos dê huma espera para lhe poder pagar. Disse o Reo: Assim he, Senhor. Pois juray a verdade, lhe disse o Juiz, que todo o bem se fará. Confessou o Reo a divida. E depois de se ter feito o termo, disse o Juiz a ambas as partes, que lhe fariaõ muita mercê, acharem-se em sua casa a taes horas: o que assim lhe prometteraõ ambos. Era eu muy amigo do Ministro, e solicitey achar-me tambem presente naquella occasiaõ como com effeito me achey: e chegando aquelle termo, não faltáraõ. Perguntou entaõ o Juiz ao Reo: Qual forã a razãõ, porque logo não confessára dever ao Author o que lhe pedia na sua acção? Respondeo: Que a razãõ fora, porque lhe tinha aconselhado hum Requerente daquelle Auditorio (nomeando-o) que jurasse não dever cousa alguma: ou que, se confessasse a divida, podia tomar o tempo da espera, que lhe

pare-

parecesse: e que estava considerando naquella tempo o que faria. E tendo o Juiz ouvido o que relatára o Reo, mandou chamar ao Requerente: e chegado este, lhe perguntou o Juiz: Em que livro, ou Ordenação achára aquelle ponto? Ao que lhe respondeu o Requerente: Que ouvira dizer, que se praticavaõ aquelles juramentos em muitos Auditorios. E logo lhe disse o Juiz: Pois para que não observeis, nem aconselheis similhante pratica, vos hey por suspenso: e mando que vades prezo por oito dias, para que neste tempo façais exame de consciencia, para melhor vos poderes confessar, depois de solto, do que costumais aconselhar ás partes. E tomou o Juiz do seu dinheiro, e pagou ao Author; dizendo ao Reo, que esperava de sua pontualidade que para tal tempo lhe não faltasse. No seguinte dia fuy eu pedir pelo Requerente ao Juiz, dizendo-lhe que já tinha feito exame, e estava arrependido; a cuja petição foy solto.

Desta sorte fez aquelle Ministro com que hum não perdesse a alma, e ao outro se lhe não dilatasse o seu pagamento; por entender que estava obrigado o Reo a refarcir o damno ao Author, pela mora, quando não jurasse absolutamente, que lhe não devia cousa alguma; que ainda mal, que costumão muitos assim fazer.

Porém (fallando com todo o respeito, que se deve aos Senhores Ministros) parece-me, que se devia mandar em similhantes acções ler o narratorio da petição: ou perguntar ao Author, de que procede aquella divida; e depois ao Reo, em que a pagou: por se não resolver tão brevemente nas duas perguntas, se deve, ou não deve. Fundo esta minha razão nas palayras da Ordenação *lib.3. tit.20.* onde se

se manda na fôrma seguinte : Ao Juiz pertence mandar fazer os actos necessarios para a ordem do Juizo , assim como : libello , ou petição por escrito , ou por palavra , contestação , juramento de calumnia , artigos , contrariedade , replica &c. E no mesmo titulo §. 1. diz assim : No começo da demanda , dirá o Juiz a ambas as partes , que antes que fação despezas , e sigão entre elles os odios , e dissensões , se devem concordar , e não gastar suas fazendas por seguirem suas vontades : porque o vencimento da causa sempre he duvidoso. E isto , que dizemos de reduzirem as partes a concordia , não he de necessidade , mas sómente de honestidade ; nos casos em que bem o puderem fazer.

Bem sey que me dirão os professores desta faculdade , que a ley , posto que falla nos presentes termos , tem outra intelligencia , e varias interpretações : e não falla expressamente na acção de juramento da alma , que tratamos. Porém eu (com licença dos Senhores Juristas) digo , que se deve entender genericamente , e *lato modo* : que tambem se pôde tomar no presente sentido , por se evitarem tantos juramentos falsos em Juizo , huns por malicia , outros por equivocação , e muitos por se ignorarem as circumstancias da acção : se já não he falta de exame dos Ministros , com tanto prejuizo das partes ; do que resulta perderem huns a alma , e outros a fazenda.

Ahi me parece que ouço dizer aos Ministros , (me disse o morador) que a causa porque não pôdem estar com essas perguntas , e respostas , (além de parecer prolixidade) he por não tomarem o tempo ás partes no breve de hum a audiencia. A isso lhes disse eu , (não ensinando , porém advertindo) que me
pare-

parecia poder-se remediar tudo , com serem os Ministros mais zelosos , e cuidadosos em vir mais cedo a fazer as audiencias ; e os Advogados mais promptos em lhes assistir , pela obrigação das suas partes : (porque os Escrivães tem a pena imposta pela ley , que os obriga conforme seu Regimento) e logo haverá tempo , e lugar para tudo. Porque assim como ha tempo para a visita, e para outros divertimentos : com mayor razão não deve faltar para aquillo , que lhes he tanto de obrigação ; por não incorrerem no peccado de omissão , nem experimentarem o rigor, com que Deos promette julgar as justças : *Cùm accepero tempus , ego justitias judicabo.* (*Psal. 74. 3.*) Eu tomarey tempo , diz Deos , para julgar as justças. Se Deos, para julgar as consciencias dos que governaõ , diz que ha de tomar tempo : como se poderá escusar os homens de tomar tempo , para com acerto obrarem aquillo , que Deos , e ElRey lhes tem encarregado por obrigação de seus officios , e cargos , em que lhes não vay menos que a sua salvação , ou condenação eterna ?

Porèm o que mais estranho, e tomára que se emendasse , he o que hoje vejo tão praticado no mundo , e vem a fer : huns certos oradores com capa de virtude , os quaes procurão muitas vezes tirar a justiça a quem a tem , para a darem ao que a não tem. Como assim , Senhor ? (me disse o morador) Costumão certos homens , (lhe disse eu) com presumpções de honrados , ir a casa de hum Ministro a persuadi-lo que dê huma sentença , ou despacho contra este , em favor daquelle. Acção digna de hum grande castigo , e reprehensão , tanto pela offensa de Deos , e do proximo , como pela injuria, que fazem aos Ministros. Porque além de serem os Ministros dou-

doutos, e terem livros, e saberem emendar o Direito; mostraõ estes taes oradores, que ou os querem ensinar, ou sobornar: motivo, porque se não ouvem muitas vezes os clamores da razão, pelo estrondo dos respeitos. Porém o que mais he para reparar, e sentir, he ver hum Sacerdote (se já não he Religioso) ter valor para pedir a hum Ministro que dê huma sentença injusta; e talvez, por lhe ficar em casa, ou na cella a remuneração do pedido.

Bõa doutrina nos deixou neste particular o nosso Rey D. João II., porque não queria que lhe pedissem mercê por terceira pessoa: e desta sorte ficavaõ os Vassallos em divida ao seu Rey; porque os premiava segundo seu merecimento, e escusava de agradecer a outro a mercê, que resultava de sua mesma justiça. Porém está hoje este negocio em taes termos; que não manda o Escrivão os autos á conclusão, sem o dar a saber á parte, para ir, ou mandar pedir a sentença em seu favor. Oh horror, e lastima, para ser chorada na Religião Christã! Não digo o mais que sinto, pela modestia, e respeito, que se deve a tão alto estado.

Porém estes Ministros, quando se lhes forem pedir estas semrazoens, respondeão como lá respondeo o Papa Benedicto XII., o qual, pedindo-se-lhe da parte de hum Rey certa injustiça, respondeo: Dizey a esse Principe que se eu tivera duas almas, poderia dar por elle huma; porém que não tenho mais que huma, e não quero perdê-la. Verdadeiramente, que melhor não podia responder.

Na verdade vos digo, (me disse o morador) que muito ha mister de Santo, quem houver de desprezar respeitos humanos, pelo que estamos vendo hoje

no mundo. Dir-vos hey: (lhe disse eu) todo o homem, que teme a Deos, e sabe a conta, que lhe ha de dar, faz muito por acertar em qualquer cargo, ou poder, em que se vê constituido.

Conta-se do Papa Innocencio, que mandou retratar-se em huma lamina, com huma véla acceza na mão, dando os ultimos arrancos. Este quadro tinha posto sempre diante dos olhos em hum bafete: e quando havia de sentenciar, ou definir alguma cousa; primeiro punha os olhos na pintura, e meditava na morte, e conta, que havia de dar a Deos do seu officio: e assim se escreve que foy muito ajustado em seu governo.

Porém como se ha de ajustar á ley Divina, e ainda ás humanas, o que só põem os olhos no interesse, e o cuidado nos respeitos? A'lém do que, ha outras muitas razoes, que fazem aos Ministros atropellar a ley Divina, e negar o sentido das leys humanas: sendo que foraõ, e são fundadas em muita razão, e justiça, como póde ver quem as ler com attenção. Honrosa cousa he o officio de Ministro: porém ha de entender quem o procura, que se não assenta na cadeira para descansar, senão para trabalhar: e que, sendo hum só, deve negociar o bem de todos. E grande ignominia será para hum Ministro, que manda a todos, ser escravo dos vicios.

Temerosas são as sentenças, que os Santos deraõ nesta materia. Seja a primeira, a de S. João Chrysostomo fallando dos que governaõ em qualquer estado. Muito duvido (diz o Santo) se salve algum. E exclamando S. Bernardo, diz: Que a ambição de mandar, he doce fiscal da vida humana. E qualifica este pensamento S. Gregorio, dizendo: Que tem por apostol-

apostata todo o que se goza com superioridades, e mandos do mundo. E dá a razão: Porque o tal pertende antepor-se ao mesmo Deos. Santo Agostinho dizia: Que em nenhuma cousa sentia a Deos tão irado contra si, como quando se considerava Prelado: entendendo que muitos, para seu mal, exercitaõ o officio de emendar. Confessou de si S. Pio V. que, quando Religioso, tinha esperanças de se salvar; quando Cardeal, temia muito; quando Papa quasi desconfiava. E a razão de tudo dá S. Gregorio dizendo: Que se não podem contar os vícios, que nascem da ambição, com que o appetite de dominar a outros se acha nos que governaõ.

Isto supposto: não quero dizer-vos que não haja Prelados, nem Ministros, para governar as Religioens, e as Republicas; porque he muito necessario, e assim o mandou Deos: porém o que se deve procurar, he que se observem as Leys Divinas, e humanas com toda a inteireza; porque todas são fundadas em muita razão, e Direito. Porém os homens levados dos interesses, e respeitos humanos, são os que as pervertem: motivo, porque se vem tantas liberdades, e abusos contrarios á virtude, como o experimentamos. Isto nos quiz Christo mostrar naquella Parabola do Evangelho, quando disse: Que houve hum homem, que semeou bom trigo em seu campo; porém dormiraõ os que haviaõ de vigiar sobre elle, e entretanto veyo o demonio, e semeou sizia. Assim succede, quando os Prelados, e Ministros dormem, e não vigiaõ sobre a observancia das Leys, e Estatutos; para governarem aos seus subditos.

O primeiro Juiz, que houve no mundo de vara vermelha, foy Moysés: porque nos quiz Deos mo-

trar, que assim como deo a Ley, que são os dez Mandamentos; era necessario que houvesse Ministro, que a fizesse guardar, e observar seus Preceitos. E que fosse Moysés Juiz de vara vermelha, e por isso mais rigoroso, não se póde duvidar; porque foy grande executor da Ley, pelos castigos que fez a Faraó, e ainda ao seu mesmo povo, como consta da Sagrada Escritura: e por isso a Deos chamavaõ então Deos das vinganças. Não faltava Moysés ás obrigações de seu cargo, porque se não deixava levar dos respeitos humanos, trabalhando muito para julgar com acerto; subindo ao monte a tratar com Deos; já descendo ao valle a castigar, e reprehender ao povo. E que titulo vos parece lhe deraõ? Não foy menos que de Vice-Deos: que a tanto como isto chegão os homens pela boa justiça, que fazem.

Outro Juiz, e o primeiro de vara branca, que houve no mundo, foy Christo nosso Senhor: o qual veyo do Ceo a embarcar-se na Náo de Santa Maria, e desambarcou no porto, ou Portal de Belem; e logo mandou apregoar pelos Anjos paz aos homens, (*Luc. cap. 2. n. 24.*) porque os vinha governar de boa vontade, despachado da Meza do Paço da Santissima Trindade, trazendo o poder, o saber, e o amor. Foy assistido de Anjos, adorado dos Reys, e visitado dos homens; os quaes lhe tributaraõ, e offerecêraõ muitas offertas, e regálos: e nem por isso deixou de ser muito humilde, desprezando a soberba, e recto em fazer justiça. Veyo pobre, viveo independente, morreo despido, e partio-se para a sua patria com muitas enchentes de graça, pelos merecimentos que fez na terra em todo o tempo de seu bom governo, levando o titulo de Rey, (*Matth. cap. 27. n. 37.*)

n. 37.) o qual gozará para toda huma eternidade. (*Psalm. 23. n. 7.*)

Quem me dera imprimir esta verdade no coração de todos os Ministros, por nossa, e sua conveniencia! Pela nossa, todos o sabemos, e digão-no os pleiteantes. Pelo que respeita á dos Ministros; não ha cousa, de que mais se temaõ, que de huma má residencia: sendo que nós, e elles, a devemos temer muito, quando no-la tirar aquelle Rectissimo Juiz JESU Christo.

Muito nos detivemos acerca dos Ministros, (me disse o morador) sem me dizeres que partes haõ de ter, para serem bons, e fazerem sua obrigação. Pois sabey (lhe disse eu) que tudo he necessario, e muito mais: porque de hum bom Ministro depende o bem de huma Republica. Não consiste o ser bom Ministro em ser temido de todos, senão em ser a Deos muito obediente: e desta maxima depende a bondade do Julgador; porque assim como dos olhos nasce o ver, tambem do bom exemplo procede o aprender. Se o Ministro teme a Deos, logo faz boa justiça, e todos o temem, e faz venerar a Deos, e guardar as Leys.

Entremos agora no juramento entre partes: que como tambem se comprehende nesta fórma de juramento decisorio, de que tratamos, necessariamente delle havemos de fallar. E para melhor intelligencia, ponho hum exemplo: Quer Pedro pôr huma demanda a João: e a primeira cousa que faz, he buscar testemunhas; se a causa não he da natureza daquellas, que se provão com documentos, ou Direito. Busca Pedro a testemunha, e diz-lhe: Senhor, eu tenho intentado esta acção contra João: pertendo provar este, ou aquelle artigo &c. quero que me

façais mercê jurar aquillo, que foubereis. Atéqui vay bem. Porêem diz-lhe a testemunha: Eu desse caso não sey cousa alguma, porque não presenciey esse negocio: demais que sou amigo, ou inimigo de João; e não quero que se diga que juro apaixonado. Aqui entrão agora as boas palavras, os carinhos, e affagos, as offertas, e promessas; ou, para melhor dizer, a calumnia, de que pedia David a Deos que o livrasse. (*Psalms*. 118. 134.)

Diz-lhe a testemunha: Tudo farey por vos servir. Chega o tempo da dilação, vay a testemunha a casa do Escrivão, pergunta-lhe o Inquiridor pelo articulado: e desde que começa a jurar, até que acaba, sempre está mentindo. Porque, se diz a verdade, mente ao Author: se jura pelo que prometteo, condena-se a si; porque jura falso. E assim diz David (*Psalms*. 26. 12.) que a maldade se mentio a si mesma.

Tende mãõ, Senhor; (me disse o morador) dessa fórte nunca se póde jurar sem encarregar a consciencia: logo melhor he não ir jurar. Respondo, (lhe disse eu) por vos livrar desse escrupulo: e reparay nos termos em que vos fallo. Basta que diga o Author á testemunha, que quer que lhe jure na sua causa o que fouver na verdade: porêem não persuadindo, nem affagando com dadivas, e promessas, que isto he comprar a testemunha. E por isso o Direito approva sempre as de mayor excepção, na consideração de que não foraõ sobornadas das partes.

Juramento entre partes ha de ser livre, jurando a testemunha a verdade: e se necessario for, e fouver o contrario do articulado, deve jurar contra producentem; porque desta fórte salva, e livra a sua

sua consciencia. E nenhum se engane, cuidando que basta dizer que foy jurar por fazer bem a este, ou áquelle; e menos por soborno de promessa, ou amizade. Porque daqui succede perder Joaõ a sua causa, e a testemunha cahir no peccado de consequencia, e restituicaõ, além do juramento falso.

Tambem he peccado mortal deixar de dar o juramento, sabendo a verdade, por remisso, ou malicia. Razão, porque se permite em Direito que se possa obrigar á testemunha por justiça a dar seu juramento, para se saber a verdade das partes, e a decisaõ dos pleitos. Porém eu agora dera hum conselho, que ainda que velho, por isso muy verdadeiro: e vem a fer, que mais val hum ruim concerto, que huma bõa demanda; por não vir a experimentar similhantes controversias, e ditos de testemunhas, com tantas incertezas no vencimento das demandas.

E por isso admiravelmente o nosso Seneca de Portugal D. Francisco Manoel, quando disse, que sempre desejava a seus inimigos tres males: pedir, ainda que lhes dessem; jogar, ainda que ganhassem, e pleitear, ainda que vencessem. E desta sorte, me parece vos tenho dito o que basta a respeito do que me perguntastes.

Senhor, (me disse o morador) estou muy satisfeito do que me tendes dito, e explicado acerca deste segundo Mandamento; pois me declarastes muitas cousas, que eu ignorava: pague-vos Deos taõ grande favor. São horas de cear: fazey-me mercê de acceitar esta bõa vontade. O que lhe agradeçi, por ser favor gratulatorio, feito a pessoa de que se não podia esperar remuneraçaõ, como a de hum Peregrino. E depois deo-me pousada, onde passey a noite. E

porque me accommodava acordar cedo, por gozar do fresco da manhã; antes de amanhecer me pôs a pé, e me despedi do morador com mostras de agradecimento, e cortezia, por ser paga que custa pouco, e val muito.

C A P I T U L O XIII.

Do terceiro Mandamento. Aconselha o Peregrino o como devem os senhores tratar a seus escravos, e familias, fazendo-os guardar os Domingos, e festas: com varios exemplos de doutrina.

C Omecey a seguir a minha jornada por entre amenos campos, e copados arvoredos, que com o brando terral fazião agitação ás flores, que exhalando fragrantes aromas me suavizavaõ o sentido do olfato; e para recreação da vista, me lisongeavaõ o sentido do ver tantas arvores floridas, sem mais cultura que a fabrica da natureza, que as havia aperfeiçoado: e muitas com vistosos pomos, de que participey; e outras com elles ainda em agraço, prometendo feliz abundancia para convidar aos caminantes, que delles quizessem participar. Porque neste particular saõ muy liberaes as arvores de fructos da America: as quaes, como não devem o trabalho aos agricultores, liberalmente entregaõ os fructos aos que delles se quizerem aproveitar.

Tendo caminhado naquelle dia até quasi ás quatro da tarde: ouvi perto da estrada, por onde se descia a hum valle, a musica pastoril de pretos, que parecia se estavaõ suavizando do jugo do trabalho; porém como era dia Santo, suppûs que não estarião em
tal

tal occupação. Encaminhey para aquella parte os passos , para tomar informação onde me ficaria mais perto a casa , em que passasse a noite : e dahi a pouco avistey doze escravos , entre machos , e femeas , todos trabalhando em huma lavoura , na occupação de cavar. Cheguey , faudey-os , e lhes perguntey se era dia Santo ? Ao que me responderão , que bem sabião que não era dia de trabalho : porèm que seu senhor os mandára para aquelle serviço , e lhes dizia que se comião naquelles dias ,tambem havião de trabalhar ; e se algum o repugnava fazer , o castigava : e porque erão cativos , não querião experimentar mayor rigor , por serem pretos , pobres , humildes , e desamparados por sua grande miseria.

Filhos , (lhes disse eu) bem conheço que não está da vossa parte a culpa de quebrar o Preceito deste terceiro Mandamento ; porèm , de dous males devemos eleger o menor. Dizeis que , se não obedecerés a vosso senhor , além de vos castigar , vos não dará o sustento. Soffrey-o com paciencia : e levay este trabalho com cruz. Servi com humildade , que vos será menos penoso : e o que he peccado , sendo voluntario , e por gosto , quebrar este Preceito ; sendo obrigado , e violento , será merecimento. E val mais trabalhar , e obedecer a vosso senhor , do que fugir ; porque disso resultaõ muitos inconvenientes , e peccados : como he , o furtar para vos sustentardes ; encher de ira a vosso senhor , para que vos castigue. Deos nunca falta a quem nelle confia : ha de acudir-vos , como cõstuma , nos mayores trabalhos. Tambem os brancos vão ser cativos a terras de Mouros , e fervem dobradamente , e se lhes não dá Domingo , nem dia Santo. Lá virá tempo , que vosso senhor se vá confessar ; ou tambem algũ bom homem o advirta

desse erro, em que vive. E não vos pareça que vossos senhores, por serem brancos, e forros, deixão de ser castigados por Deos, por não guardarem seus Mandamentos. Porque, posto que todos querem ser glorificados com Christo para gozarem da sua Gloria, haõ de padecer, e procurar ter parte na sua Cruz: pois he consequencia infallivel, que quem não padecer por Christo, não terá o premio da Gloria, que nos prometteo.

Nem vos metta desconfiança a vossa cor preta, e feres humildes, e desprezados no mundo por pobres: porque este he o meyo, por onde se alcança o Reino do Ceo. Christo Senhor nosso, que he o nosso verdadeiro exemplar, na sua sagrada Paixaõ, foy prezo, açoutado, despido, passou dias, e noites com desvélo, padeceo fomes, e frios, e foy todo maltratado, e affrontado dos homens: até que o puzerão em huma Cruz, onde padeceo morte affrontosa para nosso resgate; e quando neste lugar se vio, então deo a Gloria ao Bom Ladrão, porque tambem o vio pobre, nũ, e crucificado: porẽm em todo este trabalho, e desprezo, em que se vio o Bom Ladrão, sempre esteve firme, e constante na Fé. Assim vos peço que vos não desconsoleis, quando vos vires mais pobres, rotos, e castigados por vossos senhores: então cresça mais a vossa confiança em Deos, que vos dará por premio do vosso trabalho (sendo constantes na Fé) a Bemaventurança, como a tem dado a S. Benedicto, a Santo Antonio de Calatagirona, e a outros muitos Santos pretos. Porque supposto ainda não estejaõ Canonizados, ha noticia de muitos pretos, que morreraõ com opiniaõ de Santos, por viverem ajustados na Ley de Deos.

Eu conheci hum preto casado, por nome Manoel,
em

em certa Villa ; o qual , sendo cativo , tinha sua casa na fazenda de seu senhor , muy limpa , e asseada : e na varanda tinha hum nicho feito , e nelle hum altar , onde estava collocada huma imagem de Christo , e outra da Senhora do Rosario , com outros Santos. E todos os dias cantava o Terço de Nossa Senhora com sua mulher , e filhos : e depois se assentava em hum assento , e exhortava aos demais que vissem bem , e que soffressem o trabalho temporal ; porque mayores eraõ as penas da outra vida : para que os que já que serviaõ todo o dia a hum homem , ao menos de noite não deixassem de louvar hũa hora a Deos , que os havia de salvar. Com estas , e outras razões os capacitava , e evitava de muitos vicios , e peccados. Era muy bem visto de todos os brancos : e nas eleiçoens de suas Confrarias , e Irmandades , tinha o primeiro voto , pelo zelo com que servia a Deos , e á Senhora do Rosario na sua Matriz. Teve muy boa morte , e acabou com muito boa opiniaõ.

O que agora vos peço , (disse eu aos escravos) he que me encaminheis para a casa de vosso senhor : e depois que eu lá estiver , fazey muito porque vos veja ir do trabalho. Assim o prometteraõ elles fazer , ficando muito agradecidos do que eu lhes havia relatado para allivio de seu trabalho.

Cheguey pois á casa do morador : e elle sahio logo a receber-me com demonstrações de grande cortezia , dizendo-me que não sabia com que palavras me significasse o grande contentamento que tinha , de me ver chegar á sua casa. Fiquey eu admirado , e confuso , por ser homem , a quem eu nunca tinha visto. E parecendo-me que se enganava commigo ; depois de me ter dado assento , lhe disse : Senhor , agradeço-vos muito a grande demonstração , que me tendes

des feito neste agasalho. Porém, como ignoro a causa de tanto favor, pergunto-vos o que vos persuade a festejar a minha vinda? Senhor, (me disse o morador) a esta hora chego da casa de hum meu compadre, onde passey hoje o dia: e na conversação, que tivemos, me disse que soubera de hum homem, que estivera em casa de hum seu visinho, haverá tres dias, o qual hia de marcha em traje de Peregrino: e que da sua breve assistencia resultáraõ muitos serviços a Deos, por ser causa de evitar hum grande abuso, que achou introduzido em casa daquelle morador, acerca de usarem de calundús, e feitiçarias os seus escravos. E por isso, assim como vos vi, me persuadi que sois vós o mesmo, de quem tenho ouvido publicar o que vos relato: e prezo muito agora a vossa presença, para tambem de vós colher algum bom conselho, e doutrina.

Respondo, Senhor. (lhe disse eu) Assim succedeo: porém entendedey que não reconheço em mim partes, por onde possa ser louvado. E se alguma cousa fiz, e obrey neste particular, foy tudo obra de Deos: porque muitas vezes se serve este Senhor de hum humilde instrumento para obras de muy grande perfeição. Porque he tal o poder de Deos, que tem feito que o mesmo diabo, sendo pay da mentira, e maldade, descubra, e diga cousas, que sirvaõ de bem para muitas almas; do que tereis lido, e ouvido contar varios exemplos: e fora erro, e louca presumpção minha o ter para mim que posso obrar obra boa, sem que concorra a Divina Misericordia de Deos. E de não haver este certo conhecimento, estaõ os Livros cheyos de varios exemplos. E o mesmo Evangelho por S. Mattheus (*cap. 7. v. 15.*) nos certifica, que ha homens, que no exterior saõ ovelhas, e

no

no interior lobos; mostram humildade no exterior, e no interior são a mesma soberba: mostram honestidade publicamente, e no secreto são a mesma luxúria; mostram ser casa, e aposento de toda a virtude, e são morada de todos os vícios. Estes taes enganão aos homens, e tem confusos aos demonios: em algum tempo lhes succedeem cousas, por onde, sendo conhecidos, são dos demonios moça, e dos homens escarneo. E se não, vede o que succedeo aos mesmos Discipulos de Christo Senhor nosso: Vinhão elles muito contentes por terem feito milagres, e deitado diabos fóra: disse-lhes o Senhor: Eu vi a Satanaz cahir do Ceo, como hum relampago. (*Luc. 10. 18.*) E foy dar-lhes a entender que, com a luz do Ceo, cheyo de soberba cahio nos infernos. E assim que nenhum se póde desvanecer, nem presumir que póde obrar cousa alguma sem a graça de Deos: e de outra fórte, será soberba, e não humildade.

De Origines se conta, que foy de tão alto entendimento, e de engenho tão feliz, que em pouco tempo aproveitou a muitos em as Divinas Letras, e santidade: e de entre muitos que consta da sua Lenda, se diz que foy Mestre de Santa Barbara. Era tal o seu zelo de converter almas, que andando de huma parte para outra, prégando, e exhortando a Fé de Christo; chegou a compor, e escrever seis mil Livros. E de sua grande doutrina o affirmão varios Santos, e Doutores da Igreja, Diõysio Alexandrino, Santo Athanasio, Severo Sulpicio, Vincencio Lirinese, dizendo que nenhum homem mortal escreveo tanto, como Origenes; cujas Obras ninguem as póde ajuntar todas. E por fim, veyo a perder toda esta opinião, por lhe faltar Fé, e temor de

de Deos; e entrar em grande presumpção, parecendo-lhe que bastava ter huma virtude, para ser confirmado em todas.

O mesmo se conta daquelle grande Bispo de Cordova em Hespanha, chamado Ozio, o qual foy o homem mais nomeado, e famoso que houve no seu tempo, de letras, e virtudes: e basta que se achasse em muitos Concilios, e sempre foy admittido o seu voto, e parecer. E o fim, que teve, se póde ver na sua Lenda: porque, segundo o que delle se escreve, acabou com muy má opiniaõ de Catholico, por se desvanecer na presumpção de sabio; e por se querer introduzir com hum Principe hereje: que não póde haver mayor desgraça, que morrer hum Christão feito hereje.

Salomão, de quem affirma a sagrada Escriitura que era mais sabio que todos os homens, com sciencia infusa, e muito mimoso de Deos, está em duvida a sua salvação.

E por ultima conclusaõ deste discurso, haveis de entender, que todo o cuidado, e exercicio da vida Christã se ha de fundar, e reduzir a tres cousas; convém a saber: boas obras, evitar culpas, e soffrer penas. Estas tres cousas são necessarias para se salvar huma alma; e não basta huma dellas, nem duas, sem a outra. Porque he certo, que não basta que hũa pessoa faça huma obra de virtude, se não evitar as culpas em outras materias: e sobre ambas estas cousas, he necessario que as penas, e trabalhos, que Deos nos enviar, as levemos com paciencia, e humildade. E como, para o podermos fazer, não bastão as forças humanas sem a graça, e ajuda de Deos; devemos sollicitá-las por meyo de o servir, e amar.

A este tempo, que eu tinha acabado o discurso da

da minha conversa, chegáão os escravos do serviço, dando-nos as boas noites: e o morador, sem se saber determinar, e quasi sentido, por ver que me achava presente, disse aos escravos que fossem guardar as enxadas, e que depois lhes fallaria. Porém eu que estava á mira, esperando occasião; lhe perguntey logo: Se erão seus aquelles escravos? (fazendo-me desentendido do que com elles tinha passado na lavoura, para melhor dispor o que intentava) Ao que me respondeo o morador: que sim erão seus.

Pois Senhor: (lhe disse eu) Como, sendo hoje dia Santo, os consentis trabalhar, e deixais de os mandar ouvir Missa, quebrando dous Preceitos, hum Divino, e outro Ecclesiastico? Respondo: (me disse o morador) Duas são as causas: A primeira, porque são de tal condição estes escravos, que se os mando ouvir Missa, vão metter-se por outras fazendas, com folguedos similhantes a elles que ouvistes em casa desse morador, onde estivesstes, e o reprehendestes desses calundús, e feitiçarias. A segunda causa he, porque quando os mando á Missa, tomão-se de bebidas, e fazem varias brigas, desaguizados, e travefuras; e poucas vezes vem para casa, sem que lhes succeda algũa cousa destas. Em cujos termos, resolvo que mayor acerto he, visto dar-lhes eu o sustento, e o vestido, occupá-los: porque tambem he certo, que o escravo ocioso ordinariamente cria vicios; e destes resultão mayores offensas de Deos.

Pergunto: (lhe disse eu) tendes consultado esse vosso parecer com os vossos Confessores? Respondeo-me que não; porque tudo se tirava da boa razão: e como aquella lhe parecia tão ajustada, entendia que acertava no seu parecer. Pois viveis muy
en-

enganado; (lhe disse eu) porque nenhum, por douto que seja, se deve governar por seu parecer, tanto pela razão do amor proprio, como por se não compadecer com a conveniencia alheia. E por esta causa, ainda nas cousas temporaes o estamos vendo observar: como he, que por grande Medico que hum seja, sempre tem obrigação de consultar a sua enfermidade com outro Medico. O Letrado, tambem por Direito, não póde advogar nas suas causas. Os mayores talentos de virtudes sempre procurão Mestres de espirito, para consultarem as suas duvidas, para serem directores das suas almas.

Vede agora com quanta mayor razão estais obrigado a confessar vos desse vosso parecer, sendo em materia de tanta importancia, como he hum mandamento do Direito Divino, e positivo, e outro Ecclesiastico, ambos pertencentes á honra de Deos: quando vemos, que ainda em hũa Ley mental, como he a de hum, que faz o seu testamento, e deixa este, ou aquelle legado em hũa verba; esta se não póde derogar sem grande causa, e por quem tenha poder por Direito para o fazer. E se isto assim he: como he possivel q̃ vós resolvais, e determineis por vosso parecer a Ley Divina, e Ecclesiastica? Demais que essa razão, que vos parece racional, he apparente: porque por isso vos fez Deos paydefamilias; o que vos não pareça cousa de tão pouca entidade, que se não prezasse Christo muito de o fer, como consta do Sagrado Evangelho.

Quereis evitar esses inconvenientes aos vossos escravos? Day-lhes bom exemplo, ide á Missa, levay-os em vossa companhia, (excepto os que são necessarios para o provimento do sustento da casa, que esses irão em outra occasião) e vede se assistem aos

Officios Divinos com aquella decencia , que são obrigados ; e trazey-os outra vez em vossa companhia. E do meyo dia para a noite , deixay-os occupar em alguma cousa ; que nunca lhes faltará em que se entretenhaõ. Day-lhes algumas ferias no anno , em que totalmente cesse o trabalho , comaõ , folguem , e se alegrem ; para que cobrem alento , e desejo de continuarem no serviço : e trazey-os sempre diante dos olhos ; que o premio , e o castigo , são dous eixos , em que se move o acertado governo. E desta fórte lhes evitareis as ociosidades , e obrando de caridade.

E não queirais ser como muitos senhores de escravos : os quaes não só lhes permittem que vão por onde quizerem ; senão que vivaõ em liberdade de consciencia , com tanto que lhes paguem por dia , ou semana , ou mez , hum tanto. Isto succede principalmente nas Villas , e Cidades do Brazil. Vaõ estes taes escravos , alugaõ huma casa , ou azebre , e nelle fazem muitas offensas a Deos , como he sabido de todos , excepto seus senhores ; porque como lhes não procuraõ mais que pela paga , do mais lhes não importa saber. Sem conhecerem que as culpas dos servos desdouraõ muitas vezes aos senhores ; além dos peccados em que estão encarregados , por lhes darem estas licenças , e liberdades. E sabeis de que lhes servem estes receptaculos ? De alcouce para offender a Deos no sexto Mandamento , de muitas feitiçarias , de covas de ladroens ; e finalmente de centro , e covil de toda a maldade.

Porèm pergunto eu agora , (me disse o morador) se nisso , que obraõ estes escravos , terão tambem culpa os que os consentem morar nellas casas , e lhas alugaõ , sabendo que se fazem nellas semelhantes insultos?

sultos? Isso deixo a seus Confessores, para ques lhes respondão; (lhe disse eu) se he que dislo se confessaõ: porque os Confessores não costumão addivinhar, e he prohibido em Direito por Ley Divina, e humana. Porém só direy, a bem da Republica, que se eu tivera voto em Capitulo, havia de mandar, que todas as vezes que se achasse casa alugada a escravo, a perdesse seu dono para a Coroa; ou para aquillo que se applicasse para mais serviço de Deos. Porque só assim se poderia pôr cobro em cousa tão prejudicial á Republica, e bem commum.

Outra cousa vejo observar nesta terra contra a justica, razão, e caridade; e vem a ser: que se serve hum senhor de seu escravo em quanto saõ; porém se este cahio em doença importuna, e dilatada; pelo não curar, nem dar-lhe o sustento, lança-o fóra de casa, que vá pedir esmólas. A isto havia de acudir a Republica, pondo pena ao que tal fizesse; e além de arbitrada, que fosse obrigado o senhor a sustentá-lo até a morte; pois se servio delle em quanto teve saude, e força para o servir.

Queixaõ-se muitos senhores, que lhes fogem os escravos, e lhes morrem; sendo que muitos escravos com mayor razão se podiaõ queixar de seus senhores, pelos terem em suas casas tratando-os tão mal. Como assim? (me disse o morador) Dir-vos-hey: (lhe disse eu) A fome, e o frio mettem a lebre a caminho. Como he possivel viver hum escravo em hum lugar, onde o mataõ á fome, e o deixaõ perecer ao frio, e sobre isso o fazem trabalhar?

Os Lavradores em Portugal, ainda aos boys, com que trabalhaõ, lhes daõ o sustento necessario, e os recolhem do frio: porque se assim o não fizessem trabalhariaõ hum anno; porém para o outro haviaõ de

de ficar sem boys, que os ajudassem. E eu vejo que muitos Lavradores no Brasil trataõ tão mal a seus escravos, que não só os fazem trabalhar de dia, senão ainda de noite, rotos, nús, e sem sustento. Pois com que razão se queixa hum homem destes, que assim obra, de que lhe fujão os escravos, e lhe morraõ, faltando-lhes elle com o necessario para alimento da vida?

Se nas devassas, que manda a ley todos os annos aos Ministros que se perguntem por varios capitulos, por bem da Republica, se pudesse accrescentar mais hum artigo, pelo qual se perguntasse, se havia senhor, que trataste tão mal a seu escravo, que por isso fosse causa de que morresse; eu vos prometto, que talvez haveria mayor caridade, não por amor, porém sim por temor.

Ver a vida, e a lida de muitos Lavradores do Brasil com os seus escravos, faz pasmar: e parecem mais homens faltos do uso da razão, que racionaes, e Christãos. E se não, vede. Amanhece o dia, e antes que o Sol sayá, sahe este homem da cama; e talvez sem se lembrar que nasceo para morrer, levando-lhe as primicias de suas acçoens as occupaçoens da lavoura, e as ganancias do interesse: e começa a gritar; quando devia começar a rezar, e encômendar-se a Deos. E por quem vos parece que começa a gritar? Pelo inimigo máo: e depois por hum Congo, por hum Benguela, e por hum Mina. Senhor, lhe perguntára eu, elles escravos são baptizados? He sem duvida, que me diriaõ que sim. Pois como os não chamais pelos nomes que lhes puzeraõ quando os baptizáraõ? Porque estes escravos, respondem alguns senhores, tem os nomes de Christãos; porém obraõ peyor que o demonio. Pois, Se-

L

nhor,

nhor, quem os pôs nesse estado? Aqui se calaõ, e com razão; porque semelhante pergunta não tem resposta; pois he certo que o senhor faz ao escravo, e não o escravo ao senhor.

Ah Estado do Brasil, como te temo, e receyo hum grande castigo, pelo máo governo que tem muitos dos teus habitadores com seus escravos, e familias! A este proposito vos contarey o que me succedeo em certa occasião, vindo de caminho para a casa de hum morador. Foy o caso, que não podendo eu com dia chegar á sua casa da vivenda, fiquey em hũa, que elle tinha na sua roça, e lhe servia de officina da lavoura; porém solitaria: e antes que amanhecesse, ouvi grandes gritos. E porque havia risco de Gentio naquelle sitio, quiz por-me em cobro, e cautela: porém disse-me hum preto, que estava em minha companhia, que não temesse; porque aquella bulha era de branco com pretos. E logo vi com evidencia, que se não enganara o escravo; porque brevemente chegou o morador acompanhado de escravos, aos quaes levava para o trabalho. Pergun-tey ao morador, que causa tivera para tão grande grita? Respondeo-me: que partira de casa pelas quatro horas da manhã: e que era tão grande a repugnancia dos escravos, por não quererem ir para o trabalho, que estivera indignado a matá-los.

E perguntando eu aos escravos, que motivo tinham, para fazerem tão grande repugnancia; me responderão: (quizá por me terem presente, ou talvez por desesperados) Senhor, como havemos vir contentes a hum serviço, quando vimos trabalhar todo hum dia, sem mais sustento que huma limitada tamina de farinha, sem nos concederem tempo de podermos buscar o conducto, para passarmos
esta

esta miseravel vida ? Mais diriaõ os escravos, se o senhor os não mandasse calar.

Porèm , eu lhe disse entaõ : Senhor , assim como he certo , que he necessario , para ter amigos , buscá-los com prudencia , e cultivá-los com beneficios : tambem para hum senhor ter bons escravos , he necessario tapar-lhes a boca com o sustento , e cobrí-los do frio , para terem vontade de trabalhar ; dando-lhes a bõa doutrina , para se salvarem. Porque tratá-los de outra fórte , he tê-los por inimigos ; e no tempo mais necessario vem a faltar. E com razão se diz , que o homem que procura ter muitos escravos , vem a ser escravo delles.

Vede agora , como poderia ser aquelle homem bem servido de escravos , quando os tratava taõ mal , que nem o sustento necessario lhes dava ! Ainda mal , Senhor , (me disse o morador) que fallais com larga experiencia , e praticamente pelo que estamos experimentando. E em quanto aos escravos , fico de acordo daqui por diante observar vossos dictames , e conselhos , com a ajuda de Deos.

Porèm que remedio me dais para as escravas ? Porque estas , me diz a dona da casa que não haõ de ir , senaõ em sua companhia , á Missa : e que chegado a irem , ha de ser com todo o preparo , e roupas , como as mais escravas de suas visinhas. E como para isto se carece de grande dispendio ; pela mayor parte nunca vão á Missa , excepto de anno a anno , ou no dia de alguma festa principal.

Antes que responda , e vos dê o remedio , vos quero perguntar huma cousa , e vem a ser : se sois filho do Brasil , ou de Portugal ? A isto me respondeu o morador , que era natural do Reino de Portugal. Pois não sabeis como lá se observão as mulhe-

tes com as suas criadas? Senhor, (me disse o morador) as filhas do Brasil não querem observar essa doutrina. Pois, Senhor, (lhe disse eu) dahi procedem essas defordens. A mulher está obrigada a obedecer a seu marido por preceito Divino, e principalmente nas cousas que forem dirigidas ao serviço de Deos: e ainda no Direito Civil se acha escrito, que nem os cabellos da cabeça póde cortar a mulher sem licença, e authoridade de seu marido. Dizey-me: Que quer dizer, que ha de ter poder huma mulher para quebrantar a ley Divina; e que hum homem não ha de ter forças para a poder defender, e fazer observar? Ora cuiday nisto de vagar, e com muita attenção.

As escravas, se não podem vestir seda, vistaõ laã: porque quem as vir assim, dirá que aquellas roupas custáráõ dinheiro de seus Senhores: e não presumirá que lhas deo outrem. E quando com isto se não contentem, que he sem duvida que se accommodaráõ; para isso serve entãõ o castigo, e a reprehensãõ, que chamaõ fraterna: porque de não haver esta advertencia, e castigo, procedem muitos descreditos, e offensas a Deos, que he o que mais se deve sentir. Porque ha mulheres neste Estado do Brasil, que não só dissimulaõ a suas escravas as offensas que fazem a Deos; mas ainda as obrigaõ que ganhem pelo peccado para se vestirem: além do mais que deixo de publicar; porque não he para proferir entre gentes que presumem seguir o estado dos honrados. Porém, isto supposto, lá virá tempo, e hora, que saberãõ estes, e estas o quanto melhor lhes seria não haverem tido escravo algum, por não virem a ser cativos do demonio por toda huma eternidade; vendo-se arder a si, e a seus escravos, sem terem mais que hum

hum grande arrependimento do que cá lhes parecia acerto, e estimação.

Meu Senhor, acabay de entender que Deos muito nos encarregou a guarda dos seus preceitos, e Mandamentos com toda a exacção: e que não os havemos de desprezar com qualquer capa de necessidade; se não temê-los, e amá-los. Reparay no que nos diz por David: *Tu mandasti, mandata tua custodiri nimis.* (Psal. 118.) E em outro lugar (Psal. 93. 20.) o mesmo Rey David, como se dissera, e fallára para o caso presente; diz elle: He possível, que a tanto chega a tua maldade, (fallando com qualquer peccador) que finges difficuldade na observancia da ley, e preceitos divinos, quando estes só se devem temer, e guardar a troco de todos os incommodos temporaes, pelo grande perigo da salvação! O Paydefamilias não ha de ser só bom para si, mas também o deve ser para os mais: ha de considerar que he cabeça daquelle corpo, e que por ella se haõ de governar todos os mais membros. E para isto vos quero trazer hum exemplo vulgar.

De muitos grandes Santos reza a Igreja, e nos consta estarem gozando da Bemaventurança por seus grandes merecimentos, que particularmente fizeram de virtude: como foraõ os Martyres, Virgens, Confessores, e Anacoretas; e bastou-lhes a estes tratarem de si particularmente, para se salvarem. Porém os que quizerão ser Patriarchas, que val o mesmo, que ser Paysdefamilias, não só tratáraõ de si, mas também dos mais: dando-lhes Regra, sustento, vestidos, e guardas, que saõ os Porteiros, e cercando-os com muros; dando-lhes o castigo, e as fraternas, quando he necessario. S. Bento, e Santo Elias com mais grandezas de roupas. S. Francis-

co cobrindo-os de burel. Santo Ignacio fazendo-os viver do commum, dando-lhes o provimento por esmóla, mandando-os pedir em quanto Noviços; com pretexto de que, se não procedessem bem, os lançariaõ fóra da Companhia, não olhando para respeitos, nem razões de parentesco. O Padre Diogo Laines, segundo Geral da Companhia, deitou a hum seu Irmão fóra, pelo julgar não ser digno para nella estar, sem duvida, por conhecer o damno, que faz hum membro podre em hum corpo. E por isso bem julgou Seneca, quando disse que perdoar aos máos he fazer mal aos bons: porque, com o máo exemplo daquelles, os bons affroxaõ na virtude.

Ainda Santa Tereza, sendo mulher, pôs Regra a seus subditos tão ajustada, como se vê de seu bom regimen, e governo, fazendo-os andar descalços: porque se não considerasse que estavaõ livres desta obrigação as mulheres, que tem a seu cargo serem senhoras de suas casas, e Mãysdefamilias.

E nisto imitáraõ todos a Christo Senhor nosso, que se prezou muito de ser Paydefamilias, e não só ensinou a seus Discipulos, dando-lhes regra, e fórma de como se haviaõ de haver, que saõ os dez Mandamentos, e os Santos Evangelhos; mas tambem a todos nós. E por isso nos havemos prezar muito de sermos filhos de tão bom Pay, obrando bem em seu santo serviço.

E assim o Paydefamilias tenha entendido, que não basta que seja pio, e devoto: ha de ser Argos na guarda da sua casa; dando regra, preceito, e castigo a seus filhos, e mais familia. Porque não importa que se metta em huma camera, e se ponha a fazer oração mental; se deixa a porta aberta, tanto a da rua, como a do quintal, para que sayá o filho,

e o escravo a offender a Deos : e que , sendo hum Franciscano na pobreza , queira vestir a seus filhos com hũa cugula , ou capa branca , como hum S. Bento , ou Santo Elias. Porque d'aqui procedem tantas desordens , e gastos em muitas casas : e de não haver huma resolução , como a de Santo Ignacio para lançar fóra os mal procedidos. Digo isto , porque costumão dizer alguns Senhores , ou Paysdefamilias : eu não hey de vender hum escravo , ou escrava , nem lançar fóra de casa a hum filho , por terem este , ou aquelle vicio ; porque são os meus pés , e as minhas mãos , e os olhos da minha cara.

Mas ouvi o que diz Christo Senhor nosso por S. Mattheus (*no Cap. 18. v. 8. e 9.*) Se a tua mão , ou o teu pé te escandaliza , corta-o , lança-o fóra de ti : melhor te he entrares para a vida sem huma mão , ou sem hum pé , do que seres mandado para o Inferno tendo dous pés , e duas mãos. E se o teu olho te escandaliza , arranca-o , e lança-o fóra de ti : melhor te he entrares para a vida com hum só olho , do que seres mandado para o Inferno tendo dous olhos. Isto he , explicaõ os Expositores : se as tuas mãos , ou os teus pés , ou os teus olhos te levarem á occasião da culpa ; evita-os , e tira-os daquelle perigo , e occasião. Vede agora com quanta razão devem estes taes Senhores , e Paysdefamilias cortar pela sua conveniencia , vendendo o escravo vicioso , e lançando fóra de sua casa ao filho mal procedido.

Sey eu , que consta da Sagrada Escritura Genes. (*cap. 21. vers. 14.*) que Abrahaõ lançou fóra da sua casa a Ismael seu filho , e de sua criada Agar , por este querer introduzir certos máos costumes a seu Irmaõ Isaac ; e por lho dizer , e advertir Sara. E porque fez isto Abrahaõ ? Porque era homem jus-

to, e muito temente a Deos. Porém muitos Senhores, e Paysdefamilias não só não querem vender os escravos mal procedidos, nem lançar fóra de casa os filhos viciosos; mas antes lhes estão dissimulando os vícios, e peccados, por certas conveniencias. Mas fiquem entendendo estes taes, que se não cortarem por todos os inconvenientes, para observarem a Ley divina; haõ de ir, e levar aos mais consigo ao Inferno.

Senhor, (me disse o morador) por venturoso acerto tenho a vossa vinda a esta casa; porque me abristes os olhos, que eu até agora trazia fechados, e por isso seguia o tropel dos erros dos mais. E daqui em diante, com a ajuda de Deos prometto emendar estas desordens, que as considero muito em risco de minha salvação. E porque são horas de cea, acceitay esta boa vontade, que vos offereço, de ceiar em minha companhia: pois bem he que eu vos administre a comida temporal, ja que vós me fartastes com o pasto espirital. E logo depois da cea nos fomos agazalhar.

C A P I T U L O XIV.

Do quarto Mandamento. Dá o Peregrino muitos documentos aos Paysdefamilias, de como devem tratar a seus filhos: e aos filhos, de como haõ de obedecer a seus Pays.

NO dia seguinte me levantey a tempo, que tambem os escravos partiaõ para o serviço: e depois de me despedir do dono da casa, e elle de mim, significando-me o grande gosto, que tivera naquelle breve

breve tempo pelas muito importantes advertencias que lhe fiz acerca do bem espirital; me pôs a caminho. E dalli a poucos passos me topey com os mesmos escravos, que tambem se me mostraraõ muito agradecidos do que eu tinha dito a seu Senhor em favor delles: aos quaes exhortey, e consoley o melhor que pude, e delles me despedi seguindo a minha viagem.

Caminhey aquella manhã, até quasi as onze horas, por hum a estrada defabrida de sombras: motivo, porque o Sol com seu reverberante calor me atropellava a jornada; e pela agitação do exercicio de andar se multiplicava a calma: por cuja razão me resolvi baixar a hum valle, onde descobri frondozas arvores, que de verde primavera se vestiaõ fazendo pompozas gallas. E chegando a registrar o sitio, achei hum a crySTALLINA fonte, que por solitaria não murmurava; porẽm taõ prodiga, como liberal de suas agoas, e não menos alegre, por se ver livre de pagar tributo á corrente de caudalosos rios, aonde se precipitaõ: ou ja por se considerar ilenta da prição de hum a arca, em que as prendem debaixo de chaves; e outras em perpetuos calabouços de opprimidos chafarizes, fazendo-as derramar continuas lagrimas, por se verem reprezadas em hum a rigorosa clausura. Alli passey até ás tres horas da tarde, gozando daquelle ameno sitio: quando ouvi tropel de gado vaccum, que descendo do monte buscava a fresca fonte, para beber de suas agoas, levantey-me, e pôs-me a caminho: e antes de fahir fóra da espessura ao descampado, ouvi hum a afinada voz debaixo de hum arvoredado repetir hum a letra ao humano, taõ saudosa, como amante.

E vendo eu que tinha posto fim ao passacalhe, fahi

ao campo, e vi hum rapaz pardo, que representava ter quatorze annos de idade. Saudey-o, respondeo-me cortezmente. Perguntey-lhe quem lhe havia ensinado aquelle tono? Disse-me que o ouvira cantar a sua Senhora moça, quando aprendia a solfa com hum mancebo, que a ensinava. Perguntey-lhe mais: Se ainda aprendia? A esta pergunta se calou o rapaz. E eu instando lhe torney a perguntar, porque me não respondia? Tenho receyo (me disse o rapaz) que meu Senhor sayba que eu revelo as tragedias, que tem succedido em sua casa. Aqui me cresceo mais o dezejo de as saber; porque ja estava presagiando o successo: e assim lhe prometti que guardaria segredo, se me descobrisse o que havia succedido.

Sabey, Senhor, (me disse o rapaz) que á Fazenda de meu Senhor (que fica daqui muy perto) chegou hum mancebo de muy galharda gentileza, e bello talhe, dizendo que sabia varias artes liberaes, quaes eraõ Latim, solfa, e muitos instrumentos musicos. E como meu Senhor he homem rico, e tem hum filho, e huma filha; dezejoso de recolher a filha para a fazer Religiosa, e ao filho Sacerdote, pedio ao mancebo que lhos ensinasse a solfa, por ambos ja saberem ler, e escrever. Não foy necessario muito para persuadir a quem dezejava, e appetecia aquelle encontro: tratou logo de lhe metter a Arte da solfa nas mãos, e a de amante no entendimento; e lhe foy muy facil decorar a segunda, por ter o objecto sempre á vista. Não erã passados ainda bem seis mezes, quando (haverá vinte dias) se ausentou com ella levando muitas peças de ouro, e prata em sua companhia. E pondo meu Senhor todo o cuidado para os poder apanhar, lhe não
tem

tem valido a sua grande diligencia; e menos o seu cabedal, para o poder conseguir: e só a mayor noticia, que teve, he que se partiraõ para a Cidade da Bahia. E neste meyo tempo, ha menos de tres dias, se ausentou tambem o filho com hum mulher casada em sua companhia. E estes desgostos fizeraõ a meu Senhor cahir enfermo em hum cama, onde actual-mente está. Perguntey-lhe mais: se era casado, ou solteiro seu Senhor? Respondeo-me o rapaz, que haveria oyto annos que lhe fallecera a mulher; por-rem que tinha em casa outra, que lhe fazia assistencia na falta da primeira.

Admirado fiquei de ver a promptidaõ, e confiança de hum rapaz escravo, criado entre montes, seguir taõ acertada narraçaõ. Porèm vim a conhecer, que o entendimento he como a pedra preciosa, a qual ainda nascida no monte sempre brilha, e mostra seu valor. E disse logo ao rapaz, que, por não motivar alguma suspeita de ir em sua companhia, me encaminhassẽ para a fazenda de seu Senhor. O que o rapaz promptamente fez.

E chegando á casa do Lavrador, me sahio hum escrava, e me disse que estava enfermo seu Senhor, e que visse eu o que lhe queria mandar dizer. Disse-lhe eu: Filha, dizey a vosso Senhor que tem em sua casa hum Peregrino: e que tambem estimo achar-me nella agora, para lhe applicar algum remedio á sua enfermidade. Não tardou muito o dono da casa; porque logo sahio encostado a hum muleta: e eu lhe disse o quanto sentia vê-lo tão molestado. Tudo confidero, Senhor, (me disse o Lavrador) que procede de meus peccados. Assim o devemos considerar; (lhe disse eu) porque estando a consciencia livre da culpa, não ha cousa, que nos perturbe, nem molef-

moleste : e he grande o damno , que o peccado nos faz , assim na alma , como no corpo.

E se não , vede o que affirma o Doutor Angelico Santo Thomás , quando diz que o peccado he quasi infinito , pois he feito contra huma Magestade infinita. Augmenta-se sua graveza pela vileza da pessoa , que o commette ; por ser hum vil bicho da terra , e hum pouco de lodo , contra seu Bemfeitor , Creador , e Redemptor.

Os damnos , que d'isso resultaõ a quem pecca , não ha razões que os possaõ explicar , por serem innumeraveis. Perde todo o direito , que tinha á adopção , e filiação de Deos : á protecção , que tem de seus servos , e amigos : á paz , e serenidade , que acompanha a hũa boa consciencia : á participacão das boas obras de todos os justos. Faz tambem ao peccador cahir em outros muitos peccados , se não he diligente em se levantar delles. Põem-se o peccador em estado de não poder fazer penitencia : e fica finalmente em tal perigo pela culpa , que entre o peccador , e o inferno se não mette mais , que huma respiraçaõ.

Pelo peccado vem aos homens horrendos castigos , e desgracas , como saõ : doenças , mortes repentinas , deshonras , descreditos , e infinitas penalidades , que os affligem ; e por isso se diz : *Supplcium est pœna peccati*. Donde S. Jeronymo tirou por consequencia , que dos peccados ordinariamente procedem as enfermidades.

Finalmente , he o peccado cousa para tanto se temer , como por larga experiencia temos visto , e no lo ensinaõ , e mostraõ os livros divinos , e humanos ; pela grande ingratidaõ , com que as creaturas se haõ para com Deos , esquecendo-se dos grandes beneficios , que d'elle tem recebido. Se não , vede. Quem
lançou

lançou aos Anjos do Ceo, e ao Homem do Paraizo? Quem alagou o mundo todo com o diluvio? Quem abraçou aquellas cinco Cidades com fogo? Quem provocou as pragas do Egypto? Quem no deserto foy causa do castigo daquelle povo? Quem fez tragar a Dathan, e a seus sequazes? Quem subverteo a Ninive? Quem assolou a Jerusaleem? Quem cativou, e entregou a Hespanha aos Mouros? Tudo isto fez a malicia do peccado; além de outros muitos, e grandes castigos geraes, e particulares, que houve, e temos visto, e a cada passo estão succedendo. Vede agora, se não he para temer, e tremer cahir em peccado mortal. E para tão mortifera enfermidade, não ha melhor remedio, que usar do Sacramento da Penitencia.

Mas tornando ao proposito das enfermidades do corpo: havemos de suppor que muitas vezes os achaques corporaes são mezinhas para a nossa alma. Porque diz o Padre Joaõ Eusebio no seu Livro *Diætames*, (Decada 7. §. 69.) que mais gloria, e agrado se dá a Deos em nos ter na cama inuteis para obrar; do que lhe dão todos os Anjos, e Santos do Ceo, e da terra. Louvay a Deos, tende paciencia; e as penas, que padeceis, vos servirão de alegria. E pelo contrario, será duplicada pena a enfermidade, não havendo paciencia. Além de que, muitas vezes succede sermos nós mesmos flagello da nossa faude; como por larga experiencia estamos vendo, e experimentando, e de varios exemplos consta.

Pois como assim póde ser (me disse o morador) huma pessoa flagello de si proprio, quando de todos he tão appetecida a faude? Não só da faude, (lhe respondi eu) mas tambem da mesma vida, pelo intenso pezar, ou demasiada alegria.

Primeiramente haveis de saber , que as causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios. A dor faz gritar ; mas se he grande , faz immudecer : a luz faz ver ; mas se he excessiva , cega : a alegria alenta ; mas se he estupenda , mata : o amor póde ser tão extremo , que faça loucuras : o odio poderá ser tão extraordinario , que commetta absurdos : as especies se fazem venenos , e mataõ , tanto que passaõ dos quatro grãos de quente a frio. Esta he a razão , porque mata o grande pezar , ou a demasiada alegria.

Mas fallando agora dos effeitos do pezar : Sabey que o homem tem alma racional , que os outros animaes não tem. Della resultaõ a Reminiscencia, Memoria , Entendimento , Razaõ , e Vontade , situadas na cabeça, membro mais nobre do corpo, sitio, e morada da alma racional. Pelo entendimento entende , e sente os males , e damnos presentes ; pela memoria os males passados ; pela razão espera , e teme os males futuros ; e pela vontade aborrece : estes tres generos de males presentes , passados , e futuros , ama , deseja , teme , e aborrece. Por cuja causa lhe vem tantos generos de enfermidade, e tantas mortes repentinas , quando o pezar he tão grande , que basta para que de repente a vida se acabe. E quando he menor, vay pondo fraco, e attenuando pouco a pouco , segundo a qualidade do pezar que se concebe da parte de quem o padece , até que de todo acaba a vida , se se não atalha este damno com os remedios, que logo direy : por ser o descontentamento filho menor, que pare, e produz o grande pezar , ou ira , por alguma grande perda , ou damno passado , de que procedem grandes fluxos , que violentamête cahem do cerebro; e arrojando-se a algum mem-

membro, como depois fica em casa a discordia, (isto he, entre a alma, e o corpo) que põem aquellas especies de aborrecimento tão inimigas da saúde; faz que esteja successivamente distillando o succo, pouco a pouco, gotta a gotta, como hum lambique, ou hyssopo; até que seccaõ, e myrrão os corpos, e se lhes tira o calor natural com esta tristeza, e descahimento. E ainda eu dislera mais, (com licença dos professores da faculdade da Medicina) que destas causas procede a mayor parte de todas as enfermidades, que vem aos corpos: o que não exponho aqui, por não me dilatar, e não ser concernente acerca do que pertendo mostrar. Só direy, que Plataõ lhe chamou discordia da alma contra o corpo. Esta faz a vida triste, e infeliz; como pelo contrario a alegria, porque a faz aprazivel, e suave. Assim o disse o mesmo Filosofo Plataõ: A cousa mais doce, he passar a vida sem tristeza. E daqui resulta virem aos corpos varias enfermidades por causa da demasiada tristeza, como he: tifica, lepra, apostemas, farnas, magreza, e infinitos males.

E para remedio destas tristezas, tomay estes avizos: Quando a esperança de vosso bem faltar, buscay outra cousa, por onde vos esqueça a dor presente, que vos penalizar: Fazey por divertî-la com discreta, e alegre conversação, suaves cheiros, alegres campos, correntes rios, espaçoso mar, afinados instrumentos, e sonora musica. Aqui deo hum grande suspiro o morador; e logo entendi que era, sem duvida, por ter sido a musica o motivo da sua molestia: porèm como todo o meu designio era divertî-lo, lhe fuy buscando o golpe de mais longe.

E assim continuey, dizendo: Tambem aproveita saber estes damnos, que a tristeza obra na saúde huma-

humana, para della se defenderem as mulheres ; porque lhes resultaõ muitas vezes, por se julgarem mal casadas , e se verem aborrecidas de seus maridos imprudentes : o que elles , como discretos , e Christãos , devem remediar , emendando seus máos costumes , prezando a suas mulheres , como são obrigados. Porém fallando do como se póde morrer de repente , e de huma má nova , ou successo inopinado ; vos quero mostrar esta verdade pelos exemplos seguintes.

Conta-se , que estando o Grande Pompeyo assistindo a humas festas , nas quaes se estava representando huma tragedia , como hoje se costumaõ fazer as Comedias : acaço lhe cahiraõ de hum homem ferido humas pingas de fangue em as roupas ; e logo mandou a hum pagem levá-las a sua mulher Julia , e que lhe trouxesse outras. E antes que o pajem dissesse ao que hia ; assim como Julia vio as gottas de fangue , cahio esmorecida , e acabou a vida. Não deixou de ser ligeira essa mulher (me disse o morador) em conceber a nova, sem primeiro examinar a causa. Foy taõ vehemente (lhe disse eu) a dor ; que lhe não deo lugar , nem tempo , para que os espiritos a não soffocassem.

Similhante caso succedeo em tempo de Carlos V. Em as guerras de Ungria , em o cerco de Buda , era Capitaõ Rayssicao , Suevo , o qual tinha hum filho de alentado valor ; e sem dar parte a seu pay , fez hum desafio com hum Mouro contrario ; e vieraõ a batalha á vista do campo dos Exercitos. E estando os mayores do Exercito com o Capitaõ vendo aos dous , fazia maravilhas o da parte de Castella ; sem saberem quem era ; porém foy vencido , e morto pelo contrario. Querendo saber o Capitaõ , e os mais , quem

quem era tão bom Cavalleiro, o desarmáraõ; e tirando-lhe a viseira, soube o Capitaõ que era seu filho, e no mesmo instante cahio morto, e ambos forraõ sepultados.

De ElRey Filippe o Prudente se conta, que estando ouvindo Missa, dous criados seus muy validos, que estavaõ atraz d'elle, se puzeraõ a fallar; e o Rey, acabada a Missa, lhes disse olhando para elles: Nem vós, nem vós me falleis mais. Hum indo para sua casa, em breves dias morreo de pena: o outro ausentou-se da sua patria, e naõ appareceo mais diante do Rey. Por certo, bem merecida reprehensaõ; por faltarem á reverencia, que se deve a tão alto Sacrificio.

Conta o Bispo Barbastranse, (*Hom. 43.*) que mandando ElRey Filippe II. tomar residencia a hum dos Ministros Reaes; entre os que o accusavaõ, foy hum, de quem aquelle Ministro se fiava, e tinha por amigo particular: o que sabendo o Ministro, foy tanto seu sentimento, que de repente lhe deo huma febre, com que brevemente acabou a vida.

Genebra, mulher de João Ventiolo, morreo de repente, porque soube que seus filhos haviaõ sido vencidos em huma batalha. De outra mulher se conta, que vendo a hum filho seu cahir em huma lagõa, considerando que se affogava, cahio morta, e o filho sahio depois salvo. A'lem de outros muitos casos, que tem succedido por força da imaginaçaõ: como foy o d'aquelle, que sem lhe saltar hũa gotta de sangue no corpo, só por imaginar que o tinhaõ esgottado por huma sangria, cahio morto de repente. Tambem conheci a hum homem, que por lhe fugir hum filha com hum mancebo, com quem andava de amores, cahio em huma cama, e della foy levado

para a sepultura. E finalmente são tantos os 'casos succedidos a este proposito , que seria hum processo quasi infinito a relação delles.

Pois sabey, Senhor, (me disse o morador) que me tendes muito alleviado com vossa discreta conversação : e fico agora entendendo , que a causa da minha enfermidade procede de huma pena , que me acompanha ; e vem a ser , que huma filha minha , a quem eu amava com extremos, se ausentou desta casa em companhia de hum mancebo, que a ensinava a Solfa. E logo me repetio tudo o que me tinha relatado o rapaz. Porém a mayor pena, q̃ padeço, (me disse o morador) he não saber a qualidade deste mancebo, que a levou furtada. Pois, Senhor, (lhe disse eu) se não tendes outra cousa; supponde que não ha mayor geração, que o bom procedimento. A' lêm de que, tem havido muitos pays, que por verem a grande vontade de tomarem estado suas filhas, ainda com homens de inferior qualidade, lhos deraõ por maridos.

Carlos Magno Rey de França vendo a sua filha taõ afeiçãoada a Egenardo seu Secretario, a casou com elle ; e nem por isso ficou em menos estimação o Rey, mas antes muy louvado, pela prudencia com que se houve, quando vio a sua filha carregar ao Secretario em seus braços, pela neve, por não ser sentido, podendo-os castigar : porém tudo remediou com os casar.

E por isso Santo Ambrosio deo de conselho a hum Paydefamilias, chamado Sifinio, dizendo-lhe que casasse a seu filho com a mulher, a quem se tinha afeiçãoado: porque, casando-os, os faria melhores; e negando-lhes a sua graça, seriaõ peyores. (*Lib. 8. Epist. 64.*)

E vede que lá se conta, que perguntando hum
pay

pay a Themistocles , se casaria sua filha com hum pobre de grandes partes , ou com hum rico sem ellas ; respondeo , que mais queria homem que necessitasse de dinheiro , do que dinheiro que necessitasse de homem.

E assim vos digo : Esse mancebo , pelo que me acabastes de dizer , tendo taõ galhardas partes , não nasceo (como lá dizem) em casa de palha. Deixay isso ao tempo : que elle mostrará que não se enganou vossa filha , nem elle em a solicitar por esposa ; que esse deve ser o fim , sem duvida , que o levou a fazer esse excesso : porque se em similhante caso se houvesse de dar desculpa a hum homem , tó nesse particular a devia ter. Ponha-se cada qual em seu lugar , e nessa idade , e veja se tem desculpa á vista de taõ franca entrada , que lhe déstes : por ser o melhor uso o da occasião , o nescio a não conhece , fenaõ pela costas ; o discreto a addivinha antes de chegar. A esse mancebo mettestes-lhe a occasião nas mãos ; quiz-se aproveitar. O ponto he tratares de os soccorrer , para que gozem do estado em paz.

Porém isto supposto , pergunto : Que idade tinha vossa filha ? Vinte e cinco annos , me respondeo o morador. Pois sabey , Senhor , (lhe disse eu) que não ha cousa que mais vivamente seja combatida , do que a mulher : e assim devem os pays sobre maneira doutrinar as filhas , e dar-lhes estado a seu tempo. Porque assim como quando amadurece a vinha , se lhe deve pôr cabana , e feitor ; assim tambem chegando a idade á mulher , tem necessidade de guarda , casa , e marido. Havia huma ley entre os Godos , que dizia assim : Mandamos que o pay por casar dez filhos , não trabalhe hum dia ; mas por casar huma filha virtuosa , trabalhe dez annos.

E por se não ajustarem muitos pays com esta doutrina, succede-lhes casarem-se as filhas contra suas vontades, e nem por isso estão livres os pays de lhes prestar alimentos: porque dispõem o Direito Civil, que a filha possa pedir alimentos, ou seu dote, quando o pay foy moroso em a casar, ou dar estado. E he sentença commum dos Doutores, que ainda que casem com pessoas indignas, as devem seus pays alimentar, tendo com que o possam fazer: e só se poderão escusar deste encargo, se ellas se casarem com pessoas ricas.

Porém tambem os filhos são obrigados a casar a contento de seus pays, para com acerto contrahirem aquelle estado, como diz Sanches *de Matrim.* (lib. 6. disp. 33. n. 10.) E os que se casão contra vontade de seus pays com pessoas desiguaes, peccão gravemente: Fagundez *in Decalog.* (lib. 4. cap. 4. n. 3.) Porém tendo tomado conselho, e sendo pessoa digna, ainda que seus pays lho contradigão, podem contrahir matrimonio. Sanch. *loc. cit.* e outros muitos. E ao filho obediente a seus pays, nunca lhe póde succeder mal. E pelo contrario, sabemos que muitos filhos, por não serem bem ensinados a seus pays, vem depois a experimentar o mesmo quando tem filhos. Como se conta daquelle pay, a quem o filho trouxe pelos cabellos a empuxões pela escada abaixo; e chegando a certo lugar, lhe disse o pay: Basta, filho; que até aqui trouxe eu tambem deste modo a teu avô em outra occasião. Filho es, e pay serás: assim como fizeres, assim te succederá.

Finalmente, não ha mayor gloria para hum pay, do que ver a seu filho obediente: nem mayor felicidade para hum filho, do que ser obediente, e honrar a seu pay. Por esta certeza recommendou Salomão

maõ aos filhos a observancia dos preceitos paternos. (*Prov. 6. 20.*) Saõ reciprocas as glorias entre o pay, e os filhos : e tambem as injurias. O filho sabio, alegra a seu pay: o pay estimado, he bemavêturança do filho. (*Prov. 10. 1.*) Mais glorioso foy para Eneas o nome de piedoso , salvando nos hombros a seu pay; que o de valoroso, tendo a seus pés a seus inimigos. Ditosos chamou Euripides aos pays , que tem filhos obedientes. E pelo contrario se pôdem intitular desgraçados , os que tem filhos descomedidos aos conselhos, e preceitos justos de seus pays. Por isso, como diz Quintiliano, saõ os filhos as esperanças dos pays, quando obraõ bem , e virtuosamente.

Porèm fallando agora da obrigação , que temos de guardar este quarto Mandamento de honrar ao pay, e a mãy:naõ só se deve entender dos filhos para com os pays ; mas tambem do cuidado , que haõ de ter os pays para com os filhos na bõa educaçaõ, dando-lhes a bõa doutrina , ou sejaõ legitimos, ou naturaes: mandando-os aprender a Doutrina Christãa , e as bõas partes, confôrme as posses de cada hum : e se naõ puderem mandá-lo fazer por pobres, estaõ obrigados a ensiná-los.

Senhor: (me disse o morador) E se o pay for taõ inutil , que nem para si sayba a Doutrina; que ha de fazer ? Respondo: (lhe disse eu) Por isso dispõem a Santa Igreja, com muito acerto, que os cõtrahentes, antes de casar saybaõ a doutrina Christãa : e que os Parochos tenhaõ cuidado de lha perguntar. Se isso se observasse , (me disse o morador) creyo que muitos deixariaõ de se casar , por se naõ quererem examinar.

Bem poderia ser que assim succedesse: (lhe disse eu) porèm supponho que naõ haverá algum, que tome

me esse estado, sem saber a Doutrina Christãa. E os pays, por se livrarem desse encargo, devem procurar dar-lhes Mestres, que os ensinem. E quando não tenhaõ posses para isso, devem ir, e levá-los consigo á sua Matriz, para aprenderem, ao tempo em que o seu Vigario, ou Cura costuma fazer Doutrina a seus freguezes.

E quantos Vigarios, e Curas nesta terra (me disse o morador) o deixaõ de fazer! Pois sabey Senhor, (lhe disse eu) que saõ obrigados sob pena de peccado os Curas, e Vigarios a ensinar aos seus freguezes em os Domingos, e dias Santos toda a Doutrina Christãa, e rudimentos de nossa Santa Fé Catholica; explicando-lhes a obediencia, que devem ter a Deos, e a seus pays; por assim lho ordenar o Sagrado Concilio Tridentino, e huma Constituiçaõ de S. Pio V. taõ apertada, que he opiniaõ dos Doutores, que o Vigario, ou Cura, que isto não fizer, pecca mortalmente: além das mais Constituiçoens de todos os Bispos, e Arcebispos.

E se bem soubera hum Christaõ de quanto proveito lhe he o ensinar a Doutrina Christãa aos que della necessitaõ, além das grandes indulgencias, que tem concedido os Sũmos Pontifices a quem a ensina, e ouve; andariaõ muitos pelo mundo occupados neste santo exercicio: assim pela grande gloria, que nisso daõ a Deos; como pelo seu proveito, e pelo que respeita de bem a quem a aprende.

Por isso muitos Santos, e Varões doutos, á imitação de Christo Senhor nosso, que foy o primeiro Mestre da Doutrina Christãa, se occupáraõ neste santo exercicio. Santo Ignacio de Loyola em toda a sua vida o exercitou, e deixou recommendado por Regra a seus Religiosos; que muy pontualmente o estaõ

estão observando : porq̃ conheceo muito bem o santo Patriarcha , que não podia haver mayor serviço para Deos, proveito para as almas , e terror para o inferno , do que ensinar a santa Doutrina Christãa.

Ainda nas mulheres foi esta santa occupação muy louvada , como consta da vida de muitas Santas. E veja-se o que obrava Santa Maria Magdalena de Pazzi , ainda sendo menina , occupando-se nesta santa virtude naquella Aldea , onde seus nobres pays tinham as suas fazendas , como se refere na sua vida.

Assim conheço que he , Senhor : (me disse o morador) porẽm muitos o temem fazer , porque os não tenham por hypocritas. Isto procede , (lhe disse eu) porque cada hum condena o que não tem , por não confessar o que lhe falta : demais , que não ha obra tão boa , a que se não atrevaõ máos olhos , e peyores juizos ; como lá disse huma douda penna. O ponto está em que seja com recta intenção de servir , e agradar a Deos.

Mas tornando a fallar do ensino , e partes que haõ de ter os Mestres ; se deve advertir , que muitos pays cahem neste erro levados de huma afeição , por não conhecerem o quanto se requer para se fazer eleição de hum bom Mestre para seus filhos. O Mestre ha de ser Christão , anciao , prudente , e sciente na Arte que ensinar : e os que não tiverem estas partes , lhes não devem os pays entregar seus filhos para lhes ensinarem a doutrina Christãa , e com muito mayor razão se lhes não devem encarregar as filhas para o mesmo effeito , por serem as mulheres de muy differente sexo , e se requerer muita prudencia , e virtude para as tratar. Por isso lá disse huma prudente Matrona , que antes queria a suas filhas menos scientes , e mais recolhidas : dando esta ra-

zaõ a quem lhe tinha dito, que nunca as havia de ensinar bem em casa, se lhes nam déssê Mestre de fóra.

Devem tambem os Paysdefamilias cuidar muyto na bõa educaçaõ de seus filhos, e escravos, dando-lhes o sustento, e o necessario para se vestirem, além da bõa doutrina; e obrando o contrario, peccaõ mortalmente neste preceito. E sobre tudo, devem ter grande cuidado, e zelo na guarda de suas familias, como joyas de valor precioso, que Deos lhes tem encarregado, e de que lhes ha de pedir muy estreita conta, se as deixarem perder. Bom exemplo nos deo Christo naquella bom Pastor, e Paysdefamilias, que por huma ovelha perdida deixou noventa e nove; porque conhecia, como tam zeloso do bem das almas, o quanto lhe hia em levar o Lobo infernal aquella desgarrada do rebanho. E de muitos Paysdefamilias sabemos, que as estaõ deixando levar a pares, e a montões para o inferno por falta de vigilancia, consentindo fahir a seus filhos, e escravos a todo o tempo, sem lhes perguntarem para onde vaõ, nem especularem em que se occupaõ. Por isso Job, fallando dos peccadores, disse que os ha Deos de castigar, fazendo que vejaõ os pays com seus olhos padecer seus filhos, e morrer, a sua vista. (21. *Inter. l. 16.*)

Tambem costumãõ muitos pays amar tanto a seus filhos, e alguns senhores a seus escravos, que idolatraõ nelles; e por este amor desordenado permite Deos que vejaõ máo fim destas taes creaturas, para sua mayor confusaõ. E a muitos tem acontecido acabarem as vidas nas mãos dos mesmos escravos, q̃ com tanto mimo criaraõ; porque mais prezáraõ o amor das creaturas, que o do Creador: como consta de

de varios exemplos , que tem succedido no mundo , e principalmente neste Estado do Brasil. Ja nos filhos temos visto , que o muito mimo, com que os trataõ os pays, tem sido a causa de os deitarem a perder , e verem delles lastimosos successos , acontecidos por não os reprehenderem , nem lhes darem boa doutrina em quanto pequenos : como se conta daquelle, que cortou os narizes com os dentes á mãy ao pé da forca, pelo deixar em quanto pequeno furtar, e obrar mal, sem reprehensão, nem castigo. O pay, que quizer criar bem a seu filho, deve-lhe ir cada hora á mão, e não o deixar sahir com seus appetites : porque a mocidade he muito tenra para resistir aos vicios , e muy capaz para receber conselhos.

E que direy eu de muitos pays , senhores, e superiores, que sabendo dos vicios, e peccados de seus filhos , escravos , e subditos , os nam reprehendem, e tal vez os estejaõ dissimulando ; principalmente no peccado do concubinato! Pois agora vos quero advertir humma cousa , que não sey se a tereis ja ouvido. Sabey que não ha de haver filhofamilia , tendo pay, e estando debaixo do seu patrio dominio ; nem escravo tendo senhor ; nem subdito tendo superior; amancebados : porque estes taes pays , senhores, e superiores tem obrigação de os evitar , e castigar deste peccado, conforme o poder, que Deos lhes tem dado. E quando se não queiraõ emendar com a palavra, executem-no com o castigo ; e por isso terãõ de Deos o premio , e serãõ dos homens louvados.

E se não , dizey-me : Que mais fará , ou deixará de fazer hum homem a seu inimigo, do que hum pay destes á sua familia? O muito , a que póde chegar o odio do inimigo, he tirar-lhe a vida: porèm hum pay destes , além de expor os seus filhos a risco de lhes tirarem

tirarem a vida, os faz perder a alma. Não cuide algum, que por orar, jejuar, e fazer outras obras de virtude, fica livre de ser castigado de Deos, faltando á obrigação do seu estado.

São os filhos destes taes, semelhantes aos filhos das tartarugas, as quaes costumão lançar os ovos nas prayas: porque depois de se gerarem, e terem forças para romperem a area dos vicios, se vão metter no golfo do mar dos peccados, onde encontrando-se com os vorazes tubaroens, estes os comem, por não terem pays que os livrem do perigo, que he o peccado, nem das garras do Demonio; e assim os levão ao abyſmo do inferno, a padecer eternamente. Podião porém ser como os filhos das Aguias, as quaes os criaõ no ninho até que tenham azas, que he a bõa doutrina; e depois de os ensayarem a tomar os primeiros voos, os levão consigo a esse remontado ar a registrar a luz do Sol, q̃ he o conhecimento da fé de Deos: e assim não ha gaviaõ, nem ave de rapina, que se lhes atrevaõ, por terem pays Aguias, que os defendeão; e com elles sobem no fim da vida a descansar nesse monte Olympo da Bemaventurança, que he o Ceo.

Diz S. Paulo, que o que não tem cuidado dos seus, e especialmente domesticos, negou a fé, e com effeito he peyor que o que a não tem. Porque, como declara Theofilacto, não ha Infiel tão alheyo da razaõ, nem Barbaro tão deshumano, que não cuide dos que vivem debaixo do seu amparo, e se dê por obrigado a defendê-los.

O Paydefamilias ha de ser Argos de dia, e de noite: ha de saber, contar, vigiar, e pezar os passos dos seus filhos, e escravos. Ha de ser homem de conta, pezo, e medida; porque lhe vay muito
nisto

nisto; pois se perdem muitas casas, por nam haver este cuidado. E se não, vede. Perde-se o mercador, por nam contar: perde-se o navegante piloto, por nam vigiar os tempos, nem observar os astros: perde-se o Lavrador, por não pezar, nem medir, como he razão: e finalmente, até na Solfa se devem contar as pausas, medir os compassos, por não fazer dissonancia na musica.

Costumava Labão mandar pastorar o seu gado por suas filhas Raquel, e Lia: e por se recolherem hũa dia mais cedo que nos mais, lhes tirou residencia, perguntando-lhes a causa de virem mais cedo; porque lhes contava os passos. E muitos pays sey eu, q não só não contaõ os passos ás suas filhas, mas antes as deixaõ caminhar para onde não deviaõ ir. Corrompe de o dizer; porẽm como me obriga o zelo de publicar a verdade, hey de manifestá-lo: e queira Deos que aproveite. Póde haver mayor descuido, que deixar hum pay, e humã mãy sahir humã filha só em companhia de humã eicrava deshonestã, por caminhos de fontes, rios, e roças, sem disto fazerem caso! Sendo que só isto se devia evitar com grande zelo, para a conservação da honra, e serviço de Deos, pelo que tenho ouvido contar, e visto succeder acerca deste particular.

Nam sey eu que mayor martyrio se póde dar a humã donzella honestã, e virtuosa, do que levá-la a casa de humã mulher publica. Sey porẽm, pelo que tenho lido, que este foy hum genero de tormento, com que aquelle Tyranno quiz atormentar a Santa Luzia, para ver se a podia divertir do santo amor de Deos, para que deixasse de ser Martyr, e completar o seu santo dezejo: ao que Deos acudio como tam piedoso em a livrar, para que conseguisse

guisse o seu glorioso martyrio.

E que mais tem (perguntára eu) huma publica meretriz, do que huma escrava deshonestá? E se me disserem que as deixam ir, por serem ainda de pouca idade; saybam que eu tenho visto raparigas, de nove, e dez annos, já perdidas: e quando logo se não percam; irão aprendendo, para se deitarem a perder. E menos convêm (aconselhára eu) o deixá-las ter estreita amizade com estas taes, por nam aprenderem na escola da maldade. E daqui nasceo dizer hum Author, que as meninas se devem trazer nas meninas dos olhos.

Por isso os Persas faziaõ eleição de escravos de virtude, e bem inclinados, para lhes entregarem seus filhos. E saibam os pays, que de nam haver esta cautela procedem tam grandes desordens, e ainda muitos descritos em casas honradas. E muitas vezes he mais necessaria a cautela com os de casa, que a guarda com os de fóra; pelo muito, que estamos vendo, e experimentando: que se nam fora por offender a modestia, vos repetira casos horrendos, e espantosos de se ouvirem contar.

Alerta, alerta, Paysdefamilias; que vo-lo diz quem não tem menos que o dezejo de augmentar a gloria de Deos, e o zelo do vosso credito. E tomem exemplo as senhoras Matronas da Mãe de S. Luiz Rey de França, que o recebia nos braços, sendo menino, e lhe dizia, que antes o queria ver morto, que vê-lo offender a Deos: causa, e motivo, porque foy Deos servido que viesse a ser Santo. Porque a virtuosa doutrina nos primeiros annos he o mais seguro alicerse da fabrica da natureza humana.

De Socrates refere Plutarco, que entre os documentos que deo para o bom governo da Republica,

foy

foy hum, e não menos importante : que não permittessem aos moços ouvir palavras indecentes, nem musicas lascivas, nem comedias, ou farças profanas; porque se prendiaõ desorte na mocidade, que se convertiaõ em vicios na idade mayor. E por isso exhortava que os ensinassem a ouvir cousas sérias, e graves, e que os apartassem dos vicios, e industriaessem em virtudes.

Com muita razam, e cabal experiencia tendes fallado (me disse o morador) acerca deste particular : e ainda mal, que assim succede. E oxalá que mais cedo vos tivera eu ouvido esses exemplos: porque poderia ser que não chegasse a experimentar semelhantes golpes, e descreditos na minha casa.

Porém ouvi : (continuou o morador) porque ainda se me duplica mais esta pena com outro acontecimento, que me sobreveyo. Haverá tres dias, que desta casa se me foy hum filho de idade de dezoito annos, levando em sua companhia hum mulher casada : e fez tambem que o acompanhasse bum escravo meu, que andava amancebado com hum escrava da mesma mulher. E o que mais temo he, que o marido por se ver offendido de semelhante descredito, se partio atraz delles; e supponho que a cada instante se encontraõ, do que sem duvida resultará alguma desgraça. Vede se tenho razão para padecer penas, e molestias á vista de tão grandes causas.

Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que de duas cousas, pela mayor parte, succedem nos filhos semelhantes desordens : a primeira he o máo exemplo; a segunda a má inclinação. E eu dissera (me disse o morador) que tudo provém da má inclinação. Respondendo: (lhe disse eu) algum imperio tem na creatu-

ra a má inclinação; porém pela mayor parte semelhantes vícios procedem do máo exemplo, e falta de doutrina. Varios são os exemplos, que acerca deste particular se contam, e se tem visto. E basta para confirmação de tudo, o que diz Christo Senhor nosso, julgando por menos mal a qualquer homem fer lançado com huma pedra ao pescoço no mar, do que dar máo exemplo a outros de peccado; porque a mayor gloria, e honra, que se póde dar a Deos, he o bom exemplo, e ensinar aos ignorantes. Não he dito meu, mas de todos os mayores Santos da Igreja. Christo Senhor nosso venceo, e convenceo aos peccadores com bom exemplo. Porque he certo, que o que trata com bons, bom fica, e o que lida com perversos, perverso fica, e distrahido.

E se não, dizey-me: Que ha de fazer o filho, ou escravo, vendo que seu pay, ou senhor caminha para o peccado? Necessariamente ha de seguí-lo: e por isso convêm que os mayores na idade dem bom exemplo. Porque ver o moço que se não reforma o velho: ver que o velho, que lhe havia de dar bom exemplo, lhe dá escandalo; que outra cousa he, se não ter authoridade para peccar sem freyo? O pay-defamilias ha de ser hum espelho limpo, e sem mancha, para que sua familia se veja nelle, e emende seus defeitos. E vede agora como poderá reprehender, quem se acha comprehendido, e tal vez na mesma culpa.

A este proposito vos contarey dous exemplos, hum succedido, e outro moralizado. Conta-se, que indo hum homem por huma estrada com dous filhos rapazes em sua companhia, achou a outro homem dormindo; e na consideração de que teria algum dinheiro, o matou. E depois, chegando os dous rapazes

pazes a casa, disse hum ao outro : Façamos como fez nosso pay ao homem : e logo fez que dormia hum ; e o outro lhe tirou a vida. Vendo a mãy aquelle lastimoso caso, levada da payxaõ, matou ao filho, que tinha morto ao irmão. Chegou o pay neste conflicto, e vendo aquelle desastrado successo, matou a mulher. E sabendo a justiça destes casos, prendeo ao homem, e foy logo justificado pelos crimes, que tinha feito. Vede, como succedêraõ estas desgraças de hum máo exemplo.

Vay o caso moralizado. No tempo, em que dizem que fallavaõ os brutos, se conta, que estando hum animal immundo em hum lameyro, lhe chegou hum filho á sua presença; e vendo o pay ao filho tão çujo, lhe disse : Vem cá, porque não andas limpo, e asseado, como andaõ os filhos dos outros animais? Olha como anda limpo o Cordeiro, o Cabrito, o Bezerro, e ainda o Caõ, e o Gato, tão nedios, e sacudidos do pó da terra; e só tu andas tam çujo, e enlamiado. A isto lhe respondeo o filho, dizendo : Meu pay, se eu ando desta forte, he porque vos vejo nesse lameyro. A este dizer do filho se virou o pay para outra parte, dando-lhe as costas.

Esta moralidade assenta sobre muitos pays, que estaõ cheyos de vicios, e querem reprehender a seus filhos, e domésticos da mesma culpa. E assim tambem se deve entender para todos aquelles, que tem obrigação de emendar, e reprehender aos mais, e nam tratam de se correger primeiro a si mesmos.

E para acabar este discurso, vos quero repetir huns versos pelas letras do A, b, c, que dizem se acháram escritos no testamento, com que falleceo hum homem no Reyno de Portugal; nos quaes deixou hum extracto, com que se haviaõ de governar
seus

seus filhos : e supponho que em vida se não devia ter descuidado delles , quem depois de morto lhes deixou avisos , e documentos , para melhor se saberem governar.

A, B, C , de exemplos.

A.

Amor de Deos seja estudo
Da vossa melhor lição ,
Propondo no coração
Amar a Deos sobre tudo.

B.

Bom homem será razão
Vos faça o procedimento ,
Sendo o principal intento
Fazer por ser bom Christão.

C.

Cortez fede ; que he defeito
Faltar este aviso humano :
Por hum chapeo mais cada anno
Compray agrado , e respeito.

D.

Day , que attributo he de nobre ,
Quanto no avaro baixeza ,
Day ao mayor por grandeza :
Day por caridade ao pobre.

E.

Espelho seja o conselho
 Nos claros a vós attento,
 Compor o procedimento
 Pelo lume deste espelho.

F.

Fiel a Deos, e ao Rey dado;
 Que Deos assim o ordenou:
 A Deos, porque vos creou;
 Ao Rey, de quem sois criado.

G.

Graças, e equívocos fós.
 O que natural cahir:
 Que he máo o fazer rir,
 Podendo-se rir de vós.

H.

Honra, he joya que mais val,
 A tudo o mais preferida:
 Pela honra se arrisca a vida;
 Que a honra he vida immortal.

I.

Ira, fique-vos de aviso,
 Não vos domine a razaõ;
 Que onde governa a payxaõ,
 Não obra livre o juizo.

L.

Livros não fechados, lidos,
 São só para o que se tem;
 Que Livros, que se não lem,
 São thesouros escondidos.

M.

Mentir na realidade
 Leva dos vícios ao cabo:
 Pay da mentira he o Diabo;
 E Deos he summa verdade.

N.

Namorar, só deve ser
 Quando hajais de namorar
 A mulher para cazar,
 E nunca para a offender.

O.

Olhay, em tudo o que obrais,
 O incerto fim, que tereis;
 Que logo atrás tornareis,
 Se adiante não olhais.

P.

Peccar, he grave delicto:
 Mas se peccas, filho, quando
 A Pedro imitas peccando,
 Imita a Pedro contrito.

Q.X

Quem fois, he simplez vaidade,
Que trazeis no pensamento ;
Que o melhor procedimento
He só melhor qualidade.

R.

Razaõ em toda a occasiaõ
Vos asséguro de ultraje;
Que armas levais de vantaje,
Se vos armais de razaõ.

S.

Soldado sede , e servi ,
Pois nisso vos occupais ;
Aos perigos não fujais ,
E a ociosidade fugiais.

T.

Terra melhor he a Corte :
Tudo o melhor se acha nella :
Mas vivey nesta , ou naquella ,
Que tudo he patria de sorte.

V.

Vivendo sempre ajustado ,
Conforme a renda , ou despeza ,
Gastar menos , he baixeza ;
Gastar mais , será peccado.

N 2

Xa-

X.

Xadrez, e os mais jogos, arte
 São de engenho; mas o officio
 De jogar sempre he máo vicio;
 Sabê-los jogar, he parte.

Z.

Zelo vos advertirey
 Da Fé: he bem que se dê
 Vossa vida pela Fé,
 Vossa honra pela Ley.

Naõ me podieis dizer couza de tanto agrado, (me disse o morador) como nos versos, que acabastes de repetir; os quaes prometto trasladar, para me servirem de regra, e documentos, que ainda nesta idade me poderão aproveitar. E no mais, que me tendes aconselhado, melhommo não podieis dizer, nem reprehender, pelo que logo vereis.

E chamando por huma escrava, mandou que viesse perante nós a mulher, que até aquelle tempo tivera em sua casa. A qual chegando a nossa presença, e saudando-nos, lhe disse elle: Sabey, Senhora, que até o presente estava eu cego; foy Deos servido que chegasse a esta casa o senhor Peregrino, para que me abrisse os olhos, e tirasse a cegueira em que vivia. Tendes duzentos mil reis, e huma escrava para vos servir. E logo á minha vista contou o dinheiro, e lho deo, entregando-lhe tambem a escrava: e a fez metter em huma rede aos hombros de dous escravos, e ir para a casa de huma parenta della mesma.

Muito

Muito vos louvo, Senhor, (lhe disse eu) ver-vos com tão grande resolução de tratar do bem da vossa salvação. Primeiramente ninguém se póde salvar sem padecer com Christo, e levar a sua Cruz; nem se póde ir ao Ceo ás mãos lavadas, com gostos, e alegrias: antes he certo, que quem nesta vida tiver glorias, na outra ha de ter tormentos: e por isso Christo Senhor nosso nos aconselha que tomemos a nossa Cruz, e o sigamos. E assim, fundado no mesmo conselho de Christo, vos digo que trateis logo de repartir a vossa fazenda com vossos filhos: e do que vos ficar, ponde em parte segura a razão de juro quanto baste, para que de seus ganhos vos vades mantendo, e possais passar a vida; e do mais reparti com Deos, e com os pobres.

E para que tenhais melhor conveniencia de vos dar a Deos, buscay hum lugar perto de alguma Igreja, aonde possais todos os dias ir ouvir Missa; e nas festas confessar-vos, fazendo aquella penitencia, que vos der vosso Confessor, e vossas forças vos ajudarem. E no mais tempo tratay de ouvir os Sermoens, e principalmente os de doutrina: Lede tambem livros espirituaes, e vidas de Santos: conversay com homens virtuosos; que tudo são meyo, por onde melhor se vem ao conhecimento da sūma verdade. E vendo Deos que vós fazeis de vossa parte por alcançar a sua graça, não vos ha de faltar com os seus divinos auxilios.

E ja que Deos foy servido inspirar-vos tão grande resolução, vos quero agora advertir (para que estejais tambem de acordo) do que vos póde succeder com o Demonio, e com os mesmos homens seus corretores. Haveis de ter muy grandes tentações. O Demonio vos ha de metter na imaginação: Para que

es louco ? Assim largas a tua fazenda , que tanto te custou a ganhar , e conservar , para ires experimentar descommodos , e vires a cahir em tal pobreza , que pereças á necessidade ? Se Deos te quizer salvar , tambem aqui o póde fazer. E com estas , e outras considerações, ha de ver se vos póde tirar desse bom intento. O melhor acerto he não lhe tornar resposta , e dizer-lhe , como lhe disse Christo , quando lhe prometteo os haveres do mundo : Vay-te de junto de mim, Satánaz. E vede, que se Eva se não detivera em razões com a Serpente, tal vez que a nam faria peccar.

Os homens vos haõ de dizer : Não sejais taõ levado do primeiro parecer. Esse homem , que vos aconselhou , póde errar : porque como he pobre , e não tem experimentado o descанço , que Deos vos tem dado nos bens que possuís ; suppõem que , assim como elle vive da divina providencia , tambem vós podereis viver. Engana-se , e engana-vos ; porque muitos cahíraõ em grandes desesperaçoes , por se verem em sũma pobreza : todos não tem valor , e espirito , para serem pobres. Parece cousa muy dura , ver mendigar a hum , que ja teve. Demais , que não consiste a virtude só na pobreza : porque muitos pobres conhecemos nós bem cheyos de vícios , e peccados. Vós não sois taõ velho , que ainda não possais viver vinte , e trinta annos : e neste tempo se nam tiveres fazenda , ninguem vos ha de soccorrer ; mas antes aquelles mesmos , que hoje vos buscaõ , fugiraõ de vós.

A tudo isto podeis responder ; porque não vaõ estes corretores do Diabo sem resposta , e fiquem confundidos. Primeiramente dizey-lhes : Onde me póde este homem enganar , que não vá dar eu em acerto?

to? Promette-me que por padecer por Christo se-
rey premiado: assim o diz o Evangelho: (*Matth.* 16.
n. 24.) que o que quizer gozar da gloria, ha de ter
parte na Cruz de Christo: isto he, ter trabalhos, e
padecer neste mundo por alcançar a gloria. E se
naõ, vede o que disse Christo Bem nosso áquelle
Principe, que lhe foy pedir o conselho para se sal-
var. Vay, lhe disse o Senhor, vende o que tens, re-
parte-o com os pobres, e segue-me. (*Matth.* 19.
21.) E se eu vier a ser pobre: he tal a sua divina
providencia, que sustenta aos bichos da terra; quan-
to mais ás suas creaturas racionaes.

Em quanto ao deixar o descanso: bem tenho eu
experimentado que o dinheiro me naõ valeo, para
que deixasse de padecer tantos trabalhos, e desvé-
los nos desgostos que me affligirão. Demais, di-
zey-me: Quanto posso viver? Vinte annos. Dayf-
me a certeza de que possa viver esse tempo? He cer-
to que naõ. Pois que mal faço eu em me querer as-
segurar nesta incerteza? E dado que possa viver esse
tempo: de que me serve mais larga vida, tendo pas-
sado tantos annos sem me aproveitar em nada do
bem espirital, ao que estava obrigado como Chris-
taõ? Logo bem he que me sayba agora aprovei-
tar neste restante da vida, se Deos me der tempo
para poder fazer boas obras: porque estas são as lu-
zes, que nos haõ de allumiar na outra vida, como
diz o sagrado Evangelho. (*Matth.* 5.16.)

E pouco importa que fujaõ de mim aquelles,
que me buscavaõ por dependencia: porque he sem
duvida que a causa, porque fogem todos de hum po-
bre, he pelo considerarem com pouco prestimo, co-
mo hum edificio arruinado, ou arvore que está para
cahir. Sendo que, como estes homens medem as cou-

fas pelo que lhes parecem, e se lhes representaõ pela cegueira da culpa; enganaõ-se. Porque nunca mais seguro está hum Christaõ, que quando se vê fóra dos impedimentos do mundo, que são as riquezas, para estar mais firme na graça de Deos: porque he certo que as riquezas são estradas para o inferno; e a pobreza, com paciencia, caminho para o Ceo.

Tudo isto lhes podeis dizer; porque he certo, e infallivel, que nada nos dá mais pena na hora da morte, do que os gostos, regálos, e riquezas, que gozamos nesta vida. Desenganay-vos, Senhor, e tende por cousa infallivel, que he muito necessario padecer por Deos, para merecer a sua gloria. Este exemplo nos deo Christo, sem ter necessidade de o fazer; e depois o imitáraõ todos os Santos, que estão gozando da Bemaventurança. Porque he cousa impossivel, e incompativel, ter glorias, regálos, e descansos neste mundo; e ao depois tê-los tambem na outra vida. E disto estão os livros cheyos de varios exemplos, e a experiencia no-lo mostra: porque he certo, e indubitavel, que qual tiver sido a nossa vida, tal será a nossa morte.

Em quanto á razaõ de ser ainda cedo para tomar essa resoluçaõ: Sabey, que os que determinaõ passar para a nossa Patria, que he o Ceo, necessitaõ de muita presteza, e devem começar logo a aviar. E se naõ, vede o que se conta, que succedeo a hum dos nossos Reys de Portugal com hum grande Piloto da India. Perguntou-lhe o Rey: Quando seria acerto partirem as Náos para a India? Respondeo o Piloto: que a melhor monçaõ era em vinte e cinco de Março. Tornou a perguntar o Rey: De manhã, ou de tarde? Disse-lhe o Piloto: De manhã, Senhor; que de tarde, ja he tarde.

Oh que grande documento para os navegantes do mundo, que pertendem fazer viagem para as Indias do Ceo, esperando para o tempo em que chega a noyte da velhice, a escuridaõ dos trabalhos, e o somno da morte; não havendo entaõ lugar de fazer penitencia, nem tempo de arrependimento dos peccados! Porque diz Santo Agostinho que a penitencia na enfermidade he enferma, e na hora da morte he morta.

De ElRey Filippe o Prudente se conta, que estando para morrer exclamou, dizendo: Oh quem nunca fora Rey! E se isto disse hum Monarcha taõ ajustado na sua vida; que dirá hum peccador mettido na culpa, e embaraçado nos negocios! E assim vos peço, Senhor, que não deixeis para a hora da morte hum negocio de tanta importancia, como he o da vossa salvação: porque os Demonios nos tentaõ, os homens nos perseguem, e a mesma consciencia nos accusa.

Finalmente, dizem os Ricos mundanos que o homem, que larga a sua fazenda, e a deixa de augmentar, he louco; e fazem este argumento: Quem troca as riquezas pela pobreza, o povoado pelo deserto, as casas pelas covas, a conversação pelo silencio, os manjares pelos jejuns, o regálo pela aspereza, e a estimação pelo desprezo; he falto de juizo. E porque vos parece julgaõ isto assim estes taes homens? Por falta de consideração. Porque estes são verdadeiramente os loucos, e cegos: e como taes não podem julgar de cores, nem avaliar o precioso; porque estão lefos, e cegos do engano do mundo, e assim não podem ver a realidade desta verdade.

Se elles estivessem com os olhos livres desta cegueira, conheceriaõ que tudo o que applaudem
por

por bom , he vaidade de vaidades , como lhe chamou o Sabio. (*Ecclef. 1. 2.*) E veriaõ entaõ que o verdadeiro bem consiste em largar as riquezas , fugir dos homens, e dos povoados , buscar o solitario: e em fim desprezar tudo o que o mundo ama , por buscar a Christo para alcançarmos o que elle nos promette no seu Evangelho. (*Matth. 19. 29.*) E entaõ seriamos do numero dos predestinados , e comprariamos, com o que deixassemos, a bemaventurança; pois saõ pouco, ou nada todos os bens do mundo, a respeito dos bens da gloria ; por serem estes de taõ inestimavel valor, que naõ ha quem possa declarar sua grandeza.

S. Paulo, com chegar ao terceiro Ceo, e ser taõ grande Doutor , quando melhor quiz explicar estes bens , sómente disse que Deos tem o Ceo preparado para os que o amaõ. (*1. ad Corinth. 2. 9.*) Porque tudo he gloria , e riquezas em a casa de Deos , sem que alli se padeça necessidade alguma : tudo he hum bem accumulado de todos os bens, sem receyo de ja mais perdê-lo: naõ ha lá noyte, nem calor, nem frio, nem mudanças do ar ; senaõ hum perfeito dia , alegre, claro , sereno, cheyo de toda a seguridade para sempre.

Vede agora o que vay dos bens momentaneos, e caducos dos ricos , e grandes da terra , para os permanentes, e eternos do Ceo , que esperaõ possuir elles , a quem elles desprezaõ , e chamaõ loucos : e sabey que estes bens, e naõ aquelles, saõ os que Deos tem preparados para os que o amaõ, como nos diz S. Paulo , e promette Christo Senhor Nosso no Evangelho. (*Matth. 19. 29.*)

E logo senti no morador huma interior alegria, taõ grande , que até no exterior se divulgava o con-

tenta-

tentamento da alma , que estava bem com Deos: motivo , porque me persuadi fer a sua resolução firme , e que seria permanente ; promettendo-me observar os meus conselhos. Alli passey aquella noite , e no dia seguinte me despedi do morador , ficando elle tão faudoso , como contente dos conselhos , que lhe tinha dado.

CAPITULO XV.

Do quinto Mandamento. Mostra o Peregrino que não devemos matar, nem offender a nosso proximo: e aconselha a hum criminoso o meyo de se livrar da culpa, em que estava: e de como permittio Deos que tudo succedesse bem.

COm effeito , pois , me pôs a caminho : e reparey que o Sol me occultava suas luzes , porque as nuvens lhe impediaõ o poder brilhar com ellas , e cada vez mais se hiaõ condensando : até que chegando á estação mais ardente do zenith , rasgou hum volante pardo , e cintillando hum relampago , retumbou logo hum trovão ; mostrando que , como Monarcha das luzes , sentia as opposições , que lhe faziaõ a seu grande luzimento , e o menos decóro á sua pomposa magestade. Motivo , porque prelagiey que com o lobrego da noyte daria execução a seu mal soffrido defacato: porque vi o ar entre nuvens ; a terra com sombras , e tudo revolto. Tratey pois de apressar os passos , por me lembrar aquella adagio : Quem adiante não olha , atrás se fica.

Eys-que neste tempo descobri huma gruta de matto, que, por não ter experimentado os golpes do duro ferro, se conservava ainda virgem. E proseguindo por entre ella; cada vez mais soprava lá desse Antartico Polo, ou Arctico Signo huma rija tempestade: e correndo apressado por lhe escapar a seu rigor, avistey hum caminhante, que com semelhantes passos se encontrou commigo. Reparey vir descalço, com huma clavina ao hombro, e hum traçado á cinta. E perguntando-me para onde caminhava; lhe respondi que a buscar agazalho, por me livrar da tormenta, que estava ameaçando. O qual me disse, que distante me ficava o primeiro morador: e que, se eu fosse servido passar em sua companhia aquella noyte, o seguisse. Aceitey o offerecimento: e fazendo retrograda a jornada, a poucos passos entrou o caminhante em huma trilha; e em menos distancia de hum tiro de arcabuz, demos com huma barraca: e porque ainda não era de todo noyte, nos assentamos junto della.

E rompendo nestas palayras, me disse o caminhante: Bem sey, Senhor, que algum reparo tereis feito de me considerar neste bosque habitando, mais em traje de foragido, que de penitente. Como no mundo são varios os successos, e incidentes, que succedem aos homens; (lhe disse eu) supponho que algum motivo urgente haverá para elegeres este retiro tão solitario por asylo a vosso socego. Sabey pois, Senhor, (me disse o caminhante) que agora vos quero dizer a razão que tenho de me haver retirado para tão solitario bosque; e reconhecey que sois a primeira pessoa, a quem revelo este caso: e permitta o Ceo que me sirva de remedio á minha pena tão irremediavel. Assim o queira Deos, (lhe disse

disse eu) e que succeda tudo para sua mayor gloria.

E proseguindo o caminhante a sua practica, me disse : Sabey, Senhor, que sou natural de huma Ilha, que no mar Oceano , da Linha Equinocial para o Norte , vive sujeita entre as mais ao dominio do nosso grande Monarcha Rey de Portugal : da qual não faço individuavel menção , por nam deslustrar a seus habitantes ; pois não he bem (ja que fuy, por desgraca , tão indomita fera) queira offender aos mais, que nella nascéraõ. Nasci filho segundo de pays pobres ; porèm sem nota de máo procedimento. E chegando á idade de vinte annos: vendo que não tinhaõ cabedaes meus pays para me poderem remediar ; me resolvi, com sua authoridade, passar á Corte de Lisboa, aonde cheguey a tempo que se estava aprestando huma Armada para o Brasil, dirigida ao Rio de Janeiro, na qual hia por General della Gaspar da Costa o Maquinéz. Assentey praça de Soldado na Capitânia ; seguimos a derrota ; chegamos ao porto da Cidade ; fomos bem recebidos dos moradores : os quaes se davaõ os parabens com muy aprazivel gosto huns aos outros, por terem em sua defensiva hum Cabo de tam grande supposiçaõ, e esforço , como o divulgava a fama de seu valor. (Se he , que as cousas que estão á dependência da vontade de Deos, ha forças que as defendão, ou mãos que as reparem.)

A este tempo chegou a Armada Franceza com tão inopinado excessõ, como arrebatado furor, a fim de se vingar do menosprego, que no anno antecedente lhe haviaõ feito aquelles moradores na mesma Cidade. (se ja não foy por ambição) E desprezando os perigos, entrou tão velozmente pela barra dentro, que lhe não puderaõ os Portuguezes deter

deter o passo , por estarem no lethargo do esquecimento: pois só por descuydo lhe póde succeder mal a esta invencivel nação , quicá que por tanto se fiam de seu esforço. Porque de outra forte , nam lhes entra no entendimento aos Francezes , nem ás outras nações, que poderáo ter victoria contra os valerosos Portuguezes , ainda a pezar de alguma emulação. E basta para credito de seu valor, o que lá disse hum douto Panegyrista em seu abono: que chegaráo os Portuguezes com a espada , aonde não chegou Santo Agostinho com a penna; se ja não foy por seguir o Santo a opiniaõ de Plataõ , e Aristoteles, os quaes suppunhaõ que estava a America debaixo da Zona torrida , e por isso era incapaz de se poder habitar.

Porèm sendo os Portuguezes taõ valerosos, tivemos logo por presagio triste mandar o nosso General Maquinéz pôr fogo á nossa Armada. Para se executar este mandato , saltamos em terra todos os que na Armada estavamos; e ficamos sem quartel em que tivessemos abrigo , e sem provimento para o sustento corporal: vendo aquelle povo a seu inimigo presente , e muy poderoso ; porque , como se havia feito senhor de huma Ilha chamada a das Cobras, vomitava Vesuvios de fogo por bombas taõ artificiosas, que chegava o seu veneno a offender aos moradores da Cidade, por estar a Ilha muy vizinha della.

E para mayor confusão , começou a Cidade a experimentar o ardor do incendio em humas casas, em que se ateou o fogo tam vorazmente , que a todos causou espanto. As bálas faziaõ grande destroço nos edificios : e parece que se encaminhava a mayor parte dellas ao Convento, e Igreja dos Monges de S. Bento, por lhes ficar servindo de alvo a seu deprava-

do odio; sem guardarem respeito á immuniidade, que se deve aos sagrados Templos : por cuja causa, aos Religiosos lhes foy forçoso largárem a clausura, vendo-se em tão evidente perigo.

Como os habitadores da Cidade vissem que o impulso do inimigo se lhe não rebatia; não havia traição, que não imputassem aos nossos Cabos, segundo o odio, que contra elles ja tinhaõ concebido. E assim rompiaõ em queixas, e alaridos deformes: ja não havia injurias, que se não publicassem contra todos os Soldados: motivo, porque em nada nos queriaõ prestar, nem soccorrer. Tudo eraõ estrondos no mar, gritos em terra; lagrimas, e suspiros nas mulheres, e meninos.

Não se achava ordem no governo politico, nem de guerra. E desta grande desordem, e confusam, vim eu a conhecer que, sendo a nação Portugueza de tão grande valor, e acertado conselho, forão nesta occasião, em semelhante conflicto, indeterminaveis; de que procedeo a mayor parte dos ruins successos militares: porque o conselho, e a presteza na guerra, são as virtudes mais necessarias para o bom vencimento.

E como se tomasse por ultima resolução, que se retirassem todos da Cidade, para que o inimigo pudesse entrar sem controversia, ou receyo; obedecêraõ os moradores, com todo o risco, e perda; (pois sempre os Portuguezes foram muy obedientes aos preceitos de seus mayores) não deixando porèm de conhecer a grande imprudencia, e desordens dos Cabos.

Nesta ágoa envolta pesquey fazenda, com que me retirey; e partindo depois para as Minas, a vendi por duzentas oytavas de ouro; e quando me

vi Senhor dellas, repeti aquelle proloquio, que por mim se podia dizer: Que ha males, que vem por bem. Alli travey amizade com hum homem casado, que tinha obrigação de mulher, e filhos na Cidade da Bahia. E como elle ja tinha feito o seu negocio, e se achava com huma arroba de ouro; estava-se aprestando, para se recolher á sua casa. Pedi-lhe que me trouxesse em sua companhia: e foy-me facil alcançar esta graça, pela amizade que com elle tinha travado.

E pondo-nos de marcha, trazia em sua companhia o Mineyro hum escravo, com hum Indio da terra, que o acompanhavaõ fielmente: e só eu era o que vinha mal encaminhado; porque cego do interesse, dezejava fazer-me Senhor da arroba de ouro do Mineyro, solicitando para este effeito occasiaõ opportuna. Depois de muitos dias de jornada, chegamos a hum lugar ermo, e longe do povoado, onde fizemos rancho: e sendo ja quatro horas da tarde dispûs os escravos, hum a caçar, e outro a buscar agoa; posto que nunca me poderiaõ faltar a fome, nem faciar a sede de huma traiçaõ tão ambiciosa. Entretanto, deitou se o Mineyro em huma rede a descansar, sem considerar que trazia inimigos comsigo, que era o seu mesmo cabedal.

E logo sem mais reparo peguey em huma catana, e do primeiro golpe o fiz perder os sentidos; e repetindo outro, o fiz largar a alma; servindo-lhe de cama a mesma rede, e o sangue de cobertor. E depois de ter feito esta execuçaõ, me confiderey, qual outro tigre, mais faminto, e sanguinolento: e tornando em mim concebi hum tão grande arrependimento, que antes quizera de bom partido ficar sem nada, do que ter commettido tão atroz caso. A este

este tempo chegáão hum , e outro escravo ; e a ambos dey huma satisfação apparente , dizendo-lhes , que houvera entre nós humas razoens taõ pezadas , que por querer o morto offender-me , lhe tirára a vida.

Dey-lhe sepultura , sem mais pompa , que as queixas das aves , e o espanto das arvores. Fiz-me senhor do alheyo , mais por necessidade , que por vontade ; por ter concebido hum temor taõ intrinseco , que vo-lo não sey relatar. Prometti ao escravo alforria , e ao Indio hum bom premio ; porèm nem estas promessas foraõ bastantes , para algum delles mais de mim se fiar : porque a traçam , até dos rusticos he aborrecida. Anoyteceo : e sem embargo de eu fazer huma desvelada sentinella , me não valeo este cuidado , porque quando amanheceo o dia , me achey fô.

Tratey pois de me acautelar ; porque temia o perigo , mais carregado dos sobroços , que do mesmo peso do ouro. E porque tivesse menos carga , busquey parte conveniente , onde deixey o ouro enterrado : e levando commigo o que me bastasse para descobrir campo á minha maldade , me parti para huma das Villas deste Reconcavo ; na qual pedindo agazalho a hum morador , muy pezadamente mo deo , depois de lhe offerecer quatro oytavas de ouro.

E quando suppuz que descansava aquella noyte , me vi cercado da justiça , e entregue pelo mesmo dono da casa , (acção vil por certo !) segundo a noticia , que depois tive. Havia no quarto , em que me deraõ o agazalho , huma janella para o quintal : e sentindo eu para aquella parte rumor de gente abri a janella , e vi que estavaõ de guarda a ella

O

hum

hum meyrinho , e hum escrivaõ. Fiquey bastante-
mente affustado com esta vista. Mas lembrando-me,
que esta casta de gente (como disse hum discreto)
tem entranhas de rodas ; pois , tanto que se vem un-
tados , naõ gritaõ: foy-me facil o fahir ; porque lhes
deixey as mãos bem occupadas.

Dalli busquey traças , para passar á Cidade: e
por mais que quiz encobrir o meu delicto , foy por
demais ; porque experimentava o que sempre ouvi
dizer : Que a mesma consciencia accusa. Naõ tive
outro remedio , que tornar-me a valer do occulto
das brenhas , qual outro Caim depois de ter morto
a Abel ; pois taõ atemorizado me vejo , pelo risco
em que me considero , por ter sido ja duas vezes
acommettido pela justiça, e Capitães de assaltos. De
hum me livraraõ duas cobras : porque subindo a
hum arvore , onde estava hum grande caravatal;
faltáraõ ellas de cima , e encontrando-se com os que
me perseguiaõ , correraõ atraz delles , e me deraõ
tempo de me pôr em segurança. E da outra vez,
fazendo-se-me emboscada junto de hum barraca:
estando eu fóra della nessa occasiaõ , e sentindo-os;
naõ tiveraõ tempo de me prenderem.

Vivo neste territorio , de todos aborrecido, por
me considerarem ter perdido o temor de Deos , e o
respeito á justiça , segundo os atrozes , e horrendos
crimes, que tenho commettido. E a tanto chegáraõ
os meus insultos , que despi a hum Religioso Fran-
ciscano , e tomando-lhe o habito , cordaõ , e capel-
lo, o deixey ir em menores. E assim, naõ ha quem de
mim se naõ tema , e me dezeje ver destruido : e
por esta causa me tenho retirado da communica-
çaõ dos homens , vivendo neste bosque tam soli-
tario.

— Senhor, (lhe disse eu) bastantes causas tem esses que vos aborrecem, pelos atrozes crimes que tendes commettido. Porém pergunto-vos: No decurso de todo esse tempo fizestes alguma obra de caridade, ou tendes alguma devoção com Deos, ou com sua Mãe Santissima, por onde vos tenhais livrado de tantos perigos? Senhor, (me disse o caminhante) só o que me lembra ter feito, he, que encontrando-me com hum mulher viuva, que levava hum filha sua donzella a pedir esmólas para se amparar, a deixey ir sem a offender, e lhe dey algumas oytavas de ouro; do que ficou muy agradecida. E não tenho mais devoção, que rezar todos os dias hum Terço á Virgem nossa Senhora, com a attenção que posso. Pois sabey, Senhor, (lhe disse eu) que a causa de teres livrado de tantos perigos, he a obra boa que fizestes a essa viuva, e a sua filha: e muy especialmente a devoção, que tendes á Virgem nossa Senhora.

E como fosse ja tarde, e estivesse descarregando a tempestade, me pedio o caminhante que nos recolhessemos. E com effeito entramos para dentro da barraca, onde achey hum rede armada, e hum cama de varas com humas estopas por cima, e na cabeceira o habito de S. Francisco: e logo me disse o caminhante, que daquelles dous lugares escolhesse eu o que fosse mais de meu agrado; e que ceassemos primeiro. Aceitey a cama de varas: e accendendo elle hum rolo de cera da terra, e pondo-me a meza, me deo de cear. Disse-lhe eu: Na verdade vos digo, Senhor, que por venturoso acerto tenho o haver-vos encontrado: porque a todos os vossos males se ha de pôr remedio com o favor de Deos. Senhor, (me disse o caminhante) difficultosa

O 2 coufa

cousa será achar remedio a minhas culpas, e mal-dades: porque ainda que a misericordia de Deos seja muito grande, he para os que fazem diligencia para a buscarem. Porém eu, pelos meus grandes peccados, estou impedido de a poder achar; e só me confidero a cada instante topar com alguma desgraça, pela ter tanto merecido. E por estas causas me tem vindo ja impulsos, e tentações de tomar a morte por minhas mãos, pela desesperaçam em que me vejo; pois sou tão aborrecido, e perseguido de todos. E assim tenho assentado commigo, que antes me hey de matar, que deixar-me prender.

Naõ digais isso, Senhor: (lhe disse eu) que naõ he bem que tal chegue a proferir hum Christaõ, quanto mais executá-lo. Naõ queirais seguir os passos de Nero para o inferno: o qual, como Gentio, salto de fé, e cego da razam, por naõ morrer com mayor ignominia, se tirou a vida a si mesmo: como se fora mais honesto morrer de seu delicto, que por mãos alheas. A'lèm que, haveis de saber que ainda estais em via de merecer perdaõ de vossas culpas: porque supposto que os attributos de Deos sejam iguaes; mais se préza de misericordioso, que de justiceiro. E se naõ, ouvi.

Muitos são os exemplos, que tem succedido no mundo, por onde se deve ter grande esperança na misericordia de Deos: aindaque se ha de advertir, que neste particular ha dous extremos; porque huns desesperaõ, e outros confiaõ demasiadamente. O confiar demasiado, os faz peccar sem temor: e o desconfiar com demasia, faz que desesperem, como desesperáraõ Caim, e Judas; e he hum peccado gravissimo, chamado final Impenitencia, contra o Espírito

rio Santo. Sempre ha de haver no peccador temor, e esperanza; porque vaãmente espera na misericordia de Deos, se não teme a sua justiça: e sem proveito he temer a sua justiça, se não confia em sua misericordia. David no Pſalmo 36. v. 3. ufou desta maneira de nos ensinar, quando disse: Espera em o Senhor, e obra bem. Por isto bem he que, por graves peccados que hum haja commettido, não desespere de que Deos lhe perdoe: mas ha de ser, fazendo penitencia. Espera (diz o mesmo David) em o Senhor; mas com a diciplina nas mãos: isto he, dando execução á penitencia, e proposito da emenda. O que peccou, necessariamente, se se quizer salvar, ha de fazer penitencia: e se a faz, por graves que sejaõ seus peccados, póde confiar na misericordia de Deos, que lhos perdoará.

Palavra tem dado Deos por Ezequiel (*cap. 33. v. 11.*) dizendo: Não quero a morte do peccador, se não que se converta a mim, e que viva. E diz logo: o peccado não damnará ao peccador, em o dia que se converter, e deixar de me offender. (*Ibid. v. 12.*) E por Isaias (*cap. 49. v. 15. & 16.*) diz: Será possivel que a mãy se esqueça, e não tenha misericordia do filho, que nasceo de suas entranhas? Pois quando ella se esquecer, eu me não esquecerey de ti, ó homem; porque te tenho escrito em as minhas mãos.

David diz: Misericordioso, e suave he o Senhor, e suas misericordias são sobre todas as suas obras: isto he, que se préza grandemente de misericordioso. O mesmo Christo disse por S. Lucas: Eu vim chamar os peccadores á penitencia. (*Luc. 5. 32.*) E por S. João: (*cap. 10. v. 11.*) O bom pastor põem a vida por suas ovelhas. E assim a deo o Bom JESUS por nós-
outros.

outros. E quem deo sua vida, não nos negará sua graça, perdoando nossos peccados, por grandes que sejam, tanto que nos arrependermos delles. Grave foy o peccado de David; pois commetteo adulterio com a mulher de Urias, fiel vassallo seu: e nam só lhe fez o adulterio, mas tambem lhe tirou a vida. Mandou Deos reprehendê-lo pelo Profeta Nathan: arrependeo-se David, e disse muy de coração: Pequey: e em pronunciando esta palavra, lhe disse o Profeta da parte Deos, que tambem o Senhor lhe perdoava o seu peccado, e concedia a vida, que bem merecia haver perdido.

Manaffes, que tambem se chamou Her, (*Luc. 3. 28.*) filho de Ezequias, decimosettimo Rey de Judá, reynou cincoenta e cinco annos. Adorou, e reverenciou por deoses ao Sol, Lua, Estrellas, e Planetas do Ceo: edificou altares, e idolos em o templo do Senhor: levantou aras ao idolo Baalim: reparou os postos, onde se sacrificava: plantou bosques: queimou, e offereceo em sacrificio a hum seu filho no valle Benennom ao idolo Moloch: multiplicou, e encheo a terra de todo o genero de feiticeiros, encantadores, e addivinhadores: induzio, e enganou a seus vassallos, para que fizessem muito mayores peccados, e offensas a Deos, que os Gentios: mandou matar aos Profetas enviados por Deos, que o reprehendiaõ da sua má vida, e ameaçavaõ com castigo: fez ferrar pelo meyo, perto da fonte Siloe, ao Profeta Isaías, o qual dizem alguns que era seu fogro, e outros tio, irmão de sua mãy: e não contente com o referido, derramou muito sangue de gente innocente, fazendo quanto mal pode.

Em castigo de taõ grandes, e enormes peccados, enviou Deos contra elle huns Principes, e Capitães

tães do Rey dos Assyrios, que o cativáraõ, e leváraõ prezo, e atado em grilhões, e cadêas para Babilonia : onde arrependido, e convertido a sua Divina Magestade, fez em a prizaõ muy grande penitencia, e oração, e alcançou de Deos perdaõ de seus peccados. E tornando dalli a dez annos a Jerusalem, e restituído ao seu Reyno, tirou, e desfez todos os Idolos, e seus altares; e reedificou o de Deos á sua primeira adoração, offerecendo-lhe muitos sacrificios, e o servio dalli por diante de todo o coração, mandando a todos os do seu Reyno que fizessem o mesmo.

Os da Cidade de Ninive peccáraõ gravemente: alcançáraõ perdaõ de Deos, porque de coração se arrependeraõ, e fizeraõ penitencia, ameaçados do castigo pelo Profeta Jonas.

O Bom Ladraõ, pelos Latrocinios que havia commettido, foy crucificado: pedio ao Salvador lhe acudisse, e soccorresse, quando chegasse ao seu Reyno: e pela grande dôr, e fé, que entaõ teve, foy perdoado, e no mesmo dia salvo.

S. Mattheus, por accumular riquezas estava feito hum onzeneiro com tractos, e distractos, e com ruim nome entre os do seu tempo: largou tudo, mudou de vida, foy hum Evangelista, e Discipulo de Christo. Zaqueo, da mesma sorte : arrependeo-se, e foy perdoado.

Os Apostolos todos fugiráõ : S. Thomé esteve incredulo; S. Pedro negativo : e todos se arrependeraõ, foraõ perdoados, e elevados a estado de grande perfeição. S. Paulo, antes de bautizado, era perseguidor de Christo, e de seus fieis; depois do seu arrependimento foy o Apostolo, e Prégador das Gêtes.

Hum famoso salteador, e Capitaõ de Ladrões,

chamado David, depois foy Monge, e fez taõ grande penitencia, que, passado algum tempo, lhe revelou hum Anjo que seus peccados lhe eram perdoados: e porque o naõ creio, ficou mudo, e só falava quando rezava as Horas Canonicas.

Nicolao chegou a grande idade, sendo cheyo de vicios deshonestos; e aindaque algumas vezes dezejava apartar-se delles, era mais tentado: até que por intercessão de Santo André se livrou, e ficou livre até a hora da morte.

Nem aindaque huma creatura racional se tenha entregue ao Diabo, desconfie da graça, e misericordia de Deos. Certo homem, a fim de casar com huma filha de seu amo, deo a sua alma ao Demonio: mas pelas oraçoens de S. Basilio, e com sua penitencia, alcançou de Deos o perdaõ; e o Diabo lhe tornou o escrito, que lhe havia passado. O mesmo succedeo a Theofilo em certa Cidade de Sicilia, por se lhe tirar huma Dignidade de Arcediago: e por intercessão da Virgem Senhora nossa foy perdoado, e pela muita penitencia que fez.

E porque as mulheres tambem fiquem com grande esperança; houve muitas, que pela grande dôr, e penitencia, que de seus peccados fizeraõ, foram perdoadas. A Magdalena chea de vicios contra a castidade, e com nome de peccadora publica, teve dôr de seus peccados, foy perdoada, e taõ grande Santa. A mulher adultera, que foy apresentada a Christo, disse lhe o Senhor: Nam te condenarey: vay, e naõ queiras mais peccar. Santa Maria Egypciaca tambem foy perdoada, pela penitencia que fez no Deserto. A'lêm de outras muitas peccadoras, de cujos exemplos de penitencia estaõ os Livros cheyos.

Senhor, (me disse o caminhante) melhor me não podieis animar, para me livrares da tentação, e má vida, que atégora tive : e assim fico entendendo que a misericordia divina he infinita para aquelles, que a sabem merecer cooperando da sua parte. O meyo, para eu a poder alcançar, e livrar-me deste precipicio, he o que espero que me aconselheis.

Ja naquella hora estava descarregando a tempestade: gemião as arvores com o pezo da agoa; estalavaõ os ramos com os bramidos do vento; cahiaõ as folhas com o abalo da agitação do movimento: tudo eraõ relampagos, e trovoens, e vendo-me em terra, me considerava em mayor risco, que se no mar estivera, por temor que algum madeiro cahisse encima da barraca, e servisse de instrumento de castigo das nossas culpas. Disse eu entã ao caminhante: Senhor, por agora vos peço que me deixeis rezar hũas orações a Deos, para que applaque esta tempestade. E pondo-me de joelhos, e o caminhante tambem, rezamos as Ladainhas, e algumas orações; até que foy cessando a tempestade.

Deitamo-nos a dormir, por ser ja tarde: e vim entã a experimentar, que não ha cama dura, havendo somno pezado. Dahi a poucas horas despertey com sobroço, por me acordar o caminhante, dizendo-me que era chegada a hora do seu precipicio, porque estava cercado da justiça: e que me puzesse eu em salvo, se pudesse; que elle corria risco a escapar. Levantey-me com esta nova muy affustado: e chegando á porta da barraca, (seriaõ quatro horas para as cinco da manhã) olhey, e conheci tropel de porcos montezez, que, como viraõ a barraca, fizeraõ mayor estrondo: e soltando eu o susto

to ao caminhante , dizendo-lhe o que era ; teve elle valor para atirar a hum , que nos servio de matatagem para o caminho naquelle dia. Amanheceo de todo ; e mostrou-se o caminhante cheyo de alegria , assim por se ver ja livre do grande susto , que havia concebido , como por me ter em sua companhia : e logo tratou de preparar , e aproveitar a caçada. E depois de estar tudo feito , e beneficiado , e termos jantado , lhe fiz a exhortação seguinte.

Ja , Senhor , que tanto vos sujeitais ao meu voto , e parecer : para que conheçais o crime que fizestes , sem embargo dos remorsos , e sustos que tendes , por haveres commettido esse homicidio. No quinto Mandamento da Ley Deos se nos prohibe o matar : convêm a saber , contra a razaõ , caridade , e justiça , com odio , inveja , ou payxaõ. Donde se collige , que he licito sentenciarem os Ministros da justiça aos criminosos á morte por seus delictos , por serem inimigos da Republica ; mas sem odio , nem vingança. Porque aindaque o que mata tenha authoridade para o fazer ; não guardando porém o modo , que deve guardar , pecca mortalmente contra este Mandamento de Deos.

Em cujos termos , visto o grande crime que tendes commettido , tratay logo de refarcir o damno ás partes offendidas , que são a mulher , e filhos desse morto ; pois estais obrigado por preceito de caridade , quando não fora divida , que vos obriga a restituir , segundo a opiniaõ de muitos Authores , além da razaõ natural. Assim o diz Salon. (22. q. 62. ar. 2.) Faust. in Speculo. (p. 1. disp. 5. q. 18. n. 455.) E por isto a Justiça costuma condenar aos culpados em pena pecuniaria para as partes que os accusaõ , além da

da pena corporal ; e juntamente em as despezas da mesma Justiça , que os pune. E mais ainda quando a morte foy tão tyranna , como me tendes relatado.

E assim , tratay de vos vestir nelle habito de S. Francisco , ide á Cidade da Bahia , buscay o Guardião do Convento do mesmo Santo, e fazey-lhe presente este caso debaixo de sigillo de Confissão , para que entregue esse ouro , e mais papeis á mulher desse morto : e pedi-lhe que vos encaminhe , e mostre o melhor meyo de vossa salvação : e elle , como Religioso tão pio , e douto , vos guiará desorte , que vos salveis , e alcanceis a Bemaventurança.

Com os olhos arrazados em agoa , entrou o caminhante para dentro da barraca : e sahindo com huma imagem de Christo, de metal, em huma Cruz ao pescoço , e o habito nas mãos , e em cima huma tizoura, nũ da cintura para cima, me disse : Senhor, ja que tendes sido meu director , sede tambem meu Prelado. Lançay-me este habito ; que supponho não foy furtado, porẽm sim muito de proposito dado por Deos, para delle me aproveitar , e servir de instrumento de me livrar de tam grande precipicio. Cortay-me estes cabellos, e ponde-me tonsurado tambem no exterior , ja que me tendes espiritalmente dissipado os meus vicios, e más inclinações com os vossos pios documentos, e avisos. E pegando eu na tizoura, lhe cortei os cabellos, e lhe lancei o habito , cingindo-lhe o cordão , e pondo-lhe o cappello, sem mais ceremonias, que de hum affecto cordial, e animo Christão.

E depois de feito este acto, tomou o caminhante a imagem de Christo Senhor nosso nas mãos , e posto de joelhos , qual hum penitente arrependido, com

com muitas lagrimas , rompeo em este acto de contrição.

Acto de Contrição.

A Qui tendes, Senhor, o homem mais ingrato, que cobre o Ceo, e sustenta a terra : o mayor peccador, que soffre a vossa Bondade infinita : aquelle, que pôs em competencia as offensas, que contra Vós commetto, com os favores que de vossa mão tem recebido : aquelle, que, desprezando as vossas divinas inspiraçoens, só abraçava as vossas offensas. Não sey com que palavras signifique agora a minha dôr, nem com que obras satisfaça as minhas culpas, se Vós me não ajudares com a vossa graça, e me nam acudires com vossa misericordia. E por isso agora, Senhor, aqui venho a pedir-vos, qual outro filho prodigo, que me perdoeis as minhas culpas, como meu Pay amoroso.

Bem sey que não mereço chamar-vos Pay, nem ter-me por filho vosso. Porém, Senhor, como tenho palavra vossa em meu favor, dita por hum vosso Profeta, na qual prometteis, que se hum peccador chorar seus peccados, não vos lembrareis mais delles, e que o livrareis da morte, e das suas culpas, e lhe dareis a vida da vossa graça : por isso confiado, a fim de lograr tanto bem, venho, como a Magdalena, a vossos pés, arrependido das minhas culpas, e contrito dos meus peccados; chorando-os amargamente, como S. Pedro; ferindo a golpes o meu peito, como o Publicano no templo, ainda que neste ermo; porque sey, por mo ensinar a fé, que Vós em toda a parte estais. E confessando minhas culpas, e lamentando meus erros, como taõ gran-

grande peccador, vos digo, Senhor, que vos offendi gravemente; sendo Vós o meu amantissimo Pay, e soberano Deos. E por feres Vós quem sois, e porque vos amo, e estimo sobre todas as cousas, me peza muito de todo o meu coração de vos ter offendido. Proponho firmemente de nunca mais peccar, e de me apartar de todas as occasiões de offender-vos: e perder antes todos os bens temporaes, e padecer quantos trabalhos ha no mundo, e ainda as mesmas penas do inferno, do que tornar a offender-vos, meu Deos, e meu Senhor. Oh bondade infinita, oh Deos amoroso, quem sempre vos houvera amado, e nunca vos houvera offendido! A dôr da Magdalena, as lagrimas de S. Pedro, e o arrependimento do Publicano quizera eu ter, Senhor, na vida, e na morte, para alcançar de Vós o perdão de meus peccados.

Oh formosura eterna, que tarde vos conheci, e que tarde me conheço! Vós, Senhor, tão bom para mim, buscando-me para me salvar; e eu fugindo de Vós, e perdendo-me com perder-vos o respeito. Vós me daveis a vida, para que eu vos servisse; e eu a gastava em offender-vos. Vós me fazieis tanto bem; e eu me fazia tanto mal, aggravando-vos, meu summo Bem. A vida destes, Senhor, por me livrares da morte: em huma Cruz vos puzeste, para que me puzesse eu no Ceo: cravado com agudos ferros, por me soltares dos meus peccados: coroadado de espinhos, para me coroaes de gloria: derramando rios de sangue, por lavares tanto á vossa custa as minhas maldades: cheyo de tantas chagas, por me sarares de meus delictos: abrindo esse lado, para que eu o visse, e me metesse nessas piedosas entranhas: inclinando essa sa-

cra cabeça , fazendo-me final para que eu chegasse , como o Bom Ladrão , a vos pedir perdão de meus enormes peccados , e alcançar o favor de vossa graça . Esta busco com lagrimas de grande sentimento , amantissimo Redemptor meu . Confesso que são gravissimas minhas culpas , e sem conto minhas ingraticadoens . Conheço que sou o mayor dos peccadores : mais perdido que o Prodigio , mais escandaloso que o Publicano , mais aleivososo que Judas ; e al fim fugitivo , como a ovelha perdida ; e peyor , e mais máo que todos : e assim necessito de mais auxilios de vossa graça , para me poder livrar de tão grandes tropeços da culpa , em que me vejo submergido . Não permittais , Senhor , que eu me aparte mais de vós .

Quem tivera fido , Senhor , em vosso santo serviço , e amor , tão diligente , e amante , como esses Espiritos Angelicos , que vos servem , e amaõ ! Quem vos servira , e obedecêra , como todos os Santos juntos ! Quem sempre vos houvera temido , e amado , e nunca offendido ! Se eu agora , fazendo-me pedaços , pudera desfazer minhas culpas , e vossas offensas ; o fizera huma , e muitas vezes . Porém daqui por diante , meu Deos , com vossa ajuda , e favor , prometto que antes me exporey a padecer todos os trabalhos desta vida , e ainda a mesma morte , que tornar a offender-vos . Se atégora fuy cego , louco , e sem sentidos , desde hoje prometto emendar-me . Se atégora perdi os meus dias , e annos tam cegamente ; com vossa luz protesto encaminhar meus passos em vos buscar , minha vida em vos servir , e meu amor em vos querer .

Anjo da minha guarda , Cortezaõs do Ceo , Santos

tos da minha devoção, Vigario de Christo S. Pedro, gloriosa Magdalena : alcançai-me de Deos que os meus olhos se fação fontes de lagrimas , e o meu coração se desfaça em dôr , e penitencia. Soberano Deos Espirito Santo , que consumis as tibiezas , e abrazaes com vosso divino amor os corações enregelados : abrazay a este coração frio ; para que , aindaque atégora fuy rebelde a vossas inspiraçoens, daqui por diante as abrace com intimo amor.

Virgem Santissima, Mãe de Deos, e Advogada de peccadores , compadecey-vos de mim : e ja que sois Mãe de piedade, e de misericordia, alcançai-me de vosso benditissimo Filho efficaz auxilio de sua graça , para merecer o perdão de meus peccados; e que o não torne mais a offender , antes lhe diga sempre de todo o coração : Pequey , Senhor , havey misericordia de mim. Amen.

E depois de ter o caminhante feito este grande acto de contrição com muy copiosas lagrimas, entrou para dentro da barraca ; e trazendo huma moxilla , a lançou aos hombros , e me disse : Aqui estou, Senhor , á vossa ordem , e obediencia. E pondo-nos a caminho , chegamos á estrada ; e dalli a breve espaço encontramos com huma esquadra de vinte homens, entre brancos , e pretos : e tanto que nos avistáraõ , fizeraõ alto ; e os dous , que vinhaõ adiante , nos mettéraõ duas armas de fogo á cara. E olhando eu para o meu companheiro , lhe disse : Não temais perigo algum ; que nem estes homens vos conhecem , nem vos haõ da fazer mal. Eraõ estes dous , Capitaens do matto, a que chamaõ dos afaltos : e depois de nos faudarmos , nos disse hum delles : Não estranhe Vossa Reverencia , nem Vossa Mercê esta cautela ; porque andamos por aqui a
fazer

fazer huma empreza por ordem do nosso Corônel, ao qual manda o Governador, e Capitão Geral da Cidade da Bahia, que com todo o empenho façamos a diligencia possível para prendermos a hum Ladrão facinoroso, que anda nesta estrada tão escandaloso, que todos os vizinhos, e moradores se temem, e receam delle, pelos grandes insultos, e insolencias, que tem feito. E basta que despiße a hum Religioso do habito de Vossa Reverencia, e lhe tomasse a esmóla; além de outros roubos, e desafforos que tem commettido, matando a hum seu camarada Mineyro, e roubando-o. E tendo feito tão atrozes delictos, ainda vay continuando em mayores maleficios. Já me escapou duas vezes: huma, pelo não achar na occasião em que o busquey na barraca; e outra, porque subindo a huma arvore, sahiraõ duas cobras, que chamaõ Surucucüs, e nos fizeraõ correr, e fugir, por dellas nos livrarmos; e por este meyo teve este ladrão occasião de poder escapar.

Porém agora levamos ordem, para que, não se querendo dar á prizaõ, o matemos; por livrar a este povo de tam grande flagello. Queira Deos, (disse eu ao Capitão do matto) dar-lhe tempo, para que conheça os seus erros, e se arrependa de seus peccados. Muito duvido: (me disse o Capitão) porque semelhantes culpas poucas vezes succede terem arrependimento dellas os que as commettem, antes de serem castigados pela Justiça. E olhando o Capitão para o caminhante, lhe disse: E Vossa Reverencia veja se quer que o mande acompanhar, até se pôr em parte segura. Agradeço o favor, e caridade: (lhe disse o caminhante) porém, como tenho pouco que perder, com tanto que me deixe

a vida , tudo lhe darey. Tornará a despô-lo , (lhe disse o Capitaõ) como ja fez a outro Religioso. Permitta Deos (lhe disse o caminhante) que lhe sirva esse habito de mortalha , arrependido de seus peccados. Amen. (lhe dissemos todos) E despedindo-se de nós os Capitaens , e mais companhia , fomos seguindo a nossa jornada.

Disse eu então ao companheiro : Que vos pareceo o encontro ? Que me ha de parecer , Senhor ? (me disse elle) Que ja me não conhecêraõ os mesmos, que me buscavaõ para prender-me. Agora vereis (lhe disse eu) o que faz a mudança da vida, e o arrependimento da culpa : porque em tão breve tempo, e á vista dos que vos buscavaõ, fostes desconhecido. Podeis tomar muito animo , e confiança de que Deos vos perdoará as vossas culpas, fazendo vós penitencia : e que o inimigo infernal vos não conhecerá para vos accusar no tribunal divino. Porque ja succedeo , e por muitas historias consta , que o Demonio não conheceo alguns , que ja andavaõ delle assinalados; por terem feito penitencia, e confessado os seus peccados : o que achareis escrito em muitos Livros. E chegando nós a huma encruzilhada , me disse o companheiro : Senhor , aqui he o termo , onde nos havemos de apartar ; ainda que bem contra minha vontade , pelo muito que dezejo a vossa companhia : porèm como por esta parte se segue a minha jornada, e por essa estrada a vossa derrota , ide com Deos. E despedindo-se de mim com muy faudosas lagrimas de sentimento , se partio.

CAPITULO XVI.

Do sexto Mandamento. E do que succedeo ao Peregrino em casa de hum homem, que estava concubinado: e como o aconselhou, para o livrar daquelle máo estado.

E Profeguindo eu a minha derrota, dalli a pouca distancia fahi fóra da espessura; e logo vi hum dilatado campo, e no meyo delle huma casa de vivenda; e perto della huma cajazeira, que parecia estava ostentando a sua bizzarria, por se achar coberta de flores, abundante de folhas, farta de ramos; vistosa por alta, e solida por firme. Nella com magnifico applauso os alegres passarinhos, com muy suave harmonia em alternativo canto, estavam recreando a todos os que a buscavam pela protecção de seus ramos; os quaes tecidos de verdes folhas, e brancas flores, pareciam hum rico pallio de primavera, que com sua sombra cobria aos cansados caminhanes, que calmosos, e molestados se valiam do seu abrigo. E por isso verdadeiramente symbolo, ou jeroglyphico do homem mundano: não, como lhe chamou Platao, arvore as avessas; senão às direitas, pelo que nelle estamos experimentando nos tempos presentes; por se lhe não ver mais que pompas, gallas, folhas, flores, e nenhum fructo: e por fim, brevemente se vem a murchar com os annos da velhice, ou com o golpe da morte.

E porque seriaõ ja cinco horas da tarde, convidado eu do fresco sitio em que estava a cajazeira, me assentei debayxo della, por gozar da sua

sombra : quando ouvi em casa do morador affinados instrumentos , sonora musica , e trincos de castanhetas , como de quem andava dançando. Foy-se offuscando a tarde , e escurecendo o dia ; vaticinios de que tornaria a tempestade , como tinha succedido na noite antecedente.

Eys que neste tempo vi sahir da casa do morador tres homens em companhia de tres mulheres , e algumas escravas ; e chegando á porteira da Fazenda , se despediraõ do dono da casa : o qual ficando com humma mulher , me deraõ as boas tardes ; e eu lhes correspondi com todo o primor. Offereceraõ-me logo agazalho , o qual acceitey. E levando-me o morador para a casa , e dando-me assento , me perguntou dizendo: Como , Senhor , não chegastes mais cedo , para participardes do regozijo , e passatempo , que tivemos esta tarde em companhia daquelles amigos , que de mim se despediraõ ?

Senhor , (lhe disse eu) como o pouco conhecimento me não facilitasse a tomar essa confiança , nem a necessidade me obrigasse a taõ depressa pedir-vos agazalho ; me assentey a descansar ao pé daquella arvore , onde me achastes : e juntamente , por vos não divertir do vosso recreyo , que tal vez me poderia ser causa de offender a Deos. Como assim , Senhor ? (me perguntou o morador) Por me livrar (lhe disse eu) de cahir em algum pensamento consentido á vista destas danças deshonestas , e musicas profanas , que hoje se usaõ , taõ agradaveis para o Demonio , como offensivas contra Deos.

Bem aviado estava eu , (me disse o morador) se eu fora taõ escrupuloso , que de semelhantes pensamentos , vistas , e ouvidas fizesse caso , e myste-

rio! Pois haveis de saber (lhe disse eu) que são muito para temer, e recear. E em quanto aos pensamentos: o primeiro peccado, que se commetteo contra Deos, foy o de pensamento; e por elle foy tão gravemente castigado Luzbel, que logo cahio no inferno para sempre. O segundo peccado, que de alguma sorte se póde chamar assim pela occasião que deo á seguinte culpa, foy o de palavras, com que Eva se pôs em conversação com a Serpente: donde veyo occasionalmente a originar-se-lhe ser degradada do Paraíso. E o terceiro peccado foy o de obra, quando Adaõ comeo do pomo vedado: e por essa causa elle, e todos nós ficamos sujeitos ao peccado original, e a padecer tantas misérias, e calamidades. E reparay, que pelo primeiro peccado de pensamentos foy condenado Luzbel para sempre ao inferno. E o segundo, e terceiro, de palavras, e obras, tiverão perdaõ pela penitencia que fizeraõ nossos primeiros Pays, e pela grande misericordia de Deos.

Por isso, quando nos perfirmamos, fazemos huma Cruz na testa, para que nos livre Deos dos más pensamentos: outra na boca, para que nos livre Deos das más palavras; e outra nos peitos, para que nos livre Deos das más obras, que nascem do coração. E quando proferimos a Confissão geral, dizemos: Pequey muitas vezes por pensamentos, palavras, e obras. E pelo que tem os pensamentos de prioridade de tempo, por isso parece que tem o primeiro lugar na culpa: tanto por se gerarem no entendimento, tribunal da alma, como pelo que podem ter de entidade.

E para isso vos quero trazer hum exemplo. O mayor peccado, que ha, he o em que se nega a nos-
sa

sa Santa Fé, por ser herejia formal : e primeiro são os actos do entendimento, com que se não crê, ou nega o myſterio, e verdade, que se lhe propõem. Logo este peccado, sendo produzido do entendimento, com muita razão devemos fugir do primeiro, por não cahirmos nos mais das outras especies, como póde succeder.

Em quanto ás vistas : ſabey que a cegueira tem parte de innocencia : e por iſſo, quem ſe não quizer achar affligido de penſamentos deshonestos, tenha os olhos cautos, e faça concerto com elles de não olhar o que lhe não he licito dezejar. A muitos tem a viſta ſido cauſa de adulterios, incestos, e laticinios; além de outros enormes peccados, que por ella ſe tem introduzido no mundo. E ſe não, ouvi o que diz aquelle Oraculo da Sabedoria Salomão : o qual fazendo grande catalogo dos goſtos a que ſe entregou, logo declara, que a cauſa de todos os ſeus males, e maldades, forão os ſeus olhos. Tudo quanto dezejáraõ meus olhos, diz Salomão, lhes concedi. (*Eccl.* 2. 10.)

E que vos direy de ouvir muſicas profanas? Muſicas profanas, e palavras deshonestas, ſão a meſma couſa ; porque o meſmo he cantar, que contar : e a differença, que ha de huma couſa a outra, he ſer hũa harmonicamente dita, e outra proferida practicando. E por iſſo lá diſſe aquelle Poeta Caſtelhano:

Si dezir quiero a mi dama
Amores muy requebrados,
No puede dexar de oyrme
Por se los dezir cantando.

Por isso com muita razão prohibe o Direito darem-se musicas de noite pelas ruas das Villas, e Cidades. E por certo, que em nenhuma parte devião ser ellas mais bem evitadas, e castigadas com duplicadas penas, que neste Estado do Brasil; pelo profano das modas, e mal soante dos conceitos. Eu ouvi proferir cantando, o que agora tremo de dizer: porèm, como assenta sobre o proposito do que tratamos, hey de publicá-lo, para confusão dos que usão destas musicas.

E foy o caso: que estando eu huma noite na Cidade da Bahia, ouvi ir cantando pela rua huma voz: e tanto que punha fim á copla, dizia, como por apoio da cantiga: Oh diabo! E fazendo eu reparo em palavra taõ indecente de se proferir; me differaõ que não havia negra, nem mulata, nem mulher dama, que o não cantasse; por ser moda nova, que se usava. Vede se póde haver mayor atrevimento, e ousadia entre Catholicos Christãos, que cantar similhantes musicas, tanto em gosto do inimigo infernal; como se chamasse por JESU Christo, que nos remio.

Porèm eu me persuado, que a mayor parte destas modas lhas ensina o Demonio: porque he elle grande Poeta, contrapontista, musico, e tocador de viola, e sabe inventar modas profanas, para as ensinar áquelles, que não temem a Deos. Conta o Padre Bento Remigio no seu Livro *Pratica Moral de Curas, e Confessores*, (pag. 9.) e no outro

Livro intitulado *Deos Momo*: que entrando o Demonio em huma mulher rustica, foy hum Sacerdote a fazer-lhe os exorcismos dentro de huma Igreja; e entrando-lhe a curiosidade, perguntou ao Demonio, o que sabia? Respondeo-lhe, que era musico. E logo lhe mandou vir huma viola; e de tal maneira a tocou, e com tanta destreza, que parecia ser tocada por hum famoso tocador. E dizendo-lhe o Sacerdote que cantasse; repetio o Demonio huma letra, que se usava naquelles tempos ao humano, e começava: *Esclavo soy, pero cuyo &c.* E como estava dentro de huma Igreja: ou porque Deos lho não permittio, ou porque até o mesmo Demonio se não atreveo a profanar o sagrado; (o que muitos peccadores não reparaõ fazer) mudou o conceito do verso na fórma seguinte.

Esclavo soy, pero cuyo,
No puedo negarlo yo;
Pues cuyo soy, me mandò
Que dixesse que era fuyo,
Pues al infierno me embiò.

Outras muitas musicas deshonestas tenho ouvido cantar; como he huma moda, que se usou, e ainda hoje se canta, e acaba dizendo: Berra a tua alma. Parece, que quem tal canta, e folga de ouvir cantar, ja estão annunciando o como lhes ha de vir a succeder quando forem ao inferno, chorando, e berando, pelas profanas musicas com que nesta vida peccáraõ, e foraõ causa de fazerem peccar a muitos. Mas agradeçaõ-me estes taes abõa vontade: que se eu fora Ministro da Justiça, ou tivera poder sobre elles; eu os fizera cantar, ou berrar ao

som dos golpes de hum verdugo pelas ruas publicas, para seu castigo, e emenda dos mais, que de taes modas usaõ. E veriaõ entaõ, se lhes valia o Demonio, por quem chamaõ.

A tanto, como isto, tem chegado o atrevimento, e ousadia do inimigo infernal para com as creaturas racionais, que d'elle se deixaõ levar. Oh lastima digna de ser chorada com lagrimas de sangue! Tomára que disto soubessem os que tem obrigação de o castigar, por zelo de Deos, e bem das almas.

Tendes muita razãõ, Senhor; (me disse o morador) eu me dou por convencido. Porém tomára que me dissesseis como saberei que pecco por pensamentos: porque me parece que não ha peelloa alguma, que não seja accommettido delles.

Haveis de saber, lhe disse eu, que o primeiro moto do pensamento he a suggestãõ, que nos faz o Demonio; passa ao appetite natural: daqui entra no entendimento: depois na vontade, e se nesta ha consentimento em materia grave, he peccado mortal.

E muito mais se duplicaõ, e augmentaõ estes pensamentos, quando temos á vista algum objecto v. g. da Soberba, da Luxuria, ou de outro qualquer peccado: e por esta razãõ he acerto fugir de taes vistas. E se algum me differ, que o não leva a ver, e ouvir semelhantes divertimentos algum maó fim; a isso lhe responderey: Que tambem a Borboleta vay ver a luz innocentemente; porém tanto se chega, que abrazada morre.

Finalmente: supposto que ninguem se póde livrar de máos pensamentos; tambem na nossa maõ está fugirmos delles, usando dos remedios, que nos ensinaõ os livros espirituales, e os Mestres de espirito.

rito. E Christo Senhor nosso isto nos deo bem a entender, quando na Oração do Padre nosso nos ensinou que peçamos a Deos que nos não deixe cahir em tentação. E quanto tivermos mais de repugnancia, e resistencia a elles, teremos mayor merecimento. E assim fica claro, que o pensamento he o primeiro movel, que faz, ou deixa de fazer a culpa: e que das vistas, e ouvidas se gera no entendimento o peccado, para depois se pôr em execução.

Por isso no peccado do sexto Mandamento se não admitte desculpa; assim como se pôde admittir nos outros peccados. E se não, reparay. Pôde hum homem matar em sua fiel defesa, ou por algum outro incidente, que poderá ter desculpa. Pôde furtar em tão extrema necessidade, que não seja peccado; porque no tempo da necessidade extrema todos os bens são communs. Pôde trabalhar em algum Domingo, ou dia Santo, ou deixar de ouvir Missa por tão urgente causa, que não peque. E assim em todos os mais preceitos divinos poderá haver algum genero de desculpa, que faça não incorrer em peccado mortal. O que se não dá no peccado da fornicação: porque este primeiro se vê, se cuida, e se forja no entendimento; e depois vay ao coração, para se poder pôr execução. E como haja mora nestes effeitos, por isso se lhe não admitte desculpa. E ainda o que expellio o semen por sonhos; se depois de acordado teve complacencia, peccou: e pelo contrario, se lhe pesou; porque no somno não ha livre alvedrio, e sem livre alvedrio não ha peccado.

Bem tendes provado, Senhor, a vossa conclusão; (me disse o morador) porèm tomára que me explicafseis agora hum duvida, em que ha tempos tenho
reparado,

reparado, e vem a ser a leguinte. Se o peccado contra o sexto Mandamento tem essa graveza, e tanto se prohibe no Direito divino; como disse Deos na fabrica do mundo (em presenca de Adaõ) que todos crescessem, e multiplicassem, sem fazer excepção de creatura alguma? Respondo: (lhe disse eu) Por isso diz la aquelle adagio: Que muitos ouvem cantar o gallo, e não sabem onde. Verdade he, que assim disse Deos; porèm quando, e porque causa, he o que se deve notar. Day-me attençaõ.

Creou Deos o Ceo, e a terra, e todas as mais creaturas, e ao sexto dia fez a Adaõ: e depois de o ter feito, o levou para o Paraíso terreal. E porque o vio só sem companhia, lhe deo hum somno, ou extasi; e tirando-lhe huma costella do lado, estando dormindo, della formou a Eva; a qual junta com elle em estado de matrimonio, lha deo por companheira, deitando-lhes a sua benção, para que crescessem em successão, e multiplicassem enchendo a terra, e presidisses, e governassem a todos os animaes, e se sustentassem dos fructos da terra a seu gosto; excepto o fructo da arvore da Sciencia do bem e do mal. Tudo consta da Sagrada Escritura. (*Genes. 2.*)

Agora notay, que antes de ter dado Deos o estado do matrimonio a Adaõ, não lhe disse que crescesse, e multiplicasse, por estar sendo solteiro: e só depois que o constituiu no estado de casado, lhe concedeo a propagação. E se vos ficar a duvida, de que fosse casado Adaõ: entendey que foy o seu matrimonio hum dos mais perfeitos que houve, nem pôde haver; porque teve todos os requisitos de verdadeiro desposorio. Nelle se contrahiraõ as vontades entre os dous contrahentes, por não haver mais
que

que dezejar, nem appetecer : houve assistencia do mais perfeito Parocho, que foy Deos Padre Eterno: teve testemunhas, que foraõ os Cortezãos do Ceo, Espiritos Angelicos : fizeraõ-se finalmente todos as outras ceremonias, que se observaõ hoje na Ley da Graça; porque tambem tiveraõ as benções, de que a Igreja usa com os desposados. E deste modo foy solememente casado, e recebido Adaõ com Eva; como a essa imitação manda a Santa Madre Igreja de Roma, e dispõem o Sagrado Concilio Tridentino.

E sendo assim, licita cousa he que, depois de casado qualquer homem, use da propagação, que he o principal fim, para que tomou aquelle estado, sem a minima sombra de peccado, usando do matrimonio licita, e necessariamente. Porque tambem tratando de outros meys illicitos, poderá haver culpa, e peccado.

Senhor, na verdade vos digo (me disse o morador) que fallais com grande acerto, e me tendes declarado o que eu ignorava. Porém, como todos não podem ser casados, tomára que me desseis algum remedio, com que me possa livrar de cahir nesse peccado. Haveis de saber, (lhe disse eu) que para tudo nos deo Deos remedio, prevenindo a fragilidade da natureza humana : nós somos os que usamos mal dos meys, que Deos nos tem dado para nossa salvação.

Tres são os estados, em que se póde conservar o homem em graça de Deos : de Matrimonio, de Religioso, e de Celibato. Alguns querem que o quarto seja o de Sacerdote, que vive fóra da clausura : e por isso (não me atrevia a dizê-lo, se o não tivesse lido, e ouvido explicar por Varões doutos) o mais arris-

arriscado de todos. Em quanto ao primeiro estado: ainda que o Matrimonio foy instituido pelo mesmo Deos, como ja vos disse, e nelle se pódem salvar os que o tomaõ; com tudo he muy penoso o seu estado. Porque a mesma experiencia nos ensina, que, ainda quando hum homem trata só do seu bem espirital, saõ tantos os inconvenientes, que o apartaõ de Deos, que vive em huma perpetua guerra: e daqui se collige, que muito mayores seraõ as difficuldades, que achará para se dar a Deos o que ha de governar a sua casa, e familia com aquella rectidão, e promptidão, que he obrigado, como Deos manda que se viva neste estado.

E assim diz S. Joaõ Chrysostomo, que os casados nunca tem descanso, mas sempre estaõ rodeados de molestias, e affligidos com pobreza; porque nunca se daõ por satisfeitos com os bens, que Deos lhes dá. E Santo Agostinho diz, que mais os atormenta o temor de perderem a fazenda que possuem, do que foy o gosto que tiveraõ em adquiri-la.

Sendo que este estado só se deve tomar com aquella recta intenção de obrar bem no serviço de Deos; desprezando os superfluos bens temporaes; dando bons exemplos á sua familia, e fazendo-os trabalhar, para comerem o pão com o suor do seu rosto, como mandou Deos a Adaõ. Porque só depois que se vio pobre, obedeceo, e conheceo Adaõ a Deos, como fazem muitos á sua imitação.

Ha outro estado, que he o de Religioso, ou Sacerdote, per si o mais nobre de todos os estados: e se nos Anjos coubesse inveja, parece que só a teriaõ dos Sacerdotes. E se naõ, vede. Com cinco palavras fazem descer o mesmo Deos a suas mãos; e com outras cinco abrem as portas do Ceo a hum pecca-

peccador, e fazem fechar as do inferno: são as primeiras cinco as da confagração, e as segundas as da absolvição. Vede se póde haver mayor poder, ou imperio em huma creatura. Affirmaõ muitos Authores, que se juntamente vissem a hum Anjo, e hum Sacerdote, primeiro fariaõ reverencia ao Sacerdote, em razão da sua dignidade, que ao Anjo. E assim se póde dizer que, os que vivem como verdadeiros Religiosos, ja nesta vida mortal são Bemaventurados; como diz David: (*Pf.* 83. 5.) Bemaventurados os que morão na casa de Deos. Por esta causa he muito para sentir o pouco respeito, que muitas vezes se tem aos Sacerdotes, e Religiosos.

Devem os que procuraõ o tal estado não pôr os olhos em adquirir por meyo d'elle honras, riquezas, fastos, ou cousas semelhantes: Mas só se devem empregar em servir a Deos, observando os preceitos da ley divina, e de sua Religiaõ; sendo espelhos em que se veja o povo, para se comporem á vista do seu bom exemplo: porque a mayor honra, que se póde dar a Deos, he o bom exemplo; e este se procura achar no estado Sacerdotal, mais que em qualquer dos outros. E os que com mais razão devem temer o juizo divino, são os que tem á sua conta o bem das almas, se não fazem inteiramente sua obrigação, administrando-lhes os Sacramentos, e não furtando o corpo ao trabalho, como bons Pastores, até darem a mesma vida por ellas, se for necessario: porque affirma Christo por S. João: (*c. 10. v. 11.*) que o bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas.

O terceiro estado he o de Celibato, o qual tem aquelles, que nem são casados, nem Religiosos. Este estado em parte he mais proprio para hum se dar a

Deos,

Deos, que o do Matrimonio. E por isso chama Christo Senhor nosso Bemaventurados os que tem o coração puro, e limpo: (*Matth. 5.8.*) porque os que vivem castamente, tem em si hum certissimo penhor da eterna Bemaventurança. E S. Isidoro explicando a etymologia da palavra Latina, *Celebs*, que significa casto, e continente; diz que he o mesmo que estar no Ceo. E se bem repararmos no homem casto, e continente; acharemos que vive livre de todos os mais peccados, ou ao menos com facilidade se emenda delles.

Com tudo, he muito arriscado este estado: porque he necessario que tenha muito de Deos, quem anda sobre o fogo da sensualidade, para não se queimar, nem se lhe pegarem os vicios, cujos exemplos traz sempre diante dos olhos. Por esta razão me parece, que todos aquelles, com quem fallo neste particular, me pedem lhes inculque o remedio, que vós dezejais. Mas a isto satisfarey com o que diz o Ecclesiastico (*c.15. v. 1.*) dictado pelo Espirito Santo: Quem teme a Deos, sempre obrará bem. E ao mesmo intento S. Paulo ad Rom. (*cap. 8. v. 28.*) Aos que amaõ a Deos tudo lhes succede bem, e com prosperidade. Porque com este escudo do temor de Deos não só levarãõ com paciencia os estímulos da carne, e molestias do seu estado; mas tambem farãõ muitas obras de virtude, como fizeraõ tantos Varões insignes em santidade: pois os que foraõ Santos não eraõ compostos de outra natureza da que Deos nos fez a nós, que estamos em via de merecermos o premio da gloria. E para este effeito nos devemos retirar de todos os perigos de mulheres, ainda que nos chamem fracos; porque tambem na musica as fugas fazem consonancia.

Demais, que he muy certo, que assim como o fogo com o vento se accende, tambem a carne com o contacto, ou vista lasciva se altera. E por isso aconselhára eu a todos aquelles, que se quizerem ver livres de similhantes culpas, que fujaõ de mulheres, como lá fugio Joseph de sua Senhora, mulher de Putifar: o qual posto que ficou sem capa, por lha largar nas mãos, a cobrou muy avantajadamente no Egypto conservando a estóla da graça, e alcançando o premio da Bemaventurança no Reyno do Ceo.

E nenhum seja tão ousado, que se atreva a dizer que se livrará de similhantes encontros, fiado em suas forças, saber, e virtudes; se Deos o não livrar, fazendo elle tambem de sua parte por fugir dessas occasioens. E se não, vede o que succedeo a David; aquelle pasmo de forças, assombro de saber, exemplo de virtudes, e tão amigo de Deos: bastou só huma vista de olhos, quando se deixou embelesar de Bethsabee, para cahir em tão atrozes culpas. E se não fora advertido por mandado de Deos por hum Profeta; ou não tomára o conselho, e reprehensão, como costumaõ fazer muitos peccadores; vede o que lhe succederia. Porém David, como era homem de muy claro entendimento, conheceo o erro, e logo se arrependeo, e Deos lhe perdoou os seus peccados.

De S. Pedro de Alcantara se conta na sua vida (*liv. 3. pag. 316.*) que foy tão acautelado, e amante desta santa virtude da Castidade; que, ainda estando no confessorio, não abria os olhos quando confessava mulheres. E se acaso estando em publico via algum Religioso moço abrir os olhos, para ver alguma mulher; condoendo-se do damno, que lhe podia

podia resultar, lhe mettia os dedos nos olhos, reprehendendo-o de sua inadvertencia, ainda que fosse diante dos Seculares : porque não queria por respeito humanos deixar de remediar o damno, que ameaçava a seu Irmaõ. E costumava dizer, que o que olhava para o rosto de huma mulher, era difficuloso, e quasi impossivel deixar de receber damno. E assim avisava a seus Religiosos, que nenhum se fiasse de si mesmo, nem dissesse que bastava ter seguro, e guardado o seu coração; porque he tão delicado o inimigo Carne, que, por muita virtude que hum tenha, tem ella mais ardil para enganar ao que mais presume de espiritual.

Não vos repito outros muitos casos, que tem succedido no mundo acerca deste particular; porque além de serem tão sabidos, e vulgares, ainda hoje estamos vendo a cada passo succeder os mesmos : procedendo tudo de não haver grande cautela de fugirmos de ver, e ouvir tudo aquillo, que não convêm á nossa salvação.

E por isso advertio engenhosamente hum Author, que o Signo de Virgem está no meyo de Leaõ, animal vigilante, que dorme com os olhos abertos; e que tem na mão huma balança, symbolo da temperança : para que entendessemos que, para conservar a castidade, além da parcimonia, he necessaria a guarda dos sentidos, e fugir de toda a occasião de perigo.

Santo Thomás, depois de huma grande victoria que alcançou contra o vicio da Carne, fugia quanto podia das vistas, e conversações de toda a sorte de mulheres; ainda que fossem de mayor idade, e parentas suas. E estranhando-lhe em certa occasião huma sua parenta fugir das mulheres, sendo

do nascido de huma; respondeo sabiamente o Santo: Por isso mesmo temo. Ensinando-nos, que qual-quer homem, por santo que seja, não deve dar-se por seguro, em quanto se acha rodeado, e vestido desta miseravel carne, occasionada a tantos precipicios. E assim ficay entendendo, que não ha mayor virtude, nem cousa mais agradavel a Deos, que huma alma que guarda a virgindade, e he continente; por se assimilhar com os Anjos: porque já em corpo mortal tem muito da graça de Deos, e lhe he muy facil adquirir as mais virtudes por meyo dos Sacramentos.

E fóra destes tres estados, haveis de saber que tudo o mais, que se chama homem, e mulher solteiros, são gente mundana, que vivem cheyos de vicios, sem temor de Deos, nem receyo de perder a alma: e por isso semelhantes aos jumentos, como diz David. (*Psal. 31. 9.*) Porque a luxuria he hum appetite desordenado de deleytes sensuaes: e os que se entregão a elle, nunca se fartaõ, antes cada vez mais se engolfaõ nelle, peyores que os brutos; e nada trataõ do bem da alma, servindo, e obedecendo ao Demonio mestre da maldade: o qual depois de os enlodar em todos os vicios, e tropeços, lhes priva as almas de todo o sustento espirital, e lhes mata tambem os corpos, e assim os leva ao inferno, aonde vão penar para sempre.

Este vicio da luxuria, diz S. Gregorio. (*lib. 32. Moral. cap. 17.*) he o que mais guerra faz aos descendentes de Adam, desde que lhes aponta a barba, até á sepultura. E aindaque o Demonio lança muitas redes no mar deste mundo, para pescar aos homens, nenhuma he tão grande, nem de malhas tão miudas, como a deste vicio, que com todos

tem entrada: porque mora muito de assento como grande, entre os Grandes; e por isso se faz tão soberbo, por ter feito muitos delictos sem o castigarem; mas antes por se ver prezado de muitos, cada vez se faz mais forte.

E por esta razão temo, e tremo de ouvir huma authoridade de S. Remigio a este intento. Excepto os meninos, (diz o Santo) poucos saõ, por amor deste vicio, os que se salvaõ. E que succederá aos que estaõ de assento nesta culpa, como se não tiveraõ alma! Pois advirtaõ que diz S. Bernardo, que quem se detém hum anno em peccar, cem annos ha de penar. Isto se entende dos que vaõ ao Purgatorio: que para os que vaõ ao Inferno: *Nulla est redemptio.*

Huma cousa vos quero perguntar Senhor, (me disse o morador) por nunca a ter lido, nem ouvindo praticar; e vem a ser: De que procederá permittir Deos que muitos homens, e mulheres, depois de terem sido grandes peccadores, vieraõ a acabar as vidas com muy conhecida opiniaõ de virtudes; e pelo contrario outros, começando bem, e com menos culpas, e tal vez por hum só peccado, foraõ condenados para sempre ao inferno?

Respondo-vos, Senhor: (lhe disse eu) Primeiramente havemos de assentar, que os justos juizos de Deos não ha quem os possa comprehender. Porém isto presuposto: dizem os Theologos, (e assim o cremos de Fé) que Deos tudo tem presente, e conhece do preterito, presente, e futuro: e como sabe que aquelles peccadores, aindaque tivessem cahido naquellas culpas, haviaõ de ter emenda, e fazer penitencia dellas; por isso lhes esperou, e espera a sua conversão, para lhes dar a Bemaventurança. E

os outros peccadores, porque conhecia, e conhece que, se vissem eternamente, sempre haviaõ de perseverar na culpa; por isso são condenados para sempre.

Corrobora-se esta verdade pelo que disse S. Jeronymo: Que a vida dos Christãos, não olha Deos para os principios della; porèm sim para os seus progressos, e fins. E por isso convêm, e importa a todo o Christão que, se se quizer salvar, ponha termo em seus peccados, pedindo muito a Deos que lhe dê forças para abraçar as suas santas inspirações, para se poder tirar da occasião da culpa; pois para isso nos deixou Deos o livre alvedrio nas nossas mãos. Porque he certo que não querer largar a culpa, he final de prescito; e deixar-se estar nella, he querer ir para o inferno.

Em quanto á razão de serem condenados eternamente os peccadores, tal vez por hum só peccado. Diz Santo Agostinho, que como aquelle, que pecca, offende a hum Deos infinito: tambem, se morre em peccado, para sempre será a sua pena, e infinita. A culpa, que se commette contra Deos, por isso se chama peccado mortal, porque mata a alma: e bem sabeis que tanto mata huma só ferida, sendo mortal, como mil, chegado a morrer della. E daqui procede, que a creatura, que cahio em peccado mortal, ja he do numero dos prescitos condenados; e não tem, entre a vida, e o inferno, mais que huma respiração: por isso Job chamava á sua vida hum vento. (*Job. cap. 7. v. 7.*) E sem embargo destas solidas verdades, vivem os peccadores tão cegos, e faltos de discurso, e razão; que estando em tão grande perigo, comem, bebem, dormem, e descansão, como se tivessem as vidas estribadas em hum firme alicerse, ou solido padraõ: quando

deviaõ temer, e recear que os apanhasse a morte na occasiaõ proxima da culpa, e fossem a penar para sempre ao inferno.

E agora vos digo que, se eu fora Prégador Missionario, não seria outro o meu empenho, que persuadir aos Ministros de Justiça que fizessem dar execução á Ley, castigando este peccado de amancebamento publico, e escandaloso. Porque he certo que só assim se poderia emendar: e de outra sorte, fazem zombaria os que estão mettidos nesta culpa. E se não, vede quantas vezes será advertido hum peccador destes no Confessionario; quantos avisos terá dos Prégadores Evangelicos; e quantas vezes haverá lido a graveza desta culpa? E que vos parece que lhe resulta de todas estas advertencias, avisos, e liçoens? Zombar de tudo. Porém se elles vissem que se executava o castigo, conforme a culpa merece; eu vos prometto que logo haveria emenda, e não viriaõ a experimentar o castigo divino com taõ lamentaveis desgraças, como eu tenho visto succeder, e notoriamente se estão vendo acontecer. E para confirmação do que vos tenho dito, ouvi os seguintes casos.

Eu conheci hum homem em certa Villa, que estava concubinado com huma mulher havia mais de quinze annos: e porque o Vigario daquella freguezia o reprehendeo, e quiz apartar daquella má occasiaõ, se passou de morada com toda a sua casa para outro lugar. E aindaque tambem por alli passavaõ os Visitadores, quando hiaõ de visita; com tudo, como o castigavaõ em pena pecuniaria, não deixava de perseverar no seu peccado. E como era rico, e por isso soberbo; succedeo dar elle com hum páo em hum mancebo, de que ficou resentido o offendido pela

affron-

affronta que se lhe tinha feito. Era este homem amancebado muito amigo do Padre Capellaõ daquelle Lugar : (e tal vez por lhe dissimular o mao estado em que estava) e vindo o Padre visitá-lo hum dia , o hospedou com toda a grandeza. Perguntou-lhe o Padre : Como havia passado com o Visitador , que tinha estado de visita naquelle territorio ? Disse-lhe o amancebado : Em quanto eu tiver farinha , dinheiro , e arroz , não se me dá de Visitador. Fizerão-se horas de se despedir o Capellaõ ; trouxe-o o amancebado até o porto de hum Rio , a embarcá-lo em huma canoa : e voltando para a sua casa , lhe fez tiro com huma espingarda o mancebo , em quem elle tinha dado com o pao ; e logo alli immediatamente cahio morto. E tornando o Capellaõ com toda a pressa para o confessar , ja o achou sem vida : e assim morreo sem Confissão. Vede quam desastrado fim teve este miseravel homem : o qual suppondo que com o dinheiro se livrava do castigo da terra , não se pode livrar do castigo de Deos , por se não emendar da sua culpa.

Outro homem houve , que de tal forte se tinha amancebado com huma escrava de hum lavrador ; que era já escandaloso no seu mao proceder : motivo , porque disse o senhor á escrava , que se elle foubesse que ella tratava com aquelle homem de offender a Deos , a havia de castigar rigorosamente. Succedeo que , indo hum dia a escrava a buscar agoa , achou ao homem junto da fonte : o qual pela ver dissuadida de lhe fazer a vontade , a começou a persuadir com palavras , affagos , e promessas , para ver se a podia obrigar. Disse-lhe a escrava : Senhor , eu não quero mais cousa alguma com Vossa Mercê , por não experimentar o rigor de meu

senhor. E dando-lhe as costas, o deixou. Vendo o homem esta resolução da escrava, puxou de huma faca, que levava, e mettendo-a pelos peitos, alli ficou morto.

Lastimoso caso por certo! (me disse o morador) e não tenho ouvido contar outro semelhante: porque ainda hum bruto irracional teme a morte. Esse homem devia ser falto de juizo. Por certo, (lhe disse eu) que das muitas vezes que com elle conversey, sempre o achei de muito proposito: porém, como estava cego do peccado, teve o Demonio occasião de o precipitar a tão horrendo castigo.

Outro caso não menos lamentavel succedeo a hum homem presumido de bem fallante, e entendido; porém para as cousas do mundo: porque pouco importa que se achem no homem peregrinas noticias, e sublimes idéas, se lhe falta o temor de Deos. Andava este homem concubinado com huma escrava de hum vizinho, e tão cego neste torpe vicio; que ainda que muitos de seus amigos o tinhamo dissuadido para que deixasse aquella occasião, nunca a quiz deixar: até que o mesmo dono da escrava lhe chegou a mandar dizer, que se o achasse na sua Fazenda, o havia de matar. Não obstando todos estes avisos, tornou a ir buscar a occasião do peccado: e como ja o trazia o dono da Fazenda em vigia; assim como soube que elle estava dentro da casa da mesma escrava, o foy buscar: e sahindo o miseravel de dentro, lhe metteo o senhor da Fazenda huma espada pelos peitos, e logo alli o deixou morto, sem fazer acto algum de Christão. E se eu houver de vos contar os infinitos casos, que por este peccado tem succedido no mundo; primei-

ro me faltará o tempo , e a vós a vontade de me ouvir , do que eu cessarey de os referir.

Bem sey, Senhor , (me disse o morador) que nenhuma cousa mais nos castiga , que a mesma culpa , tanto que não nos emendamos , e arrependemos a tempo. Com que , á vista desses atrozes casos que me tendes dito , necessariamente vos quero dar parte do mau estado , em que me vejo ; para que me deis algum remedio : porque me acho com bastantes remorsos da consciencia. Sabey que haverá sette annos que estou amancebado com aquella mulher , que esta tarde vistes vir em minha companhia : e aindaque muitas vezes me tenho confessado , e por isso sou reprehendido dos Confessores ; nunca cabalmente me resolvi a largá-la , mas antes cada vez me acho mais enlaçado neste peccado.

Naõ vos pareça , Senhor , (lhe disse eu) que vos agradeço pouco o manifestares-me a vossa culpa : porque me persuado que estais com animo de vos emendar della. Que por isso se diz , que quem chegou a conhecer o seu erro , com facilidade se emenda. Mas quem não conhece o seu engano , muy difficullosamente se resolve a tirar-se do mal que faz.

Porèm , isto supposto: Dizey-me , Senhor : Como vos absolvem os Confessores dessa culpa ? Porque tenho dado , (me disse o morador) em huma traça diabolica : e vem a ser , que tanto que chega a Quaresma , costume mandar esta mulher para a casa de hum meu compadre ; e quando me vou confessar , digo ao Confessor , que ja a tenho deitado fóra de casa , e por isso me absolve. E dessas vezes , (lhe disse eu) que vos confessastes , tivestes alguma

dôr de ter offendido a Deos ; ou fizestes proposito de largar essa occasião : Nunca me lembra que tivesse esse dezejo , nem proposito de me emendar , (me disse o morador) mas antes dezejava que se acabesse logo a Quaresma , para tornar a mandar vir a mulher para casa.

Pois sabey , Senhor , (lhe disse eu) que não só vos não tendes confessado , mas fizestes muitas confissoens nullas , e grandes sacrilegios : e assim entendey ; que se nesta occasião morresseis sem vos confessardes com verdadeiro proposito de emenda , hieis ao Inferno : porque não ha cousa de que Deos mais se offenda , que de ver a hum peccador confessar a culpa , e prometter a emenda , e tornar a cahir no mesmo peccado. E vede quanto mais tem de circunstantia a vossa culpa : pois a calais na Confissão , enganando-vos a vós mesmo , e ao Confessor , em huma especie de peccado tão grande , como o do amancebamento , que Deos mais frequentemente castiga com mortes repentinas , pelo que tenho visto , e lido nos Livros , como ja vos tenho dito.

E com muita razão se póde temer aquella sentença , que diz :

Numero determinado

Tem o peccado : e não sabes

Se para ser condenado

Sómente falta que acabes

De commetter hum peccado.

Senhor , (me disse o morador) bem sey que obromal : porém tomára que Deos me dera hum efficaz auxilio de sua graça , para me livrar desta culpa.

Haveis

Haveis de saber (lhe disse eu) que a nossa salvação não depende só de Deos, nem só de nós; porém sim do concurso de Deos com seu auxilio, e juntamente de nós, pedindo-lho, e abraçando-o. Porque ainda que Deos sempre nos quer salvar pelo que tem de bom, e misericordioso; com tudo ha de preceder da nossa parte a vontade de o buscarmos, pedindo-lhe, e rogando-o, como taõ necessitados, para lhe merecermos o seu agrado. Dizia Deos a Moyse: *Ex-tende manum tuam: extendam manum meam.* (Exod. cap. 4. v. 4. & cap. 3. v. 20.) Estendey a vossa mão; que eu tambem estenderey a minha: mas sabey que a minha sem a vossa não vos ha de valer para vos salvar. E diz Santo Agostinho: *Qui fecit te sine te, non salvabit te sine te.*

Sabeis porque nos não ouve Deos? Porque nós tapamos os ouvidos, quando elle nos chama: por isso faz muitas vezes que tambem nos não-entende, quando o chamamos; como disse pelo Profeta Zacarias. (*cap. 7. v. 13.*) Se nós cuidassemos das cousas divinas, tambem Deos cuidaria de nós, disse S. João Chrysostomo. (*in Genes. homil. 14. in fine.*)

Como esperais que Deos ponha os seus divinos olhos de misericordia em vós, quando assim o estais offendendo, sem lhe pedir perdão dos vossos peccados com hum acto de amor, e contrição? Ponhamos este caso em questão; e depois o resolveremos com a boa razão. Supponde hum homem (não digo herege, senão Christão) dado a todos os vicios, e atropellando a Ley Divina com suas culpas, sem fazer exame de consciência, nem acto algum de amor de Deos, ou de compunção de seus peccados. Sendo que devia olhar para o Ceo, ou para huma Imagem de Christo Senhor Nosso, e dizer
do

do coração: Peza-me, Senhor, de vos ter offendido, por serdes vós quem sois: day-me hum auxilio de vossa graça, para me poder emendar das muitas offensas, que contra vós tenho feito. Ou fazer tambem hum acto de amor divino, dizendo: Meu Deos, meu Pay, meu Senhor, eu vos amo sobre todas as cousas: Livray-me de vos offender, para que possa merecer a vossa gloria. E da mesma forte devia valer-se da Virgem MARIA Senhora nossa, como Advogada de peccadores, dizendo-lhe com hum affecto cordial: Senhora, bem vedes as minhas grandes culpas, que tenho commettido contra Deos: acudi-me com vossa intercessão, e piedade, para alcançar perdão dellas. Para todos estes actos, e outros similhantes, não he necessario ser letrado; basta que o peccador os faça com grande vontade de que lhe succeda tudo o que pede como necessitado: e de outra forte, de nada lhe poderão aproveitar; por ser o peccado hum grande impedimento para ser de Deos ouvido. Deos não ouve aos peccadores, diz a Sagrada Escritura: *Peccatore Deo non audit.* (Joan. cap.9.v. 31.) Isto he: em quanto hum peccador se não arrepende, não o ouve Deos. Mas na hora em que de coração lhe pede perdão, e se justifica; logo he de Deos ouvido. E assim convêm muito, antes que o peccador faça oração, examinar a sua consciencia, e fazer actos de contrição. Assim o entendeu David, quando rendeo as graças a Deos de lhe haver perdoado seus peccados, dizendo: Bendito sejais, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração, nem a vossa misericordia. E com estas palavras acaba o Psalmo 65. De maneira, que quando pedimos a Deos perdão dos nossos peccados, primeiro lhe havemos dar

dar as graças de nos admittir a seu gremio , e dos muitos beneficios que delle recebemos.

Por esta razão se o Gentio Idolatra foubesse o que lhe resultava de ser Christão , viria de muy remotos climas buscar este bem , por estar addicto á Igreja , e capaz dos Sacramentos ; por se pôr em graça de Deos , e gozar dos thesouros da Igreja.

E assim entendeuy , que se a oração não for feita de todo o coração , não terá effeito algum de merecimentos para quem a faz; e será o mesmo que a oração de huns bichinhos que ha no Brasil , que lhes chamaõ *Louva a Deos* ; dos quaes dizem os natu-raes, que se geraõ, e nascem de huns raminhos sec-cos de huma arvore. Bem sey que he contra a ordem natural da melhor Filosofia : porèm posso certificar que vi hum destes bichinhos ainda meyo paosinho, e a outra parte ja animada. Estes animalejos são como hum grillo; porèm muy magros, e estiticos: tra-zem sempre as mãos postas juntas , e os joelhos do-brados, e os olhos levantados para o Ceo, e por esta razão lhes chamaõ *Louva a Deos* : porèm toda esta oração he de huma alma de páo secco. Assim são os peccadores, que rézaõ , e fazem oração sem recta intenção.

São tambem estes taes como os gafanhotos, que andaõ com o habito Franciscano , cheyos de cilicios ; e na hora da morte vem a morrer como brutos, sem lhes valer , nem aproveitar o habito , nem os cilicios da penitencia ; e assim vem a acabar em hum charco , ou brejal de culpas, sem merecimento algum. Podiaõ porèm ser semelhantes á Borboleta, que abrazada nas chammadas da luz (isto he, no amor de Deos) morre como a ave Feniz; para renascerem cantando louvores a Deos pelo que tivessem mere-cido

cido neste mundo, e assim irem as suas almas a gozar da eterna gloria.

Por isso diz S. Basilio, que as almas, e corações, aonde Deos ha de entrar, não haõ de ser de altos pensamentos, mas de grandes espiritos com boas obras. Porque almas de ferro, corações de chumbo, espiritos de carne, como lhes chamou o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas, não são para servir a Deos.

Vamos agora á boa razão. Como he possivel que Deos vos dê hum auxilio para vos livrardes dessa culpa, e das mais; se vós nunca lho pedis com arrependimento dellas, e vontade de vos aproveitar desse auxilio? Porque he sem duvida, que ainda cá nas coufas do mundo estamos vendo, e experimentando, que só quem faz por ellas as tem: e pelo contrario, não lhe vem ás mãos, se as não procura. Lá perguntou a Santo Thomás huma sua Irmãa: Que faria para se salvar? Respondeo-lhe o Santo: Querer: Porque sabia que era necessario haver da nossa parte vontade, e diligencia, para alcançarmos a graça divina. Cuiday nisto de vagar, e vede se tenho razão.

Mas parece que vos estou ouvindo dizer: que não podeis fazer isto que vos digo, porque vos não dá lugar o peccado. Agora venho eu bem a entender, que os peccadores, que se vem em semelhante estado, são como os enfermos de modorra, que nenhum abálo lhes dá quem entra no seu aposento, nem quem sahe delle; porque sempre estão dormindo, como fóra de seu juizo. E assim são os que se vem no lethargo da culpa: por mais que ouçaõ ao Confessor, e ao Prégador, o aviso do amigo, e do parente; a nada daõ ouvidos, porque estão mettidos no somno do peccado.

Tam-

Tambem são estes taes comparados ao Touro, que mettido no curro, ainda pôde escapar; porèm tanto que o chegaõ ao mouraõ, ja não pôde fugir. Assim são os concubidados: em quanto tem as concubinas fóra de casa, ainda se pôdem dellas apartar; porèm tanto que as mettem de portas a dentro, estaõ prezos ao mouraõ, e delles faz o diabo o que quer, até que os leva ao inferno.

Grande he a cegueira dos homens mundanos, que se deixaõ levar da vaidosa vida temporal! Porque estando vendo completarem-se os annos passarem os mezes, correrem as semanas, voarem os dias, contarem-se as horas; em nada disto reparaõ, e cada vez se mettem mais nos gostos, e deleites do mundo: como se tivessem por certo, que, acabada a vida, sem fazerem penitencia, haviaõ de ir gozar da Bemaventurança.

Porèm sabeis de que procede isto pela mayor parte? Do máo exemplo: de verem assim obrar os sabios; que tem obrigação de nos advertir com a sua bõa vida, e costumes, e não devem fazer o contrario do que entendem; sem se lembrarem estes doutos do que diz Santo Isidoro: Que quanto mayor he o conhecimento do delicto, tanto mais cresce a maldade do peccado. Muito pudera eu dizer-vos neste particular: porèm só vos direy, que só vós, e nenhum outro por vós, haveis de padecer o castigo das vossas culpas, se dellas antes da morte não fizerdes penitencia, nem vos acautelardes dos laços do Demonio.

Vamos ao remedio, que me pedistes. Haveis de saber, que para sarar do amor, e dessa enfermidade, he necessario haver ausencia. Muitas doencas se curaõ só com a mudança do ar: porèm a do amor, só

só se cura com a da terra. He o amor, como a Lua, que em havendo terra entre meyo, logo se eclipsa. Isto he em quanto ao remedio temporal.

Porèm fallando espiritualmente. O mais efficaz remedio, he fazer huma Confissão geral muito bem feita, com proposito firme de antes morrer, que tornar a cahir em tal peccado, ou em qualquer outro. E hum dos mayores serviços, que hum peccador póde fazer a Deos nosso Senhor, he o frequentar este Sacramento da Penitencia: porque em as repetidas confisões virá melhor em conhecimento de sua miseria, e fraqueza; e então reconhece melhor a grandeza de Deos, dando louvores a Sua Divina Magestade. E por isso diz Santo Agostinho: (*super Psal. 94.*) que hum peccador penitente, e arrependido de sua má vida, ao mesmo Deos engrãdece, e exalta. E o Profeta Isaías (*cap. 30.*) diz: que a grandeza, que Deos mostra, he quando aos peccadores perdoa.

E assim venho a entender, que esta foy a razão, porque disse Christo Senhor nosso, que mayor applauso, e mayor festa se fará na Corte do Ceo a hum peccador penitente arrependido, e que confessa bem, e verdadeiramente seus peccados; do que se fará a muitos justos, que não necessitam destes remedios. (*Luc. cap. 15. v. 7.*)

Sabeis em que perigos estais posto? Consideray-vos reo de hum atroz crime de Leza Magestade, mettido em huma torre, na qual está hum alçapão falso, e nella vos mandam os executores da Justiça que passeis pela sala, em que está o alçapão: e que neste breve instante achais hum favo de mel, e vos pondeis a lambê-lo, até que cahis no alçapão, onde topareis com rodas de navalhas, e ganchos de ferro

ferro muy agudos , que logo vos tirarão a vida, que he o inferno; onde ficareis para sempre.

Ou tambem supponde , que vos vedes em hum lugar cercado de muitos negros , que vos vem matar , que são os Demonios : e da parte , para onde podeis escapar , está hum precipicio tão alto , e despenhado , que se por elle quizerdes descer , acabareis a vida , que he o inferno , sem armas (que são as boas obras, que deveis ter feito em serviço de Deos) para vos defender: e que indo correndo (que he o curso da vida) topastes com huma arvore chea de doces pomos , que são os deleites desta vida : e que delles estais comendo entre tanto risco.

He o peccado por sua má qualidade tão venenoso mal , que ninguem o póde declarar , ainda que todas as creaturas se fizelhem em linguas ; por se não poder medir , nem tomar o pezo de sua gravetza, senão depois que se vê executado na alma. E basta que se diga, que se hum homem visse o peccado, e da outra parte o inferno; antes quereria metter-se no inferno sem culpa , do que gozar de deleytes buscando o peccado. E he certo , que quem não conhece o seu damno, não faz diligencia por fahir d'elle : e quem não sabe da sua doença , não trata de lhe buscar a medicina. E que diremos dos que o appetecem ? He sem duvida , que nem fogem d'elle , nem folicitaõ o remedio.

Ainda para conservação da mesma faude corporal , devia o homem fugir de similhante vicio ; pelos horrendos , e atrozes casos , e successos , que tem acontecido no mundo por causa deste peccado. E se os que o commettem , lessẽm com attenção a anatomia do corpo humano ; veriaõ o risco a que se expõem em similhantes excessos naquelles actos , e
em

em taes tempos. A experiencia tem mostrado, que nenhum animal irracional periga nestes actos tanto como o homem. E se não, vede. Ainda os animaes faltos de razão são mais regrados nesse vicio, porque lá tem seu tempo de propagação: porém o homem, chegando a ficar cego, sempre está appetecendo este peccado, sem reparar no prejuizo de sua faude. E como pelo excesso delle fica peyor que os brutos; por isso lhe succedem os perigos, e mortes repentinas, que tantas vezes se tem visto. A razão destes successos dá Moreto no seu Livro intitulado *Luz da Medicina*, no Prologo ao Leytor, comparando o semen do homem ao azeyte da candeia; que acabado este, expira a luz.

Que mortes repentinas não tem acontecido nesse mesmo acto! Muitos depois de terem sahido delle, por beberem hum pucaro de agoa fria, cahirão mortos: a outros lhes deo hum estupor, ou paralyfia: outros vieraõ a entificar: e outros se enchêraõ de Gallico, e ficáraõ deformes, padecendo mil dores, e incapazes de remedio, até a morte.

A tudo isto, e ao mais que me não he possivel explicar, está exposto o homem, que se deixa enlodar em similhante vicio, sem se querer tirar delle a tempo: e quando menos cuidar, se verá sepultado no inferno.

A este tempo que eu fechava este discurso com a palavra, inferno; deo hum relampago, e juntamente hum trovão, que cuidey que a todos nos destruhia: porque tremeo a terra, abalou-se a casa, e della cahio tudo o que pelas paredes estava, excepto hum oratorio, dentro do qual estavaõ huma Imagem de Christo Senhor nosso, outra da Virgem MARIA nossa Senhora, e outras de outros Santos. E pondo-

pondo-nos logo de joelhos todos os que na casa estavam, rompeo o morador em hum acto de contrição com tantas lagrimas, e soluços, que bem mostrava estar arrependido de seus peccados. E depois de o animar, e consolar, comecey com todos a rezar as Ladainhas, e algumas orações: e foy Deos servido, que logo cessasse a tempestade. E porque era já tarde, me disse o dono da casa que me fosse recostar. Obedeci, e me deitey em huma cama já feita na mesma sala; e o dono da casa em hum estrado á minha vista: até que pelas luzes das frestas vi que já era dia.

Levantey-me então, e juntamente o dono da casa: e ao abrir da porta, vimos hum monte de ramos mais alto que huma lança; e conhecemos fer hum galho da cajazeira, que com a violencia da tempestade se tinha desganhado. E então viemos no cabal conhecimento do grande favor, que nos tinha Deos feito em nos livrar daquelle perigo; porque se cahisse em cima da casa, sem duvida ficaríamos mortos, e opprimidos debaixo do seu pezo, pela violencia com que veyo compellido do corisco, que tinha despedaçado a arvore até o tronco.

E depois de ter visto o dono da casa aquelle fatal estrago, mandou logo chamar aos seus escravos; e promptamente chegáão alguns dez, ou doze. Disse-lhes elle então: Mandey-vos chamar, para vos dar a saber que me he necessario seguir huma viagem em companhia do Senhor Peregrino, em que me poderey dilatar oito, ou nove dias: e nesse tempo que lá estiver, vos mando, que todos vos conserveis com muita paz, e uniaão; tanto na occupação do serviço, como fóra delle. E fallando com hum escravo mais velho, de quem parece fazia

mayor conceito , lhe disse : E a vós encarrego o cuidado de todos , e o zelo da minha fazenda. O que o preto assim lhe prometteo observar.

E depois de despedir aos escravos , chamou pela mulher que tinha em sua companhia ; á qual disse : He escusado, Senhora , dizer-vos o motivo, que me persuade a apartar-me de vós, á vista do que succedeo : assim pelas grandes advertencias , e avisos , que nos tem feito o Senhor Peregrino ; como pelo notavel perigo , de que Deos nos livrou. Aqui tendes trezentos mil reis : tratay de buscar o melhor meyo de vossa salvação; que eu com a ajuda de Deos farey o mesmo. Aceitou a mulher a offerta , e logo lhe disse : Dias ha , Senhor , que esse era o meu intento , pelo que me tinhaõ dito os Confessores : e se o não tinha feito , era por vos não molestar. E com esta resolução nos partimos , levando o homem dous escravos em sua companhia , que lhe carregavaõ o seu fato , e matalotagem. E passando pelo tronco da cajazeira , lhe disse esta letra :

Tronco desnudo de ramas ,
Bien te podrè repetir :
Lo que vâ de ayer a oy ,
Aprendan robles de ti.

Logo fomos continuando a nossa viagem por humma muy dilatada estrada, e verdes campos , á vista de muy apraziveis arvoredos ; porque os da America sempre nelles he primavera.

Disse-me o companheiro : Agora , que tenho esta oportunidade, vos quero dar parte do motivo, que me persuade a acompanhar-vos. Muita mercê me fareis (lhe disse eu) para ter mais que vos dever.

Sa-

Sabey , Senhor (me disse elle) que haverá oito dias que veyo á minha casa hum meu amigo , a fallar-me para casar com huma donzella , filha de hum feu compadre : ao qual dey por resposta , que tomaria meu conselho , e lhe daria a resolução em menos de quinze dias ; quicà que fosse só a fim de me escusar. Certificou-me este amigo , que he a donzella merecedora de toda a estimação , por ser filha unica de nobres pays , muy formosa , e honesta : porèm , que não tem mais que quatro mil cruzados de dote. Agora vos peço que me aconselheis , se faço bem em tomar este estado com taõ pouco cabedal.

Senhor (lhe disse eu) ainda que para se dar conselho neste particular se necessita de muy largas experiencias , e informaçoes : com tudo , como me dizeis que he vosso amigo esse homem , e segundo o dito do Filosofo Pythagoras , o amigo he outro eu , supponho que vos não inculcará mulher indigna da vossa pessoa. Em quanto á razaõ de ter poucos cabedaes : muitas vezes se offerecem estes com pessoas taõ indignas , que ainda que sejam muitos , não bastão para se comprarem desconfianças. Não póde haver mayor cabedal , que a honra. Lá se conta , que perguntando-se a huma pobre donzella , que dote tinha ; respondeo , que a sua honestidade. Além de que , nem sempre os cabedaes asseguraõ o estado dos casados , pelo muito que temos visto succeder no mundo. E por isso , perguntado Marcial , porque não queria casar com huma mulher rica ; respondeo :

Prisco, porque no me caso,
Dezís, con rica muger?
Porque no quiero yo ser
La muger: y esse es el caso.

Porèm, isto supposto, vos digo: que tendo essa donzella as partes que vos assegurou esse vosso amigo, sou de parecer, que a acceiteis por esposa, visto o grande perigo, e risco de vossa salvação, em que estívestes até agora pelo vosso peccado. E assim podeis acceitar esse estado, que Deos vos offerece, como taboa em hum naufragio: para que, vendovos em terra, (isto he, livre da culpa) a leveis ao templo, e em sua companhia façais muitos serviços a Deos.

Porque haveis de entender (como já vos disse) que authorizou Deos com sua presença o primeiro estado que houve de casado no mundo: para nos mostrar as grandes excellencias, e perfeições que nelle se encerraõ; e as obrigações, que os casados tem, de viverem conformes aos preceitos divinos, unindo-se ambos em huma só vontade, fundando nella muy diversas, e copiosas virtudes; mostrando-se muy agradecidos a hum Senhor, que tanto os honrou com sua presença, e tanto os alimenta, e favorece com sua providencia, e misericordia. Porque he o casamento (como todos sabemos) hum contrato de duas vontades ligadas com o amor, que Deos lhes communica, justificadas com a graça, que lhes deo Christo Senhor nosso; e authorizadas com as ceremonias, que lhe ajuntou a Santa Madre Igreja: que esse he o effeito de hum verdadeiro desposorio, unir duas almas em hum corpo: *Duo in carne una.* (Gen. 2. 24.)

Porém suppostas as obrigaçoens dos preceitos divinos, que se devem guardar em primeiro lugar, e muito á risca: todos os casados tem obrigação de viver perfeitamente no seu estado, sem embargo de quaesquer encargos, ou desgostos. Em razão dos respeitos humanos, são necessarias muitas circumstancias para se guardar este perfeito estado, tanto para o socego da alma, como para a segurança da honra, e descanso da vida. A primeira he a igualdade das qualidades, sem a qual ha grandes perigos na vida, e desgostos irreparaveis; porque nunca se virão desigualdades sem inquietaçoens: e por isso Plutarco encommenda aos pays, que não casem seus filhos com pessoas de desigual nobreza; porque aquelles, que casão com quem os excede muito na qualidade, não ficam maridos, senão cativos. E daqui procedem entre os taes casados tantas discordias, que logo se desquitaõ da paz.

A segunda condiçaõ, para que o amor seja mais constante, e verdadeiro, he que sejaõ os casados muy conformes nos seus desejos, e inclinaçoens: porque sendo elles estes, ainda em razão de defeitos naturaes se podem amar perfeitamente; pois he bem sabida a regra da Filosofia, que a similhaça he causa de amor, e elle de toda a paz, e conformidade, sem a qual não póde ser perfeito aquelle estado. E era ella taõ encommendada entre os Antigos, que nas festas que faziaõ a Hymeneo, tido por deos dos casamentos, tiravaõ os fêis dos animaes que sacrificavaõ, e os lançavaõ fóra dos altares: porque, segundo o que diz Pierio Valeriano, o fel he o assento da ira, e da colera; e não convinha que fosse sacrificio feito onde fosse colera, e ira. E assim vos venho a dizer, que se che-

gardes a effectuar esse estado de matrimonio; depois de guardar os preceitos divinos, como sois obrigado, em segundo lugar vos conformeis muito com vossa esposa: porque na paz, e concordia consiste este estado; para poder viver bem, e virtuosamente, tanto no serviço de Deos, como para a conservação da vida.

C A P I T U L O XVII.

Do settimo Mandamenio. E do que succedeo ao Peregrino com hum vendeiro, que estava roubando ao povo: e como o dissuadio daquella mao trato, com varios exemplos.

E Nestas, e outras conversagoens, fomos passando o dia; até que (serião já cinco horas da tarde) chegamos á casa de hum taberneiro, o qual estava muy occupado em vender, e arrecadar o dinheiro do que vendia. Demos-lhe as boas tardes: respondeo-nos muy seccamente, sendo que vendia molhado. Retiramos-nos para debaixo de hum copada arvore, que junto da casa estava; e dalli lhe mandamos pedir hum pucaro de agoa: mandou-nos dizer que a mandassemos buscar á fonte, porque a não tinha em casa. E ouvindo o companheiro razaõ tão defabrida, como falta de primor, me disse: Na verdade vos digo, que não ha cousa peyor no homem, que a falta da cortezia. Por isso se diz, (lhe disse eu) que o villão roim não ha mister chocalho. Porque he certo, que a cortezia necessaria, he dívida: affectada, cerimonia: e lisongeada, conveniencia.

Este

Este vendeiro bem poderá ser que tudo ignore por montanhez ; se já não he pela occupação em que está ; porque como vê que lhe não resulta conveniencia alguma da nossa assistencia , tudo despreza : mas antes deseja não ter testemunhas de vista a sua ambição , e , para melhor dizer , furto. Porque me lembra ter lido no livro dos Sonhos de D. Francisco de Quevedo , na sua pragmatica do tempo , que diz assim : Mandamos , que no se llamen las vendas , vendas ; sino hurtos : porque en ellas mas se hurta , que se vende.

Em quanto ao desabrido primor , menos cortezia , e falta de caridade , com que se tem havido connosco este vendeiro : elle não sabe , nem tem obrigação de saber o valor , e quilates da cortezia. He a cortezia huma virtude moral , e muy necessaria aos homens , por ser hum agrado aos olhos , e hum feitiço aos corações. He hum esplendor a quem a observa ; porque lhe argue huma nobreza , e fidalguia. He hum toque , que descobre a nobreza do seu sangue , vence ao odio , e concilia ao amor. He o fundamento da amizade : esta se perde , ao tempo que aquella falta : vence , quando se deixa vencer : quando rendida , triunfa : ostenta-se ao inferior rendido , ao superior obrigado ; e sobre tudo , sabe mais , quando com discrição se avincula a hum luzido nascimento. Estas são as qualidades desta virtude moral da cortezia : e vede o quanto he digna de ser observada , e praticada no mundo entre os que a sabem estimar.

Na verdade vos digo , (me disse o companheiro) que muito folguey de vos ouvir publicar as excellencias da cortezia : e por isso , parece , anda esta virtude tão avinculada á fidalguia , e ao estado Re-

ligioso. Porém fallando dos effeitos da liberalidade, (lhe disse eu) he esta joya de mais estimação, que póde procurar qualquer animo generoso, que se préza de nobre, e honrado; por serem tão sublimados seus quilates, que ainda a muitos humildes tem feito exaltar. E se não, vede o que succedeo a hum famoso Portuguez.

Era este assistente em Napoles, chamado Sebastião Cortiços, homem de grande negocio; porém de nascimento humilde. E estando em Madrid, no tempo de Philippe IV, Rey de Castella, necessitava a Rainha, mulher do mesmo Rey, de cinquenta mil dobroës; mandou-os pedir sobre as suas joyas ao dito Portuguez: tornou-lhas elle com a quantia dobrada; e a Rainha lhe mandou huma lembrança de consignaçaõ. Succedeo levá-la elle comfigo hum dia de Reys, indo beijar a mão á Rainha; e ella, ou por favor, ou por galanteyo, lhe pediu Reys: tirou elle da cedula, ou lembrança, e a rompeo primeiro com reverente submissaõ, e lha entregou, que importou, da nossa moeda de hoje, settecentos e cinquenta mil cruzados.

E que poucos Portuguezes desses, (me disse o companheiro) haverá hoje no mundo! Não digais isso, Senhor, (lhe disse eu) que os animos generosos não se consideraõ no maito que daõ, porém sim no primor com que offerecem. Este Cortiço, de quem fallamos, deo esse enxame, porque lhe ficou mais. Porém eu conheci hum mancebo, filho do Brasil, o qual por se lhe gabar hum ginete, em que viera montado, fez offerta delle a quem lho tinha encarecido de bom: e sem embargo da repugnancia que lhe fez de o acceitar o que lho tinha gabado, lho deixou o mancebo com todos os arreyos; e fi-

e ficando a pé, nem por isso ficou menos airoso pelo bom termo com que o deo.

Mas fallando acerca dos miseraveis: Sabey que o misero não só nega a seu proximo o que lhe pede, mas tambem a si mesmo o de que necessita; porque em lhe faltando o que tem, não ha quem delle se compadeça. Digo isto pelo que vi acontecer a hum homem, que navegava em hum seu barco das Villas do Sul para a Cidade da Bahia. Costumava este entrar primeiro pela barra de Jaguarippe, quando levava na sua embarcação farinhas para vender na Cidade: e por mais que lhe pedissem os moradores pobres daquelle rio, que lhe vendesse algumas para seu sustento, representando-lhe suas necessidades; nunca lhas queria vender. Succedeo que, vindo em certa occasião entrando pela mesma barra, como esta he arriscada, e de perigo, pelos bancos de areia que tem, deo o barco em cima de huma coroa. E como se visse naquelle perigo, começou a bradar: e ainda que os que estavam em terra o ouviraõ, lhe não quizerão acudir, por saberem que era a embarcação daquelle miseravel; e alli se defez, e perdeo toda a carga que trazia. Não deixou de ser falta de caridade. (me disse o companheiro) Assim he; (lhe disse eu) porèm como viviaõ tão escandalizados de seu máo termo, deixáraõ-o perder a fazenda; ainda que se salváraõ as vidas.

Porèm não deixarey agora da referir hum caso, que vi succeder a hum homem de bem fazer, e agradecido. E foy, que se lhe queimou huma casa de palha, e ficou na rua com sua mulher, e filhos; porèm os vizinhos em menos de vinte dias lhe fizeram outra mayor, e de telha, dando-se-lhe os mais dos trastes, que se lhe tinhaõ queimado: e

che-

chegou a dizer de gozo , e agradecido , que havia males que vinhaõ por bens , pelo que tinha experimentado do favor de Deos , e dos homens. Não devia esse homem de ser máo Christão , (me disse o companheiro) pois tanto se conformava com a vontade de Deos. Haveis de faber , (lhe disse eu) que o homem bem inclinado he predestinado , e todos o estimão.

Mas tornando ao proposito do que nos succedeo com o vendeiro. Como fosse ja tarde , e se tivessem ido os que estavam na venda ; nos resolvemos a lhe ir pedir agasalho. E chegando , com effeito lhe dissemos que fosse servido deixar-nos passar aquella noite em sua casa. O qual nos respondeo: Que a tinha muito occupada com os trastes da venda ; porém que , se nos quizessemos accommodar na varanda , o podiamos fazer. Acceitamos o partido , por não ficarmos na rua.

Chegadas as horas de nos agasalharmos , deitou-se o companheiro a dormir , ou por vir cansado do caminho , ou pelo desvelo que tivera da noite antecedente ; e fiquey eu acordado , rezando em humas contas. Ouvi então perguntar o vendeiro a hum seu escravo , quanto tinha feito aquelle dia em dinheiro? Respondeo-lhe o escravo , que quatro mil reis. Pouco fizestes , a respeito dos mais dias. (lhe disse o vendeiro) E assim mais lhe perguntou , quanta agoa deitára no vinho , e nas mais bebidas? Disse-lhe o escravo , que no vinho deitára duas canedás de agoa , e no vinagre tres : e que tambem calcdeara a agoardente do Reino com a da terra. E logo lhe perguntou mais o vendeiro , se calcára com os dedos o fundo da medida de folha de Flandes , em que media o azeite? (Porque fazendo cova pela

parte

parte de fóra no meyo da medida, com o pezo do liquor se derrama, e parece ao que compra que está chea.) E finalmente lhe perguntou, se lançára o vinho de alto na medida, para se derramar, e parecer que estava chea? Tudo fiz, Senhor, como Vossa mercê me tem ensinado. (lhe disse o escravo) Pois assim has de fazer; (lhe disse o vendeiro) porque nestas casas quem dá o seu a seu dono, fica sem cousa alguma. Aqui se calou então o vendeiro, e se foy agasalhar: e eu tambem me deixey levar do somno.

Naõ era de todo ainda dia, quando acordou o companheiro, para fazer a sua viagem: e despertando eu tambem, se despedio de mim com grandes demonstraçoens de saudosa companhia; e me prometteo que, em havendo occasião, me avisaria acerca do estado que pretendia tomar, para se livrar da occasião da culpa em que estivera.

Em amanhecendo de todo o dia, sahio o vendeiro para a varanda, e me deo os bons dias: ao que eu lhe conrespondi cortezmente. Perguntey-lhe, que causa tinha para viver naquelle sitio tão retirado de povoado? Sabey, Senhor, (me respondeu o vendeiro) que haverá quatro annos que me passey da Cidade da Bahia para esta casa; a qual me vendeo hum meu patricio, que nella morou seis annos com a mesma occupação de comprar, e vender; e se embarcou para Portugal com seis mil cruzados: ainda que (segundo a noticia que tive) malogrados, porque se perdeu no mar em hum navio, que do porto da Bahia partio, o qual se presume que algum temporal o sobverteo; pois até agora se não soube que chegasse a porto algum. Este, antes que se embarcasse, tinha sido meu hospede na Cidade,

dade, onde eu entaõ residia com huma tenda de çapateiro, por ser este o meu officio: e vendo elle o pouco que eu lucrava, me inculcou este modo de vida. E largando eu a tenda, me resolvi a usar deste negocio; porque sempre ouvi dizer: Que quem compra, e vende, não sabe o que dispende. E depois que aqui moro, me não tem ido mal; porque havendo quatro annos que assisto neste trato, já tenho grangeado mais de quatro mil cruzados. Vede agora, se tenho razãõ para desprezar o officio, e habitar neste lugar em que taõ bem me tem ido, livre de almotaceis, e rendeiros, que me condenem.

Pois sabey, Senhor, (lhe disse eu) que nunca vos terey por menos aproveitado, e mais perdido, que na occupação presente. Como assim, Senhor? (me perguntou o vendeiro) Dir-vos-hey; (lhe disse eu) pelo que ha pouco acabastes de dizer: Que quem compra, e vende, não sabe o que dispende. Agora vos explicarey, que o que comprais, he o Inferno; e o que dispendeis, he a vossa alma. Fundo esta minha razãõ no que vos ouvi tratar, e fallar esta noite passada com o vosso escravo, tanto em prejuizo de vossa salvação, pelo engano, e malicia, com que vendeis áquelles que vos vem comprar; porque estais furtando aos vossos proximos, sendo isto hum peccado contra a justiça, e a razãõ, pois tomais as cousas alheas contra a vontade de seus donos; e contra a justiça commutativa, que he dar a cada hum o que he seu.

E sabey que todos os peccados mortaes se podem chamar grandes, porque privaõ ao homem da vida eterna, e o levaõ ao Inferno: porèm o furto, pelo que tem de circumstancias que delle resultaõ,

sultaõ, he muito para temê-lo. Judas, pelo uso que tinha de furtar daquillo que se dava para o necessario dos sagrados Apostolos, veyo a vender a feu divino Mestre. Os ladroens começaõ por cou-
fas poucas, e vem depois a porem-se nas estradas a roubar, e matar, ainda a homens que nunca vi-
raõ, nem lhes fizeraõ mal algum, só pelos rou-
barem.

Pelo que veyo a dizer S. Joaõ Chrysoftomo (*in Epist. 2. ad Corint.*) que os que furtaõ os bens alheys, saõ peyores que as feras, e que os demonios; e como taes os deviaõ riscar do catalogo dos homens. Porque as feras, quando accommettem aos outros animaes, em estando satisfeitas os deixaõ: porẽm os que furtaõ de nenhum roubo ficaõ satisfeitos; porque ficaõ com fome para fazerem outro: e quanto mais roubaõ, mais sede tem de furtar. Os demonios não fazem mal huns aos outros, mas só aos homens, que não communicão com elles: os ladroens a todos furtaõ, e fazem damno, aos parentes, amigos, e conhecidos. E assim deviaõ ser alistados no numero das feras, e demonios, pois saõ peyores que elles; e em vez de ajudarem aos proximos em seus trabalhos, lhes causaõ outros mayores, tirando-lhes a fazenda com que se podiaõ susten-
tar, e ainda a mesma vida. E se não, vede.

Pirata houve taõ deshumano, que chegou a atar hum homem a huma arvore, abrí-lo pelos peitos com hum alfange, tirar-lhe o coração, e dá-lo a comer aos da mesma nação do que tinha feito o maleficio: só por lhe não querer mostrar o caminho, por onde pertendia seguir o feu depravado intento de roubar. Outro houve tão insolente, que fez arder huma Cidade com violento fo-
go.

go. E não menos se mostrou tyranno outro Pirata, que pôs fogo a huma Armada. Além de outros atrozes casos, e insolencias, que elles fizeraõ no mar do Sul; como melhor se poderá ver no Livro intitulado : *Dos Piratas da America*. E por isso vem a ser castigados por Deos, e ainda no mundo pelas Justiças; como actualmente estamos vendo, e ouvindo contar.

He este vicio de furtar, o mais aborrecido que ha no mundo: até os Gentios, faltos da luz da Fé, e só levados da razaõ, o abominavaõ, e abominaõ ainda hoje. Pythagoras, com ser Gentio, dizia que em nada se pareciaõ os homens com os deozes immortaes, como em não furtarem, e tratarem verdade. O Gentio barbaro de Angola castiga rigorosamente, quando acha a hum negro comprehendido em algum furto. Os Indios do Brasil, ha certa naçaõ delles, que ataõ aos ladroens em huma arvore, e tres dias os tem naquelle supplicio, sem lhes darem o sustento.

Naõ exponho aqui os horrendos castigos, que tinhaõ, e tem estes taes ladroens em varias naçoẽs do mundo, em pena de seus delictos, por me não dilatar: e só direy, que Republica houve, que lhes mandava cortar os braços; outra os narizes. E ainda no nosso Reino de Portugal, nos tempos passados, os marcavão na cara, para que fossem de todos conhecidos por ladroens: até que a piedade dos nossos Reys determinou que fossem marcados nas costas; porque, se tivessem emenda, não fosse a todos manifesto o seu delicto.

Porèm o de que mais me maravilho, he de que vivão estes homens, que tem por uso furtar, como o peixe na agoa, sem remorsos da consciencia, nem
fo-

sobroços do grande risco de sua salvação : os quaes, ainda que tenham muita agoa em cima de si, e que estejam mettidos no profundo pelago do mar, nada lhes faz pezo.

Pois, Senhor : (me disse o vendeiro) Se succeder a hum homem, para se augmentar em bens, tratar deste, ou daquelle negocio com algum encargo ; não lhe bastará que na hora da morte faça seu testamento , e deixe encômmendado a seus testamenteiros , que lhe comprem algumas Bullas de composição, para satisfazer o que tem mal levado ? Dizey-me , Senhor : (disse eu ao vendeiro) Ouvistes ja dizer aquelle rifão : Mouro, o que não pôdes haver, dá-o pela tua alma ? Sim, ouvi. (me disse elle) Pois sabey , (lhe disse eu) que assim se pôde dizer dessas disposições de testamentos. As Bullas de composição são muito boas para se comporem as partes , quando hum não sabe o que tem furtado , nem tampouco esteve com animo deliberado de roubar o alheyo.

Porque diz Santo 'Thomás , Navarro , Valencia , e Solino , que o alheyo convem que se restitua , logo quando o que o tomou injustamente tem bens , com que o possa fazer. Finalmente , não fica escuso o que injustamente possuiue , e tem furtado com usuras , tratos , e distratos , tendo fazenda ; senão quando restitue : por ser o furto peccado mortal de sua natureza, opposto á virtude, e contra a justiça. Achão-se nelle dous aggravos: hum, que se faz a Deos, quebrantando a sua santa ley ; e outro ao proximo, tomando-lhe a sua fazenda. O aggravo, que se faz a Deos em furtar, perdoa-se por meyo da Confissão, e penitencia : o que se faz ao proximo, só se repara com a restituição. E não basta

sta confessar a culpa, se não se restituir podendo: nem se satisfaz só com restituir, sem confessar o furto.

Naõ só está obrigado a restituir o que faz o furto, mas tambem os que cooperaraõ no damno; como são os que mandaõ furtar, ou aconselhaõ, e consentem no furto, tendo obrigação por seu officio evitá-lo. Tambem está nesta obrigação o que guarda, e encobre a cousa furtada; o que acompanha ao ladraõ; e o que participa daquillo, que se furtou.

E naõ vos pareça que, por furtardes pequenas quantidades, naõ fazeis hum furto grande. Porque dizem os Authores, que escreveraõ desta materia, que, para hum furto ser peccado mortal, naõ he necessario que se tome quantidade notavel de huma vez, mas basta que se tome muitas vezes, como costumaõ fazer os criados a seus amos, e os vendeiros ao povo. E por isso permite Deos que se vejaõ evidentes castigos, para confusaõ destes taes, e emenda de todos.

E se naõ, ouvi o caso, que conta Cesario (*lib. 10, cap. 31.*) de hum distillador de agoas; que vendia agoa da chuva por distillada. Estando este para morrer mandou chamar hum escriptaõ, e testemunhas, e ordenou seu testamento nesta fórma: Deixo todos os meus bens a minha mulher; e o corpo á terra, e aos bichos: porèm a alma ao diabo, para que a atormente perpetuamente. Ficáraõ pasmados os circunstantes, e o admoestáraõ que naõ fizesse tal testamento: mas elle obstinado, disse o que Pilatos pronunciou: *Quod scripsi, scripsi.* (Joan. 19. 22.) Perguntáraõ-lhe: porque dava a sua alma ao demonio? Respondeo: Porque enganey muitas vezes

zes aos meus proximos , vendendo-lhes agoa da chuva por distillada ; e assim não tenho esperança de remedio. E encommendando-se a Satanáz, expirou. Foy seu corpo sepultado em hum lugar immundo ; onde o diabo faz taes cousas , e tão horrendas , que ninguem se atreve a chegar áquelle lugar.

E para confirmação disto que vos digo , ouvi o lastimoso caso , que aconteceu , ha bem poucos annos , na Cidade da Bahia , na Praya , onde chamaõ o Caes do Sodré. Havia huma mulher , que vendia varias cousas comestiveis , e de beber : e tinha por uso misturar agoaardente da terra com a do Reyno , e agoa da fonte com o vinho. Huma noyte , estando nesta occupação diabolica com hũa sua escrava deitando agoa na agoaardente : chegando com a candeia acceza , para ver pela parte do furo superior , se estava chea a barrica ; succedeo cahir-lhe dentro hum pingo de azeyte : e como hia com o lume da candeia , pegou logo na agoaardente , e começou a arder. E vendo a mulher , e a escrava a levareda , que sahia pelo buraco da pipa ; tiraraõ-lhe o torno , para a vazarem : e quanto mais vaõ lhe ficava , mais ardia ; até que rebentou a barrica com o demasiado fogo. E como estavaõ perto a mulher , e a escrava ; ficáraõ queymadas desorte , que a escrava logo morreo ; e a Senhora dalli a tres dias , com grandes dores , e gritos , dizendo que lhe parecia estava ja em vida ardendo no inferno. E verdadeiramente que he gravissimo peccado furtar , e roubar hum Christaõ ao seu proximo , com semelhantes enganos , faltando á Ley Divina , e humana : porque ainda na Ley natural se manda , que o que hum não quer para si , o não faça a outro : *Quod tibi non vis , alteri ne feceris.*

Outro caso vos hey de referir acerca do furto, e ambição, que succedeo haverá vinte e cinco annos. Havia hum barqueiro, que tinha huma sumaca, em que navegava das Villas do Sul para a Cidade da Bahia, e carregava farinhas para vender ao povo: e como então havia falta dellas, e se lhes tinha posto taxa, que se não vendessem por mais de seiscentos e quarenta reis o cirio; entrava elle com a sua embarcação de noyte, e nesse tempo vendia as farinhas como queria, por muy alto preço. Em hum viagem, vendo o barqueiro que tomava a barra com dia, e que não poderia fazer o seu negocio, e furto ao povo sem ser visto; fez-se na volta do mar, até que chegou a noyte. Entrou hum forte temporal, que fez escurecer a terra: e cuidando o barqueiro que entrava pela barra, foy dar em huns arrecifes junto da ponta de Santo Antonio, onde se perdeu a sumaca, e toda a carga que trazia, que eraõ mais de quinhentos cirios de farinha, além de outras miudezas; e só escapou hum passageiro, que contou do animo com que vinha o barqueiro. E desta forte tem succedido a muitos, que se não contentaõ com o ganho licito; e por isso vem a perder tudo, e ainda a mesma alma.

Outro caso vos contarey, succedido ha menos de vinte annos. Navegava hum homem da Cidade da Bahia para a Villa do Camamu em hum sumaca sua, na qual costumava levar varias fazendas, assim seccas, como molhadas, e com ellas fazia muitos negocios com aquelles moradores. Succedeo, que estando na barra da dita Villa com a sumaca furta para fazer viagem para a Cidade; chegou hum Indio da terra, o qual lhe vendeo hum bola de ambar, que teria mais de meya arroba de pezo, por trin-

trinta mil reis, pelo Índio ignorar o que vendia, e a sua estimação: e assim se ficou o barqueyro com o ambar, que depois vendeo por seu valor. E como se visse com bastante cabedal, embarcou-se para Portugal com mais de vinte mil cruzados: mas chegando á barra do Porto, perdeo-se o navio, e todo o cabedal que levava; e sahindo em terra nû, sem nada, foy para sua casa, como desesperado. Adoecendo dahi a poucos dias, o foraõ visitar alguns amigos: e querendo-o divertir da pena; respondia: Eu não tenho sentimento do que perdi; senão de que tendo com que pudera satisfazer o que devia, não restituísse a tempo, como se me mandou. E com esta continua acabou a vida, sem se querer confessar, nem tratar de sua salvação. E por isso se diz, que defender o proprio, he acerto; e querer o alheyo, nem he justiça, nem razão: porque como este se possue com má fé, nem se logra com descanso, nem chega a terceiro possuidor, porque tem descaminho.

Senhor, (me disse o vendeiro) em grandes escrupulos me tendes mettido. O que agora vos peço he, que me deis algum remedio, para poder restituir a taõ diversas pessoas o que lhes tenho mal levado, depois que vivo deste trato de comprar, e vender.

Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que muy difficil-tosa cousa me parece dar-vos remedio ao que me pedis: porque ainda os melhores Moralistas lhe achão grande difficuldade, para darem soluçaõ, e inteira restituiçaõ a esse damno. E confesso-vos verdadeiramente, que materia he essa, que eu antes quizerá ouvî-la, e aprendê-la, que praticá-la ensinando-a: porque, por mais que se acerte em simi-

lhantes restituicoens , nunca poderão ficar cabalmente satisfeitas as partes prejudicadas. Costumão muitos mandar aos que se achão com semelhantes encargos , que os satisfação com mandarem dizer Missas, e repartiresmólas com os pobres , e outras semelhantes obras pias. Porém não desprezando tão prudentes conselhos:

Digo, que se houvera certa sciencia de que essas pessoas eraõ fallecidas, e não tinhaõ deixado herdeiros; em tal caso assentava tudo isso muito bem. Porém na consideração de que esses sujeitos existem , e vaõ continuando em mandarem comprar á vossa venda: sou de parecer , que os vades avantajando na medida ; e que não useis mais de bebidas , e licores falsificados para vender ao povo.

Isto supposto: o melhor conselho, que vos posso dar de caminho , he , que logo vos vades confessar com hum Confessor douto , prudente , e virtuoso , que vos soffra , e queira ouvir as grandes offensas , que tendes feito a Deos , e a vossos proximos: e tomay o conselho que elle vos der , com proposito de vos aproveitar.

Na verdade, Senhor, (me disse o vendeiro) que não sey com que palavras vos signifique o quanto vos estou obrigado. Agora conheço que estou no inferno pelos grandes peccados que nesse particular tenho commettido; porque não só roubey a este povo com a venda , mas tambem pelo negocio de usuras no dinheiro que dey a alguns homens , que mo pediraõ por emprestimo , com a condição de vinte, e de trinta por cento, e ficando-me penhores em meu poder.

Pois Senhor, (lhe disse eu) quem busca a fonte para se lavar , ou o Medico para se curar ; lava todas

das as immundicias, e contra todos os achaques. Tomay o conselho que vos tenho dado, e relatay com toda a clareza as vossas culpas ao Confessor, e usay dos seus avisos; que eu vos prometto que Deos vos acudirá, como tem foccorrido a muitos. Porque tambem Zaqueo foy onzeneiro; mas pediu perdaõ a Christo Senhor noſſo, foy arrependeſe, e foy perdoado; porque tomou o conselho, que o meſmo Senhor lhe deo. Porẽm ficay certo, que eſtando vós nelle officio, ſem reſtituir podendo, vos he impoſſivel a ſalvaçaõ. Porque, ſe o Bom Ladraõ foy perdoado: além da dita de achar huma occaſiaõ, que não ſuccederá outra vez jamais no mundo; morreo pobre, e crucificado, com muita fé em Deos, e com grande humildade: e como não tinha com que reſtituir, e reſarcir os damnos, que tinha feito a ſeus proximos, perdoou-lhe Deos.

Pague-vos Deos (me diſſe o vendeiro) os ſau-daveis conſelhos que me tendes dado. Eu vos prometto, com o favor divino, de me aproveitar delles, deixando eſte trato em que eſtou, e tornando ao meu officio, para me ſuſtentar, e paſſar a vida, aindaque não ſeja com taõ grandes lucros; por me livrar dos encargos de conſciencia, em que me vejo, ſegundo o que me tendes declarado. E oxalá houvera quem mais cedo me advertiſſe, para que eu conheceſſe o grande perigo em que eſtava da minha ſalvaçaõ.

Muito folgo, Senhor, (lhe diſſe eu) de vos ver taõ conforme com os avisos, que vos tenho feito: e aſſim ha de querer Deos conſervar-vos em ſeu ſanto ſerviço, para que alcanceis o premio da Bem-aventurança.

Alli paſſey todo aquelle dia, e noite ſeguinte,

em companhia do vendeiro , fazendo-me elle muy bom agasalho. E logo que apparecéraõ as primeiras luzes da aurora , delle me despedi : o qual com demonstraçoens de cordial affecto me disse , que só lhe ficava a pena de mais tempo me não poder ter em sua companhia. Respondi dizendo-lhe , que melhor era sollicitar a de Deos : e que esta estivesse sempre em nossos corações.

C A P I T U L O XVIII.

Do oitavo Mandamento. Trata-se muita doutrina , e se reprebende o vicio da murmuraçãõ.

Dissuade o Peregrino com varios exemplos a tres murmuradores , que achou murmurando: e aconselha o como se deve livrar deste vicio.

JA a este tempo appareciaõ no Oriente os primeiros rayos de luzes , que como archeiros daquelle Rey dos Planetas , fazendo praça , alimpáraõ o grande espaço do Ceo , sem guardarem respeito das brilhantes estrellas , que por elle andavaõ espalhadas , na confiança da noyte : e finalmente desapparecéraõ todas , sem haver alguma , que por mais luzenre quizesse resistir , nem apparecer diante desse Monarca das luzes.

Tambem me alentavaõ os cheiros das flores silvestres ; as quaes , aindaque lhes faltava o cuidado de serem cultivadas , se estavaõ animando com o succo da terra , que lhes communicava o rocio da noite ; e distillando fragrantés aromas , faziaõ hu-

ma excellente ambrosia. E assim fuy continuando aquelle caminho.

Seriaõ ja quatro horas da tarde , quando vi em hum verde campo huma casa , e junto della assentados debaixo de huma arvore tres homens : e assim como os avistey , os fuy bnscar ; os quaes me receberam com grandes demonstrações do cortejo. E offerecendo-me assento , hum delles , que me pareceo ser o dono da casa , me disse : Que lhes concedesse licença , para pôrem fim a huma conversação de gosto : e que tambem a poderia eu ouvir , se fosse servido.

E continuando hum dos tres , disse : Este sujeito , de quem fallamos , me certificáraõ que , depois de ser moço de mulas em Portugal , veyo degradado por Ladrão para estas partes do Brasil : e achando cá quem lhe dêsse mulher , teve della duas filhas ; e assim da mulher como das filhas , está sendo consentidor. Tanto não ouvi eu , disse o segundo hospede ; porém o que se me tem affirmado , he , que huma das filhas ja está livre dos primeiros partos. Por isso tal vez que seja elle tão bem affortunado , disse o dono da casa : porque he certo , que quem não tem vergonha , todo o mundo he seu. Replicou o segundo hospede : Eu lhes prometto a Vossas Mercês , que brevemente lhe ferey occasião de se lhe pôr huma demanda por huns bens , que rematou em praça por menos de seu valor. A isto respondeo o primeiro hospede : E será muito bem feito , só por lhe dar que sentir.

Bem sey , Senhor , (me disse o dono da casa) que com muita razão tereis feito reparo no que nos ouvistes fallar : porém como isto toca em historia , lhe quizemos dar fim. A'lem de que lá disse hum discre-

to, que a murmuração he o sal da conversação. Mas agora vos peço que me digais o que sentis do que nos tendes ouvido.

Senhor, (lhe disse eu) sempre ouvi dizer, que fallar mal, he baixeza: dizer bem, bondade: manifestar a verdade, nobreza: fallar sem necessidade, ignorancia: calar a seu tempo, prudencia: estar mudo quando se deve fallar, cobardia. Fundado pois nestas sentenças, me atreverey a responder ao que me perguntais acerca do que sinto da vossa conversação.

Primeiramente haveis de saber, Senhores, que he o vicio da murmuração tanto contra Deos, e contra o proximo; que, aindaque não fora prohibido no Decalogo, devia ser abominado de toda a creatura racional pela sua grande vileza, e aborrecimento que a todos causa. E até o mesmo Deos se offende, e aborrece; como diz o Apostolo S. Paulo, affirmando que os murmuradores são aborrecidos de Deos. (*Ad Rom. i. 30.*)

E em quanto ao que respeita ás creaturas: vede se póde haver cousa, de que mais se offenda hum homem, que de ouvir dizer que d'elle se falla mal, diminuindo-se-lhe o seu credito, e boa fama, e ainda a mesma honra. Por isso disse Santo Agostinho, que mais offenderão a Christo Senhor nosso seus inimigos quando d'elle murmurárao, do que quando o crucificárao. Deo o Santo a razão: Porque seu santissimo corpo padeceo o tormento da Cruz; porém a murmuração attendia a deslustrar-lhe sua honra, e por conseguinte, a alma era a que sentia esta pena.

E por esta razão são muy parecidos os murmuradores com os Judeos; e não menos que com os mes-

mesmos Demonios : porque não dizem nada, que não seja com mentira, e enganoso equivocados ; e por fim vem a ficarem confundidos, e envergonhados, e todos os que lhes dão ouvidos.

E para prova do que vos digo, vede o que succedeo com Christo Senhor nosso. Disse o mesmo Senhor, fallando do Santissimo Sacramento : Se não comerdes da minha carne, e beberdes do meu sangue, não tereis vida eterna. Começáraõ os Judeos a murmurar de Christo nosso Bem ; e diz S. Joaõ (*cap. 6. v. 53.*) que os Judeos litigavaõ huns com outros sobre o caso : e era isto huma refinada calumnia, e murmuração, que andavaõ ordindo, e maquinando, para depois a pórem em pleito, como puzeraõ diante de Pilatos. Porque diziaõ : Como póde este dar-nos a comer sua carne ? Não he possivel. E que lhes resultou desta murmuração, e calumnia ? Digaõ-no elles mesmos, que bem o tem experimentado.

Sabeis de quem murmuravaõ estes homens ? Não murmuravaõ menos, que dos milagres de Deos : porque o Author dos milagres he Deos, (como diz David. *Psf. 71. 18. & 135. 4.*) e os sujeitos dos milagres saõ as creaturas. E ainda se não querem emendar estes homens de serem murmuradores. Lembrem-se do que lhes succedeo quando murmuráraõ contra Moysés ; e dos castigos que lhes vieraõ : e das mais vezes que murmuráraõ contra a divina providencia. Porque consta da Sagrada Escritura, que tirou Moysés do Egypto seiscentas mil almas, não contando as mulheres, nem os homens de vinte annos para baixo : e de todo este numero, só dous chegáraõ á terra de promissaõ, Josué, e Caleb. E qual foy a causa ? A sua murmuração contra

tra Deos. Não lhes quero citar o texto, porque elles muy bem o sabem: assim o foubessem elles entender, e melhor observar; porque sempre entenderão a Escritura ás avessas, por seus peccados.

Diz S. Jeronymo, que se não houvesse quem ouvisse aos murmuradores, não haveria murmuração. E assim parece: porque bem dezejara algum ter com quem fallar, e murmurar; porém como o não querem escutar, cala-se por força. Por isso nos quiz Christo Bem nosso dar esta doutrina, quando estavam os Judeos murmurando contra sua santa innocencia, e dizendo-lhe tantas ignominias. Perguntou-lhe Pilatos: Não ves quantas testemunhas tens contra ti? Como te não defendes? Foy mysterioso o silencio, com que Christo Senhor nosso então se houve: porque, como a culpa daquelles homens era huma murmuração sacrilega, não quiz responder: para que se não dissesse no mundo, que dava ouvidos aos murmuradores. E ja em outra occasião os tinha reprehendido o mesmo Senhor, dizendo-lhes: Não sejais murmuradores em minha presença. (*Joan. 6. 43.*)

Sabeis porque se castigão os Judeos pela mayor parte? Por murmuradores. Ajuntão-se huns com outros, e começam a murmurar. E de quem vos parece que murmuraõ? De Christo Senhor nosso, e de seus Santos, e Ministros. E que lhes succede destas murmurações? Castigá-los a Santa Inquisição; serem de todos aborrecidos, e vituperados, e depois castigados no inferno.

Isto não he murmurar eu delles, nem lançar-lhes em rosto estas culpas com desprezo; porém sim, adverti-los, e avisá-los, para ver se se póde curar esta terrivel enfermidade: que não póde ha-

ver outra mayor no mundo. Porque tambem os Cirurgioens cortaõ, e cauterizaõ, para livrar aos enfermos de muitos perigos, e enfermidades : e sendo esta da alma, com mayor razão se lhe deve acudir: e queira Deos que aproveite, conforme o zelo com que o advirto. Porque seria eu peyor que o mesmo Demonio, se reprehendendo o peccado, e inculcando a virtude, me mettesse na mesma culpa de murmurar, e anniquilar ao proximo (se he que se póde chamar proximo quem deste modo obra) Demais, que eu só fallo dos que obraõ mal ; e não dos que merecem louvores : porque estes taes, pelo seu bom procedimento de Catholicos, e bons Christãos, não lhes ha de faltar Deos com a sua divina graça, e misericordia, dando-lhes nesta vida muitas estimaçoens entre os homens, e na outra o premio da gloria.

São tambem muy parecidos os murmuradores com os Demonios, pelas calumnias, e mentiras causadas de inveja, que fabricaõ em odio dos homens; como experimentáraõ os nossos primeiros Pays com a Serpente infernal, logo no principio do mundo. E foy o caso : que sahindo Eva ao vergel do Paraito, toda trajada de gloria, convidada do sitio, foy estendendo o passieyo por entre plantas, e flores, e muy vistosos pomos, vendo as crySTALLINAS agoas. As arvores lhe faziaõ verde docel de esmeraldas, as flores lhe alcatifavaõ o prado, os pomos a convidavaõ : a fonte ja de admirada parava, pela ver retratada em seus crystaes : os animaes abfortos de verem tanta belleza, lhe rendiaõ adoraçoens : as aves com sonora melodia a festejavaõ, por cuidarem que era a Aurora, que por aquelle horizonte vinha subindo : resultando-lhe tudo isto de ser hu-

ma creatura tão perfeita, e bella, como feita pelas mãos de Deos: competindo nella o assombro com a admiração, a galla com a graça: condigna por certo de toda a veneração; pois era a maravilha unica, que se via naquelle alegre jardim. Mas este prospero estado lhe durou pouco: porque he sabido, que o mal sempre está de assento; e o bem traz azas consigo.

E vendo o Demonio tantas adorações feitas a huma creatura; cheyo de rayva, e inveja, começou a murmurar com seus sequazes, e maquinar huma refinada traição, e calumnia contra Eva, pela ver com tantas excellencias, entregue a toda a lizonja: e logo suppôs que lhe havia de dar ouvidos, porque tanto folgava de apparecer. E transformando-se em huma Serpente, porém com boa cara; (que he o que costumaõ fazer alguns murmuradores, para melhor encobrirem a sua diabolica tentação) mettendo a Eva em conversação, lhe perguntou: Porque não comia do fructo da arvore da Sciencia do Bem, e do Mal: Respondeo-lhe Eva: Porque Deos no-lo tem prohibido. Replicou-lhe a Serpente: Sabeis porque Deos vo-lo prohibio? Porque comendo-o vós, e vosso esposo, haveis de ficar semelhantes a Deos. Creio Eva de ligeiro, como mulher, o que a Serpente lhe tinha dito enganosamente; e foy logo com o alvitre a Adaõ, a persuadi-lo, para que comesse do fructo vedado, comendo-o ella primeiro.

E como Adaõ tanto amasse a Eva, sem reparar no preceito que lhe havia posto Deos, comeo do pomo, e por essa causa se vio logo despido da graça, de que Deos o tinha vestido, e foy lançado do Paraíso; fazendo-nos a todos ficar sujeitos ao peccado

origi-

original, expostos a padecer tantos trabalhos, e infortunios, quantos são os que experimentamos nesta miseravel vida.

Oh quantos homens, cegos de hum appetite, e induzidos de huma mulher, por lhe fazerem a vontade, desprezaõ a Ley Divina; vindo por esta cause a experimentar tantos trabalhos, e muitas vezes perdendo a vida, e a mesma alma, que he o que mais se deve sentir!

E tomem tambem as mulheres exemplo deste lastimoso caso, que succedeo a nossos primeiros Pays. Porque, se Eva estivera em companhia de seu esposo, nem o Demonio teria occasião de a enganar, nem ella seria a causa de fazer peccar a Adam. E assim, as mulheres casadas, que se quizerem conservar em serviço de Deos, e em paz com seus maridos, fujaõ de semelhantes passeyos, e conversações de gente de máo procedimento; e vejaõ que ainda hoje ha no mundo Serpentes com boas caras. Grande doutrina se me offerecia neste particular: porèm, como vou a mostrar-vos as destrezas, e astucias do inimigo infernal, não me posso deter. E assim, para que conheçais quem he o Demonio, e o que succede a quem d'elle se fia; ouvi o seguinte caso.

No tempo que pedio pazes Castella a Portugal, depois das guerras, que tinhaõ precedido por causa da felicissima Acclamação do nosso Rey D. João IV., ficáraõ alguns Soldados nas fronteiras de Flandes em defenfa do Rey de Castella. Entre elles se achou hum muito humilde de geração, porèm com espirito guerreiro; ou, para melhor dizer, interesseiro: o qual invocando ao Demonio para que lhe dèsse bom successo nas armas, appareceo-lhe promptamente

ptamente o Demonio, por lhe conhecer o animo. Assentárao no pacto: Que havia de ser com condição, que não acceitasse posto fomenos daquelle, que estivesse exercitando na guerra. E como tudo isto erao conveniencias do Soldado, conveyo no concerto: e tratando do exercicio militar, subio a tanto sua fortuna diabolica, que em breve tempo chegou a ser Mestre de campo. Houve occasião de pôrem cerco a huma Praça murada: e subindo hum Sargento por huma escada, lhe deitárao de cima huma panella de rezina quente, que o fez descer a tombos. Vendo o Mestre de Campo que o Sargento se descia com a dôr da rezina; pegou na alabarda, chamando-lhe fraco: e subindo pela escada, aos primeiros degraos lhe disparárao os contrarios hum arcabuz, e cahio em terra passado de bálas. Estando naquelle transe, lhe appareceo o Demonio: e dando huma grande risada, que dos circumstantes foy ouvida; lhe disse o moribundo: Enganaste-me. Respondeo o diabo: Tu es o que te enganaste; porque tomaste o posto inferior do que servias. E com razão: porque desde que d'elle se fiou, logo ficou enganado. Aqui tendes as destrezas, e equívocos, com que trata o Demonio de enganar aos homens. E assim são tambem todos aquelles, que com ditos equivocados, e apparentes razões vivem no mundo, enganando a seus proximos com mentiras, e enredos.

Só de Deos se deve fiar tudo, porque nunca falta, por ser a summa verdade. Pergunte-se a S. Pedro: Se não fora o crer elle huma verdade de Christo Senhor nosso, quando lhe disse que, antes que o gallo cantasse tres vezes o negaria; o que lhe hia succedendo? Mas como S. Pedro foy sempre

pre homem de muita verdade, por isso lhe succedeo taõ bem : porque lá disse a Christo seu Divino Mestre, que verdadeiramente era Filho de Deos. (*Matth. 16. n. 16.*) E por fallar verdade, mereceo ser Principe da Igreja, e estar gozando da Bemaventurança.

Judas, pelo contrario lhe succedeo: porque como sempre foy mentiroso, aleyvofo, e murmurador sacrilego, por murmurar de Christo nosso Redemptor, e em outra occasião da Magdalena, e dos mais discipulos com os Judeos; veyo a morrer enforcado, por se ver fóra do Apostolado, e desprezado dos mesmos Judeos : e até a alma, parece, lhe não quiz sahir pela boca, nem passar pela lingua, ou tocar nos dentes; por ser a bocca do murmurador horrenda, a lingua espantosa, e os dentes peçonhentos.

Muito he para se temer a bocca de hum murmurador; porque ainda depois de morto, e de estar no inferno, não deixa de offender. Conta o Author do Livro *Espelho de Exemplos*, que houve hum Clerigo grande murmurador : o qual, sendo condemnado ao inferno por sua depravada lingua, depois de lá estar, vomitava hum cheiro taõ intoleravel, que atormentava ao Bispo, pelo não ter castigado em vida.

E vejaõ lá os Sacerdotes, e ainda os Religiosos o como se haõ em suas conversações : pois tendo obrigação de as dirigir todas a mayor gloria de Deos; costumaõ muitos dar gosto ao Demonio, e roim exemplo aos Seculares : e por esta causa dizem alguns: Que muito he que nós murmuremos, quando tambem os Padres murmuraõ ! Procede isto muitas vezes da pouca cautela, que tem os Ecclesiasticos

fiaticos nas conversações em presença dos Seculares. Porque, se verdadeiramente bem foubessem o estado que tem, andariaõ continuamente dando milhares de graças a Deos, considerando-se que são Anjos em carne mortal; pois com estes comparou S. João Chrysoftomo os Sacerdotes. E sendo assim, não lhes negariaõ os Seculares aquelle respeito, que a tão alta Dignidade se deve.

Infeliz he aquella casa, ou Republica, onde tão lastimosamente reyna este vicio, que ninguem se póde prometter segurança em seu bom procedimento; porque se levanta a calumnia contra o innocente, a vingança contra o proximo, o descredito contra o bem procedido, a deshonor contra a virtude, e a traição contra a sinceridade: a verdade se occulta, o credito se mancha, a modestia se vitupera, a prudencia se anniquila: e finalmente, não val a virtude, nem póde escapar o mesmo justo.

Que ruinas não tem padecido as familias, que aborrecimentos as geraçoens, que desgraças os innocentes por causa da murmuração! Que honras, vidas, e fazendas não tem destruido as linguas dos múrmuradores por hum falso testemunho! Se se houvessem de referir, era necessario muy largo tempo. E se estes queixosos pudessem fallar, como encheriaõ o mundo de justas queixas! Mas lá está Deos, que tudo satisfará castigando a estes maldizentes; premiando áquelles, que com paciencia foubereaõ tolerar, e soffrer as injurias sem vingança contra os que os offenderaõ.

São taes os murmuradores, que até das obras de Deos murmuraõ: queixaõ-se dos tempos, da falta das novidades, da pouca faude, e de serem pobres:

e tal

e tal vez, se fossem ricos, mais o offenderiaõ. E se vem alguém com algum defeito natural, ou moral; já d'elle fallaõ, e murmuraõ. E se diz o murmurado, que he como Deos o fez; respondem os murmuradores: Pois se Deos te fez, eu te quero desfazer, e anniquilar. Póde haver mayor atrevimento, que chegar hum homem a murmurar daquillo que Deos fez? Pois estejaõ certos, que não haõ de entrar no Ceo.

Naõ sey se tendes reparado que dizem os Mathematicos, que se vem varias fórmãs de corpos de animaes no Ceo: porque dizem que vem o Leão, o Boy, o Carneiro, e finalmente outros muitos animaes terrestres, e voláteis, e ainda peyxes do mar; porèm não se tem visto o Caõ. E a razaõ disto a meu parecer he, porque ladra. Vejaõ agora lá os murmuradores, symbolo do caõ por ladra-rem, e morderem, se nem ainda pintados apparecem no Ceo, como poderãõ realmente entrar nelle. S. Joã Chrysostomo diz, que não tem o Demonio instrumento mais a proposito para nos fazer peccar, do que a nossa lingua. (*Homil. 5.*)

São tambem os murmuradores muy parecidos, e semelhantes á tisoura, por ter esta o córte ás aveffas dos mais instrumentos de gume; que val o mesmo que fallar mal, e ás aveffas do que devem fallar. Fechada a tisoura, de nenhuma sorte corta: porèm em abrindo a bocca, tanto córta o panno preto, como o branco; o grosso, como o fino; a lãa, como a seda; a prata, como o ouro: o ponto está em se juntarem as duas pontas, ou linguas murmuradoras. Por isso se costuma dizer, quando se ouve murmurar de alguma pessoa: Bem cortaráõ de vestir a fulano. E só não córta a tisoura, se

T

está

está fóra do eyxo , por se apartarem as pontas : dará hum pique , mas não cortará : porèm em se ajuntando ambas , tudo cortão , e fazem em pedaços. Oh tisouras cortadeiras , quem vos pudéra tirar os eyxos , ou queixos desses adjuntos , para que não cortasseis tanto pela fama , e credito de vossos proximos !

Sey eu , (porque consta da Sagrada Elcritura 1. Reg. 24. 5.) que em certa occasião cortou David hum retalho da capa de Saul , para lhe mostrar que , podendo-o matar , o deixava ir com vida ; onde parece que não houve a minima culpa : com tudo David , como era homem justo , por este golpe deo muitos no seu coração. (*ibid.* v. 6.) Não são assim os murmuradores : porque córtão capas , despedação vestidos , retalhaão mantos , sem disão fazerem escrupulo , nem refarcirem o damno , e menos terem arrependimento ; até que chega o tremendo golpe da morte , que os faz ir pagar no inferno. Peço-vos pela Sagrada Payxaõ , e Morte de Christo Senhor nosso , que cuideis nisto de vagar , para que vos emendeis.

Que irreparaveis damnos não faz a lingua , quando levanta hum falso testemunho na honra , credito , ou fama do proximo ! E como nos parece couza leve , não fazemos caso disão. Sendo que , sem se desdizer , e satisfazer , não he possivel haver perdaõ ; porque , como he em damno de terceiro , em quanto este não está satisfeito , não assenta o perdaõ , ou absolvição , aindaque se confesse com dôr , e arrependimento. Porèm o que nós vemos succeder a cada passo , he murmurar , e levantar falsos testemunhos ; e nunca desdizer em publico , nem em particular : porque dizem estes que são homens hon-

honrados, e que não querem que os tenham em pouco. Sendo que por isso se diz, que he acção de plebeos, e gente vil, manifestar defeitos do proximo. E daqui procede, que os nobres, e prudentes não dão credito ás faltas alheas; mas humilhaõ-se, tendo para si, que, se Deos os desamparar por seus peccados, cahirão em peyores faltas.

Mas lá irão para o inferno estes maldizentes, onde para sempre se maldirão; porèm sem remedio: porque não falta quem diga, que os pecadores, que vão ao inferno, segundo a causa porque lá vão, são nelle atormentados. E sendo assim: vede que berros, que blasfemias, e que gritos darão naquelle abyssmo infernal os murmuradores, que neste mundo levantaõ falsos testemunhos contra seus proximos. Só de o considerar se me arripião as carnes. O' meu Deos, pela vossa divina misericordia me livray de tal chegar a ver, nem ouvir.

Senhor, (me disse o dono da casa) como me poderey livrar de ouvir ao murmurador, se for embarcado com elle, ou estiver em lugar, onde me não possa affastar de o ouvir? Respondo: (lhe disse eu) Se o não puderes evitar: em quanto o ouvires, calay-vos; que nisso o estais reprehendendo. Mas se o ouvires, e vos puderes livrar de assistir, fugi: tanto pelo perigo da alma, como do corpo, que succede de semelhantes companhias; porque costumão estes taes murmuradores dizer, por se desculparem, não o que disserão na murmuração, porèm sim o que ouviraõ responder aos que os escutáraõ. Por isso costumava dizer hum certo velho, que eu conheci, de muy bom procedimento, e virtude, quando se começava a murmurar em alguma conversação: Meus senhores, eu não quero murmurar, nem

ouvir murmuração ; porque ja sou morto , e homem morto não falla , nem ouve. E desta sorte reprehendia aos murmuradores , e delles se livrava despedindo-se. Por certo , (me disse o dono da casa) que eu farey muito por observar o conselho ; porque não deixa de ter sentido mayor.

E assim vos digo, Senhor, (lhe disse eu) que são nocivos os murmuradores , e muy semelhantes ao Basilisco : do qual dizem os naturaes , que se elle vê primeiro a alguem , com a vista o mata ; porém morre , se he visto antes de elle ver. Não ha melhor similhança dos murmuradores : se vem alguma pessoa , mataõ-na com a lingua ; e se são vistos , morrem : porque , além de se fallar delles , não tem com quem fallar ; e de se verem sós , e desprezados de todos , rebentaõ , como ja dissemos de Judas.

Eu conheci a hum destes , que costumava sahir de sua casa a buscar a conversação ás de seus vizinhos : se os achava descuidados , sem o verem , aceitavaõ-lhe a visita por força ; porém se o viaõ antes de elle chegar , fugiaõ de lhe fallar. Dizia este insolente murmurador : que os moradores do seu bayrro eraõ ignorantes , porque não prezavam a sua conversação , sendo elle prégador das verdades. Até que lhe disse hum : Senhor Fulano , está Vossa Mercê enganado : fogem de o ouvir conversar , por fer a sua conversação huma refinada murmuração das vidas alheas ; e temem ir com Vossa Mercê para o inferno.

São tambem os murmuradores muy parecidos com hum animal , que ha na India , e chamão Bison: do qual dizem os naturaes que he do tamanho de hum boy , e tão bravo , e horrendo , que muitas pessoas

foas, só de o verem, cahem esmorecidas em terra. Tem este a lingua tão aspera, que despedaça aos mais animaes só com os lamber, porque lhes tira a pelle, e a carne. Assim são os murmuradores: aonde lanção hum golpe de lingua, tiraõ (como lá dizem) couro, e cabello.

O murmurador com hum golpe de lingua faz tres feridas: offende a Deos, offende ao proximo, e offende-se a si. Offende a Deos; porque quebra o seu divino preceito. Offende ao proximo; porque falta á caridade, em descobrir a falta alheia, ainda que a tenha, não sendo obrigado por Direito, ou bem da Republica. Offende-se a si; porque não pôde haver mayor infamia para hum homem, além do peccado, que terem-no por murmurador, mentiroso, e falsario: assim porque todos fogem delle, como tambem por se ver envergonhado diante dos que tem offendido.

Da Curuja se conta, que por caber com o Rey das aves, lhe foy levar hum alvitre, dizendo-lhe que a Garça lhe queria tirar o poder, e magestade: e que por isso andava pelas prayas convocando as mais aves, para lhe pôrem guerra. Mandou o Rey examinar, e devassar do caso; e achou que andava mariscando a Garça, e que era mentira o que havia arguido a Curuja. Quiz o Rey castigá-la pelo falso testemunho, que levantou á Garça: escondeo-se a Curuja, e por esta razão não apparece de dia.

Dos quatro Elementos, só a Agoa murmura; e por isso padece mayores trabalhos, e abatimentos, correndo pelos pés dos montes: a terra a engole, as arvores a chupaõ; os animaes a bebem, o Sol a secça: prendem-na nas arcas; fechaõ-na nos chafarizes, anda por alcatruzes; e por isso poucas ve-

zes apparece em publico. Assim succede aos homens malquistos, e murmuradores : de todos se escondem , porque a todos offendem.

Conta-se, que sendo levados dous culpados a hum Ministro da Justiça, para os mandar castigar : hum, por matar a hum homem ; e o outro, por levantar hum falso testemunho a huma mulher honesta : fez o Ministro examinar os casos : e sabendo que fora a morte accidental ; sentenciou que fosse degradado o homicida : e conhecendo que o outro era costumado a levantar aleyves ; o mandou enforcar. E perguntado o Ministro por hum seu amigo, como assim procedera ; respondeo : O primeiro póde-se emendar ; porque foy payxaõ : o segundo sempre havia de perseverar ; porque era vicio.

He tão aborrecido este vicio de fallar mal do proximo, que até a mesma Ley do Reino, e todo o Direito commum prohibe que os Julgadores recebam artigos diffamatorios entre as partes litigantes, pelo damno, que disso póde resultar ao terceiro, e pelas consequencias, que dahi se seguem em prejuizo do proximo.

Muitos murmuradores tem a condição do monte Ethna, o qual ostenta neve, e dissimula fogo. Começaõ estes com actos de commiseração, e dispararam em hum trovaõ, vomitando rayos, e coriscos contra o credito, e honra do proximo. Começaõ dizendo: Fulano he hum bom homem, bem procedido tem estas, e aquellas partes : porèm se não fora filho de suaõ, ou neto de sicrano, que tem esta, ou aquella nota:: Ah homem perverso, para que começaste com tão boas palavras de louvores, se havias disparar em esse rigor sem piedade? E isto tal vez sem lhes perguntarem, nem vir a proposito ; só por anni-

anniquilarem a seu proximo. E tambem me parece que disto se não confessaõ ; porque logo esquece , e só se lembraõ para aquellas occasioens.

Finalmente, grande conta se ha mister para se ouvir a quem louva : porèm mayor he necessaria para se escutar a quem vitupera. Os ouvidos são as portas segundas da verdade , e principaes da mentira. A verdade ordinariamente se vê , e extravagantemente se ouve : raras vezes chega seu elemento puro , e menos , quando vem de longe: sempre traz misturas dos affectos , por onde passa: toma as cores , como lhe parece , ja odiosa , ja favoravel. Por isso se conta , que perguntando hum Filosofo , que distancia havia da verdade á mentira ; respondeo : A que vay dos olhos aos ouvidos. Quantos padecem grandes calumnias por hum falso testemunho , por não ser examinada , e vista a verdade !

He necessario haver muita attençaõ neste ponto, para descobrir a má intençaõ no terceiro : porque ha tal astucia , e subtileza nos maldizentes , que se estaõ contrafazendo , só por darem a entender a falta dos proximos nos reflexos do luzido , com que os louvaõ : e a tanto chega a maldade destes falladores , que até os mortos lhes não escapaõ. E esta será sem duvida a razãõ , porque os comparaõ com as sepulturas ; por andarem desenterrando os mortos , para lhes publicarem as faltas , que tiveraõ em vida.

E assim vos digo, Senhores , que he da Escritura , que o que pertende guardar a sua alma , se applique a guardar a sua lingua. (*Proverb. 16. 17.*) E em outra parte repete a mesma sentença , dizendo : Quem guarda a sua bocca , guarda a sua alma:

ma : e quem he inconsiderado no fallar , sentirá males. (*Proverb. 13. 3.*) E em comprovaçam desta verdade , diz tambem a Escriitura : Que o vaso , que não tem tampa , ou cobertura , será immundo. (*Num. 19. 15.*)

Ha tambem hum peccado chamado Adulação , o qual tem grande connexão com a murmuração , e por sua natureza he vilissimo : porque além de reconhecer o adulator superioridade no adulado , offende hum dos mais nobres sentidos do corpo humano , que he o do ouvir ; por serem os ouvidos as portas , por onde nos entra a Fé , e os melhores documentos para o bem da alma. Destes aduladores conheço eu alguns tão destros , e peritos ; que não ha quem lhes escape , tanto que lhes dão ouvidos. Por isso , perguntado o sabio Bias , qual era a mais cruel das feras : respondeo : Que das bravas o tyranno , e das mansas o adulator. E Diogenes disse : Que das bravas o murmurador , e das domesticas o adulator.

Na verdade vos digo , Senhor , (me disse o dono da casa) que , pelo que vos tenho ouvido , me considero o mais perdido homem , que ha no mundo : porque parecendo-me que a murmuração era hum dos mais leves peccados , agora conheço que he muy grave culpa : e ja me peza de tantas vezes ter cahido nesse peccado , com tão pouco temor de Deos , e resguardo de minha alma.

Pois sabey , Senhor , (lhe disse eu) que isto he hum breve rascunho , a vista do que se póde dizer da graveza desta culpa tão bem parecida dos homẽs. E por isso não houve Escriitor espirital , nem Prẽgador Evangelico , que nella não tenha martellado , para verem se podem extirpar este vicio : e

com

com muy especial clareza Fr. Joaõ Bautista Secarde no seu Livro: *Geral ruina contra o vicio da murmuração*; por conhecerem estes Authores a grande facilidade com que os homens commettem este peccado, e os gravissimos damnos, que faz.

Senhor, (me disse o primeiro hospede) eu estou tão absorto, como admirado dos estupendos casos, que tendes referido; e assim fico de acordo tratar logo de me confessar, e acceitar toda a penitencia, que me for imposta: e ja desde agora me desdigo de tudo o que tenho dito contra as pessoas, das quaes murmurey em seu descredito, e deshonra.

Eu o que posso dizer, (disse o segundo hospede) he que supponho haver sido especial favor de Deos a vossa vinda nesta occasião, para que nos declarafseis, e explicafseis hum erro, em que estavamos mettidos, tão descuidados de sua graveza, e malicia: e por esta razão, farey com o favor divino por me refrear, e emendar daqui por diante.

O melhor parecer (disse o dono da casa) he confessarmo-nos, não só desta murmuração, mas tambem das mais que temos feito, e de todos nossos peccados; e tratar de nos emendarmos delles, e fugir de semelhantes conversações. E com esta resolução se despediraõ os dous hospedes, mostrando-se agradecidos do que me tinhaõ ouvido dizer contra o vicio da murmuração, e desejosos de se emendarem dalli por diante.

E porque era ja noite, me fez o dono da casa recolher. E depois de cearmos, me disse: Bem sey, Senhor, que vireis cansado da jornada; porèm porque, segundo os dictames da Medicina, sempre ouvi dizer: Depois de cear, mil passos dar; entendendo-se que prejudica muito á saude o dormir logo depois

pois da cea, sem primeiro fazer algum exercicio, como diz o adagio Portuguez: Se queres enfermar, cea, e vay-te deitar: antes que nos agazalhemos, tomára que me dêsseis alguma regra, para me poder livrar deste vicio da murmuraçã; porque vos confidero homem muy versado nas Historias dos livros sagrados, e profanos.

Senhor, (lhe disse eu) não só me vejo obrigado a satisfazer o que me mandais que vos diga; mas tambem a responder-vos a esse louvor, que me dais, tão fóra do meu genio, e desnecessario para quem trata da sua salvaçã: por ser isso hum certo meyo de perdiçã em todo aquelle que lhe entrar no pensamento, que pôde obrar cousa alguma bõa sem muy especial graça, e favor de Deos, como fonte de toda a sabedoria, que muitas vezes dá a saber os seus segredos aos mais humildes, para que aproveitem no mundo, o que grandes talentos não podem alcançar. Porque he certo que não bastam forças humanas para poderem conhecer seus divinos segredos, como consta de varios livros, e lugares da Sagrada Escritura: (*Joan. 155.*) *Sine me nihil potestis facere.* Isto supposto: vamos á razaõ, em que me mandais vos dê algum conselho, para vos livrardes do vicio da murmuraçã.

Haveis de saber que he conselho de todos os Mestres de espirito, que daõ, para nos livrarmos deste vicio, usar da virtude do silencio, evitando as ruins conversaçõens de pessoas ociosas, e de máo exemplo. Porque não ha cousa, que mais nos faça distrahir, do que semelhantes conversaçõens, desnecessarias para o bem espirital: e por isso tanto se recõmenta nas Religioens o silencio; que não ha nenhuma, que o não observe naquelle tempo de-

determinado , e assentado nas Regras das Communidades. E não se póde com palavras encarecer o seu proveito , e o quanto he agradavel a Deos huma creatura , que se mortifica na virtude do silencio : porque verdadeiramente quem assim se mortifica , tem muitas apparencias , e vizos na terra com os Espiritos Angelicos , e Bemaventurados, que estão no Ceo.

Porque , segundo a opiniaõ mais provavel dos Santos Doutores de Igreja , na Bemaventurança não se articulaõ palavras , e tudo se faz por conceitos; e estes tão acertados , como nascidos da luz da sabedoria , que he o mesmo Deos. E por contraposiçaõ, no inferno tudo são vozes , gritos , blasfemias , e gemidos , tão tristes , como lamentaveis , pelo que consta de muitas revelaçoes , e affirma a Sagrada Escritura : por isso do silencio se dizem tantos louvores , como publicaõ muitos Santos ; e Santa Teresa aconselha , que entre muitos he acerto fallar pouco.

Diz S. Lourenço Justiniano : Nada menos convêm ao homem , que trata de servir a Deos , e caminha para a perfeiçaõ , do que a lingua desenfreada , e solta das ataduras da moderação : porque ella lhe destroe , e mata o recolhimento , e uniaõ do espirito. E S. Bernardo diz : Calando entre os homens , aprendemos a fallar com Deos; e não se agrada Deos de fallar familiarmente com quem falla muito com as creaturas. E diz o Senhor pelo Profeta Oseas: Levarey a alma ao deserto , e lhe fallarey ao coração. (*Osee cap. 2. v. 14.*) Vede se póde haver mais solidas verdades , para desengano dos falladores murmuradores.

Assentemos por maxima infallivel : Que não ha
fallar

fallar muito sem peccar. (*Proverb. 10. 19.*) E ainda na Regra, e Estatutos da Ordem de S. Thiago, com ser entre Seculares, diz o Capitulo 7.: Tenhaõ silencio na Igreja em quanto se diz o Officio Divino, e fallem poucas vezes, e com necessidade: que parece que não fora Regra, nem Religiaõ Christãa, se não observassem esta virtude do silencio. Por isso se diz, que a bocca fechada faz que tenha o coração paz. Perguntado Aristoteles, como seria hum homem bemquisto; respondeo: Fazendo boas obras, e fallando pouco. E diz Marco Tullio: Que quantas vezes fallamos, tantas se faz juizo do que somos.

E tanto he necessario para a salvação o silencio, que por isso a Justiça, e as leys mandaõ, que, antes que se castigue algum culpado, seja levado á casa do segredo, que val o mesmo que ao silencio: porque não era bem que se mandasse tirar a vida a hum homem, sem haver tido silencio, para ter tempo de tratar da sua salvação. E assim tambem será grande acerto, que nos costumemos a guardar silencio, porque desde que nascemos, logo fomos sentenciados á morte com aquella irrevogavel sentença: *Statutum est hominibus semel mori*: (*Ad Hebr. 9. 27.*) e nós com mayor risco; porque aquelles sabem o dia em que haõ de ir ao supplicio, e nós não sabemos o anno, nem o mez, ou dia, e hora, em que havemos de morrer.

Estou muy certo, e conforme em todo o que me tendes dito; (me disse o dono da casa) porèm só se me offerece huma duvida; e vem a ser: Se o silencio he o mais efficaz meyo para se evitar esse vicio; como he possivel a hum Secular, que trata de varios negocios no mundo, observar essa doutrina? Respon-

pon-

pondo : (lhe disse eu) Haveis de saber, que não consiste só esta virtude do silencio no exercicio da lingua, como se acha nos mudos : porque muitos Santos andáraõ no meyo dos povos, e dentro de palacios, e alli fizeraõ obras heroicas de grande virtude: e ainda os mesmos Religiosos, que he mais para se notar. S. Francisco Xavier conversava, e jogava com os Seculares : S. Felipe Neri tambem conversava com elles ; e o mesmo fazia Santo Ignacio : e finalmente todos os mais Santos, que se de-raõ a Deos nas Cidades, e povoaçoens ; porèm sempre muito em silencio, para não tratarem, nem fallarem, senão o que era para bem de sua salvação, e dos mais, com quem tratavaõ : e o pensamento em Deos, como norte que nos leva ao porto da salvação.

Por isso S. Basilio disse, que o silencio he a escola, onde se aprende a fallar acertadamente. Sendo que, não he necessario mais exemplo, que o de Christo Senhor nosso : o qual vivendo trinta e tres annos no mundo entre os homens, tratando em publico com elles ; lá foy para o deserto, para se dar ao silencio, e á oraçam : não porque carecesse delle ; porèm sim, para nos dar exemplo. Por isso lá disse S. Paulo admoestando aos falladores, e curiosos de darem novas : Que trataassem de sua vida trabalhando em silencio : (2. ad Thessal. 3. 12.) como quem suppõs que, se não fosse em silencio, não trabalhariaõ. Porque he certo, que o fallar pouco costuma andar com o obrar muito. E reparay, que até na musica, para se fazer bõa consonancia, he necessario calar, e contar as pausas ás vozes ; porque de outra sorte, mais pareceria bulha, e grita, que consonancia.

Por isso aconselhára eu que, para hum homem se poder conservar em paz com todos, e agradar a Deos, fuja de ser fallador, e tenha muito cuidado de não ser amigo de dar novas, e alvitres: porque muitas vezes resulta disto inimistar-se com muitos, e terem-no por novelleiro, e mentiroso. E he para notar, que tendo todos tanto cuidado de fechar as suas casas, e gavetas, para que lhes não furtém a prata, e ouro; são tão poucos os que tratão de fechar as suas bocas, e guardar a chave, que he a lingua, por onde o Demonio nos rouba as boas obras, e nos furta a mesma alma para o inferno. E acabarey este meu discurso com o que lá disse hum douto Escritor: Que para grangearmos muito credito para com os homens, e merecimento para com Deos, devemos dizer bem de todos, e só mal de nós.

Senhor, (me disse o dono da casa) estou tão satisfeito do que me tendes aconselhado; que com palavras me não atrevo a explicar: pague-vos Deos esta caridade; que eu farey, com o seu divino favor, muito por imitar vossos documentos: e tomára que a todos aproveitassem a quem eu puder fazer presente esta vossa doutrina. Porém como são ja horas de nos agasalharmos, não vos quero mais molestar, supposto que nunca me enfadára de vos ouvir: alli tendes aquelle quarto, onde podeis passar a noyte. E retirando-se o dono da casa, me fuy eu recolher.

CAPITULO XIX.

Do nono Mandamento. Relata o Peregrino os lastimosos casos, que vio succeder por causa do peccado de adulterio. E dá varios conselhos, para poderem viver os cazados em bõa paz.

Nunca com mayor desvêlo dezejey que amanhecesse. Levantey-me muito cedo: e fazendo observação nesse hemisferio de luzes, vi que hiaõ desmayando esses Planetas celestes, só de verem tanta pompa, com que Apóllo rutilante começava a dominar com seu imperio nos Astros. Foi-se dividindo a manhã, derramando granizo: e sendo a Aurora tão velha, chorava como menina. Cobrio-se todo o prado de luzente prata fina, que val mais que o fino ouro lá para essas campinas. Exhaláráõ-se as flores em aromas tão fragrantés, que foy quasi hum desperdicio. Vi altas torres luzentes, e campanarios de finos: mas tudo se desfez logo, tanto que amanheceo o dia.

A este tempo, sahio o dono da casa com muy aprazivel presença, e me deo os alegres dias: ao qual conrespondi com muy promptas cortezas de agradecimentos, por serem estas as linguagens da mais discreta Grammatica, que se pratica nas Cortes, e se não deve desprezar ainda nas Aldeas, pela grande utilidade que resulta a todos os que della usaõ.

E despedindo-me do dono da casa, me pôs logo a caminho: e tendo andado mais de tres legoas, achey hum caudaloso Rio, tão arrebatado no curso de suas agoas, que me fez suspender os passos, pelo

lo difficultoso de o poder passar, por largo, e fundo. E como eu hia cansado, me allentey perto de suas margens, debaixo de hum copado arvoredor. Alli me veyo entaõ á memoria aquelle exemplar dito de Heraclito, alludido por Seneca, da grande similhança, que tem os rios com as nossas vidas, pela velocidade com que correm, sem parar. (*Lib. 8. Epist. 59.*) E porque tive oportunidade, lhe fiz este Soneto.

SONETO AO RIO.

Como te vejo, ó Rio, semelhante
A' vida dos mortaes nessa corrente;

Pois nunca tornarás a teu nascente,

Supposto que te vejas taõ rodante!

Confidera que, aindaque abundante

Vás correndo ao mar taõ diligente,

Nelle pagarás muy obediente

A ufania, que levas de brilhante.

Alerta pois, mortaes, tomay exemplo

Do Rio, que vos vay representando:

O que nelle reparo, em vós contemplo.

Naõ vos fieis do bem, que estais gozando;

Pois no de Libitina horrivel templo

A Parca a vida ja vos vay cortando.

E tendo posto fim ao Soneto, ouvi tropel; e reparando, vi hum homem montado a cavallo, o qual trazia quatro escravos em sua companhia, e todos armados: e assim como me vio, me perguntou se tinha eu visto a hum mancebo, dando-me os sinaes do que levava vestido. E presagiando eu algum inopinado successo, lhe respondi: Senhor, a esse ho-
mem

mem avistey em huma encruzilhada, que dista daqui mais de huma legoa; e tomou a vereda para a parte do Norte: e supponho, pelos apressados passos que levava, ser este mesmo, por quem me perguntais. E logo sem dilação metteo o cavalleiro as pernas ao cavallo, e disse aos escravos que o seguissem.

Bradey logo pedindo passagem, e promptamente me veyo. E estando para me embarcar, me sahio hum mancebo de dentro de huma brenha, descalço, de muy galhardo talhe, e bõa presença; o qual me disse: Por venturoso acerto tenho, Senhor, chegares a este lugar, a tempo em que me vejo em tão grande perigo: peço-vos sejais servido levar-me em vossa companhia. Podeis embarcar-vos, lhe disse eu.

Passamos pois o rio, e chegamos á casa de hum morador, o qual nos recebeo com grande primor, e agasalho. E depois de nos ter dado assento, nos disse: Summamente desejo, Senhores, saber deste successo, pelo que desta casa tenho visto. Ao senhor mancebo (lhe disse eu) incumbe dar a relação: e tambem folgarey de o ouvir. Já que me mandais, Senhores, (disse o mancebo) que renove as minhas dores; (ao que não deixarey de obedecer, pelo seguro em que me confidero) necessariamente vos hey de repetir os progressos da minha vida. Podeis dizer; (lhe disse o morador) porque, com o favor divino, em minha casa ninguem vos ha de offender. Pague-vos Deos (lhe disse o mancebo) tanto favor, quando eu vo-lo não saiba merecer.

Sabey, Senhores, continuou o mancebo, que fou natural da Real Corte, e Cidade de Lisbõa, que, por tão notavel, me elcuso relatar suas grandezas.

Nasci de pays nobres , e com bastantes cabedaes. Tiveraõ elles tres filhos , e fuy eu o segundo. E parecendo-me que me escolhia a forte o melhor lugar , por ser o do meyo , pelo contrario o tenho experimentado ; pois está o primeiro de posse do morgado , e a terceira Religiosa professa. E como o cuidado dos pays honrados he procurar os mayores augmentos de seus filhos , me mandáraõ aprender todas as bõas partes , e artes liberaes ; até que me formey na Sciencia da Filosofía: e porque só esta me não podia constituir nos solidos fundamentos de seus grandes desejos , me aviáraõ para ir estudar á Universidade de Coimbra.

E partindo com effeito , cheguey áquella segunda Athenas do mundo , e primeira nas excellencias de suas grandezas : as quaes não repito individualmente , porque (além de serem taõ vulgares) como vou de passo , não me posso deter em as relatar. Passley o primeiro anno de novato ; e achando-me com dezoito de idade , continuey mais tres de estudo : verdade seja que com pouca applicação , por suppor que , faltando aquella , não cahisse nas mãos desta summa pobreza. Porém com razão se diz , que toda a supposiçaõ he falsa , pelo que agora tenho experimentado.

A este tempo se começou a ouvir em todo o Reino de Portugal os canoros clarins , e os estrondosos parches da bellicosa guerra , que Carlos III fazia na opposiçaõ do Reino de Castella a Philippe V., em que o nosso grande Monarcha D. Pedro II lhe prestou com a ajuda , e favor , pelas forçosas razões de Estado , e particulares do parentesco : tudo motivos , para não faltar a taõ Real empreza. E foy isto bastante , para que logo os generosos Portuguezes se

se fossem offerecer , como filhos de Marte , por natural sympathia de famosos guerreiros.

Chegou tambem este bellicoso eco áquella famosa Cidade de Coimbra , onde , entre outros muitos , que repudiáraõ as letras pelas armas , fuy eu hum delles : e espontaneamente , sem mais conselho , me fuy despedir de alguns amigos ; e muy especialmente do Reitor da Universidade , a quem fiz presentes os meus designios : o qual com muy discretas razoes , como pessoa tão douta , e nobre , me approvou a eleição ; e me houve por despedido , muy cortezmente.

E partindo para Lisbõa , cheguey á casa de meus pays ; os quaes vendo-me com tão grande resolução , me não quizerão dissuadir , tanto pelo que deviaõ ao solar de seus esclarecidos nascimentos , como por não cahirem na nota de menos leaes no serviço do feu Rey : e logo me derão toda a ajuda , e favor , para poder conseguir o meu intento. Assentey praça de Soldado de cavallo na Companhia de hum nobre Capitaõ. Passeey , antes que partissemos para a fronteira , com grande applauso na Corte ; principalmente de toda a Fidalguia , e Cabos da Guerra ; dando-me todos o parabem , por ter tão generosamente largado as letras pelas armas em huma tão honrosa empreza.

Aprestou-se em fim o nosso Exercito contra o de Castella , em Junho do anno de 1704 , e pôs-se em campanha , indo por General delle o Excellentissimo Marquez D. Antonio Luiz de Sousa Tello e Menezes , nunca cabalmente louvado por suas galhardas emprezas , e grandes felicidades , pela sũma diffcrição , destreza , e cuidadosa diligencia. E assim , começou a manejar as direcções mais importantes en-

tre a perturbação de huma guerra, em que o levavaõ mais os creditos dos dous Monarchas, que o feu proprio interesse: tudo motivos para o fazerem obrar igualmente o cuidado, e applicação em hum Heróe Portuguez tão nobre, como expediente no Governo politico, e na direcção militar.

Houve varias fortidas, e funçoens, de que as Armas Portuguezas sempre tiverão muy bom successo. Até que chegou o inverno, suspenderão-se as armas, e recolherão-se os Exercitos para as suas Praças. Tive occasião de pedir licença aos meus Cabos por tempo de dous mezes, para chegar á casa de meus pays: a qual me foy facil de alcançar, por reconhecerem que eu voluntariamente tinha ido buscar a campanha, largando os estudos.

Cheguey a Lisbõa, e de meus pays fuy bem recebido, como filho de quem já esperavão grandes fortunas, e creditos para sua casa, pelos famosos brios com que me vião ostentar. E como me vi naquelle ocio, licenciey o discurso á monarchia dos gostos, e dey em fer idolatra de meus proprios vicios, querendo com o esplendor da nobreza occultar a vileza do peccado: e sem conhecer os erros da fantasia, apostava atropellar toda a razão, não attendendo ás obrigaçoens de meu nascimento; e sobre tudo, o mal que obrava para o bem da minha salvação. Até que chegou o termo consignado da licença; e despedindo-me de meus pays, me torney a recolher ao quartel da Praça.

No segundo anno da guerra chegarão as duas Magestades, o nosso Rey D. Pedro II., e Carlos III., os quaes se forão encorporar com o Exercito na Provincia da Beira, que acampou defronte da Praça de Almeida, e foy aprelentar batalha ao Exercito

Caste-

Castelhano , que se achava acampado nos campos de Ciudad Rodrigo , onde andava a Magestade de Filippe V. : e desta acção resultáraõ muitos creditos para a nação Portugueza , como taõ costumada a triunfar de seus inimigos.

Chegamos a entrar na mesma Corte de Madrid , onde se viraõ tremular os Reaes Estandartes das Quinas Portuguezas , com repetidas acclamaçoens populares das nossas Magestades , a quem se davão os vivas com grandes applausos. Mas invejosa a fortuna de ver tantas glorias accumuladas á nossa nação Lusitana , se voltou mesquinha, negando-nos a victoria de Almança , depois de tantas vezes com taõ esclarecido valor a termos ganhado : e como nem sempre se pódem apostar venturas em as cousas contingentes ; permittio Deos , como Senhor dos Exercitos , que não chegássemos a gozar aquella empreza , por nos não desvanecermos nos triumphos de tantas acclamações, deixando-a para o tempo prefinido,quãdo o permittir sua divina providencia.

Deste fatal destroço fuy prisioneiro a França : e depois de passados alguns tempos , e ter corrido alguns de seus paizes , me permittiraõ liberdade , e passey a Inglaterra , e dahi a Hollanda , donde me embarquey para Lisboa. Achey a meu pay fallecido , e a minha mãy com sentidas lagrimas pela falta de huma taõ bõa companhia , e com muy poucos cabedaes para me poder remediar , por estar já meu irmão de posse do morgado : o qual me não quiz visitar , tomando por pretexto a razão de ter eu deixado o certo pelo duvidoso ; e por esta causa me faltou com todo o necessario , até que me fez tomar por resolução embarcar para a India em huma náo , que seguia aquella derrota.

E para agora vos referir , Senhores , o que experimentey naquella viagem , basta dizer-vos que me embarquey : porque me não he possível , pelo ligeiro passo com que vou , relatar-vos os grandes incommodos que passey. Porém só vos digo , que me lembra ter lido ; que perguntado hum Filosofo , porque nunca se quiz embarcar ; respondeo : Por me não querer fiar de quatro loucos , quaes são : o navio , o mar , o vento , e o marinheiro. E então vim eu a conhecer , que com muita razão disse Santo Agostinho : Olha para o mar , e fuge delle. E daqui veyo a dizer hum moderno Escritor : Que não ha mayor recreyo na terra , do que ver o inquieto das ondas. Porque a experiencia tem mostrado , que são as agoas do mar , tumulto , e sepultura dos que o navegaõ , e nelle naufragaõ ; e não como o imagináraõ os Antigos , quando disseraõ que era o mar berço , e sepultura do Sol.

Cheguey finalmente á India , a tempo que se estava aprestando hum navio estrangeiro em Goa , para fazer viagem ao porto de Cambaya ; e nelle me embarquey com quatrocentos mil reis , que em Lisboa havia empregado em bons generos ; o qual dinheiro me tinha dado minha mãy á custa de suas proprias joyas : que a tanto obriga o imperio do amor maternal , para amparar a hum filho , quando o considera desfavorecido da fortuna.

Fuy taõ bem succedido , que depois de chegar a Cambaya fiz grande negocio ; e logo na primeira monção me torney a voltar para Goa , aonde cheguey com mais de tres mil cruzados em ricas fazendas : e de Goa tratey de fazer o meu negocio para Dio , e Surrate ; e em breves tempos me vi senhor de seis mil cruzados , sem a nota de ambicioso.

A este

A este tempo chegou ao Estado da India aquelle esplendor das glorias da nação Portugueza, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rey, e Capitão General do mesmo Estado: mostrando logo ser pafino das venturas, affombro da guerra; e exemplo da prudencia; por lhe proceder tudo do seu grande valor, e esclarecido solar: dotando-o Deos de hum vivo engenho, aguda promptidaõ, clara eloquencia, attençaõ discreta, direcção sagaz, prevençaõ fábia, communicacão aprazivel, luzimento fastoso, especulaçaõ prudente, acordo magnanimo, compaixaõ caritativa; como tudo se vio, e experimentou naquelle Estado, no tempo do seu Governo.

Tratou-se logo, com a chegada deste valoroso Cesar, da conquista do Reino de Camará; para a qual função me fuy offerecer por soldado. Apreftou-se a Armada, e partimos do porto de Goa em quinze de Janeiro do anno de 1713. Chegamos ao Rio de Cumuta aos dezoito do mesmo mez. Achamos no rio onze embarcaçoens dos naturaes, nas quaes fizemos execuçaõ tão violenta, que todas ficaram destruidas, e queimadas. Deste porto de Cumuta fomos seguindo derrota com a Armada até Onor, e sempre fazendo grandes fortidas, e hostilidades ao inimigo; com tão grande horror, que não houve Fortaleza, nem Praça, que não rendessemos, assolassemos, e sujeitassemos: com tão invencivel valor dos Soldados Portuguezes, que a todos pôs espanto.

Finalmente por ordem do Vice-Rey nos recolhemos com a Armada ao porto de Goa, depois de termos posto a ferro, e fogo quasi toda a marinha, e Reino de Camará, que se estende por espaço

de trinta e seis legoas : onde lhe queimamos oitenta e dous navios , entre grandes , e pequenos ; e se considerou o estrago , e perda pelos seus proprios , do que succedeo no mar , e em terra , em cinco milhoens : além de seiscentos homens mortos ao nosso ferro , por serem pertinazes na desistencia dos postos. Esta gloriosa empreza nos custou sómente doze soldados mortos no conflicto , e pouco mais de trinta feridos ; devendo-se todo este bom successo áquelle perfeito Heróe Portuguez , pelas inexplicaveis prendas de seu valor ; deixando a India satisfeita , Portugal agradecido , e o mundo admirado.

E como me vi com que poder passar á Corte , para tratar dos meus requerimentos ; pedi licença ao Vice-Rey , o qual muy francamente me concedeo , pelas justas causas de ter eu andado nas campanhas da Europa , e India , e pela razão de ser ainda minha mãy viva , e tão carregada de annos. Com effeito me embarquey em huma náó , que se apreitava para Lisbõa : e como haja hum Decreto de ElRey , que as náos da India entrem na Bahia , para se refazerem do necessario ; precisamente tomamos este porto.

Saltey em terra , tomey casas , e desembarquey o mais precioso , que trazia : fuy cortejado de muitos , deixey-me levar da lisonja , e entreguey-me de todo ao luxo , onde me considerey em huma confusão de Babel , ou Labyrintho de Creta : e podendo ser antipoda do escarmento , me fiz objecto da vaidade ; porquẽ me entreguey a todos os passatempos , e deleites mundanos : jogava com largueza , e repartia prodigamente o que me tinha custado o risco da mesma vida. Tive muitos amigos , os quaes
perdi

perdi logo , ao tempo que o dinheiro me faltou. E assim aconselhára eu , que melhor he não ter taes amigos de conveniencias: e fundo-me no que diz o Ecclesiastico: (*cap.6.v.8.*) Que o amigo do tempo, no dia da tribulação se converte em inimigo. Porque o verdadeiro amigo só he aquelle , que do mesmo bem , e mal participa , segundo o que diz Cicero. O que tudo experimentey: e pelo que me tem succedido , posso dizer que os filhos de Lisboa nascem na Corte , criaõ-se na India , e perdem-se no Brasil.

Vendo-me naquelle desamparo , fuy ter com hum homem , que se estava aprestando para ir para as Minas do Ouro; e depois de lhe manifestar o aperto em que me via , me disse : que se o quizesse acompanhar me levaria no seu comboy. Aceitey a offerta , por não ter outro remedio: e pondo-nos a caminho , depois de alguns dias de jornada adoecei de humas sezoens tão violentas , que me puzeraõ incapaz de seguir a derrota. E chegando á fazenda de hum morador , que dista daqui quasi tres legoas , vendo-me naquelle estado , commovido de piedade me disse que ficasse em sua casa , para tratar da minha saude. Aceitey o favor , e foy Deos servido que eu alcançasse melhoras: e depois de me ver livre do achaque , me offereci ao morador para lhe ensinar a hum seu filho , (que tinha da primeira mulher , por haver sido já casado , que poderia ter de idade seis para sette annos) em agradecimento , e remuneração do muito , que lhe devia , até que houvesse occasião de tornar a proseguir a minha viagem : o que o morador prezou muito , e assim me hia entretendo ; e em algumas occasiões passava o tempo em repetir ao dono da casa os tragicos successos , que me haviaõ acontecido , e elle se mostrava muy satis-

fatisfeito , em parte compassivo de mos ouvir contar.

Sendo já passados dous mezes , me disse esta manhã o morador , que lhe era necessario chegar a casa de hum visinho a tratar sobre certo negocio : e despedindo-se de mim , partio. Dalli a breve instante , senti que se abria huma janella ; e applicando os olhos , vi scintillar dous rutilantes lizeiros em hum ceo animado ; e no breve rasgo de hum rubicundo carmesí apparecer candido marfim , burnido , e lavrado por arte da natureza. Adornavão este globo duas encarnadas rosas , que lhe davão muita graça. Dividiaõ estas perfeiçoens dous arcos com igual conrespondencia , disparando agudas settas em defenſa de hum reducto tão bem feito , que por isso já houve quem lhe chamou a linda torre de Faro. Duas ricas madreperolas lhe serviaõ de pendentes ; que como era encantadora , trazia do mar as prendas. Não fallo aqui dos cabellos ; porque os trazia entrançados : quiçá porque vindo soltos fariaõ mais travessuras. Sustentava esta belleza huma columna de neve com laços de ouro tecida. Vinha em camiza , e anagoas , desprezando toda a galla , pela ser da formosura. Era finalmente este compendio , e singular maravilha , a mesma dona da casa.

Não me condeneis , Senhores , se parecer exaggerativo na digressão de tão repetidos episodios em louvor desta belleza : porque não he minha tenção narrar amores , nem inculcar affectos profanos ; porém sim dizer-vos o infeliz successo , que veyo a experimentar esta creatura bella tão lastimosamente , como logo vos direy : e por esta razão me he forçoso temperar o instrumento de meu discurso , para
vos

vos contar o que me perguntastes, e publicar a todos os que se deixaõ levar do vaidoso entretenimento do amor profano, os lastimosos casos, em que vem a parar.

E rompendo a mulher nestas palavras, me disse: Dias ha, Senhor, que vivo taõ sobornada ao galhardo talhe de vossa gentileza; que por não applacar o fogo em que me vejo arder, busquey este meyo de me poder declarar. Bem sey que parecerey temeraria, no atrevimento com que vos fallo: porèm a culpa tiverão meus olhos, e a ociosidade de vos ouvir repetir os tragicos successos da vossa vida. E como me parece ser mais culpado meu marido em procurar trazer hum hospede, ou aspide, para me tirar a vida; tenha agora a pena de lhe fabricar esta traiçaõ.

Senhora, (lhe disse eu) em mim não reconheço as partes, com que me tendes lisongeado: nascerão, sem duvida, do affecto cordial, com que vos quereis mostrar agradecida, por conheceres o grande desejo que tenho de servir a todos desta casa, pelo desvelo com que me sollicitáraõ as melhoras de minha faude: e por isso tomára inventar novos agrados, para os contentar. A satisfação de meu gosto, Senhor, (me disse a mulher) não se paga sem dar cumprimento a meu desejo. Senhora, vede (lhe disse eu) que entre as mayores estimaçoens, que costumaõ os homens prezar no mundo, he a sua honra; poderá vosso marido saber vosso designio, e tomar vingança com justa causa. Para tudo ha remedio; (me tornou a dizer a mulher) porque assim como se tem descoberto antidotos para a vida; tambem se fabricáraõ venenos para a morte. E será acerto (lhe disse eu) pagar beneficios com ingratidões? Tenho entendido (replicou ella) que não forão os impulsos das armas do

do inimigo, que vos fizeraõ fugir da guerra; porèm, fim vossa covardia. E com esta resoluçaõ, retirando-se da janella, tomou o andar para o interior da casa.

E reparando, notey no seu donairoso talhe, tudo asleeyo, tudo alinho, tudo garbo, e perfeiçaõ. E levantando-me do lugar em que estava, fuy encaminhando os passos para huma camara, que na mesma varanda estava, e me servia de recolhimento: e presagiando algum infausto successo, formey logo tençaõ de me retirar de taõ evidente perigo.

Eis que entaõ ouvi tropel, como de muitos, que corriaõ apressadamente: e reparando, vi entrar o dono da casa com hum punhal na maõ, dizendo a dous escravos, que me não deixassem fahir da camara, em quanto dava execuçaõ a seu aggravo; pois taõ claramente o tinha visto. Mas como na camara havia huma janella, por ella me sahi: e com ir com apressados passos, ouvi taõ lastimosos gritos, como de quem entregava a vida ás mãos de hum executor verdugo. E tendo-me distanciado da casa mais de hum quarto de legoa, avistey hum maranhoso ramal, dentro do qual me recolhi, de cujo lugar descobria a estrada: e dalli a hum quarto de hora passou o dono da fazenda, montado a cavallo, com quatro escravos, todos armados, aos quaes hia reprehendendo, porque me tinhaõ deixado fahir com vida. E vendo-me eu naquelle evidente perigo, fiz hum promettimento a Deos, que se me livrasse daquelle aperto, iria bascar huma Religiaõ, onde, fazendo penitencia, acabasse a vida em seu santo serviço. E logo fiz este discurso:

Oh caduca belleza! Oh falsa vaidade! Como te
confi-

confidero tão depressa arruinada! De que te servio a vida estribada em hum engano com alentos de huma respiração, se havias de morrer de hum suspiro? Ah infeliz! Quem te dissêra, ha menos de huma hora, que toda esta locução se havia de ver em hum silencio triste! E que todo este garbo, e bizzarria tão depressa havia desaparecer, como huma exalação, que corre; huma setta veloz; huma ave, que voa; hum peregrino, que passa; huma náó, que navega; huma ampolla de agoa; huma nuvem, que se desfaz; huma flor, que cahe; e hum vento, que desaparece!

Isto mesmo confidero hoje em ti, ó desgraçada. De que te servio aquella bem vista formosura, e portentosa belleza; quando apenas parecias hum assombro de perfeições, para seres agora considerada hum estrago da vida, e hum horror da morte?

Glorias, que haõ de ser de tão pouca dura, para que he possuê-las: Felicidades tão momentaneas, para que he estimá-las? Formosura, que tão depressa se afeia, para que he idolatrá-la? Vida, que tão brevemente se acaba, para que he prezá-la? Finalmente: para que he fazer tanto apreço, e estimação de huma exalação, que desaparece; de huma setta, que rompe o ar; de huma ave, que voa; de hum peregrino, que não tem jazigo; de huma náó, que vay navegando; de huma nuvem, que se desfaz; de huma ampolla de agoa, que se desmancha; de huma flor, que murcha, e de hum vento, que não apparece? Por isso com muita razão chamou Job á nossa vida flor: *Quasi flos egredietur, & conteritur*: (cap. 14.v.2.) e em outro lugar (cap. 7.v.7.) lhe chamou vento: *Ventus est vita mea*. E assim devemos cuidar sempre, que todo este composto mortal

tal ha de vir a parar, e reduzir-se em pó, e cinza: *Quia pulvis es, & in pulverem reverteris.* (Gen. 3. 19.)

E depois de ter feito este discurso, vendo que os que me buscavão se tinham já distanciado, os fuy seguindo; por ter ouvido dizer, que era bom trazer os inimigos á vista, por não experimentar hum golpe descuidado. E vendo que tinhaõ tomado a derrota para a parte do Sul, vim buscar esta paragem, onde topey com o Senhor Peregrino, que foy o meu conductor á vossa presença: e de vós espero todo o amparo, e soccorro.

Senhor, (lhe disse o morador) podeis estar foguegado; porque vos mandarey pôr com toda a segurança onde fordes servido: e para que deis cumprimento á vossa promessa, que fizestes a Deos, de ser Religioso; podeis dispôr de duzentos mil reis, para vos preparardes do necessario. Com que vos retribuirey, Senhor, (lhe disse o mancebo) o muito, que vos devo? Com me encommendares a Deos (lhe respondeo o morador) Nunca o deixarey de fazer; (lhe disse o mancebo) por não incorrer na nota de ingrato a quem vivo tão obrigado.

E logo fallando commigo o morador, me disse: Que vos parece, Senhor Peregrino, o lastimoso caso daquella infeliz creatura, e a discreta narração dos tragicos successos, que tem acontecido ao Senhor Licenciado? E tambem tomara, que me dissesseis agora o que sentis do peccado do adulterio, pelos atrozes casos, que vejo no mundo acontecer.

Primeiramente haveis de saber, Senhor, (lhe disse eu) que por isso com muita razão chamaõ ao Amor Cupido, por ser filho de Marte, deos da guerra,

ra, e de Venus, deosa da formosura, e symbolo do amor profano. E pelo que tem de guerreiros amantes, e valentes namorados, todos aquelles, e aquellas, que se alistaõ debaixo de suas bandeiras, a serví-lo nos seus Exercitos; por isso vem muitos a morrer de settas hervadas do peccado, e vão a parar suas almas no inferno.

Em quanto ao elegante estylo, e discreta narração, com que nos tem manifestado o Senhor Licenciado os periodos de sua vida: bem claro se verifica o muito que as Sciencias lettras o tem polido, e o exercicio militar adestrado, para fallar com acerto em todas as materias, E no que respeita ao altivo de seus pensamentos, por tanto appetecer, e nada recear, e correr esses remontados climas do mundo: tudo lhe procede dos generosos brios de seu nobre nascimento; por ser muy propria condição da nobreza buscar honrosas emprezas, para melhor se poder qualificar nas noticias, as quaes se alcançaõ, quando discorrendo a redondeza da terra se completaõ, enchendo a largueza de seus grandes coraçoes. Porque he certo, que nada faz aos homens mais capazes, e peritos na discrição, do que o terem corrido o mundo, levando consigo o cofre das Sciencias, (isto he, as Artes liberaes, que se aprendem, e as Faculdades, que se estudaõ) para terem que dar, e repartir com aquelles, de quem recebem beneficios, e onde possaõ recolher as mais preciosas prendas das discretas noticias, que dispersamente acharem nos grandes talentos, com que tratarem.

Porque muitos sey eu, que mendigaõ nestas emprezas, cahindo em muitos tropeços, por se acharem tão faltos de saber, como cheyos de ignorancias;

cias; por se não terem aproveitado no tempo, em que os obrigavaõ seus pays, e convencidos davaõ seus Mestres para os ensinarem. E por isso agora vos digo, Senhor Licenciado, que podeis apostar muitas vantajens com os mancebos nobres, que passeiaõ nas praças recreando-se nos jardins de Flora, galanteando as damas; pelo muito, que tendes visto, e experimentado na nossa peregrinação discreta: louvando-vos tambem a eleição de vos quereis retirar ao sagrado de huma Religião, pelos grandes infortunios, e perigos, em que vos tendes visto; que estes são pela mayor parte os lucros, com que o mundo costuma pagar a quem o serve, e se deixa levar de suas enganosas promessas.

Porém fallando agora do peccado do adulterio. Haveis de saber, Senhor, (disse eu ao morador) que ha homens taõ resentidos na opiniaõ de sua honra; que basta verem em suas mulheres o menor recato na estimação de seus recolhimentos, para logo darem á execução seu imaginado aggravo. Por isso com muita attenção, e cuidado se deve fugir desta culpa. por ser huma das mais enôrmes, e execrandas, que póde haver; pois nella se comprehendem muitos males, e circumstancias. E o mesmo preceito divino no-lo está insinuando; porque diz o Mandamento: Não desejarás a mulher do teu proximo: no que basta haver desejo, para que seja peccado. E que fará executado? E assim com palavras se não póde explicar, nem exprimir a offensa, que faz hum adultero a Deos, e ao seu proximo; por ser mais que ferimento, e outros damnos particulares, que se podem fazer ao proximo. Desórte que, se a hum homem lhe puzessem fogo á sua casa, ou lavoura, e o enchessem de golpes; lhe não farião mayor offen-

fenſa, do que chegando a ſua mulher.

E por iſſo devem todos fugir deſte peccado. Porque, ſe bem conſideraſſe hum homem, e huma mulher o damno, que reſulta deſta culpa, por ſer irreparavel, nunca o haviaõ de commetter, pelos eſtragos, mortes, deſamparo de filhos, e reſtituição ao offendido: e como a eſte nunca ſe póde ſatisfazer, nem pedir perdaõ; he muy difficuloſo de ſer perdoado.

A experiencia, e os livros nos tem moſtrado que houve muitos homens, os quaes antes quizerãõ perder as proprias vidas, do que ver offender a ſuas mulheres. Vede que ſemrazaõ ſerãõ offender huma mulher a ſeu marido! Por iſſo diz Santo Ambroſio: Ainda que tu, ó adultero, enganaste ao marido, não has de enganar a Deos: e ainda que eſcapes da vingança do offendido, ou das penas da ley; he certo que não eſcaparás do Juiz do mundo univerſo. (*Liv. 1. de Abraham cap. 2.*) E pelo que tenho viſto ſucceder por causa deſte peccado, bem comprovada ſe vê a authoridade deſte Santo.

Ouvi o ſeguinte caſo, que ſuccedeo em huma das Villas do Sul, da Capitania dos Ilhéos. Havia hum mancebo muy preſumido de valente, (e por iſſo muy deſvanecido de louco) o qual andava amancebado com huma mulher caſada; até que a veyo a tirar do poder de ſeu marido. Dando-ſe eſte por offendido, como o pedia a razaõ do ſeu aggravo, tratou de os querer accuſar á Juſtiça: e ſabendo o adultero deſte intento, foy buscar ao queixoſo, e diſſe-lhe: Que ſe por alguma via intentaffe moleſtá-lo, lhe havia de tirar a vida. Deixou-ſe o miſeravel offendido do que tinha intentado. Paſſados alguns dias, diſſe eſta má mulher

X

áquel-

áquelle insolente adultero, que andava pejada, e por essa causa desejava comer humas amoras, que lhas fosse buscar. Bastou este dizer, para que logo o mancebo em companhia de hum seu irmão se embarcasse em huma canoa, e fosse a huma ilha, onde havia estas fructas: e saltando em terra, deo logo com huma arvore chea dellas. E como são arvores silvestres, e muito altas, a derrubou. Mas ficando ella preza em outra mais grossa; resolveo-se o mancebo a subir pela que estava em pé, para desta passar á que estava derrubada, e colher as fructas: e chegando perto da arvore cortada, lhe pegou em hum galho, que fazia junto com outro huma forquilha; e puxando pelo mesmo galho, desceo a arvore cortada sobre a que estava em pé, pela qual subia o mancebo, e de improvisó lhe prendeo o pescoço entre huma, e outra arvore. E para que morresse solemnemente com algoz, e testemunha de vista em tão atroz supplicio; chamou pelo irmão, o qual brevemente lhe acudio, e vendo-o naquelle horrivel estado, sem saber determinar-se, se resolveo a subir pela arvore cortada, levando hum machado na mão: e quanto mais subia, mais o apertava, opprimido com o pezo do páo; até que chegando junto do padecente, se determinou a cortar hum dos galhos, que o prendiaõ: e foy tal o golpe, que, errando o páo, lhe acertou no pescoço, e alli o acabou de matar; e assim veyo a morrer miseravelmente este soberbo adultero, sendo elle mesmo o motor, e executor de seu castigo, por haver offendido a Deos, e ao seu proximo. Este caso bem o posso affirmar; porque vi o cadaver, o mais horrendo, e espantoso espectáculo, que tenho visto. Estupendo caso, Senhor. (me disse o morador)

Na verdade, que muito devemos temer os justos juízos de Deos, e fugir de semelhantes peccados.

Pois ouvi outro caso, (lhe disse eu) que tambem succedeo, não ha muitos annos, em huma Ilha (a que chamaõ do Desembargador) do reconcavo da Cidade da Bahia. Morava nesta Ilha hum homem casado, o qual indo huma vez pescar, e voltando para casa já quasi meya noite, bateo á porta, e porque vio que se lhe não abria promptamente, foy buscar a do quintal; e a este tempo vio sahir por ella hum homem correndo. E partindo o dono da casa atraz d'elle, o adultero se precipitou por hum despenhadeiro, que ficava no fim da Ilha da parte do Sul; e além de ser a queda muy alta, deo com a cabeça em humas pedras, e logo alli ficou morto, sem que o offendesse outro algum instrumento, mais que o castigo do seu peccado. Por isso se diz: (me disse o morador) *Supplicium est pœna peccati.* (Cic. in Pison.)

E para mais confirmação do que vos digo, (continuey eu) ouvi o caso seguinte: Havia huma mulher casada, que tinha o marido fóra de casa: e na confiança de que não viria tão depressa, recolheo nella a hum homem, com quem tinha amizade illicita. A este tempo lhe bateo o marido á porta: e parecendo-lhe á mulher, que o marido vinha a tomar vingança da offensa que ella lhe tinha feito; sem mais cautéla, nem reparo, se lançou de huma janella: e porque as casas eraõ de sobrado, e altas, cahio desórte, que logo alli ficou morta. E vendo o marido aquelle arrojado impulso, examinou o caso, e veyo no conhecimento de que fora em castigo do peccado da mulher. Melhor não podieis provar a authoridade de Santo Ambrosio,

(me disse o morador) nem contar casos mais a proposito dos adulteros , que se castigaõ por si proprios.

E porque não fiquem os homens casados (lhe disse eu) sem algum exemplo dos adulterios , que fazem a suas mulheres , ouvi o seguinte caso , que não ha muitos annos succedeo na Cidade da Bahia. Havia hum Letrado , o qual , sem embargo de ser casado , se amancebou com huma meretriz : e tanto se embelezou no seu depravado amor , que mais assistencia fazia á amiga , do que á sua propria mulher : e para mais se dar a este abominavel vicio , tinha posto a manceba em huma fazenda sua no Reconcavo da mesma Cidade. E depois de terem passado alguns quatorze annos , sem querer largar esta mulher ; estando elle na Cidade , lhe veyo hum aviso com muita certeza , de como se tinha ido a sua concubina para casa de outro homem : e foy tão vehemente o ciume, e pezar, que concebeo este Letrado ; que acabou a vida em menos de doze horas , sem haver remedio que lhe pudesse valer, nem conselho que lhe aproveitasse.

Eu conheci muito bem esse Letrado; (me disse o morador) porque me advogou em huma causa , de que alcancey vencimento pela sua grande intelligencia, e destreza. E o peyor he, Senhor , (lhe disse eu) que tendo tão grande saber para aconselhar aos mais , não se soube vencer , nem aproveitar para si ; que essa he a mayor desgraça dos scientes , quando não guardaõ os preceitos de Deos.

E nasce isto muitas vezes , porque lhes parece a muitos homens casados , que não he tão grave a culpa do adulterio que fazem a suas mulheres , como he a das mulheres para com os maridos. Pois
faibaõ

faibaõ que, ainda que as Justiças humanas se hajaõ com alguma dissimulaçaõ, na Ley Divina corre o mesmo parallélo: e não sey se diga que com mayores circumstancias; porque quanto mais se conhece a graveza da culpa, tanto mais he castigada por Deos.

Ver o como nesta terra costumaõ os homens cadosos facilitar esta culpa, e ainda com as suas proprias escravas de portas a dentro, dando taõ má vida a suas mulheres, taõ grande escandalo á sua familia, e tanta ousadia a suas escravas; he para exclaimar, e condenar com rigorosos castigos a quem tal chega a obrar. Porque mais parecem estes homens viver na ley de Mafoma, que na de Christo: e por isso vem muitos a acabar pobres, e miseraveis, e alguns mortos pelas mesmas concubinas com veneno, como a cada passo estamos vendo; e depois vaõ ao inferno a penar para sempre.

E se algum (o que Deos não permitta) se achar em tal peccado; vá buscar logo Confessor, e faiba confessar-se, e faça o que elle lhe aconselhar: que eu lhe prometto que, se assim o fizer, lhe não ha Deos de faltar com o perdaõ, se o buscar a tempo; por ser este peccado taõ atroz, que ha mister muito de Deos hum homem para se livrar delle, por ser occasiaõ de portas adentro, que só lançando-se fóra se póde livrar de offender a Deos.

E se eu houvera de vos repetir os atrozes casos, que tem succedido, e estaõ succedendo por causa deste peccado; de muito tempo necessitaria para os poder dizer: e basta que não houve naçaõ, por barbara que fosse, que não abominasse esta culpa, e não fosse castigada por todas as Republicas do mundo.

Os Egypcios estabelecéraõ ley contra este peccado,

do, em que mandáraõ que, se o adulterio se commettesse sem dolo, nem força, o homem levasse mil açoutes, e a mulher lhe cortassem os narizes.

Tenedio Rey mandou pôr hum Edicto, no qual ordenava que, juntos os adulteros, os partissem com hum machado.

Os Povos da antiga Saxonia ufáraõ de dous modos de pena, ambos horrendos: hum era obrigar a adultera a enforcar-se por suas mãos, e debaixo lhe punhaõ fogo; e sobre as cinzas da miseravel enforcavaõ tambem o adultero. O outro era, levar á adultera a açoutar pelas ruas, aldeas, e lugares circunvisinhos; e os verdugos eraõ todas as mulheres, que se quizessem mostrar honradas, e zelosas: as quaes sahindo, humas de huma parte, e outras de outra, a hiaõ açoutando com varas, e retalhando-lhe os vestidos até a cintura; e assim a maltratavaõ, e deixavaõ por morta.

Na ley de Moysés se mandava que morresse a adultera apedrejada. (*Levit. 20. 10.*) As Ordenações do nosso Reino permittem, e mandaõ, por bem da Republica, que os offendidos possaõ accusar aos adulteros a que morraõ morte natural. (*Ord. lib. 5. tit. 25.*) Finalmente, quasi todas as naçoens, ainda as que carecem de politica, tem este delicto por culpa grave; que taõ abominavel he.

E assim, aconselhára eu a todas as mulheres, que se quizerem conservar em virtude para com Deos, e em paz com seus maridos; naõ só fujaõ de cahir em taõ horrenda culpa, mas nem ainda dem a menor occasião de desconfiança a seus maridos: porque muitas vezes dissimulaõ com prudencia, o que vem depois a executar apaixonados com razaõ.

E tomem exemplo daquella discreta matrona

Erena

Erena, que chegou a dizer: Antes mil vidas perder, que offender a Deos, e a meu marido. E se não, vede o que aconteceu a Hypo, matrona muy celebrada por sua grande formosura; pois antes quiz perder a vida, que violar a virtude da castidade, que tanto amava.

E por isso fujão de todo o trato de conversações de homens, e de lhes apparecer, ainda que sejam parentes: porque lá diz o proloquio Castelhano: La mucha conversacion es causa de menosprecio: e ha muitos homens, que se não contentão com levar os peccados em alforges aos pés dos Confessores, mas com carregá-los em cestos para o inferno.

Fujão, quanto puderem, de ter trato, ou familiaridade com pessoas Ecclesiasticas: porque, supposto sejam comparadas com os Anjos, tem succedido muitas vezes, pelo caminho da virtude entram na estrada da maldade: e basta ter-lhes muito respeito de longe; porque tambem da terra se tem devoção com os Anjos, e Santos do Ceo. Contentem-se com ouvê-los, e vê-los nos Altares, nos Pulpitos, e nos Confessionarios; que são os lugares, em que os Sacerdotes representaõ a Christo. Vejaõ, que o demonio he como o ladraõ: este furtas nas estradas; aquelle na occasião.

Guardem-se, quanto for possivel, de ter amizade com mulheres deshonestas; porque lá diz o rifaõ: Dize-me com quem andas, dir-te-hey que manhas tens.

Não digão mal de seus maridos em presença de outrem; por não incorrerem na nota de que os não amão como devem, e são obrigadas. E se seus maridos lhes derem máo exemplo neste particular; nem por isso lhes venha tal tenção de os offender com

outra semelhante injuria; porque, além da offensa que fazem a Deos, põem as suas vidas em perigo de serem castigadas pela Justiça, ou mortas por seus maridos. Porque destas desattenções, e modos de vingança tem succedido graves males, e lamentaveis desgraças.

De nenhum modo acceitem dadivas, sem causa muito urgente, de homem algum. Não queiraõ em suas casas apparato, mais do que as suas posses alcançarem: porque pela cobiça cahirão no laço do demonio, o qual lhes mostrará que, sendo-lhes necessario dinheiro para este fim, sobre o penhor da sua honra não faltará quem lho empreste. Tambem devem ser muito honestas no vestir: porque as galas deshonestas estão indicando corpo lascivo. E por isto se diz: Não ha cousa, que menos cheire, do que o corpo muito vestido.

E assim as mulheres casadas devem ser fortes, discretas, e prudentes: dentro em suas casas, zelosas; fóra dellas, recatadas; e em todas as occasioens, exemplares; e mais prezadas de soffridas, que de agastadas; porque pela mayor parte todas as desordens, que succedem entre casados, são por falta de soffrimento, e impertinentes ciumes; porque de palavras vão a porfias, de porfias a gritos, de gritos a ameaças, de ameaças a pancadas, e de pancadas a mortes.

Não sey se tendes reparado na causa, porque o mar se faz soberbo em huma rocha. Pois sabey que procede da rija resistencia, que lhe faz a pedra da rocha. Assim são os mal casados: encontraõ-se estas duas naturezas com qualquer vento de raiva, começa o mar do marido a pelejar contra a rocha da mulher: e porque se não rende, ou desfaz, tudo
são

vão estrondos, gritos, e bramidos; e assim vivem em huma continua guerra, e não ha quem alli possa viver, nem habitar, pelos estrondos que fazem. Porém, se acha este mar do marido embarcação de mulher navegavel; ainda que seja em huma grande tempestade, segue todos os rumos, e ventos, sem bulha, nem rumor: porque se deixa levar a embarcação para onde o mar a leva, até abonancar o temporal; e fazem viagem segura ao porto da salvação. E para prova do que vos tenho dito, vos contarey dous casos, além de infinitos, que pudera repetir: hum lastimoso, e outro jocoso.

He o caso lastimoso o seguinte: Eu conheci a hum homem estrangeiro, de nação Genovez, casado com huma Portugueza, a qual era em extremo ciosa, e tão mal soffrida, que não ousava o marido sahir fóra de casa, que logo lhe não demandasse zelos; e delles procedia haver razoes tão peçadas, que por mais que o marido a queria capacitar, cada vez gritava mais. Succedeo que huma noite, vindo o marido de fóra, começou a mulher com a sua costumada teima. Disse-lhe o marido huma, e muitas vezes, que se calasse. E como a mulher se não quizesse accommodar; levou o marido de hum alfange, e a golpes, e estocadas a matou.

Verdadeiramente (me disse o lavrador) que peyor o não faria hum bruto, pela injusta, e cruel morte, que executou: porque o marido não deve, nem póde matar a sua mulher por semelhantes cousas. Como cego da colera se precipitou: (respondi eu) e por isso ficou perdido, deixando a sua casa, filhos, e cabedal; e depois se contou que se enforcára por suas mãos desesperado.

Succedeo o segundo caso na fórma seguinte: Ha-

via huma mulher , que por qualquer briga , ou desavença , que succedia ter com o marido , dizia que se hia affogar em huma lagoa perto de casa : e assim como sahia com aquelle impulso de raiva , sahiaõ tambem os filhos atraz della , pegando-lhe , e pedindo-lhe que não desse á execução o que intentava fazer. Succedeo huma vez ter huma briga com o marido : e partindo para a lagóa , dizendo que se hia affogar , tirou o marido pela espada , e disse aos filhos : Que se algum fosse acudir a sua mãy , o havia de matar. Chegando a mulher junto da lagóa , olhou para traz ; e vendo que ninguem hia em seu seguimento , disse : Não me vem acudir ? Disseraõ-lhe os filhos : Que seu pay lho havia prohibido. Respondeo ella : Pois , já que me não querem acudir , tambem eu me não quero affogar. E logo se tornou para casa , e dalli por diante viveo muy conforme com o marido.

Por certo (me disse o morador) que tomou essa mulher muy bom acordo. Porèm fallando acerca dos ciumes , que tem as mulheres casadas de seus maridos : parece-me que seriaõ licitos , sendo em amor honesto ; porque sempre ouvi dizer , que não póde haver amor sem zelos. E acredita este meu pensamento hum Romance , que ouvi cantar , sendo moço , do qual ainda me lembraõ a primeira , e ultima copla , e segundo minha lembrança , dizia a primeira.

Z Elos, amor, confiança
Han dado guerra a mi pecho:
Si en un pecho caben juntos
Confiança, amor, y zelos.

E acabava dizendo a ultima:

Estos son zelos sin duda:
Y quien no passò por ellos,
Ni diga que tuvo amor,
Ni diga que tuvo zelos.

Affim he, Senhor, (lhe disse eu) e muy discretamente compôs o Poeta esse Romance. Porém reparay no ultimo, e penultimo verso da primeira copla; e vereis que bem se lhe póde responder, que em hum peito discreto cabem confiança, amor, e zelos.

Demais, que eu não reprovo totalmente os zelos no amor honesto; porque bem sey que não ha amar sem zelos. E ainda nas Letras sagradas se nos dá a entender, que aquelle Anjo em corpo mortal (S. Jozé digo) teve zelos santos, e castos de Maria Santissima, concebida sem peccado, e sempre Virgem Mãy de Deos: porém houve-se o Santo com tal prudencia, e virtude; que em quanto lhe não foy revelado pelo Anjo por mandado de Deos o grande mysterio da Incarnação do Verbo Divino, antes se tinha determinado em deixar sua Santissima Esposa, que publicar a nota, que della presumia. (*Matth. 1. 19.*)

Dos livros humanos tambem constão varios successos, que no mundo houve entre casados, por desconfianças zelosas, por cuja causa acontecéraõ muitas

tas desgraças; e talvez por falta de verdadeiro exame, e certeza. Do genro do Rey de Leão em Castella se conta, que andando na guerra contra os Mouros, por lhe chegar á noticia que sua mulher a Princesa usava mal de sua honra, a matou innocentemente; como depois se comprovou.

E não he menos para admirar aquelle lastimoso caso, que succedeo a Alboino Rey dos Longobardos, por se casar inconsideradamente com huma sua escrava; o qual depois de a ter levantado a tão alto estado, a tornou a anniquillar desórte, que veyo o Rey a acabar-lhe nas mãos de huma traição, por zelosa, e mal soffrida.

Finalmente, costumão os demasiados ciumes não só cortar pelo credito, mas ainda pela união da paz, e assombros da mesma morte. E se não, vede o que succedeo a Cornelia, mulher do grande Pompeyo, por hum zeloso conceito que fez do marido, fazendo-o cahir em huma traição, onde acabou a vida. Fulvia, mulher de Marco Antonio, pelo divertir dos amores de Cleopatra, quiz antes impaciente cortar pelo bem publico da paz, que soffrer a guerra de seus ciumes.

Naõ succedeo assim entre os nossos Reys de Portugal, por serem as nossas Rainhas muy pias, discretas, e virtuosas; sabendo-se vencer com moderação, no que muitas naõ puderaõ dissimular com paixão.

E a esta imitação houve muitas matronas Fidalgas de Portugal, que obráraõ feitos heroicos, e dignos de eterna memoria, para exemplo das casadas. Huma foy certa Fidalga na Corte de Lisboa, a qual sabendo que seu marido se divertia com huma mulher, a foy buscar, e venceo o seu agravo

com

com hum grande affago, que lhe fez : motivo, porque, tanto a meretriz, como o discreto marido se apartárao da má occasião ; e tratou o Fidalgo dalli em diante de viver com sua esposa, como lho merecia o seu grande amor, e prudencia.

Finalmente : occupem-se as mulheres em bons exercicios, e não estejaõ ociosas. Sejaõ muy devotas da Virgem Senhora nossa ; por ser este o melhor meyo, que póde procurar huma creatura, para conservar a castidade, e livrar-se de perigos ; porque sempre ouvi dizer : Que depois que o mundo he mundo, jámais o devoto da Virgem foy lançado no profundo.

Não deixarey tambem de fazer algumas advertencias aos homens casados, e aos que estaõ para tomar estado ; para que o façao com acerto, e principalmente em serviço de Deos. Primeiramente sejaõ muy prudentes em procurar mulheres de sua igualha ; (isto he, na geraçaõ, e idade) por não virem a experimentar os descontos de enganados, e queixa dos muitos annos para o fim da propagaçaõ.

Fujão de levar á presença de suas mulheres homens moços, e de suspeita, e menos fidelidade: porque lá diz o adagio : A su casa lleva el hombre, con que llora. A sua mulher trate com muito amor, e respeito ; para lhe não dar occasião de justa queixa. Não seja amante impertinente, querendo experimentá-la : porque a mulher he como a espada, que tambem tem sua hora. Não permitta que appareça a todos, fazendo della (como lá dizem) panno de mostra.

Tambem será acerto que os maridos neguem a suas mulheres algumas licenças de certas visitas ;
com

com prudencia, e destreza. Assim o fez na Cidade da Bahia hum discreto casado; porque pedindo-lhe a mulher licença para ir ver humas festas á casa de hum a sua conhecida, lhe disse o marido: De muito boa vontade a concederia eu; mas ouvi dizer, ha bem poucos dias, que estava essa casa com grande ruina para cahir, e não quero que hoje com o muito concurso da gente succeda alguma desgraça. E desta sorte, ficou a mulher satisfeita, e elle desculpado. Isso será muito bom, Senhor, (me disse o morador) para se usar com as que costumão pedir licença: porém muitas sey eu, que a tomão sem lha darem. Essa culpa, Senhor, (lhe respondi eu) não procede das mulheres, senão dos maridos, que as põem nesse costume.

Na verdade vos digo (tornou o morador) que prezey ter-vos ouvido tão discretos conselhos acerca deste estado: e se não fora tão velho, (pois já tenho mais de sessenta annos) só procurára este estado, por observar vossos documentos. Está a meza posta, vamos cear. E logo nos deo hum a cea com grande largueza: e depois nos disse que também tinhamos camas feitas, onde podiamos descansar. Recolhemo-nos eu, e o mancebo em hum aposento, onde achamos duas camas com todo o alle-yo; e alli passamos a noite.

CAPITULO XX.

Do decimo Mandamento. Mostra o Peregrino com muitos exemplos o damno, que nos faz a ira, e consequentemente a inveja. E faz metter em paz a dous homens visinhos, que andavaõ em discordia.

A Cordey no quarto da alva: e levantando-me, ouvi hum rio formando queixas com hum muy alto susurro, coberto de arvoredos, que por sombrios lhe causavaõ grande horror: donde vim a entender que era sem duvida por se ver contrastar com as duras pedras, as quaes depois de o baterem, qual prata fina, em desperdicios de neve o faziaõ tantas lagrimas derramar. Se já não era tambem por se ver taõ opprimido no carcere de suas margens, prezo em grilhoens de crystal; e assim de corrido, e queixoso, por não ter outro allivio, buscava o centro do mar.

A este tempo despertou o dono da casa, e com elle o mancebo: e dando-me hum, e outro os alegres dias, lhes conrespondi muy cortezmente. E depois de ter rendido as graças ao morador do bom agasalho, que me tinha feito; delle, e do mancebo me despedi: de que se mostráraõ muy faudosos, e sentidos, por verem que taõ depressa me determinava delles apartar.

E pondo-me a caminho, fuy com grande allivio; porque as nuvens tinhaõ feito interposição ao Sol, e por essa causa não experimentey o seu calor. E feriãõ já cinco horas da tarde, quando cheguey a hum fazenda, a qual me pareceo hum alegre jardim

dim de Italia, pelos verdes arvoredos, vistosos pomos, e fragrantés flores, de que se compunha: e nella estava hama muy formosa casa de vivenda; e dentro em huma varanda vi andar passeando hum homem. Saudey-o: respondeo-me pezadamente; porèm mandou-me entrar, e logo me deo assento.

A este tempo chegou hum escravo, a quem o dono da casa disse: Vay, tem-me prompto hum cavallo; porque á manhaã pelas quatro horas pertendo fazer viagem á Villa da Cachoeira a tomar conselho com hum Letrado, para que me diga o que hey de obrar contra este máo homem; pois me vejo delle taõ precipitado.

Ainda que eu pareça confiado, Senhor, (lhe disse eu) me haveis de dar licença para vos perguntar que motivo vos persuade fazer huma viagem taõ distante, só por tomares hum conselho: sendo que succede muitas vezes governarem-se alguns Letrados mais pelos interesses, que esperão das partes, do que pelo direito que achão nas leys da justiça.

Senhor, (me respondeo o morador) nunca vos poderey ter por confiado na pergunta, que me fazeis, pois vos vejo fallar com tanto acerto nesse particular. Porèm, como me acho de presente taõ irado, e apaixonado; faltaõ-me palavras para vos responder ao que me perguntais: e só vos direy, que em quanto não executar a satisfação de meu agravo, não hey de ter socego.

Pois sabey, Senhor, (lhe torney eu) que muitas vezes o mal communicado allevia a quem o padece. Demais que a ira he taõ prejudicial á natureza humana, que faz ao homem similhante a hum bruto, pelos effeitos que obra: e de tal sorte
pri-

priva do juizo, ainda ao mais prudente; que lhe não deixa lugar para distinguir o mal do bem, obrigando-o a fazer defatinos, que dão muito que notar. E se não, vede.

De ElRey Xerxes se conta: que sabendo a difficuldade, que havia em tirar pedra do monte Atho, para hum obra, que pertendia fazer; se irou de tal sorte, que lhe escreveo hum carta ameaçando-o: Que, se não fosse facil em deixar tirar a pedra, o mandaria lançar no mar. E do mesmo refere Heródoto (*Lib. 7.*) que se enfureceo tanto contra o mar, por lhe derrubar hum ponte; que lhe mandou dizer: Que, se fosse tão atrevido de lha tornar a derrubar outra vez, o mandaria metter em hum carcere, e carregar de grilhoens. E mandou que lhe dessem muitos golpes, e lhe dissessem muitas injurias.

E por isso se costuma dizer, que o homem irado está fóra de si, pelos effeitos que obra. S. Basilio o compara a hum rio arrebatado. Alexandre Magno depois de ter logrado tão grandes applausos, veyo a deslustrar a opiniaõ entre os homens, quando levado da ira matou em hum hora a muitos de seus mayores amigos. Por isso disse S. Joaõ Chrysoftomo, que a soberba, e a ira eraõ as mayores das dou-dices.

Pelo que vos acabo de ouvir, (me disse o morador) me parece que tendes muita lição dos livros: e sendo assim, poderá ser que me deis algum conselho acerca do que me tem succedido. Alguma cousa tenho lido, (respondi eu) além do estudo, que fiz no Direito Civil: porque sendo moço tambem estudey a Instituta, tive a Ordenação, e alguns livros de Direito, principalmente os Reynicolas: e

se não alcancey o gráo de Doutor, não me deraõ nome de ignorante. Podeis dizer o que vos molesta: poderá ser que vos escuse de seguir essa jornada.

Não prézo pouco (me disse o morador) a offerta, que me fazeis ; porque entãõ reconhecerey que foy Deos servido trazer-vos a esta casa, quando me deis remedio ao que tanto me penaliza.

Tenho hum vizinho, (melhor dissera inimigo) que dista desta fazenda meya legoa, e tem tomado por empreza o molestar-me : motivo porque estou resolutto, ou eu, ou elle, despejarmos deste sitio; e quando por justiça o não possa fazer, lhe hey de tirar a vida : porque mais me accomoda matá-lo, do que estar padecendo todas as horas molestias.

Não digais isso, Senhor : (lhe disse eu) porque parece, e he certo, que mais vizinho está de morrer o que dezeja matar a seu proximo. E se bem considerasseis o damno, que disso resulta ; não o haveis de cuidar, e muito menos proferir. E se não, vede a quantos perigos se expõem os vingativos: perdem a fazenda, os amigos, os parentes, os filhos, a reputação, e muitas vezes a vida nas mãos de hum algoz. Por isso disse David, como tão zeloso da virtude da mansidão : que aos vingativos lhes traspassão os coraçoes suas mesmas espadas. (*Psalm.* 36. 15.) Notay: (diz Santo Agostinho) não amaldiçoou David aos vingativos, dizendo que lhes entrasse a espada pelo corpo, senão pelo coração: porque quem quer metter a espada pelo corpo do proximo, mette-a pela sua alma. E o mesmo Santo em outro lugar, fallando dos vingativos, diz: Senhor, Vós o haveis mandado, e assim he, que o animo desordenado seja verdugo de si mesmo. E que
mayor

mayor damno póde haver para huma creatura racional, que pertender tirar a vida a seu proximo!

Vede agora se tive razão para vos dizer que tal não dissesseis, nem intenteis obrar. E supposto que estejais apayxonado; nem por isso haveis de procurar armas contra vós mesmo, tanto em offensa de Deos, e do proximo: porque em nada se desasimilha o homem do bruto irracional, senão quando se refrea, e guarda os preceitos divinos.

Tenho entendido, Senhor, (me disse o morador) que melhor me não podieis aconselhar neste particular. Porém tornando á razão de minha queixa. Sabey, que procurando eu hum sitio, para me accommodar com minha familia; teve este homeni noticia da minha necessidade, e com muy deliberada vontade me fez offerta deste, vendendo-me por fineza, que supposto pagasse renda delle, antes o queria ter devoluto, do que consentir que para elle lhe viesse algum máo vizinho.

Com effeito vim de morada para este sitio, e nelle tenho feito todas as bemfeitorias, que vedes. E como precisamente me seja necessario trazer algumas cabeças de gado vacum para o ministerio da minha lavoura, e este (ainda que eu o traga apastorado) não póde andar sempre tão domado, que não succeda passar á Fazenda deste homem, e por isso fazer-lhe algum damno, do qual me tem avisado algumas vezes; succedeo hoje por descuido do pastor entrar-lhe o gado na Fazenda, de que resultou mandar matar huma rez: e depois de me ter feito este acinte, me mandou dizer que a mandasse buscar; e se não, que me pagaria o seu valor. A este recado lhe respondi: Que eu me pagaria pelo melhor meyo, que pudesse.

Agora vos peço que me digais o que devo obrar neste particular, para me vingar deste homem : e se tenho direito para o lançar fóra deste sitio em que está, sem embargo de que seja foreiro mais antigo. Porque he tal o odio, que lhe tenho, que o tomára ver destruido ; pois me parece, que por ser mais rico, e tanto o favorecer a fortuna, faz menos preço da minha pessoa.

Primeiramente, Senhor: (lhe disse eu) suppondo as razões, que me tendes dito das offensas que vos parece ter feito esse vosso vizinho ; nem por isso vos haveis logo de precipitar, e encher de ira, mostrando-vos tão apayxonado contra elle, que vos faça quebrar o preceito divino, dezejando que lhe succeda mal, quanto mais fazer-lho : porque nos obriga a Ley Divina que amemos a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos. E Christo Senhor nosso aconselha que não torne-mos mal por mal, fenaõ bem : e todo aquelle, que se préza de Christaõ, e se quer salvar ; deve seguir a doutrina de Christo. E diz S. Joaõ : Como poderá dizer que ama a Christo, quem não ama, nem cumpre o seu preceito, em que manda amar ao inimigo? Como ha de amar a Deos (diz o mesmo Santo) quem aborrece a seu proximo, a quem deve amar como irmaõ? E se diz que ama a Deos, e aborrece ao proximo ; he mentiroso. Diz Santo Agostinho, que a caridade tem dous pés, e duas azas, que são o amor de Deos, e do proximo : a quem falta hum pé, não anda ; e a ave sem huma aza não voa : assim tambem o que não ama a seu proximo, não anda pelo caminho direito da salvaçaõ, nem póde voar ao Ceo. E o Senhor nos diz por S. Joaõ : O que tem meus mandamentos, e os guarda;

da; effe he o que me ama. (*Joan. 14. 21.*) E Santo Agostinho: Tanto amamos a Deos, quanto guardamos os seus mandamentos.

S. Dorótheo (como se refere na Bibliot. 4. *Patrum tom. 3. dot. 6. in fine*) diz, que quanto mais nos unimos com o proximo por amor, e caridade; mais nos unimos com Deos. E no Evangelho (*Matth. 5. 44.*) nos manda Christo que amemos até áquelles, que nos não amam. E S. Paulo (*Ad Rom. 12. 21.*) diz que vençamos ao mal com o bem. E de não obrarmos assim, procedem as iras, os odios, e as vinganças contra nossos proximos. E assim vos digo, que todo aquelle, que não guardar este preceito de amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a si mesmo; posso affirmar que caminha perdido para o inferno, lugar, e morada dos prescitos.

Vede agora a que defatino mayor póde chegar huma creatura, que, por satisfazer huma payxaõ, se prive de tanto bem, e corte por tantas obrigações, quaes são amar a Deos, e cumprir com o preceito do amor do proximo. Só se acha este vicio em gente vil, e bayxa; porque o animo nobre não falta na observancia da ley, pelo que deve á sua fidalguia. Para o que se deve saber que (conformando-nos com os doutos Jurisconsultos, e com os mais que trataõ desta materia) ha tres generos de nobreza: a primeira se chama Theologal; a segunda, natural; e a terceira, civil. A Theologal he aquella, que por meyo da caridade une a huma pessoa com Deos. Desta diz S. Bernardo, que quem a tem grande, he grande; quem pequena pequeno; e quem nenhuma, nada: conformando-se com o que de si disse S. Paulo: (*1. ad Corinth. 13. 2.*)

Charitatem autem non habuero, nihil sum. A natural he a que por virtudes proprias, e dotes da natureza se alcança, nas quaes nos igualamos ás plantas, hervas, e pedras. A civil he a que por cargos, lugares, dignidades, e officios nos vem. Porém eu digo, que a verdadeira nobreza consiste na justificação, e virtude, pela qual se merece para com Deos, fazendo boas obras.

Donde venho a concluir, que se não tendes outra razão de queixa contra vosso vizinho, mais que essa, que me tendes representado; entendey que isso he hum teyma odiosa, procedida de hum imaginção apparente, por onde se vos occasiona esse rancor contra vosso proximo, com que o Demonio costuma muitas vezes fazer-nos cahir em hum peccado de odio, e inveja, que chamaõ cobiça dos bens alheyos; e nos faz conceber tal aborrecimento a nosso proximo, que lhe estamos desejando todo o mal; e não fazendo caso disto, nos precipitamos no inferno.

Sendo, que por muitas razoes nos corre obrigação de amar ao proximo. Primeira, pela similitude, que tem de Deos: segunda, pela que temos entre nós; terceira, porque Deos o manda; quarta, porque vivemos no mesmo gremio da Igreja, com a mesma doutrina, e Sacramentos &c. Bem se vê logo, quam culpavel he a falta daquelle, que por todas estas obrigações rompe, deixando-se cahir nesta falta de caridade contra seu proximo, e quebrando o preceito divino, que nos manda amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.

Isto presuppuesto, tambem me não persuado que haverá Letrado, que vos aconselhe com razão, e justi-

justiça a que ponhais demanda a esse vosso vizinho; excepto algum de animo tão malevolo, que mais préza o seu interesse, que a sua propria alma. Porque he certo, que estando esse homem em posse pacifica, e immemorial do seu sitio, aindaque seja de arrendamento, tem grande força, por ser a posse primeira a melhor, e mais justa que a segunda; porque a posterior presume o Direito que he injusta, clandestina, violenta, e perturbativa: e por isso aquelle, que foy primeiro, deve ser mantenido. (*Juxta Cap. Licet eum, ubi Doctores, de probat. Marant. de Ord. judic. 4. p. dist. 7. n. 19. Menoch. de Adipiscend. remed. 6. n. 12. & de Retinend. 3. n. 725. & seqq. Postb. observ. 71. n. 2.*)

A'lèm da razaõ, que tem este homem, pelos muitos avisos, que ja vos fez do damno, que recebo do vosso gado, segundo o que me tendes dito. E se não, ponde-vos no seu lugar, e vede como poderieis tolerar, se achasseis destruida a vossa lavoura, e plantas pelo gado de vossos vizinhos. E assim, por todas as razoes me parece muy justo que vos deixeis desse intento de pleytos, e demandas, pelo muito detrimento, que causão a quem as procura: e fou de parecer que compreis o vosso socego, e quietação, reconciliando-vos com esse vosso vizinho; porque tambem alcançareis a graça de Deos.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o morador) que muitas graças devo dar a Deos por vos trazer hoje a esta casa; porque me tendes aconselhado tão discreta, como piamente: e de tal forte estou persuadido das vossas boas palavras, que ja tomára que houvesse occasião de poder buscar a este homem, para me reconciliar com elle, e ser seu

amigo, pedindo-lhe perdão do grande odio, que lhe tive. Porém, como sejaõ horas ja de fazermos huma breve collação; fazey-me o favor de acceitar esta bõa vontade. E com effeito nos puzemos á mesa. E depois de termos acabado de cear, veyo hum recado ao dono da casa, que tinha chegado alli hum escravo de seu vizinho, e lhe queria fallar; a quem o morador promptamente mandou que entrasse.

E chegando á nossa presença, disse o escravo ao dono da casa: Meu Senhor lhe manda a Vossa Mercê este quarto de huma rez, que hoje cahio no valado da sua Fazenda; não se escusando de satisfazer o valor della, quando tiver occasião de se avistar com Vossa Mercê: porque lhe quer merecer o agrado, para que em outra occasião faça a mesma partilha com elle.

Dizey ao Senhor meu vizinho, (respondeo o morador ao escravo) que lhe agradeço o mimo, e lhe fico muito obrigado: que a manhã até ás oito horas espere por mim, e pelo Senhor Peregrino, que lá havemos de ir gratificar-lhe este primor.

E despedido o escravo: disse eu ao morador Agora vos digo, Senhor, que quem tem hum tão bom vizinho, bem se póde chamar ditoso. E podeis conhecer que em tudo vos quer Deos livrar de trabalhos, e encargos da alma: porque appetecendo vós occasião de buscar a este homem, para com elle vos reconciliardes; vo-la deparou por este meyo. Assim o reconheço, Senhor: (me disse elle) o que tudo devo ao favor divino, e á vossa grande prudencia: porque, se vós não chegasseis a esta casa, não me acharia eu tam bem disposto para receber este recado, e presente. São horas de nos recolhermos:

mos: podeis ir agazalhar-vos. E encaminhando-me para huma camara, nella achey huma cama onde palley a noyte.

Acordey a tempo, que já se via a precursora Aurora, toda vestida de branco, distillando orvalho, que em perolas se convertia lá nas conchas do mar, e nos campos em granizo. E levantando-se tambem emtaõ o dono da casa, me faudou, e disse: He tempo, Senhor, de irmos dar cumprimento a nossas palavras. E pondo-nos a caminho; como era distancia de meya legoa, brevemente chegámos á casa do morador vizinho: o qual tanto que nos avistou (porque ja esperava por nós) sahio fora de casa a hum terreiro, e rompeo nestas palavras.

Nunca me pareceo, Senhores, que mais se ditiuera o Sol em fazer o seu giro lá nessës Antipodas, do que nesta noyte passada, pelo muito que tardou em amanhecer o dia; se ja não foy pelo grande dezejo que tinha de ver a Vossas Mercês, depois que me assegurou o meu escravo que me queriam fazer a honra de me visitar hoje nesta humilde casa.

Pois sabey, meu Amigo, e Senhor vizinho, (lhe respondeo o primeiro morador) que com muy duplicada vontade, e desvélo palley esta noyte, só por vos vir buscar, e trazer á vossa presença a pessoa do Senhor Peregrino, para lhe ouvirdes a sua discreta, e exemplar conversação.

Meu Senhor, (disse eu ao segundo morador) o que mais prézo he ver-vos com saude, e que o Senhor vosso vizinho se conserve em paz com vosco; e louvores em mim são escusados: porque assim como ja não faço caso dos desprezos, bem he que não faça estimação das honras. Porque haveis de en-

entender que nesta vida o que se quizer salvar, se ha de considerar em hum naufragio, nadando em cima da taboa da humildade, para escapar a vida: e neste perigo, aindaque lhe digam muitas ignominias, e affrontas, nem por isso se ha de molestar, nem tomar satisfaçoens, por se não arriscar a perder a taboa, e ir parar no centro do odio: e muito menos se deve pôr a escutar, e ouvir louvores; porque o não lancem as ondas da presumpção em algum penhasco soberbo, e se faça em pedaços da vangloria.

Fallais com muito acerto, (me disse o segundo morador) pelo que no mundo estamos vendo, e experimentando a cada passo succeder pela demasiada presumpção: porém o que respeita á saúde, he o menos, que possuo; porque vivo bem molestado. E logo nos foy encaminhando para a varanda da casa, onde nos deo assento; e mandou vir o almoço, que veyo promptamente; e, com todo o asseyo, em abundancia. E depois de acabarmos de almoçar, demos graças a Deos; que só a Deos se devem dar pelos muitos beneficios, que actualmente estamos recebendo de sua divina providencia: porque assim o ensina, e encommenda o Apostolo, tratando do comer, e beber, por ser cousa tão necessaria á vida humana, que ha de ser em nome do Senhor. (*Ad Rom. 14.*)

E logo disse o primeiro morador ao dono da casa: Senhor vizinho, antes que me esqueça, peço-vos perdaõ da indignação, e pouca paciencia, com que hontem soffri o vosso recado, que me mandastes. Senhor, (lhe disse o dono da casa) em quanto ao remorso da consciencia, louvo-vos muito a vossa acção, e Deos vos perdoe; que eu da minha parte

parte ha muitos annos que me não accuso de que queira mal a pessoa alguma : porque sou Christão, e amo a Deos, e ao proximo. Dessa sorte (lhe disse eu) não ha mais que dezejar : se amais a Deos e ao proximo , tendes completado os preceitos divinos. E os mais peccados, Senhor ? (me disse elle) Supponde (lhe disse eu) que o homem , que verdadeiramente ama a Deos , não póde offender ao proximo ; porque consequentemente o ama.

A razão he clara : porque assim como não ha fructo sem raiz ; tambem não póde haver amor do proximo , sem que proceda do amor de Deos. Isto se entende , fallando espiritualmente , e deixando o amor profano , que se tem os complices , e cooperadores em qualquer offensa de Deos ; porque tambem he caridade impura , e falsificada aquella , que fazemos ao proximo por conveniencias proprias , violando a obediencia , que racionalmente manda o preceito divino : e só a vontade de Deos he regra certa de toda a virtude. Este preceito de ser amado , escreveu Deos com o seu mesmo dedo , no principio de toda a sua santa Ley: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* (Deut. 6. 5.)

Muito gostey (me disse o dono da casa) de vos ouvir fallar do amor , que devemos ter ao proximo , fundado no amor de Deos : mas offerece-se-me hum duvida , que tomára que me resolvesseis. Difestes , que este preceito de ser amado Deos , o escreveu com seu mesmo dedo : e como eu não tenho lido , nem ouvido dizer que Deos escrevesse livro algum ; entra o meu reparo : Onde , e em que tempo fez Deos esta escriptura ?

Não ha duvida, Senhor, (lhe respondi eu) que não deixa de ser bem fundado o vosso reparo , por
fer

fer em huma materia Theologica especulativa, que não pertence á minha profissão. Mas, como me vejo obrigado a responder-vos, por reconhecer em vós hum pio, e devoto amor de Deos; me persuado a vos não faltar a dar a razão de vossa pergunta, explicando-me pelos termos seguintes, fundado na Escriitura Sagrada.

Foy o caso, que depois de ter sahido o povo de Israel do Egypto do cativeyro de Faraó, e ter passado varias calamidades, vindo Moyfés por seu Governador, livrando-os de muitos trabalhos, e perigos por especial favor de Deos; chegáraõ ao pé do monte Sinay, no anno 2453. depois da creação do mundo, ao terceiro dia do mez de Mayo ao amanhecer, que era aos 501. que fazem 16. mezes e 21. dias depois da sahida do Egypto, aos 430. annos da promessa, que Deos tinha feito a Abraham. Começaraõ a sentir muitos, e varios estrondos, resplandores, e rayos, e tocarem-se trombetas, e com grande luz, claridade, e fogo: e bayxou Deos entre elles em nuvens com todo este terrivel estrepito sobre o alto do monte Sinay, e chamando a Moyfés ao cume, e detendo ao povo no pé do monte, e fallando dentro no fogo, ordenou, e mandou estes dez mandamentos escritos nas duas taboas da ley. (*Exod. 19. & 20. Deut. 5.*)

O primeiro: Que amassem, e reverenciassem a hum só Deos verdadeiro, apartando fóra de si os Idolos. O segundo: Que não jurassem o seu santo nome em vão. O terceiro: Que santificassem as festas. O quarto: Que honrassem a seus pays. O quinto: Que não matassem. O sexto: Que não fornicaassem. O settimo: Que não furtassem. O oitavo: Que não levantassem falso testemunho. O nono: Que
não

naõ dezejassem a mulher do proximo. O decimo: Que naõ cobiçassem os bens alheos.

Aqui tendes explicado o que me perguntastes, e vos prometti dizer acerca do tempo, em que Deos escreveo a Ley com o seu proprio dedo. Muito folgo, Senhor, (me disse o dono da casa) de saber com tam clara explicaçaõ o que atégora ignorava: e fico entendendo que fallais com muito acerto, pois tudo tendes apontado, e authorizado com a Sagrada Escritura.

Na verdade vos digo, Senhor, (me disse o primeiro morador) que naõ ha tempo mais bem empregado, do que aquelle, que se gasta em fallar das obras de Deos, e de seus grandes beneficios, que nos tem feito, e está fazendo; pelo bem, que disso nos resulta para nossas almas. Porém como se-jaõ horas de ir assistir á minha casa, e familia; me haveis de dar licença, Senhores, para que naõ falte a esta obrigação. E como vos deixo, Senhor Peregrino, em casa do senhor meu vizinho; vou descansado: porque delle fio vos fará todo o bom agasalho, que mereceis. E com grandes demonstraçoens de firme amizade com o dono da casa, se despedio de nós, e se foy para sua casa.

CAPITULO XXI.

Manifesta hum morador ao Peregrino o achaque continuo que padece, e lhe pede algum remedio para elle: e o Peregrino lhe dá duas receitas, huma corporal, e outra espirital; e lhe traz muitos exemplos dos que neste mundo padeceraõ enfermidades.

DEpois de se ter ido o primeiro morador, me disse o segundo: Naõ prézo pouco, Senhor Peregrino, a vossa chegada a esta casa, pelo que vos tenho ouvido practicar; porque me pareceis homem muy ensinado do tempo, e com muy largas experiencias: e por isso vos quero fazer presentes as importunas molestias, que padeço. Agora, mais que em nenhuma outra occasião, Senhor, (lhe disse eu) dezejára que em mim houvera hum grande talento de fabledoria, para vos satisfazer o muito, que vos dezejo servir. Podeis dizer o que vos molesta; que com o favor divino direy o que entender.

Sabey Senhor, (continuou o morador) que a causa de minhas molestias vem a ser, que haverá oito annos que padeço huns flatos hipocondricos (nome posto pelos Medicos modernos; porque nos tempos passados sempre lhes ouvi chamar ventosidades melancolicas.) Este achaque me tem posto em tal estado, que com palavras vos naõ posso significar o que sinto: e o que mais me penaliza, he ver o pouco, que me tem aproveitado os muitos remedios, que se me tem applicado, com tanto dispendio da minha fazenda, passando eu com todo o regálo do sustento: e por esta causa rompo em queixas

xas , impaciente contra mim proprio ; e não sey se offendo a Deos com o pouco soffrimento , que tenho : e o que sobre tudo sinto he , que me não dá lugar esta enfermidade para poder fazer penitencia de meus peccados , pelas grandes ancias com que me accommette ao coração , e mais membros do corpo. Agora quizera me désseis algum remedio , para me livrar de tão repetidas queixas , e molestias , tanto para a saude corporal , como para a espiritual , que he o que mais se deve dezejar.

Supposto , Senhor , (lhe disse eu) que não seja profissão minha aconselhar em similhantes casos : com tudo , fiado no que lá disse hum Escritor moderno , que nenhum , por douto que seja , deve desprezar os conselhos dos velhos : e por ter lido , que antes que houvesse elles Galenos , Hippócrates , e Avicenas , ja se curavaõ os homens , mais pela experiencia , que por Sciencias , e artes da Medicina ; e ainda hoje o estamos vendo observar em muitas partes , e lugares do Mundo , e principalmente neste Estado do Brasil , nas partes onde se não achaõ Medicos , nem Cirurgioens , nem Boticas : e tambem porque me parece que Deos , como Author da Natureza , nos quiz mostrar que não pôs a virtude dos remedios nas palavras dos homens , mas sim nas pedras , metaes , plantas , agoas &c. ; por isso me atreverei agora a dizer-vos o que sinto acerca desse vosso achaque. Advertindo-vos porèm , que não he minha intenção dissuadir que se consultem em as enfermidades os professores da Medicina ; por conhecer que he huma das grandes Sciencias que há , pelo que tenho lido , e visto obrar , quando o Medico , ou Cirurgião he Sciente , e obra com aquelle zelo , que deve á profissão de sua Sciencia , e Arte.

Fallando pois agora acerca da vossa queixa: tem mostrado a larga experiencia , que muitos em semelhantes enfermidades , por tanto se quererem curar , e requintar a saude , vieraõ a perder as vidas; e que outros , usando só do bom regimento, vivêraõ largos annos , por observarem a parcimonia , mais comendo para viver , do que vivendo para comer , como se costuma dizer.

A este proposito vos contarey o que vi succeder a certo convidado , estando em hum banquete; e foy o caso , que depois de ter comido do primeiro prato , disse (por galanteyo) ao que servia á mesa: O que mais me ha de caber de quinhaõ, quero que mo pagem a dinheiro , Perguntou-lhe o servente : E porque causa ? Respondeo-lhe o convidado: Porque não quero que os mais manjares me deitem a perder o que tenho comido , e por isso venha a adoecer.

Por certo , Senhor, (me disse o morador) que nunca a esse homem lhe succederia , o que vi acontecer a outro , vindo de huma voda : o qual chegando a sua casa muito doente , e indo a visitá-lo alguns amigos , lhe perguntáraõ : De que se queixava ? Respondeo-lhes o enfermo : De ter comido muito. Agora vereis , Senhor, (lhe disse eu) se tenho razao no que vos digo: porque não falta quem affirme , que mais gente tem morto a gula , que as campanhas militares. E daqui provêm , que a muitos a sua propria fazenda , e riquezas lhes saõ causa de acabarem mais depressa o curso da vida , pelos muitos , e superfluos regálos , com que vivem: querendo estes taes imitar ao Rico Avarento, o qual se dava os parabens a si mesmo dos regálos, com que passava a vida; e , quando menos o cuidava , se
achou

achou de hum golpe no inferno. (*Luc. 12. 19.* & 20.)

E por essa razão, sem duvida, além das mais, se costuma nos refeitórios de todos os Religiosos mandar que se lea á mesa algum livro espirital, ou Vidas de Santos: porque he bem, que assim como se trata do provimento temporal, participe tambem a alma do sustento espirital: e para que se abstenhaõ os Religiosos de cahir no peccado da gula, e usem de temperança; por conhecerem o grande estrago, que faz nos corpos, e nas almas o peccado da gula.

O que pelo contrario vejo observar no estado dos Seculares: porque lhes tem o demonio introduzido (para mais augmentarem este peccado) que mandem cantar, e tocar varios instrumentos, assim musicos, como bellicos, para que lisongeado o gosto mais se entregue aos manjares; quando deviaõ considerar estes glotoens (que tanto estimão, e se fartão de manjares exquisitos) naquella horrenda trombeta, de que falla S. Jeronymo, que se ha de ouvir no ultimo dia do mundo: Levantay-vos mortos, vinde a juizo. Oh juizo, quem bem em ti cuidára! Oh dia final, quem bem em ti considerára! para que não houvesse tanto gosto nos demasiados manjares, e não cahissem os homens neste peccado da gula, que tantos males tem feito, e está fazendo, como a experiencia no-lo mostra, e das historias dos livros consta.

E assim vos aconselho, Senhor, que vos não domine o vicio da gula, enchendo a vossa meza de muitos pratos: e principalmente fugi de ceas largas, e comeres flatulentos. Porque as muitas iguarias costumaõ fazer roim cozimento no estomago,

Z

e por

e por isso tem acontecido morrerem muitos de repente, por se lhes soffocarem os espiritos vitaes por falta da nutrição, e não poderem digerir o muito que comem.

E como entenderemos, Senhor, (me disse o morador) aquelle conselho de Avicena, que diz: Janta pouco, e cea mais? Respondo. (lhe disse eu) Esse Author da Medicina fallou no sentido diminutivo: e por isso aconselhou, dizendo, que jantassem pouco, e ceassem mais, id est, mais pouco. A'lem de que, tambem devemos considerar, que nem todas as naturezas se haõ de regular por hum só regimento: porque homens ha, que, se bem jantaõ, melhor ceaõ; e nem por isso lhes succede mal. E assim ficay entendendo, que nem tudo serve para todos, nem todos servem para tudo.

Tambem vos aviso, que fujais do demasiado somno meridional; porque faz engrossar os humores, de que procedem muitas enfermidades. Guarday-vos da grande vigia da noite, porque não ha cousa mais prejudicial á saude, que o demasiado desvêlo: e Deos fez a noite para descanso das creaturas. E se não, vede o que diz Hippocrates: *Somnus atque vigilia, utrumque sine modo excitat malum.*

Porèm, isto presuppõsto, vos aviso que comais o menos doce que pudes: porque tem mostrado a larga experiencia, que tudo o que nos adoça a bocca, nos faz amargar o estomago. Mas, se o não pudes escusar, tomay aquelle conselho Castelhano, que diz:

Si te quieres bolver niño ,
Come dulce, e bebe vino ;
No lo digas al Doctor.

Comey fructa por fructa, como se costuma dizer, e não a fatar. Porque parece, que assim como nella veyo a nossos primeiros Pays o peccado, e a nós a culpa original ; tambem nos vem varias enfermidades do corpo.

Evitay beber demasiada agoa : porque supposto que seja hum dos melhores licores, que ha para o alimento da vida ; pelo que tem de fria, e humida, he muy nociva, e inimiga da natureza, segundo aquella sentença de Galeno, quando disse: *Frigus inimicum est naturæ.*

E que me direis, Senhor, (me disse o morador) da qualidade do vinho, e proveitos que delle resultão aos corpos? Não se pôdem negar, Senhor, (lhe disse eu) as grandes utilidades do vinho tomado com boa ordem : porque sustenta, e repara as forças perdidas, mais depressa que o comer, como diz aquelle afforismo de Hippocrates : *Facilius est refici potu,quàm cibo*: Faz bom cosimento para a nutrição, e provoca o suor, e a ourina : he sumo remedio para os velhos, conforme o q̃ diz Galeno: *Quod animi mores capit.* Além do que, concilia o somno, aviva os espiritos, favorece o sangue, alegra o coração, causa costumes placidos: excita o calor natural, não só aos velhos, mas aos melancolicos: tempéra os humores, desterra as tristezas: he o unico remedio dos pusillanimes, porque os torna mais fortes : e até ás mulheres faz fecundas. Estes são em geral os proveitos do uso do vinho, com tanto que seja moderado, como já disse, e a seu tempo : porque se for

Z 2

dema-

demasiado, e intempestivo, causará muitos damnos. Elles tomára eu tambem , Senhor , (me disse o morador) que mos manifestasseis.

Haveis de saber , Senhor , (lhe disse eu) que assim como se achão todas estas excellencias no vinho , como tenho dito ; tambem não ha cousa mais perniciosa que o demasiado vinho , tomado desordenadamente sem necessidade : porque he o principio , e origem de todas as enfermidades do corpo , e da alma racional. Em quanto ao corpo: priva-o tanto dos sentidos, que o torna peyor que hum bruto, pelos effeitos , que lhe faz obrar. É para prova disto , vos pudéra trazer muitos casos , que tem succedido no mundo , (se não foraõ taõ sabidos) não só a homens humildes, e plebeos, mas ainda a muitos Grandes, e Principes: aos quaes, tirando-os de seus acordos, os fez obrar mil baixezas, e cõmetter infinitas enormidades, como consta de varios livros.

Em quanto ao que respeita á alma : fica huma creatura , que Deos fez á sua imagem , e similitude , desamparada do uso da razão ; e por isso obrando brutalmente, por ter offuscado o entendimento, vem a cahir em enormes, e feyos peccados : e basta que tenha succedido por esta causa matarem-se muitos por suas proprias mãos ; e outros , desprezando os perigos, se precipitaõ nelles com a perda de suas almas, que he o que mais se deve temer. Finalmente , venho a concluir , que beber vinho sem necessidade, he vicio , e não proveito.

Muito satisfeito estou , Senhor, (me disse o morador) do que me tendes dito acerca desse licor : e fico advertido , para me saber haver nesse particular. Podeis contiunar o que hieis dizendo; que nisso me dais grande gozto , e contentamento.

Direy ,

Direy, Senhor. (lhe disse eu) Para esse vóllo achaque são salutifero remedio os cordiaes, por serem os alentos do coração: e se nelle sentires algumas ancias, e affrontamentos; ponde-lhe em cima hum pedaço de seda vermelha, ou cochonilha escarlatada, em que se tenha borrifado agoa de flor, ou da Rainha de Hungria: e tambem serve o balfamo apopletico; por ser o coração muy nervoso, e rodeado de membranas, e por isso necessita que o ajudem com o calor.

Conservay as fontes, se as abrires: porque, se vos não derem faude, servir-vos-hão de espeques á vida. Não desprezeis as ajudas; que muitas vezes ajudaão a viver. Fugi do sereno da noite, como de verdugo da faude para os achacosos. Buscay o fresco da manhaã pelo Verao, como cordial para a vida. Fazey exercicio moderado: porque, segundo huma regra da Filosofia, o movimento causa calor: *motus est causa caloris*: e deste modo se gastão as superfluidades, ruins humores do corpo, e se distribue o calor natural pelos membros, para lhes dar ser, e força: porque diz Galeno: (*lib.6.de Locis afl.*) *Proprii officii exercitatio robur partis corporis adauget*: quer dizer: Que o exercicio nas partes do corpo lhe accrescenta a força. Bem se mostra esta verdade nos rusticos exercitados no trabalho; e por contraposição, os ricos mimosos, por falta de exercicio vem a cahir em varias enfermidades. Por isso disse hum douto Apologista: Que servindo, nos serviamos. Assim que, o exercicio a seu tempo he proveitoso á faude. Digo, a seu tempo: porque, sendo excessivo, he prejudicial aos corpos, e os faz cahir em muitos achaques. E por isso mādava Deos na Ley Escrita q̃ nos seis annos cultivassem os homens a terra;

e no settimo a deixassem descansar , para que tivesse tambem o seu sabbado. (*Exod.* 23. 10. & 11.) Terra he o homem , ao qual permite Deos que tenha descanso , para o louvar , e bendizer pelos beneficios que lhe faz.

E agora na Ley da Graça nos manda Deos tambem que não trabalhemos nos Domingos , e dias Santos , para que vamos ouvir Missa , e os mais Officios Divinos, e louvá-lo. E nas Leys civis mandaõ os Reys, que se dem ferias nos Tribunaes, para que os Ministros , e Officiaes de Justiça deixem naquelle tempo de laborar, e se occupem em bons exercicios.

Finalmente : em todas as cousas , assim no trabalho manual , como no intellectual , se deve procurar o meyo , por nelle consistir a virtude. E assim concluo , que os corpos sublunares não devem ser tão excessivos no trabalho , nem tão deixados ao ocio ; que por hum venhão a perder a perfeita faude , e pelo outro a salvação.

Não vos recolhaiis tão tarde , que vos falte o tempo de tratar da vossa alma: e quando vos levantares, fugi de que outro , que não seja Deos , leve as primicias de vossas acçoens. Mais vos pudera dizer ; mas como vou depressa , não me posso dilatar : o que achareis escrito em muitos livros , e por doutos entendimentos aconselhado.

Mas fallando agora acerca da impaciencia , com que viveis : haveis de saber , Senhor , que nisso offendeis muito a Deos ; por ser a paciencia entre as mais virtudes a oitava maravilha , como assim a moralizou Santo Agostinho fallando das oito Bemaventuranças : e fazey muito por exercitá-la ; que por isso tereis muitos allivios nesta vida , e o premio da Bemaventurança na outra.

Corrobora-se mais esta virtude com aquella admiravel lição, que nos deo Job, como tão experimentado nella, quando disse: (*cap. 14. v. 1.*) *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miseriis*: O homem nascido de mulher, vivendo tempo limitado, está cheyo de muitas misérias: para nos dar a entender o como está a nossa natureza sujeita a tantas misérias, e trabalhos, para termos paciencia. Pelo que ficay advertido, que, faltando esta, falta o merecimento para com Deos, e damos forças ao demonio para mais nos tentar, e levar ao precipicio.

Demais que, ao mesmo tempo, que Deos vos está dando o que lhe pedís, vos estais mostrando ingrato, e impaciente para com a sua divina providencia. Como assim, Senhor? (me disse o morador) Direy. (lhe disse eu) Rezais o Padre nosso? Sim rezo. (me respondeo elle) E quando o rezais, (lhe perguntey) não dizeis: Venha a nós o teu Reino? Sim digo. (me respondeo elle) E que cuidais (lhe disse eu) que pedís a Deos? Que nos dê a sua gloria. (me disse elle) Pois sabeis (torney eu) qual he a gloria de Deos? He a sua Cruz; porque até o mesmo Christo nosso Salvador assim lhe chamou: e para nos dar exemplo a levou ás costas até nella ser crucificado, e quiz nella consummar toda a sua Paixão sacratissima, para nos remir, como tinha prometido, e para nos salvar.

Isto supposto, claro fica, que para Deos nos dar o seu Reino, he necessario que o mereçamos levando a nossa Cruz: isto he, fazendo penitencias, jejuando, diciplinando-nos, trazendo cilícios, exercitando todas as boas obras, mortificando-nos, e abstrahindo-nos de todos os gostos, e deleites do

mundo. E quando Deos vê que o não fazemos, ou que não he o que basta para nos dar a salvação; por sua Divina misericordia costuma dar-nos trabalhos, pobreza, e doenças, para desconto das culpas, e para termos merecimentos; e finalmente outros muitos detrimentos, e molestias, que chamamos Cruz. E ficay entendendo, que sem passarmos por esta ponte, e subirmos por esta escada, não he possível chegarmos ao Reino do Ceo.

E para mayor resignação da vossa enfermidade; ouvi as sentenças dos Santos Padres, que vos servirão de receita, e lenitivo, para que possais soffrer as penas, que padeceis. Diz S. Joáo Chrysostomo, que o melhor he fazer da necessidade virtude, e padecer com merecimento, o que se havia de padecer sem elle. S. Gregorio diz nos Moraes: Que todas as cousas, que padecemos, são justas: e assim, que he muito má cousa o murmurar de justa pena, e paixão. O mesmo diz: Que o que tem vicios prolongados, deve ser attribulado com prolixa, e longa enfermidade.

O Padre Mestre Avila no seu Epistolario diz: Que quem cuida que ha de ir gozar de Deos, sem primeiro passar pelas amarguras deste mundo, está enganado. E exclamando diz: Oh doudice para chorar; que queiraõ os homens isentar-se de padecer! Querem peccar, e salvar-se: querem offender a Deos, e não ser castigados por elle: e toda a sua felicidade he não ser bons, e gozar de huma liberdade, sem castigo. Pois entenda cada qual, que não merece entrar no Ceo, quem não tiver por muito barato tudo o que por elle lhe pedirem. Por isso diz S. Nilo: Choremos ao peccador, que lhe vay bem; porque está perto o seu castigo.

S. Basilio nas suas regras diz: Que não ponha hum enfermo toda a sua confiança no Medico, e nas medicinas, attribuindo a isto a causa de farar, ou não; mas que ponha toda a sua confiança em Deos, o qual ás vezes quer dar-lhe faude nessas medicinas, e outras vezes não. Assim tambem quando lhe saltar o Medico, ou as medicinas, não desconfie por isso da faude; porque quando Deos quer, sem isso fara. E assim quando o Medico errou a cura por não conhecer a enfermidade; ou quando o enfermeiro se descuidou; esse erro, ou descuido, ha-se de tomar por acerto de Deos: porque para com Deos não acontece cousa alguma acafo.

Santo Agostinho (*de Catechizand. rud.*) diz: Não te lembre o que puderas fazer de bem, se tiveras faude; que isso he incerto: e o certo he, que aquelle ordena, e traça melhor suas cousas, que está disposto, e preparado para fazer só o que Deos quer que faça; e não aquelle, que tem muita vontade, e appetite de fazer o que elle tinha traçado, e cuidado. E assim, se buscas a vontade de Deos puramente; que mais se te dá estar enfermo, que saõ; pois sua vontade he todo o teu bem, e mais agrada a Deos conformando-te com sua vontade estando doente, que em quanto puderas fazer estando saõ.

O Incognito diz: Que no Evangelho se aponta, que o Paralytico tinha vinte e oito annos em sua enfermidade, e que lhe chamou sua; porque havendo tantos annos que alli estava, tinha muita paciencia, e com ella temperava suas dores, e trabalhos: desorte, que era a enfermidade sua, pois della tirava muitos merecimentos para sua alma; porque aquillo com razão podemos chamar nosso, de que nos aproveitamos, e donde colhemos fructo.

E af-

E assim o que estiver doente, e não tiver paciência, nem soffrimento, antes estiver como desesperado: a enfermidade deste he mais do diabo, que sua; pois o diabo tira o proveito della, sahindo com victoria na tentação da paciência.

S. Paulo (1. *ad Cor.* 13.7.) diz: Que a caridade soffre todas as cousas, e tudo; não excluindo cousa alguma. E como esta tentação combate contra a caridade, sem a qual ninguem se póde salvar, e a verdadeira caridade he ser paciente, e soffrer tudo; devemos fazê-lo assim de boa vontade, por nos conformarmos com o Santo Apostolo: e toda a enfermidade corporal, e as mais penas, que a acompanhaõ, se haõ de soffrer sem murmuração, nem repugnancia da vontade. Porque diz S. Bernardo: Se queres ser Santo, não podes ser saõ; e pelo contrario, se queres ser saõ, não podes ser Santo. E S. Gregorio nos adverte, dizendo, que os males, que nesta vida nos perseguem, saõ os meyoys de buscarmos a Deos.

Dizia o Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas: (como consta do livro da sua vida pag 165.) Se houvera melhor cousa neste mundo, que o padecer; Deos o dera a seu Filho mais amado: mas como não havia cousa melhor, deo-lhe as cruces por morgado.

Hum Doutor moderno diz: Que não se pede ao Christão que seja insensivel nos males; senão resignado nelles: sinta o corpo; e dentro delle viva resignada a alma: queixe-se o que padece; alegre-se o que merece. Tenha o sentimento; porém não o consentimento. Considere que merece muy bem o que padece: e que ou nesta vida, ou na outra ha de pagar o que peccou nesta. Crea, que assim como as penas da alma saõ mais sensiveis que as penas do

do corpo ; são infinitamente mais terriveis as penas da outra vida , que as desta.

Todos os Doutores , que tratáraõ desta materia, finalaõ tres grãos de Paciencia : e dizem que he bom não parar até alcançar o ultimo. O primeiro he, quando hum soffre com tristeza: o segundo, quando já soffre sem tristeza: o terceiro, quando soffre com alegria: porque a virtude não se alcança de repente, mas pouco a pouco. E assim resistindo-se ao principio , e exercitando-se , se alcança o segundo grão , em que já se não sente pena de tristeza.

Outros espelhos mais manuaes são os Santos, que sendo de carne, e osso, como nós , e muitas donzelas muy delicadas, soffrêraõ com admiravel paciencia suas dores, e afflicçoens muito mayores que as nossas, por amor de Christo.

S. Francisco de Assis teve tantas enfermidades de varias maneiras , que não ficou no seu corpo membro algum , que não sentisse grande dor , e intensa paixãõ: e por todas dava muitas graças a Deos , pedindo-lhe que cem vezes dobradas lhas dêsse , se isso lhe aprazia ; porque cumprir-se sua santa vontade nelle era a sua perfeita consolação.

De S. Francisco Xavier se conta , que quando lhe succedia algum trabalho , ou afflicção , dizia a Deos : Mais , mais , Senhor. E quando tinha algum prazer , ou lhe succedia algum bem , dizia : Basta , Senhor , basta. Porque sabia o Santo o quanto risco he gozar dos bens do mundo ; e o muito que se aproveita no padecer para gozar a gloria celestial.

S. Bartholo de S. Geminiano foy outro Job na paciencia , a quem Christo , em figura de pobre leproso , lhe pegou a lepra , da qual se cobrio dos pés até

a cabeça com muitas dores, e podridão; e lhe cahião os narizes, e a carne pedaço a pedaço; e cegou de ambos os olhos: e assim esteve vinte annos, dando sempre graças a Deos, com rara paciencia. E por isso disse S. João Chrysostomo: Que os trabalhos não são ira de Deos, senão admoestaçoens, e misericordia.

Santa Syncletica tinha as entranhas podres, e os ossos corcomidos: e em lugar de cuspinho, cuspia, e escarrava pedacinhos de bofes desfeitos, e derretidos com os fogos, que a abrazavaõ; e ninguem a podia soffrer por seu máo cheiro: e ella tudo soffria com alegria, e desejava padecer mais por amor de Deos.

Santa Liduvina padeceo trinta e oito annos gravissimas enfermidades com grandes dores, sem poder comer, nem dormir, nem levantar-se, nem ainda virar-se: e era pobre, só, e desamparada; e das mesmas entranhas lhe cahiaõ tantos, e taõ terribes bichos, que não se podião ver sem espanto: e tudo lhe pareciaõ regalos do Ceo, e a paciencia a fez Santa.

De Santa Teresa de Jesu se escreve, que dizia a Deos: Senhor, hum de dous favores me haveis de fazer: ou dar-me que padecer; ou deixar-me morrer. Notavel resolução por certo! Quem jámais fez tal petição a Deos, senão huma Santa Doutora, que soube entender o quanto aproveita o padecer neste mundo, para alcançar o premio do Ceo!

A Santa Gertrudes appareceo Christo hum dia, trazendo na mão direita a faude, e na esquerda a enfermidade; e lhe disse que escolhesse o que quizesse. E ella respondeo: O que eu, Senhor, desejo de todo o meu coração, he que não olheis minha

vontade fenaõ que se faça em mim o que for mayor gloria, e contentamento vosso. E por isso diz S. Joaõ Chrysostomo, que manda Deos trabalhos aos justos, para que a todo o correr fujão da terra para o Ceo, e não fação emprego de seu amor nas temporalidades, e refrigerios desta vida.

Diz Thomás de Kempis no seu livro da *Imitação de Christo* : (*Liv. 1. cap. 12.*) Bom nos he, que padecemos algumas vezes adversidades, e contradicções : porque muitas vezes fazem recolher o homem dentro de seu coração, para que, conhecendo que vive em desterro, não ponha a sua esperança em cousa alguma do mundo.

Finalmente : diz Seneca, que chamava Demócrito á vida sem tribulação : Mar morto ; no qual ha muitas vezes mayor perigo, que quando se altèraõ as ondas.

E quando Deos seja servido, que cheguemos ao fim da vida, estando contritos, confessados, e resignados na sua santa vontade ; por muitas razoes se póde hum Christão animar para a morte. Primeira, por ser vontade de Deos. Segunda, porque com a morte se acabaõ os trabalhos, que traz consigo esta miseravel vida. Terceira, pela esperança de que, ainda que esteja por alguns tempos no Purgatorio, o levará Deos a gozar da Bemaventurança. Porque diz o Profeta Rey, que a morte dos Santos he preciosa diante de Deos : e o mesmo se ha de dizer dos peccadores verdadeiramente contritos, e que morrem na fé, e uniaõ da Igreja Catholica, como diz S. Joaõ no Apocalypse : (*cap. 14. v. 13.*) Bemaventurados saõ os mortos, que morrem em o Senhor. E por isso diz Salomaõ : Melhor he o dia da morte, que o do nascimento.

Na verdade vos digo, (me disse o morador) que pelo que me tendes relatado com tão admiraveis exemplos de tão grandes Santos, e authoridades da sagrada Escriitura, estou muy satisfeito : e terey por venturoso acerto padecer muito mais, para alcançar perdaõ das grandes culpas, que tenho commetido contra Deos. E tambem vos poderey dizer, que atégora rezava o Padre nosso de cór, sem reparar nella palavra: Venha a nós o teu Reino. E que será nas mais, quando só em huma tendes dito tanto !

Dir-vos-hey : (lhe disse eu) As palavras de Deos são muy mysteriosas, porque todas estão cheyas de superabundante doutrina: o ponto está em premeditá-las, meditá-las, e observá-las. Porém he tal a natureza humana, que por falta de consideração estamos appetecendo muitas vezes aquillo mesmo que nos offende, e recusando o bem espirital. Porque sendo a vida, a respeito da eternidade, hum instante ; não ha creatura racional, que não deseje viver neste mundo muito tempo com saude, deleites, gostos, regálos, e contentamentos: devendo considerar, que he cousa incompativel ter contentamentos, regálos, gostos, e deleites neste mundo, e querer salvar-se, sem fazer penitencia das culpas commettidas contra Deos. Isto he querer voar sem azas, nadar sem braços, e andar sem pés. Pois, Senhor, (me disse o morador) que ha de fazer hum Christão para se salvar ?

Primeiramente, (lhe disse eu) fazer huma Confissão muito bem feita, discorrendo por todos os dez Mandamentos : e dizendo, e perguntando a si proprio: Quanto tenho vivido ? Como vivi ? Quanto posso viver ? Como he bem que viva ? E a cada pergunta

gunta destas, deter-se algum breve tempo em considerar no que tem feito, e obrado no progresso de toda a sua vida. Porque he maxima certa, que tudo o que nos dá pena na hora da morte, he o que nesta vida nos deo gosto. E logo diga: He possivel, que tanto temo a morte temporal, e tenha taõ pouco temor da eterna! E trate entaõ de se dispor para morrer, antes de morrer.

E como ha de ser isso? (me disse o morador) Dir-vos-hey: (lhe disse eu) morrendo para os gostos, deleites, honras, e haveres temporaes; porque são os gostos, e deleites desta vida a causa de padecermos na outra. Assim, que deve ser todo o nosso cuidado, e desvêlo em procurarmos aquellas obras de virtude, que nos haõ de servir de proveito espiritual na Bemaventurança: soffrendo as molestias com paciencia, em desconto das offensas, que temos feito contra Deos; e procurando muito agradá-lo, e servi-lo com as nossas obras boas. Porque lá diz aquella sentença:

Deos, que promette o perdaõ

A' syncera penitencia;

Naõ promette remissaõ

A' pensada negligencia.

Em quanto á razão de me dizeres que vos não dá lugar a vossa enfermidade, para poderes fazer penitencia: Sabey que diz S. Bernardo, que ha dous generos de penitencia: huma corporal, e outra espiritual. A corporal castiga, e afflige o corpo, como são diciplinas, jejuns, cilicios, dura cama, vestido aspero, e outras cousas semelhantes. A espiritual, e interior, mais excellente, e levantada, consiste

fiſte em reger, e governar os movimentos do noſſo appetite, andando hum cada dia pelejando contra ſeus vicios, e más inclinaçoens; e negando ſe ſempre á ſua propria vontade, e ſeu meſmo juizo; vencendo ſua ira; reprimindo ſua colera, e impaciencia; refreando ſua gula, e todos ſeus ſentidos, e movimentos. Eſta pôdem fazer fortes, e fracos; ſãos, e doentes; moços, e velhos: porque dominar o eſpirito, desprezar a honra, e exercitar outras ſimilhantes mortificaçoens, val mais do que fazer grandes penitencias de tomar diciplinas, jejuns &c.

E aſſim vos digo, que para exercitar eſta ſegunda penitencia, não ſão neceſſarias forças corporaes: e por eſta razão vos advirto, que ainda neſſe eſtado, em que vos achais, podeis fazer muitos merecimentos, e ſerviços a Deos. Conſiderando finalmente, que ſomos peregrinos, e que vamos caminhando para a noſſa patria, que he o Ceo: o qual ſe não alcança por ventura; porèm ſim por diligencia, e trabalho.

Tão ſatisfeito eſtou, Senhor, (me diſſe o morador) dos conſelhos, e documentos, que me tendes dado; que vo-lo não ſey com palavras explicar. E de hoje por diante terey todos os trabalhos, e enfermidades, que padecer, por mimos, e regálos dados por Deos.

CAPITULO XXII.

Declara o mesmo morador ao Peregrino a forma em que dispõem de seus bens no testamento que tem feito: E o Peregrino lhe aconselha o como deve testar com acerto, para assegurar a sua salvação.

MAs ja que estamos tratando de materias tanto do proveito da alma; (continua o morador) Tomára que me dissesseis, e aconselhasseis, se no que tenho deixado, e disposto que se faça no meu testamento, obro bem? Podeis dizer, Senhor, (lhe disse eu) a disposição d'elle. Primeiramente (me disse o morador) vos quero advertir, que como não tenho herdeiros forçados, e me acho de presente com mais de cincoenta mil cruzados de cabedal em bens móveis, e de raiz; tenho ordenado, e feito o meu testamento na forma seguinte.

Que meus testamenteiros, depois de pago o meu funeral, e cumpridos os meus legados, da mais fazenda, que ficar, se dem a dez moças orfãs, donzelas, brancas, e sem casta de alguma infecta nação, cem mil reis a cada huma para seus dotes, se tomarem o estado de casadas: para o que lhes tirarão as informações necessarias. E de tudo o mais que me restar de meu cabedal, se encapelle em propriedades de casas de pedra, e cal, ou em fazendas, que tenham bons rendimentos, para que de seus lucros meus testamenteiros, e administradores fação pela minha alma tudo aquillo, que eu faria pelas suas, se mas deixassem encarregadas. Vede agora, Senhor, se tenho feito bem na fórma que tenho disposto do meu cabedal.

Para vos responder, Senhor, (lhe disse eu) ao que me perguntais; vos hey de trazer hum exemplo. Costumaõ os maritimos navegantes, quando vaõ buscar algum porto, ou terra, ainda no meyo do largo, se vem em alguma parte o mar encapellado, fugir daquelle lugar: porque lhes tem mostrado a larga experiencia, que, vazando a maré, se vê naquelles lugares pedra, ou area. Supponde que assim saõ semelhantes deixas, e disposições de testadores em bens encapellados nessas propriedades. Em quanto está a maré chêa: isto he, novas as casas, e rendosas as fazendas; aproveitaõ-se os testamenteiros, e administradores de seus rendimentos. Porém tanto que lhes vay vazando a maré, e começaõ a necessitar de concertos as casas, e as fazendas de beneficios, e humas, e outras ficaõ na bayxa mar da velhice; cahem as casas, despovoaõ-se as fazendas; e não se vê naquelles lugares, mais que pedra, e area.

E se quereis ver isto mais claramente, ide a qualquer Villa, Cidade, ou Lugar, onde se costumaõ deixar semelhantes deixas; e reparay nas mais das casas, e fazendas, que virdes cahidas, e despovoadas, perguntay de quem foraõ aquellas propriedades: e vereis que vos respondem, que foraõ bens de Capellas por deixas de testadores. A'lém de outros muitos inconvenientes, que acerca deste particular se offerecem, e deixo á consideração dos doutos, e pios Varões; porque pela brevidade com que vos fallo, não posso explicar-vos tudo.

Melhor me não pudéreis convencer, e dissuadir, Senhor, (me disse o morador) e mostrar o grande erro, que eu intentava fazer. Porém agora com duplicado encarecimento vos peço que me digais o
como

como poderey melhor dispor dos meus bens , para segurança da minha salvação.

Supposto, Senhor, (lhe disse eu) que he muy difficulosa cousa o aconselhar nella materia ; e ainda os mais doutos, e prudentes se escusão de repartir a fazenda alhea, pelos muitos encargos, e consequencias, que disso resultaõ á consciencia : com tudo, como tanto me obriga o vosso grande primor; direy o que sinto nesse particular , sujeitando-me ao melhor parecer.

Haveis de saber que hum dos mayores erros em que costumaõ cahir os mortaes , he fazerem por adquirir muitos cabedaes, com grandes encargos de suas consciencias ; para depois os deixarem talvez a quem os desperdice: podendo em suas vidas restituí-los a quem os tiráraõ tam mal, e indevidamente. Porque pela mayor parte semelhantes riquezas não servem neste mundo mais, que de levar as almas ao profundo do inferno.

Porém suppondo que esles vossos cabedaes sejaõ licitamente ganhados ; fazey que se não diga de vós, o que se pratica dizer de muitos ricos: porque ordinariamente quando algum destes morre, se costuma perguntar , quanto deixou ; devendo-se dizer , quanto leva de boas obras. Porque melhor he levar, que deixar : e ja ouvirieis dizer , que a candêa que vay diante , allumia ao que vay atraz. E vede, quanto melhor acerto será hum em sua vida repartir comfigo, do que mandar depois de morto a outrem que o faça , em materia de tanta importancia, como he a da salvação ; pela grande mora com que alguns testamenteiros o fazem; além das muitas controversias dos herdeiros, e demandas , que disso resultaõ , como a cada passo o estamos vendo.

E o peyor he, que sendo tantos os exemplos, e tam repetidas as advertencias, como a cada hora se offerecem; não ha quem se queira defengandar: sendo que he grande prudencia em materias de salvaçaõ, não se fiar nenhum homem, mais que de si: tratando de se aperceber com obras santas, com que se purifique, para que possa apresentar-se diante de Deos na hora da morte, como sacrificio puro, e digno de sua divina presença. Porque diz o Espirito Santo: Muitos homens são chamados misericordiosos: mas varaõ fiel, quem o achará? (*Prov. 20.6.*) o que commentando Hocala, diz que se entende assim: Homens, que fação bem a vivos, poderá por ventura havê-los: porèm homem, que guarde lealdade aos defuntos, he cousa rara no mundo.

Podiaõ estes ricos ter em suas vidas grande merecimento para com Deos distribuindo em obras pias os seus bens: porque lá disse hum Author, que o ouro, e os cabedaes são como hum máo humor, que se o não gastaõ, nos gasta as vidas. E infiel he a Deos, quem do que lhe sobra não reparte com quem lhe falta o necessario; pois lho deo para isso: e muitos por miseros o estaõ guardando até a hora da morte, e por elles se diz: Ninguem larga sem dôr, o que possue com amor. E quando o largaõ, he porque o não podem levar. E vede o que lá disse hum Contemplativo: Que quem neste mundo lhe sobra o cabedal, succede-lhe na outra vida vir a faltar-lhe. E porque cuidais que succede isto nos homens? Pela desordenada ambiçaõ.

Oh desgraça dos mortaes! Oh cegueira da ambiçaõ, como te vejo irremediavel! Trabalha toda a vida hum desses miseraveis, feito hum bruto, ou cavallo de almanjarra de hum Engenho; tanguido
por

por hum moleque, que he o diabo da ambição; ferido a golpes com os azorragues do interesse; andando em huma bolandeira, ou roda vida de mais adquirir riquezas, tanto de noyte, como de dia; sem mais proveito, ou lucro, que huns olhos de canas seccas, que lhe dão a comer, e beber huma pouca garapa cuja: sendo todos os lucros deste trabalho para o senhor do Engenho, e lavradores de canas, que são os herdeiros, que lhe vem a possuir as riquezas, que nesta vida com tanto desvêlo ganhou: e quando morre hum destes miseraveis, o enterraão desfor-te, que delle não ha mais lembrança; porque ja para nada serve. E se lhe perguntaão a hum destes ambiciosos, porque assim obra daquella forte; costuma responder com hum adagio, que lhe tem enfi-nado o Demonio: Que mais val deixar a mãos, que pedir a bons. (como se o pedir pelo amor de Deos fora peccado) Não quero dizer nisto, que deixem os homens de trabalhar para comerem; por-que Deos nos manda que trabalhemos: porém o que reprovo he serem tam ambiciosos, que venhaão a perder a alma, por enriquecer.

A este proposito, vos direy o que vi succeder a hum rico destes, estando enfermo para morrer. Fez este o seu testamento, mais a persuasoens de alguns seus amigos, e da mulher, com quem era casado, que de sua propria vontade. E depois de deixar cem mil reis para algumas obras pias, fez huma verba, na qual deixou: Que tudo o mais que lhe coubesse á sua meação, por não ter filhos, nem herdeiros forçados, o deixava a sua mulher, para que fizesse pela sua alma, o que elle faria pela sua. E desta sorte fechou o seu testamento.

Passados quatro mezes depois de fallecido este

homem, casou a mulher com outro, o qual logo tratou de toda a fazenda como sua, pois lha entregárao voluntariamente, a qual importava mais de trinta mil cruzados em todo o monte. Teve confiança hum Compadre desta mulher, para lhe perguntar: Que suffragios tinha mandado fazer pela alma do marido? Respondeo-lhe ella: os que o defunto meu marido havia de fazer pela minha alma, se eu fallecera primeiro que elle: porque como foy em extremo miseravel, de mim se não havia de lembrar. E como assim o considero, não lhe tenho mandado fazer suffragios alguns, nem tenho tenção de os mandar fazer.

Porém não viveo muitos annos esta mulher, nem seu segundo marido; porque ambos acabárao as vidas brevemente. Aqui tendes o que são semelhantes deixas, e disposições de testamentos, por se fiarem os homens dos homens, ou ainda de suas proprias mulheres. E por isso diz Deos por bocca de hum Profeta: Maldito seja o homem, que de outro homem se fia.

E assim vos digo, Senhor, que suppostas as raçoens ja ponderadas: da mais fazenda com que vos achardes no fim da vossa vida, grande acerto será que a repartais com quem vo-la deo, e está proven-do, e a todo o genero humano, que he Christo Bem nosso: o qual além de estar em toda a parte, em quanto Deos, se acha, e esta no Santissimo Sacramento em todas as Igrejas onde ha Sacrarios; porque assim no-lo ensina a Fé, e elle mesmo no-lo prometteo dizendo: *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculi.* (Matth. 28. 20.)

E vede agora com quanta razão he muito mais bem

bem empregado o deixar hum Christão os seus bens a hum Pay tam amoroso, que se dignou ficar connosco até o fim do mundo, para nos acudir, e remediar temporal, e espiritalmente; do que deixá-los a homens, que só tratao de suas conveniencias, sem se lembrarem das almas dos testadores, como actualmente o estamos vendo, e experimentando.

E depois disto, tambem fera acerto que repartais a vossa fazenda com as Irmandades, e Confrarias dos Santos: porque, como foraõ, saõ, e haõ de fer vossos Advogados, bem he que tambem vos mostreis agradecido áquelles, de quem tendes recebido tantos beneficios, e esperais receber as suas intercessões para com Deos.

E o mais, que ficar de vossos bens, deixay que se repartaõ em duas partes iguaes: huma com as Almas do Purgatorio, por serem innumeraveis os beneficios, que resultaõ a quem usa de caridade com ellas, e a outra parte com os pobres, não excluindo a algum necessitado. E não permittais que sejaõ vossos testamenteiros inquiridores, nem fícaes das geraçoens dos pobres, tirando-lhes inquirições da limpeza do sangue, e tambem *de Vita & moribus*: como se os miseraveis pobres se quizessem ordenar de Ordens Sacras, e as necessitadas mulheres intentassem ser Freyras.

Tomay exemplo de S. Luiz Rey de França, que quando repartia as esmólas com os pobres, não fazia excepção de pessoa; até aos infieis loccorria: e por essa causa se convertiaõ muitos á nossa Santa Fé, por verem a grande caridade, com que hum Rey Christão procedia para com elles. Diz Christo Senhor nosso no Evangelho: Dá a todos os que te pedirem. (*Luc. 6. 30.*) E nesta doutrina nos está en-

finando que não devemos excluir a pessoa alguma, para deixarmos de a soccorrer. E daqui, parece, procedeo aquelle rifaõ antigo, que diz: Fa-ze bem, não cates a quem. Porque todo o proximo tem direito natural para pedir, e fer remedia-do.

Na primitiva Igreja viviaõ os Christãos todos do commum: o que mais tinha, remediava ao pobre necessitado: por isso entaõ houve tantos Santos. Hoje vivem os Christãos, cada qual para si: por isso não achaõ a Deos propicio, para os livrar dos infinitos peccados, em que estaõ cahindo, sem se poderem levantar. E o peyor he, que se algum destes ricos me ouvira, se havia de rir. Porém lá vi-rá tempo, em que chorarãõ, sem se poderem ja-mais aproveitar, nem alegrar.

E assim vos digo, que pelo meyo da esmóla po-deis satisfazer por vossas culpas, supprindo com el-la a falta da penitencia; pois diz Christo Senhor nosso: *Misericordiam volo, & non sacrificium.* (Mat-th. 9. 13. & 12. 7.) E tambem vos encommendo que sejais muy caritativo para com todos os Religiosos, e principalmente para com os Mendicantes. Por-que pelo bem, que lhes fizeres, participareis de todas as rezas, e suffragios, que costumaõ fazer pelos bemfeitores: e tereis aos seus Santos por vos-sos intercessores para com Deos em todos os vossos trabalhos espirituaes, e temporaes.

Porèm fallando agora das pobres donzellas ex-cluidas desses testadores, e de similhantes disposi-çoens dessas verbas de testamentos. Notaveis con-sequencias resultaõ desses exames de gerações, que costumaõ fazer esses testamenteiros, e administra-dores,

dores tanto em prejuizo, e descredito das pobres donzellas: porque, sobre as não soccorrerem com a esmóla, as deixaõ infamadas por tomarem essas informaçoens muitas vezes com pessoas mal affectas aos parentes dessas pobres donzellas; estando tal vez ellas obrando com tam bom procedimento, que tudo merecem pela sua honra, e virtudes.

Romperão em queixas, sem duvida, com muita razão contra quem foy o motor de seus descritos, e diraõ: He possivel, que pondo-se Christo Senhor nosso na Cruz, para soccorrer a bons, e máos, que lhe pedirem o seu amparo, e favor; sejaõ tam avaros os homens, que daquillo mesmo, que Deos lhes deo para repartirem connosco, nos queiram deixar desfavorecidas, e desamparadas; por hum defeito, que não esteve, nem está nas nossas mãos emendá-lo, pois Deos assim nos fez, e sabe o porque o permittio! E que sobre nos deixarem famintas, nuas, e com as mãos vazias, ainda nos tirem o mesmo credito, sem repararem no damno, que disso nos resulta! Que culpa tivemos de nascermos pobres, e de bayxa geração, para não sermos soccorridas com caridade; estando nós obrando com tanta satisfacção na inteireza da boa honra, e honestidade, que só por isso deviamos ser amparadas com piedade, pois Deos assim o manda, e encomenda aos homens em seus divinos preceytos? O que agora estamos experimentando tanto pelo contrario pelos homens em nós executado com tanta impiedade, como se foramos de outra diversa ley, ou nação. Oh lastima para ser sentida! Oh tyrannia do genero humano!

Porém a isso lhes dissera eu a essas pobres desfavore-

favorecidas donzellas, que se não desconsolassem, e que tenham muita fé em JESUS Christo Bem nosso: porque no mayor de seus desamparos, então serão mais favorecidas. Porque eu conheci muitas dessas excluidas, que por perseverarem em seus bons procedimentos, foram de Deos soccorridas, e amparadas.

E assim fiquem todos entendendo, que não ha tão grande nobreza, e fidalguia na presença de Deos, como são todos aquelles, que sabem guardar seus divinos preceitos, fazendo boas obras em seu santo serviço: porque pouco importa nascer hū nobre, e de limpa geração, se este offende a Deos, e não guarda a sua santa Ley. Comprova-se esta verdade pelo que estamos vendo, e cremos de fé; pois sendo muitos humildes de geração, e desprezados de alguns, estão hoje na Igreja de Deos canonizados por Santos. O ponto está só em deixar de peccar, e em fazer boas obras de virtude na Ley de Christo Senhor nosso; que Deos nunca falta, nem ha de faltar com a sua divina piedade, e misericordia em nos ajudar nesta vida, e na outra dando-nos a salvação.

E assim vos digo agora, ó pobres, e desconsoladas donzellas, que todo o vosso bem, e esperança deveis pôr em Deos: e não queirais ser como alguns pobres, que toda a sua confiança a põem nos ricos; quando, tanto os ricos, como os pobres, só em Deos havemos de esperar, e buscar o seu amparo: porque elle mesmo diz: Buscay-me, fereis favorecidos. (*Prov. 9. 21.*) E em outro lugar por David: Bemaventurado o que espera em o Senhor. (*Psal. 33. 9*) E assim venho a concluir, que toda a nossa esperança, e confiança devemos pôr em Deos:

Deos : porque só elle nos póde dar , e remediar , tanto os bens temporaes , para podermos passar esta vida mortal ; como os da gloria , se lha merecermos com boas obras.

E para confirmação do mais, que vos tenho dito, (disse eu ao morador) acerca do como haveis de repartir os vossos bens: tomay exemplo daquelle Divino Exemplar Christo Senhor nosso , quando fez o seu testamento. Entregou o seu divino espirito ao Padre Eterno: o seu amado discipulo , o deixou recommendado a sua Santissima Mãe : e os thesouros de seus sagrados merecimentos os deo , offereceo , e repartio com todo o genero humano , sem reservar, nem exceptuar qualidade de pessoa alguma ; os quaes estão manancialmente no Santissimo Sacramento , até o fim do mundo , para todos os que delles se quizerem valer , e aproveitar.

E para em tudo nos dar cabal prova , e exemplo do como devemos viver , e acabar : antes de subir aos Ceos, desceo ao inferno, chamado Seyo de Abrahão , a tirar as almas dos Santos Padres , que lá estavam esperando pelos thesouros de seus divinos merecimentos , para poderem ir gozar da Bemaventurança. Porque nos quiz mostrar este misericordioso Deos , que tambem nos devemos lembrar das almas do Purgatorio , na representação daquellas que estavam no Seyo de Abraham , com as nossas deixas , e suffragios , pelos innumeraveis beneficios , que dislo resultaõ a quem o faz , como ja vos disse.

E para que vissemos que tambem se lembrava dos Santos ; por isso deixou recommendado S. João a sua Santissima Mãe , figura , e representação das Irmandades , e Confrarias , de quem devemos ter lem-

lembrança na vida, e na hora da morte.

Finalmente, deixou todos os mais thesouros de seus divinos merecimentos repartidos com os pobres, que foraõ, saõ, e haõ de ser todos aquelles, que entaõ se aproveitáraõ, se estaõ agora aproveitando, e se haõ de aproveitar de tanto bem para o tempo futuro até o fim do mundo. E tanto fez por nos enriquecer, e remediar; que até a mesma vida deo, por nos deixar com a herança dos bens da gloria. E assim ficay entendendo, que todo o Christaõ deve imitar a Christo; pois isto he ser Christaõ, como diz S. Leaõ Papa. E esta he, Senhor, a summa do muito, que vos pudera dizer acerca do que me tendes perguntado.

Verdadeiramente vos digo, Senhor, (me disse o morador) que estou muy pago, e satisfeito do que me tendes dito: e agora conheço que foy Deos servido trazer-vos a esta casa, para me porem no caminho do melhor acerto de minha salvação. Queira Deos dar-me tempo, para que possa obrar tudo o que me tendes advertido, e aconselhado. Assim o ha de ordenar a sua divina providencia; (lhe disse eu) porque como o fim que pretendeis he bom, não ha de faltar com a sua divina misericordia. Alli passey todo o dia; até que anoiteceo, e me deo agazalho o dono da casa, com grande demonstração de amor.

Despertey, quando ja os verdes coqueiros esta-
vaõ batendo com as palmas, porque o fresco ter-
ral lhes desterrava o temor das sombras negras da
noyte, e a Aurora rutilante espalhando-se pelos ho-
rizontes communicava aos viventes todo o conten-
to, e alegria. E sahindo eu á varanda, me encofstei
a hum peytoril, e dalli vi no terreiro os vigilan-
tes

tes gallos, os bufantes perús, os soberbos patos, as diligentes gallinhas, muitos frangãos, e pintãos : o que tudo me servio de recreyo á vista, e entretenimento ao gosto. E lançando os olhos para o dilatado do pasto, vi correr os contentes cordeiros, saltar os ligeiros cabritos, balar os sequiosos bezerros, e finalmente todo o mais gado pastar no prado. E tambem folguey de ver a bõa ordem com que estavaõ plantadas muitas arvores fructíferas, humas carregadas de fructa, e outras cheas de flores.

A este tempo sahio o dono da casa, e dando-me os alegres dias, lhe conrespondi eu muy cortezmente, agradecendo-lhe juntamente o bom agasalho, que me tinha feito. E logo lhe disse : com muita razão, Senhor, se diz : Se queres ter alegria, planta, e cria. Porque me tem agradado muito o ver nesta vossa Fazenda abundancia de criação, tanto das aves mansas, como dos animaes domesticos; e a bõa ordem, com que estaõ plantadas tantas arvores, com tam grande primor da arte da agricultura. E por isso venho agora no cabal conhecimento, porque tanto alludio aquella douta penna de Guevara (no seu Livro, *Menosprecio de la Corte, y alabanzas de la Aldea*) ás grandes conveniencias, que resultaõ aos que vivem, e moraõ fóra das Villas, e Cidades.

Por certo, Senhor, (me disse o morador) que quando não fora por outra razão, senão por hum homem se livrar de se andar a vestir, e a despir todos os dias, quando vay ás ruas, e se recolhe para sua casa; só por isso se devia fugir das Cortes; além dos demasiados gastos, que se fazem nas Villas, e Cidades.

Fallais com muito acerto, Senhor: (lhe disse eu) porque o mesmo Guevara chamou grilhaõ dourado ás demasiadas gallas, e atavios, com que os homens tanto se empenhaõ, para andarem enfeitados, e bizzarros nas praças. E fallando acerca dos gastos, diz o mesmo Author: Que na Corte, muitas vezes se gasta mais na lenha, que na olha. Por certo (me disse o morador) que eu ja experimentey esse dito de Guevara: porque estando na Corte de Lisboa, e appetecendo jantar humas dobradas, dobrey o dinheiro no gasto da lenha.

E como se hiaõ ja fazendo horas de seguir a minha jornada, me mandou o dono da casa dar de almoçar: vacca assada, leite quente, ovos frescos, e doce frio. E depois que almocey, e dey graças a Deos, lhe disse: Bem conheço, Senhor, que quanto mais pertendo distanciar-me de vossa presença, mais me aparto de tanto bem: porèm, como necessariamente me he forçoso seguir esta jornada; por isso vos peço agora licença para o poder fazer.

Parece que, de sentido, e faudoio, para melhor se explicar, com as lagrimas nos olhos me disse o morador: Se estivera, Senhor, a vossa jornada em sollicitar os cabedaes desta vida; dos bens que possuo, de boa vontade repartira comvosco, só por vos ter em minha companhia. Assim o creyo, Senhor, (lhe disse eu) de vosso generoso, e desinteressado animo. Porèm haveis de saber que o fim, que pertendo alcançar, não são os haveres do mundo; porèm sim os eternos: e estes nos conceda Deos a todos, com muitos augmentos de sua graça. E com demonstrações de muy reciproco amor, me despedi do dono da casa.

CAPITULO XXIII.

Do encontro, que o Peregrino teve com hum Padre Capellaõ: e da conversaçãõ, que tiveraõ acerca do estado Sacerdotal.

JA' neste tempo tinha apparecido o Sol, e com passos agigantados se via subir aos montes, e tambem desceraos valles; e registando esses orbes, e dominando essa maquina, mostrou que era Monarcha das luzes, e Presidente dos Astros. E pondo-me a caminho, fuy seguindo a minha jornada aquella manhãa até quasi ás onze horas: quando avistey huma verde matta, na qual entrey; e depois de ter andado meya legoa, achei hum ribeyro, que por entre verdes espadanas estava convidando aos caminhanes, para que gozassem de suas claras, e correntes agoas.

Alli jantey: e como era o lugar ermo, e solitario, estive sempre desvelado. Eys que ouvi hum tropel, que me pareceo ser de hum cavallo desbocado, que arrebatado em furor se despenhava por entre aquella espessura: e reparando, vi ir correndo huma Anta, distante do lugar em que me achava, quasi hum tiro de pedra; e logo em seu seguimento hum Tigre tam furibundo, que me causou notavel temor. E desapparecendo huma, e outra fera, a pouca distancia ouvi ruido como de huma luta, e alaridos da affligida Anta. E pondo-me a caminho com passos apressados, fuy seguindo a minha jornada por me não atrever a apartar dous brutos.

E fazendo entãõ este discurso, disse commigo: Quem haverá no mundo, que esteja livre de ser ac-

commettido

commettido de hum perigo, e assaltado de hum contrario, aindaque traga huma coura de anta, e viva em hum deserto? Só esta consideração bastava, para que qualquer creatura racional vivesse com grande receyo, e cautela, procurando passar com toda a diligencia, e cuidado para aquella Patria, onde não ha risco de vida, nem temor da morte, que he a Bemaventurança no Ceo: e não ser como muitos tam afeiçoados á terra, que desprezando o socego divino, e paz eterna, vão parar no centro do inferno, onde de feras infernaes são accommettidos, e despedaçados a cada instante, sem nunca acabarem de padecer, e para sempre serão atormentados.

Por certo, Senhor, (me disse o Ancião) que não foy tam pequeno favor do Ceo, o livrares desse encontro: porque he sem duvida, que assim como esses brutos tomáráo aquella vereda, poderião também encaminhá-la por essa parte onde vós estaveis, e largar o Tigre a preza, e fazê-la em a vossa pessoa. Como Deos he de tanta piedade, (lhe disse eu) livrou-me a sua divina misericordia de tão grande perigo. Assim o devemos considerar piamente: (me disse o Ancião) podeis continuar a vossa narração. Eu a profigo, Senhor, lhe respondi eu; pois que com tam discreta attenção me quereis ouvir.

Seriaõ ja quatro horas da tarde, quando avistey hum dilatado campo, e no meyo delle em hum alto huma Igreja, e junto della huma casa de vivenda: e continuando os passos, vi dentro da varanda da casa hum Sacerdote de joelhos, com hum livro nas mãos. Saudey-o, mandou-me entrar, e deo-me assento. E tanto que acabou de rezar, me disse: Não me tenhais por hypocrita, Senhor, por me achares rezando

rezando de joelhos: porque de outro modo (tendo faude, e estando orando, que val o mesmo que falar com Deos) me parece que he faltar ao culto, e reverencia, que se deve a tão superior Magestade: principalmente no estado de Sacerdote, pela representação que temos com os Anjos.

Tão longe estou, Senhor, (lhe disse eu) de vos estranhar essa acção; que antes vo-la louvo muito, pois nos estais insinuando o como havemos de orar, e reverenciar a Deos: além do grande exemplo, que também estais dando a alguns Sacerdotes, que com pouca devoção, e menos reverencia rezaõ o Officio Divino, tanto pela pressa com que o lem, como pela grande distracção com que o recitão; porque costumão muitos entre Salmo, e Salmo (em lugar das Antifonas, e liçoens) metter varias palavras escusadas com os Seculares. E se ainda entre os homens se tem por acção indecorosa, e menos cortez, interpolar a conversação; vede agora com quanta mayor razão se deve tratar com mais respeito com Deos na oração.

E o que mais se deve estranhar, he ver a pouca devoção, e menos reverencia, com que alguns Sacerdotes costumão celebrar o santo Sacrificio da Missa; devendo fazê-lo com toda a reverencia, e devoção. Quicá que por isso tenham grangeado muitas Religioens grandes creditos entre os Seculares, pela devoção, e modestia, com que celebrão este santo Sacrificio, e os mais Officios Divinos: não porque sejam mais doutos, e devotos que os mais; porém sim pela grande edificação com que observão os Estatutos da sua Regra.

A este proposito vos direy o que vi succeder estando ouvindo Missa. E foy o caso, que indo a fa-

zer o Sacerdote as bençoens em cima do Caliz, pela grande pressa com que estava celebrando, deo com os dedos na palla, que o estava cobrindo, e a fez saltar fóra, e cahir do Altar; e por milagre não derrubou o Caliz.

Tambem não deixaõ de ser notados alguns Sacerdotes quando dizem Missa, pelo grande encolhimento com que levantaõ a Hostia depois de consagrada, sem que a deixem ver, e adorar do povo, que está ouvindo Missa, como se foraõ estes Sacerdotes tolhidos dos braços. E por isso parece manda o Sagrado Concilio Tridentino, que se não ordenem homens que forem aleijados. E succede por esta causa ficarem muitas pessoas taõ descontentes, como desconsoladas: porque lhes parece que não tem ouvido Missa; e vão buscar outra, para verem, e adorarem a Deos.

Diz Joaõ Campello no seu *Thesouro de Ceremonias* (§.34.) que os Sacerdotes devem levãtar a Deos: no que parece está advertindo aos Celebrantes, que mostrem a Hostia, depois de consagrada, ao povo, que está ouvindo Missa. A'lem de que, dizem os Sagrados Expositores, que o levantar-se na Missa a Hostia, e o Caliz, significa a Christo crucificado na Cruz, para que seja visto, e adorado dos Christãos.

Outros Sacerdotes são taõ apressados, e velozes no levantar a Deos; que mal o deixaõ ver, e adorar. Esta devia ser a razãõ, porque se conta, que indo passando o Veneravel Padre Mestre Avila por hum Altar, onde estava dizendo Missa hum Sacerdote; pelo ver estar celebrando com menos reverencia, lhe disse: Tratele bien, porque es Hijo de un buen Padre.

Não quero dizer nisto, que sejaõ os Celebrantes
vagaros-

vagarosos, e descuidados em terem o Senhor tanto tempo levantado, que lhes succeda o que se conta de hum Sacerdote: o qual estando dizendo Missa em huma Igreja dos Reverendos Padres da Companhia, passou nessa occasião por perto d'elle hum Religioso da mesma Companhia; e vendo o muito que se detinha o Celebrante com a sagrada Hostia levantada, disse ao Acolyto: Mande repicar o sino, porque está o Senhor exposto.

Pois sabey, Senhor, (me disse o Capellaão) que tambem havemos de dar muy grande conta a Deos desses descuidos, e irreverencias. E por esta razão venho a entender, que se alguns Sacerdotes bem foubessem o estado que tem, seriaõ mais agradecidos a Deos, pelos admittir na sua Igreja por seus Ministros; e não se arrojariaõ tanto em procurar tão alto, e superior estado, para depois o não estimarem, nem usarem d'elle como devem, e são obrigados.

E principalmente todos aquelles, que depois que são Sacerdotes, procuraõ ser Curas das almas. Porque tenho ouvido, no decurso de sette annos que estou nesta Capella, tão atrozes, e horrendos casos nas Confisloens; que bem vos posso affirmar, que se não tivera estudado tres annos Theologia moral no Collegio dos Padres da Companhia na Cidade de Evora, e não trouxera alguns livros da mesma Sciencia; não sey como poderia dar soluçãõ a taes casos.

E assim vos digo, Senhor, que se os Illustrissimos Prelados bem foubessem o quanto se necessitava de Sacerdotes capazes, e idoneos para Curas, e Vigarios destes Sertoens, e partes de fóra: talvez que seriaõ mais bem examinados estes; e não se-

riaõ tão rigorosos os exames para aquelles , que procuraõ as Igrejas das Villas , e Cidades , onde se achaõ grandes talentos , e Mestres nas Religioens , com os quaes se pôdem consultar as duvidas , e os penitentes achar recurso para confessarem seus peccados.

Acerca desse particular , Senhor Reverendo Padre , (lhe disse eu) me persuado , que huma das razoes , que tem os Illustrissimos Prelados para usarem de tão rigorosos exames com esles pertendentes das Igrejas das Villas , e Cidades ; he , não tanto pela necessidade da sciencia , quanto para dissuadirem aos menos idoneos . e escolherem os mais benemeritos : porque muitos se oppõem ao concurso dessas Igrejas , levados mais do interesse , que do zelo da casa de Deos.

Assim me parece ; (me disse o Capellaõ) porque está hoje o mundo (e principalmente este Estado do Brasil) em taes termos , que mais parecem alguns Sacerdotes mercadores negociantes , que Ministros de Deos , e Curas de almas . E se não , vede o que está succedendo nos tempos presentes . Oppõem-se hum Clerigo a qualquer Igreja : e a primeira cousa que procura , he saber o quanto rende cada anno , e o que tem de benezes : se são ricos os freguezes , e se dão boas offertas . Sendo que só deviaõ procurar , se havia bons paramentos na Igreja ; e se eraõ devotos , e zelosos os freguezes de obrar bem no culto Divino : e quando muito , saber se era o sitio sadio , e se havia bom passadio do sustento corporal .

Como isso lhes não dá rendimento , nem dinheiro ; (lhe disse eu) he o porque não perguntão : e só tratão de saber do que os ha de fazer ricos . Porém advirtão que (pelo que tenho lido) não servem esles

esses cabedaes nas mãos de alguns Sacerdotes, mais que de sua perdição: porque como não tem as obrigações dos homens casados, nem os encargos de outros estados; só lhes servem de os empregarem em vícios. E se não, vede o que diz S. Cyrillo: Que os cabedaes dão pasto á luxuria, á cobiça, e a outros muitos vícios; os quaes não fomentariaõ os que não fossem ricos, porque lhes faltaria a lenha para accender, e conservar tanto fogo. (*Lib. 2. in Job. cap. 5.*)

E por isso acudio o sagrado Concilio, e os Santos Doutores, a repartir os bens dos Sacerdotes, principalmente dos que tem rendas da Igreja. Diz S. Jeronymo *ad Damasum*, que tudo quanto lograõ dos bens da Igreja (excepto o que lhes he necessario para sua congrua sustentação) não he seu, mas dos pobres: *Quidquid habent Clerici, pauperum est.*

Mas porque muitos Sacerdotes se não governaõ por esta medida, e regra, gastaõ as rendas de seus beneficios tão superfluamente. Sendo que, bem considerado, nem ainda são seus estes bens. Porque diz Tertulliano, que são patrimonio dos pobres, e ofertas, que os fieis deraõ á Igreja em satisfação de seus peccados, como o certifica, e assevera o Papa Urbano I: *Vota fidelium, & pretia peccatorum, ac patrimonia pauperum.* E finalmente são preço do sangue de JESU Christo, como affirma S. Bernardo. Vede agora, quem se atreverá a gastar, e desperdiçar tão grande valor em cousas vãs, e tão profundas. Mais vos pudera dizer; porèm a modestia me faz calar.

Fallais com muito acerto, Senhor; (me disse o Capellaõ) porque o verdadeiro Sacerdote Cura de

almas, não o devem levar tanto as suas conveniências, quanto o zelo da casa de Deos: e muy particularmente o bem espirital dos seus freguezes, pelo grande encargo que temos de dar delles conta a Deos. Esta doutrina no-la ensinou Christo Senhor nosso naquella parabolá do Evangelho da ovelha perdida: além dos mais lugares da sagrada Escritura, e preceitos da Ley Divina.

Por esta causa ordenou Deos que a Santa Madre Igreja observasse, e assinalasse quatro tempos, ou temporas no anno; e que nellas dessem Ordens os Bispos, e Arcebispos aos Clerigos; e que nesses tempos orasse, e jejuasse todo o povo Christão, para que Deos nos desse bons Sacerdotes, pelo grande bem espirital que disso nos resulta, tanto para as nossas almas, administrando-nos os santos Sacramentos, como para augmento de nossa santa Fé, como Ministros que somos de Deos, pelos sacrificios, que lhe fazemos na sua santa Igreja Catholica.

E que me direis, Senhor, (lhe disse eu) de huns certos Prégadores Missionarios, que costumão ir ás Minas, e a esses Sertoens, mais levados dos interesses do ouro, e cabedaes, que do zelo de servir a Deos, e ao bem das almas? Sendo que tem estes taes Missionarios Apostolicos huma excommunhaõ contra si, expedida pelos Summos Pontifices, em que mandaõ, que nenhum Sacerdote andando em Missaõ possa levar dinheiro, nem outra qualquer paga por Sermoens, nem ainda pelo sacrificio da Missa, excepto alguma limitada esmola, para seu sustento; pelas grandes consequencias, que disso pôdem resultar.

Assim he, Senhor: (me disse o Capellaõ) e muito

to melhor lhes fora a esses Sacerdotes irem a essas partes a titulo de se remediarer pelas suas Ordens, havendo urgente causa para o fazerem : porque além do pouco fructo, que fazem a Deos, e a seus proximos, mettem as suas almas no inferno. E não deixarey agora também de vos perguntar, que juizo fazeis de certos Sermoes de graças, que costumão fazer alguns Prégadores, para fazerem rir o auditorio nas Igrejas?

Parece-me, Senhor, (lhe disse eu) que melhor fora serem esses Sermoes de doutrina, e feitos de graça; do que serem de graças por dinheiro, para não virem a experimentar esses Prégadores as desgraças da condenação eterna: e que se devem muito estranhar; porque sendo o pulpito cadeira, para della se ensinar a palavra de Deos, e explicar o santo Evangelho; costumão alguns Prégadores fazer delle theatro, para representarem graças, e palavras ociosas. E por isso havemos de ver, e ouvir no dia do juizo reprovadas por Deos muitas cousas, de que os homens neste mundo fazião, e fazem tanta estimação.

Lembra-me a este proposito, que ouvi contar, que appareceo hum Religioso de boa opiniaõ, depois de morto, a hum seu Companheiro, e lhe disse: Que estava no Purgatorio padecendo grandes tormentos, por humas graças que dissera no pulpito em huma manhã da Resurreiçaõ.

Ora já que temos tocado nesta materia de Ora-dores, (me disse o Capellaõ) tomára que me dissesseis, que partes deve ter o bom Prégador para agradar a Deos, e fazer bem sua obrigação para aproveitar ao povo.

Senhor, (lhe disse eu) supposto que já por dou-

tos entendimentos estejam ditas, advertidas, e apontadas as regras, e theoricas do pulpito, como se deve haver o bom Prégador, para agradar a Deos, e aproveitar aos ouvintes; direy, por vos satisfazer, o que entendo:

Primeiramente digo, que se o Prégador não puder ser como o pescador, com quem os comparou Christo Senhor nosso, por pescarem as almas dos peccadores do mar da culpa; como o fizeraõ os sagrados Apostolos, e os mais Santos áquella imitação, sejam como pilotos. Isto he: que quando entrarem no navio, ou náó da Igreja, e se puzerem encima da cadeira, ou do pulpito; para fazerem boa derrota, he necessario que vão primeiro bem aparelhados dos instrumentos Divinos, para poderem navegar com acerto; levando o astrolabio do amor, e temor de Deos, a balestilha da Cruz, a carta de marear da sagrada Escriitura, o roteiro da doutrina dos Santos Padres, a agulha da Sciencia, o compasso da prudencia, a ancora da fé, a amarra da esperanza, a matalotagem da caridade, e o prumo da humildade.

E confidere, que o Parocho, ou Superior daquella Igreja, he o Capitaõ do navio: que os mais Sacerdotes são os marinheiros, e serventes daquella embarcação: que os ouvintes do auditorio são os passageiros: e que todos vão fiados no seu saber, diligencia, e cautela. E assim deve este piloto vigiar de noite, e de dia: de noite, isto he, os peccados occultos, para os avizar do risco em que estão os passageiros; e de dia os peccados sabidos, e escandalosos, para os emendar, e reprehender aos ouvintes. Vigiano tambem o mar da soberba, os ventos da ambição, o fogo da luxuria, as velas da

da gula, as tempestades da ira, os cabos da inveja, o navio da pirguica, para que se não deite, ou vire naufragando. E fazendo esta diligencia, com o favor Divino podera fazer viagem a salvamento ao porto da salvação; onde será pago do dono do navio, ou Igreja, que he Deos nosso Senhor, com muitos augmentos da gloria.

Bem sey que serey notado de alguns Prégadores, principalmente dos que se achão comprehendidos em algumas faltas das que aqui aponto; porèm Deos sabe o zelo com que o digo. E por isso me valerey agora do que lá advertio aquella douta penna de hum Mestre na sagrada Ordem dos Prégadores, reparando em que alguns o censuravão, porque escrevia a verdade com clareza. O que emendo, diz elle, he máo; o que louvo, he bom: o que ler com santa intenção, tirará de meus erros acerto; o que a tiver enferma, tirará dos acertos erros. Além de que, não he outro o meu intento, que avizar a hum sabio, que ignora, ou não vê hum despenhadeiro; para que se não precipite levado de huma paixão do interesse, ou amor proprio.

Na verdade, (me disse o Capellaõ) que não poderieis com mais claro exemplo, e resumidas palavras explicar o muito, que se póde dizer acerca da obrigação que deve ter hum bom Prégador: e por isso me dais motivo agora, para vos perguntar em que Estudos aprendestes, e onde vos graduastes? Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que estudey na Universidade do tempo, li pelos livros da experiencia, e me graduey com os annos.

Por isso com muita razão (me disse o Capellaõ) se diz: Que não ha cousa que mais ensine aos homens,

mens , e mais praticos , e noticiosos os faça, como são aquelles, que são ensinados do tempo , ajudados da lição dos Livros, com a larga experiencia dos annos. E daqui , sem duvida , devia tirar o fundamento Aristoteles , para dizer que os mancebos não podiaõ ser discretos , por falta de experiencia. Porém , antes que demos fim a esta conversação , tomára que me dissesseis , de que procede encontram-se muitas vezes os homens em hum mesmo pensamento , e discurso , e dizer hum o que já outros tinham dito.

Respondo : (lhe disse eu) He o pensamento do homem como huma ligeira setta, e ás vezes mais veloz ; porque chega aonde não póde chegar a setta : e por isso se encontraõ no mesmo alvo , desórte, que vem a dizer hum , o que já outro tinha dito. E a razão disto he : porque em tudo se póde pôr balisa, e preceito ; porém só no entendimento , e pensamento não póde haver norma , nem padraõ , pelo livre alvedrio , que Deos deo ao homem.

Bem vos posso certificar , Senhor , (me disse o Capellaõ) que muito me tendes satisfeito com vossa discreta , e agradavel conversação : e assim fico entendendo , que sois homem dotado de muy bom discurso , e claro entendimento. Está a meza posta : vamos cear ; e depois descansareis da jornada que tivestes. Aceitey a offerta , que me fez o Capellaõ : depois de termos ceado , e dado graças a Deos , me encaminhou para huma camara , onde achey huma cama muy bem feita , e nella passey a noite.

CAPITULO XXIV.

Do que o Peregrino vio, e observou no alpendre da Igreja, e dentro da Capella mór, e Sacristia: e da practica, que teve com o Sacristão.

Seriaõ já cinco horas da manhã, quando ouvi estar rezando Matinas o Padre Capellão: e levantando-me, lhe fuy dar os bons dias, e pedir licença para ir fazer oração á Igreja: ao que me respondeo com bello agrado, e muy cortezmente, dizendo-me que o podia fazer; e logo mandou recado ao Sacristão que me fosse abrir as portas. E chegando eu ao alpendre da Igreja, a qual ainda tinha a porta principal fechada; reparey para a parte direita, em cima da janella fronteira, que sahia ao alpendre, e vi estar huma caveira, e abaixo escripto em letra muy legivel o Soneto seguinte:

Soneto, em que falla huma caveira.

NEsta Caveira secca, e carcomida,
Despojo infauſto da mortalidade,
Vem parar o poder, e mageſtade,
Sem reparo haver a tal cahida. *

Cadant omnes, qui descendent in terrā.
Pl. 21. n. 30.

A morte á mageſtade tira a vida:
Faz em todos muy grande hoſtilidade:
Tudo proſtra, e reduz com igualdade:
Mede a todos por huma ſó medida. *

Statutum est hominibus ſemel mori.
S. Paul. Heb. 9. 29.

A coroa, o cetro, e a tiara,
O velho, o moço, o feyo, a formoſura,
O rico, o pobre, tudo em terra pára. *

Pulvis es, & in pulverem reverteris.
Gen. 3. 19.

O mors, quam
amara est me-
moriam tua!
Eccl. c. 41. n. 1.

Patente o ves aqui nesta figura,
Que no fatal silencio te declara
O quam amarga he a sepultura.*

E olhando para a parte esquerda, emcima da outra janella vi estar hum quadro, e nelle pintada hum alma agonizando em ardentes chammas, e abaixo escrito outro Soneto nesta fórma:

*Soneto, em que hum alma pública o que padece
no Purgatorio.*

Memor esto
judicii mei.
Eccl. 38. 23.

Traditus sum,
Et non egre-
diebar.

Pf. 87. 8.

Quia manus
Domini teti-
git me.

Job. 9. 27.

Miseremini
mei, miseremi-
ni mei, saltem
vos amici mei:
Job. 19. 21.

ADverte bem, repara, ó Peregrino,
(Contigo fallo aqui) está-me attento:
Conheceras que todo o meu intento
He só mostrar-te o certo, e o Divino.
Que de outra fórte fora desatino,
A' vista do que agora experimento;
Pois me vejo mettido em hũ tormento,
Taõ cercado de dores de continuo.*
Estou no Purgatorio padecendo
Castigo dos peccados commettidos,
E por isso estou sempre aqui gemendo.*
Abre os olhos, e applica os mais sentidos,
Peregrino, e verás que estou ardendo;
E esperando o allivio a meus gemidos.*

E reparando mais, vi emcima da porta principal da Igreja dous OO, e abaixo esta letra:

Memorare no-
vissima tua, &
in æternum nõ
peccabis.
Eccl. 7. ult.

O' Eternidade de gloria,
O' Eternidade de pena,
Quem em ti sempre cuidára,
Como Deos no-lo encommenda!*

E lo-

E logo fiz este discurso : Que mayor defengano posso eu ter da minha vaidosa vida , á vista do que estou vendo nesta triste caveira , e neste lastimoso quadro ; e lendo nos dous Sonetos , e na copla , tão verdadeiros , como conceituosos ? E estando fazendo este juizo , abriu o Sacristão a porta da Igreja ; e entrando eu para dentro , tomei agoa benta : e olhando para o Altar mór , vi estar huma Imagem de Christo Senhor nosso em huma Cruz , e pondo-me de joelhos comecei a fazer oração.

Não me tenhais , Senhor , por ociosa a pergunta , que vos quero fazer : (me disse o Ancião) dizey-me o como costumais fazer oração. Porque tenho reparado em alguns Christãos , haverem-se nesse particular tão indevotos , e apressados , que parece vão fugindo da Justiça. Assim como entrão na Igreja mettem hum só dedo na pia da agoa benta , (como se andassem de resguardo de falsa , ou azougue) e fazem tiro com huma gotta de agoa á testa : perfignao-se fazendo huma cruz de escadinhas , e benzem-se triangularmente : põem hum joelho no chão , e outro levantado , como quem quer fazer pontaria a algum Santo ; e muitas vezes encoitados , como se fossem tão velhos , e doentes , que se não pudessem ter sem encosto : e fazem huma oração tão breve ; que não sey se chegam a rezar hum Padre nosso , ou Ave Maria. E se chegam a ouvir Missa , e acham com quem conversar ; não só a não ouvem , mas tambem fazem que outros não estejam com aquella attenção , e devoção devida , pela distracção destes taes indevotos , e perturbadores dos Officios Divinos. Sendo que he a Igreja casa de oração ; e não de conversação , como a querem fazer alguns. E se não , vede o que diz Christo Senhor

nhor nosso no Evangelho: A minha casa he casa de oração. (*Matth.* 21. 13.) E se os reprehendem desta indevoção, costumão dizer: Deos come corações. Mas a isso lhes dissera eu: Assim he; porém são aitados no fogo do Amor Divino: porque corações crus mettem-lhe asco, nem os quer ver; como são os de alguns peccadores, que cuidão que Deos tem obrigação de os salvar, sem terem merecimentos.

Bem conheço, Senhor, (disse eu ao Ancião) que todas as vossas perguntas, e reparos assentaão em solida doutrina: e por isso os acceito como doutos documentos, para melhor me saber governar temporal, e espiritalmente; e nunca me poderey escusar de satisfazer ás vossas perguntas.

Primeiramente haveis de saber, que quando entro em alguma Igreja, tomo logo agoa benta, por me ensinar a fé, que por meyo della me são perdoados os peccados veniaes. Ponho-me de joelhos, segundo as minhas forças, e reparo se ha Sacrario no Altar mór, ou em alguma Capella particular: e alli com toda a devida reverencia, e submissão faço hum acto de contrição, e depois repito cinco vezes, dizendo: Bendito, e louvado seja o Santissimo Sacramento; e continuo rezando hum estação de sette Padre nossos, sette Ave Marias, e sette vezes Gloria Patri, a qual offereço a Christo Senhor nosso pela exaltação da nossa Santa Fé, pela extirpação das herezias, pelas almas do Purgatorio, e por minha tenção. E no caso que não haja Sacrario, faço hum oração mental, ou vocal na forma seguinte:

Ponho os olhos em hum Imagem de Christo Senhor nosso; e quando a não haja em vulto, com os olhos do entendimento, diante de hum Cruz, considerando

fiderando estar alli JESU Christo Bem nosso crucificado : e como quem vay lendo, e meditando naquella Divino Livro aberto, digo : Day-me licença, Senhor, para adorar, e louvar essas Chagas de vossos sagrados pés cravados com esse duro cravo, por me soltares dos grilhoens da culpa, em que me prendi por meus peccados : porque com viva fé reconheço que só por vossa Divina misericordia poderey ser livre, para caminhar em vosso santo serviço.

E dalli subindo com os olhos do entendimento, digo : Day-me licença, Senhor, para poder adorar, e louvar esses vossos Divinos joelhos; pois tantas vezes ajoelhastes diante de vosso Eterno Padre, intercedendo, e rogando por todo o genero humano, e por esta ingrata, e vil creatura, para que não seja condenada á perdição eterna.

E continuando com os olhos do entendimento, e discurso, digo : Day-me licença, Senhor, para que possa adorar, e louvar essa sacratissima Chaga do lado; pois della quizestes, ainda depois de morto, que sahisse sangue, e agoa, para nos lavar as nossas enormes culpas nessa fonte manancial dos Sacramentos : e day-me graça, para que dignamente os possa receber em vida, e estando para morrer por Viatico.

E subindo com o mesmo discurso, digo : Day-me licença, Senhor, para que possa adorar, e louvar essa vossa Divina boca; pois della, como de livro espirital, temos recebido tão saudaveis, e divinos documentos, como consta dos sagrados Evangelhos, nos quaes creyo muy firmemente, porque assim mo ensina a fé, e a larga experiencia o confirma. E para prova do muito que nos amastes, e
estais

estais amando, dissestes, estando pendente na Cruz, que tinheis sede: para que conhecessem os homens o quanto por elles na vossa sagrada Paixão padecestes em todos os sentidos de vosso santissimo Corpo; e por isso tambem quizestes experimentar o defabrido gosto do fel, e vinagre, que vos deraõ a beber vossos inimigos, e crueis algozes. Peço-vos, Senhor, que me deis a mortificação neste sentido contra a gula: e que minha boca sempre diga palavras honestas, e necessarias para o bem da minha salvação, e edificação de meus proximos.

E depois continuando com a consideração, digo: Day-me licença, Senhor, para adorar, e louvar essa vossa Chaga da mão direita traspassada com esse duro cravo, ao qual, como aos outros dous, quizestes que lhes chamassem doces, pela doçura que tivestes de padecer pelo genero humano tantos tormentos por nos salvar. E assim vos peço, amantissimo JESUS, que me aparteis de toda a occasião da culpa, para ser dessa Divina mão direita abençoado.

E olhando para a mão esquerda, digo: Day-me licença, Senhor, para que adore, e louve essa Chaga da vossa mão esquerda; pois foy tal a vossa infinita piedade, que para não castigares as nossas enormes culpas, permittistes que os homens vo-la cravassem nesse sagrado madeiro da Cruz, ficando dessa sôrie com esses Divinos braços abertos, para nos abraçares todas as vezes, que confessados, e arrependidos de nossas culpas vos buscamos, como tão fino amante, e misericordioso Pay de nossas almas.

E continuando com o mesmo discurso, e viva attenção, digo: Day-me licença, Senhor, para louvar,

var, e adorar essa vossa divina, e sacrosanta Cabeça, ferida de penetrantes espinhos, pela deshumanidade desses crueis algozes: os quaes cuidando que vos coroaão Rey de zombaria, vos acclamáão Rey da gloria, Redemptor, e Salvador do genero humano. Day-me, Senhor, firmes propositos, e bons pensamentos, para sempre vos louvar, como meu divino Rey, e Bemfeitor.

E finalmente subindo com os olhos do entendimento, digo: Day-me licença, Senhor, para louvar, adorar, e poder ver essas vossas sagradas costas, tão feridas, e rasgadas pelos crueis algozes, que cegos, e rayvosos descarregáão em vosso innocentissimo Corpo cinco mil e tantos açoutes, os quaes soffrestes por me livrares dos grandes castigos, que por meus peccados tenho merecido. Peço-vos, Senhor, que me livreis da condemnação eterna: e day-me o dom de lagrimas, para que com vivo sentimento chore os meus peccados, e arrependido de todas minhas culpas vos peça misericordia.

E tornando com viva consideração ao pé da Cruz, abraçando-me com ella, e derramando as lagrimas que posso, digo: Por todas estas vossas penas, e por todas as palavras affrontosas, e durissimos tormentos com que vossos inimigos vos affligiraõ, meu Senhor J E S U Christo, vos rógó que me livreis, e ampareis debayxo desta vossa Santissima arvore da Cruz, da qual me valho, como de firme coluna, segura ancora, forte padraõ, e defensivo escudo contra todos os perigos, e tempestades deste mundo; para que assim possa ir gozar da eterna gloria em vossa presença por todos os seculos dos seculos. Amen.

Estas meditações, não só as costumo fazer nas Igrejas, mas também as faço em casa de dia, e de noyte quando acórdio, e ouço tocar os finos, ou cantar os gallos. E não deixo também de fazer hum laudação á Virgem MARIA Senhora nossa, dizendo-lhe: Deos vos salve, Filha de Deos Padre: Deos vos salve, Mãe de Deos Filho: Deos vos salve, Espôsa de Deos Espirito Santo: Deos vos salve, Templo da Santissima Trindade. E depois rezo hum Padre nosso, e hum Ave Maria, e também hum Salve Rainha, e acabo com esta Oração: MARIA Mãe de graça, doce Mãe de clemencia, Vós de meus inimigos me defendey, e na hora da morte me recebey.

E finalmente me encommendo aos mais Santos, que vejo estar nos Altares, e aos que são meus Advogados, rezando a cada hum delles hum Padre nosso, e hum Ave Maria, para que intercedaão, e roguem por mim a Deos nosso Senhor.

Na verdade vos digo (me disse o Ancião) que vos louvo muito as vossas devoções: e muy especialmente a Estação, que rezais ao Santissimo Sacramento, e as meditações, que fazeis a Christo Senhor nosso, pelas saber com toda a inteireza da verdade, que he o verdadeiro Salvador, e Redemptor do genero humano. O que vos peço he, que persevereis nessas devoções; que, mediante o divino favor, vos não ha de faltar Deos com a sua graça. Porém tenho reparado nas muitas vezes que repetiz pedindo licença a Deos para o louvares, e adorares as suas divinas Chagas, e membros Sacratissimos.

Respondo: (lhe disse eu) A causa porque o faço, he porque sey, que qualquer creatura (por muy justificada

tificada que seja) na presença de Deos, he como hum reo criminoso diante de hum Ministro de Justiça; o qual, para poder ser ouvido, necessita de estar com grande submissão, e reverencia, e pedir huma, e muitas vezes licença para poder fallar, e ser ouvido. Porque, se ainda entre as creaturas, quando algum reo pertende em algum supremo Senado fallar, ou ser ouvido com artigos de nova razão; para ser admittido, se não atreve a articulá-los, antes de pedir licença: *Datá licentiá*: vede agora com quanto mayor razão o devemos fazer diante de hum Deos, que, supposto nos remio como Pay tão amoroso, he, e ha de ser nosso recto Juiz, que nos ha de julgar dos bens, e males, que fizemos. Santo Agostinho abonará melhor este meu pensamento, quando disse: Senhor, day-me por vossa misericordia licença para fallar. (*Lib. 1. Confess. cap. 5.*)

E com muito mayor razão, quando pertendemos pedir, meditar, e ler naquelle divino Livro Christo Bem nosso, no qual estão escritos os thesouros do Ceo, e o nosso remedio. Livro lhe chamo, porque assim lhe chamou Isaias no *cap. 29.* e Daniel no *capit. 12.* E S. João (*Apoc. cap. 15.*) tambem lhe chamou livro escrito por dentro, e por fóra: e que será bemaventurado o que ler, ou ouvir as palavras deste livro. Vede agora quem será tão oufado, que se ponha a ler, e meditar neste sacratissimo Livro, sem pedir huma, e muitas vezes licença para o poder fazer.

Muito bem vos tendes explicado, Senhor, acerca do que vos perguntey: (me disse o Ancião) e agora vos digo, que ninguem se poderá salvar, sem por esse divino Livro ler, e estudar, e na sua Sacratissima Payxaõ, e Morte cuidar. Podeis agora con-

tinuar o mais, que hieis narrando acerca do que passastes, e vistes nella Igreja.

Sabey, Senhor, (lhe disse eu) que, depois de ter feito oração, subindo pela Igreja entrey na Capella Mór, e vi abaixo dos pés da Imagem de Christo Senhor nosso o Soneto seguinte.

Soneto, ou Acto de Arrependimento.

SOberano Senhor crucificado,
 Que pendente vos vejo nella Cruz,
 Aqui venho a buscar a vossa luz, *
 Aqui chego a pedir o vosso agrado.
 Pequei, Senhor: e sinto haver peccado, *
 Não pelo vil estado em que me puz,
 Mas por feres quem sois, ó bom Jesus:
 De Vós espero ja ser perdoado.
 Oh quem nunca, meu Deos, vos offêdera,
 E sempre vos amara firmemente,
 Para que a vossa gloria merecera!
 Mas como Vós sois Pay, e tão clemête; *
 Cõ vossa graça ja minha alma espera
 Gozar-vos nella gloria eternamente.

Et vita erat
 lux homi-
 num. Joan.

1. v. 5.

Tibi soli
 peccavi, &
 malum co-
 ram te feci.

Pf. 50. 6.

Pater pec-
 cavi in coe-
 lum, & co-
 ram te. Luc.
 15. n. 21.

Alli comecey a derramar copiosas lagrimas de sentimento na presença de Deos, desorte, que nunca me confiderey com mayor acto de dôr: e depois enxugando as lagrimas, me despedi da santa Imagem.

Entrey na Sacristia, onde achey o Sacristão preparando os ornamentos, e o mais necessario para se dizer Missa. E reparando, vi o grande alfeyo, e alinhado com que estava a Sacristia tam bem adornada, assim pela limpeza do Lavatorio, como pela per-

perfeição de hum armario, em q̃ estávaõ os Calices, e Pedras de Ara, e muy perfeitos ramalhetes, huns de pennas de varias cores, e outros de papel, que todos serviaõ para se pôrem nos Altares nos dias festivos. E não estavaõ com menos perfeição dous cayxoens de gavetas, onde se guardavaõ os ornamentos da Igreja.

Vi tambem hum quadro encoftado á parede em-cima do armario, que teria de alto seis palmos, e quatro de largo: e nelle pintado na parte inferior huma furna, ou bocca como de cisterna, triangular, da qual sahia hum fogo cõr de enxofre, e fumo muy negro; e por cima huns vultos, como morcegos, com humas físgas, e harpoens, com que estavaõ mettendo naquelle buraco huns corpos despidos, muy negros, e horrendos nos aspectos, que tinhaõ descido muy velozmente, e entravaõ com grande repugnancia, e muy tristemente, porque se mettiaõ pelos ferros; porèm sahiaõ huns ganchos, ou bicheiros de dentro, que os faziaõ entrar feitos em pedaços pelos golpes que lhes davaõ.

E logo da parte esquerda do quadro estava huma fresta escura, por onde entravaõ huns corpos como de meninos, e não tornavaõ mais a sair.

E da parte direita do quadro estava hum como postigo, ou janella quadrada, donde sahia huma lucerna de fogo muy claro, e luzente, pela qual entravaõ huns corpos nûs, e sahiaõ outros vestidos de branco, mais alvos que huma neve, resplandecentes, acompanhados de Anjos.

E emcima, na parte superior do quadro, estava huma muy espaçosa porta oitavada, com luzentes molduras de diamantes, esmeraldas, rubins, safiras, topazios, e outras muy preciosas pedras; e

dentro se divulgava luzente côr de ouro, porém muy transparente, e claro : pela qual porta entravaõ os corpos, que daquella terceira janella sahiaõ, acompanhados de Anjos, com muy luzente resplendor, todos vestidos de branco.

E no meyo do quadro se via huma como estante de Livros, de nove degráos; cujo primeiro assento estava cheyo, e occupado de varios estados de pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, assim homens, como mulheres.

E no segundo degráo se hia proseguindo a mesma fôrma, e ordem. Porém supposto que a estante fosse quadrada, e bem espaçola; hia-se fazendo estreita, e pyramidal, pela diminuição das pessoas, que lhe faltavaõ nos assentos; e acabava no nono degráo a estante em tres pessoas, que eraõ hum Secular, hum Religioso, e huma Freyra. Estava o Secular lendo por hum livro : o Religioso tinha huma Imagem de Christo Bem nosso nas mãos, batendo nos peitos, em pé, suspendido como em extasi; e a Freyra estava de joelhos, com humas contas nas mãos, enxugando as lagrimas.

E cõmo eu não entendesse a significação daquellas pinturas, perguntey ao Sacristaõ a explicação daquelle quadro : e juntamente que me dissesse quem a tinha obrado; e quem compuzera os Sonetos, e Copla, que eu tinha ja lido no alpendre, e aos pés da Imagem de Christo Senhor nosso. E logo me respondeo o Sacristaõ : Que áquelle quadro lhe chamavaõ Espelho da vida humana. E que tanto aquelle pæynel, como as laminas, e Sonetos, que tinha visto no alpendre, e aos pés do Senhor crucificado; tudo fizera, obrára, e compuzera o Padre Capellaõ, por ser homem muy curioso

rioso na arte da pintura, e Poeta: o qual tambem estava tido por Sacerdote de muita virtude, e claro entendimento, entre os seus fréguezes. E que quanto á explicação do quadro, ma faria presente por escrito. E puxando por hum gaveta do cayxaõ, tirou hum livro de mão escrito, e nelle me leo o seguinte.

CAPITULO XXV.

Da explicação do Quadro, ou Espelho da vida humana, no qual se trata materia muy espiritual.

PRimeiramente aquelle buraco, ou furna horrenda, triangular, que se vê na parte inferior do quadro, significa a bocca do Inferno. Aquelles vultos, em fôrma de morcegos, são os Demonios. Os corpos, que são mettidos a golpes por força, são as almas dos condenados, que ja desde que sahem deste mundo, os começam a atormentar os Demonios por hum eternidade.

A fresta, que se vê da parte esquerda no quadro, he o Limbo, aonde vão as almas dos meninos, que morrem antes de se bautizarem: e por isso entram, e não tornão mais a fahir.

O postigo, ou janella da parte direita, he o Purgatorio, aonde vão todas as almas dos que morrem contritos, e confessados de seus peccados; mas não satisfizeraõ nesta vida as suas culpas com penitencias, e boas obras: e por isso vão purgá-los por aquelle tempo, que Deos lhes tem determinado; e depois de terem purgado os reatos da culpa, vão

para a Bemaventurança acompanhados de Anjos.

Aquella ultima, e superior porta oitavada, com taõ luzentes pedras preciosas, e claro resplendor; he o Ceo, por onde entraõ as almas, que vaõ do Purgatorio, e algumas tambem que sahem deste mundo taõ justificadas, e livres de toda a mancha de culpa, que logo sobem a gozar da eterna gloria: a qual he taõ superior, que só Deos a conhece, como quem a fez para sua morada, e dos Anjos, e Bemaventurados.

Aquella estante, ou escada, o primeiro degrao representa todos aquelles, que vivem neste mundo, e saõ nelle viandantes: os quaes depois de confessados, tem proposito de nam peccar mortalmente; porèm naõ reparando em commetter culpas veniaes, e buscando commodidades da vida, vem a cahir em grandes peccados: e por isso estaõ taõ perto do Inferno, e cahiráõ nelle, se naõ tiverem grande cuidado em si, valendo-se da infinita misericordia de Deos.

No segundo degrao, ou estante, estaõ os que andaõ com o cuidado de ouvir as inspiraçoens de Deos, e naõ seguem a vaidade do mundo, fugindo de todas as occasioens de peccado grave, e acodem a todas as cousas de devoção; porèm deixando-se levar de algumas payxoens: e assim naõ tem fervor para grandes obras de virtude, e vem a cahir em muitas froxidoens de espirito.

Em o terceiro degrao, ou lugar, estaõ aquelles, que tem vivido muy perfeitamente, castigando a sua carne, fugindo do mundo, e fazendo grandes penitencias, os quaes exercicios os ajudaõ á virtude; porèm fazendo tudo isto com temor das penas do Inferno, e Purgatorio: devendo ser por puro amor de

de Deos , com recta intenção de o servir , pelos innumeraveis beneficios , que de sua divina mão tem recebido.

Em o quarto lugar estão os que não só fazem penitencias , e outros exercicios corporaes , senão também se occupão em oração mental ; porém ainda lhes falta o negarem-se a si mesmos : porque em lhes passando aquelle acto de devoção , com qualquer adversidade desmayaõ : e como tem pouca paciencia , e humildade , e tem dentro de si escondido o amor proprio sem o conhecerem , se vão atrás de seu gosto , ou payxaõ , sem acharem razão com que se defendam , se precipitaõ algumas vezes na culpa.

Em o quinto degrao estão aquelles , que em todas suas obras , ou exercicios renunciaõ suas proprias vontades , por fazerem a de Deos ; e obedecem não só a seus Superiores , senão também a qualquer outro homem , que vem que os aconselha com recta intenção do amor de Deos ; abraçaõ as inspiraçoens divinas ; procuraõ pureza de coração com muitas obras , e vontades de agradar a Deos ; porém ás vezes succede-lhes esfriarem , e desmayarem em seus bons propositos , por não terem paciencia.

Em o sexto lugar estão todos aquelles , que se resignaõ na vontade de Deos perfeitamente ; e deixando a sua propria vontade , perseveraõ com constancia em seus bons propositos , buscando com recta intenção a gloria , e honra de Deos ; e assim achão a graça do Espirito Santo , que os favorece até o fim.

Em o settimo degrao estão todos aquelles , que com grande proveito sabem prezar os bens da graça,

ça, acceitando tanto o bem, como o mal quando vem, por entenderem que nada se move sem ser vontade de Deos : dispostos para seguirem a sua santa vontade, assim em cousas exteriores, como interiores; imitando, quanto podem, a santissima vida de Christo nosso Redemptor, com a qual não só fazem grandes cousas, mas tambem soffrem muito : e por isso os enriquece Deos com muitos favores.

Em o oitavo lugar estão aquelles, que todas as suas acçoens são dirigidas a Deos, e se resignão puramente na sua santa vontade. Estes, succede-lhes serem visitados de Deos nosso Senhor com mais favores, e revelações; porém occultamente, sem se desvanecerem de vaidosas presumpções : e nisto excluem todo o amor proprio, porque conhecem que nestes dons, e favores não está a perfeição; porém sim, depois de reconhecerem a sua velleza, vem no alto conhecimento da grande piedade, e misericordia de Deos, que os favorece: e assim vivem em huma alegria espirital, soffrendo os trabalhos como da mão de Deos, com as esperanças dos bens da gloria.

Em o nono, e ultimo degráo estão aquelles, que com fervorosos exercicios de virtude, e ardentesezejos de verdadeiro temor, e amor de Deos, tem ja consumido o amor da carne, e sangue, ficando como hum espirito puro, e livres de toda a sua vontade; porque ja não vivem sennão em Deos, porque tambem Deos nelles vive. E estes são os mais amados filhos de Deos, em os quaes derrama seus divinos favores, e os leva a seu soberano conhecimento, para que mais o amem. Porém estes, quando mais favorecidos, e amados de Deos se vem, então

entaõ mais humildes se fazem na presença dos homens: porque sabem que mais val a humildade, e a obediencia, do que a mesma oraçaõ, e abstinencia.

Olha agora, ó Peregrino,
Qual destes he o teu lugar:
Se cuydas que o nono he,
No primeiro te acharás.

Satisfeito fiquey de ter ouvido a explicaçaõ, que taõ individualmente me fez o Sacristaõ do quadro: porẽm naõ deixey de reparar no conceito do verso, ou motte, que parece que melhor se naõ podia explicar o Poeta commigo. E logo fiz este discurso: Isto saõ prodigios, ou inspiraçoens, que me quer Deos mostrar, para que eu me sayba aproveitar, e emendar da minha errada vida.

C A P I T U L O XXVI.

Da relaçaõ, que dá o Peregrino, da conversação que teve o Pastrano com os que estavam no alpendre da Igreja, acerca do que lbe succedeo na Cidade da Bahia. He materia de muita moralidade.

DEspedindo-me do Sacristaõ, me torney para o alpendre, onde achei alguns homens assentados, que esperavaõ pela Missa, por ser dia santo: e entre elles vi hum Capitaõ, o qual, no que representava, me pareceo ter mais de cincoenta annos de idade. Saudey a todos, e assentey-me.

A este

A este tempo vinha chegando hum homem, vestido á Portugueza : e assim como entrou no alpendre, nos levantamos todos ; e o Capitaõ se anticipou a lhe ir dar agoa benta, que elle muy cortezmente acceitou. E depois de ter feito oração, veyo para o alpendre, e se assentou entre os que ahi nos achavamos. Rompeo entaõ nestas palavras o Capitaõ.

Com grande fundamento disse Aristoteles, Senhor João Pastrano, que a distancia, em quem ama, aparta o exercicio, mas não o amor : faz divorcio com a vista, mas não com a vontade : impede a familiaridade, mas não o querer. Porque tambem lâ disse hum discreto Thebano, que o amor da amizade he huma fome insensivel da falta do tempo, em que se não vê a cousa amada. E por isso com muita propriedade se compara o amor com o fogo, que he o primeiro dos quatro Elementos, assim como o amor he a primeira das quatro payxões, segundo o que diz Salomaõ nos Proverbios. Como o grande fogo se não póde esconder no seyo : da mesma sorte o amor vehemente não póde ser escondido. Finalmente, todos os officios, e todas as Sciencias desta vida se podem aprender, excepto o officio, ou arte de amar : a qual nem aquelle asombro da sabedoria Salomaõ a soube definir, nem pintar Apelles, nem ensinar Ovidio, nem contar Helenor, nem cantar Orfeo, nem ainda dizer Cleopatra : porque he sem duvida, que só o coração a sabe sentir, e a pura discrição declarar. Trouxe todos estes exemplos, Senhor João Pastrano, para vos significar o quanto sentia a vossa ausencia : que vos posso affirmar, que ja me fazieis muy grandes saudades, pelo longo tempo que vos não vejo.

Não

Nam sem muita razão se diz, Senhor Capitão, (disse o Pastrano) que o primor, e as dadivas são grilhoens, e cadêas, que cativão, e prendem. Isto posso eu agora dizer, pelo grande favor, e honra, que me fazeis; ficando por isso tam obrigado á vossa cortezania, que, ainda confessando a obrigação, não satisfaço o muito que vos devo. Mas, se he certo, que todo o coração generoso préza muito mais a boa vontade, que se lhe offerece, do que as prendas de mayor valor: sabey que esta em mim he tam grande, que ficarão valendo pouco todos os haveres do mundo, pelo que vos dezejo tributar: e com muy duplicada vontade; pois reconheço em vosso generoso animo o quanto vos conformais com os dictames da razão, e preceitos da Ley Divina.

Como vivo no cabal conhecimento de que nada tendes de lisongeiro, mas antes sim muito de verdadeiro; acceito o cordial affecto com que me tratais. (disse o Capitão ao Pastrano) Porém o que pertendo saber de vós, he que me digais o como passastes de saude, e de negocio na Cidade da Bahia.

Bem de saude, graças a Deos. (respondeo o Pastrano) E no que respeita ao negocio: concedey-me licença, Senhor Capitão, para fallar ao nosso Reverendo Padre Capellaõ, que vem chegando; e depois satisfarey ao que me mandais.

A este tempo chegou o Padre Capellaõ; e o Pastrano se anticipou a recebê-lo com alguns passos fóra do alpendre, onde se tratáráõ com muy grande primor, e satisfação: e depois de entrar para dentro do alpendre o Capellaõ, a todos saudou com muita affabilidade. E logo fallando o Capitão

pitaõ ao Padre Capellaõ , lhe disse : Nam podia chegar Vossa Mercê em melhor tempo , por estar o Senhor Pastrano para nos dar noticias do que lhe succedeo na Cidade da Bahia : e supponho que folgara Vossa Mercê tambem de o ouvir. Sim por certo , (disse o Capellaõ) e ja me affento : porque como ainda he cedo , tenho tempo até as onze horas , para poder dizer Missa.

Supposto , Senhor , (disse o Pastrano) que para satisfazer o agradavel gosto , que reconheço em vossas vontades de me ouvir , me considero muy falto de Sciencia , para poder seguir com acerto a narraçaõ de minha historia ; com tudo , fiado na discreta prudencia de vossas honradas pessoas , me atreverey a proseguir o que me ordenais que conte.

E para isso me valerey do conselho de Aristoteles , quando disse que a practica naõ deve ser taõ breve , que mal se possa explicar o assumpto ; nem taõ dilatada , que moleste aos ouvintes : porque a primeira , pelo coarçtado , ficará escura ; e a segunda , pelo diffuso , incapaz de se lembrar.

Tambem receyo que no fio desta historia diga alguma verdade , que , por mal vestida , vá taõ nua , e crua , que naõ seja bem recebida ; e mais ainda em tempos , que todos folgaõ tanto de andar enfeitados , que até os calvos se cobrem de cabellos postiços : sendo que li eu , que em algum tempo se prezavaõ muito para os lugares dos Senadores , e cargos da Republica. A'lem de que , disso deviaõ elles tirar muitos documentos para os acertos da vida , pela representaçaõ em que os põem os annos na similhança de huma caveyra , em que todos nos havemos de tornar depois de mortos.

Por-

Porque parece que permite Deos que em tudo nos esteja ensinando o tempo com varios avisos, e advertencias. A huns, faltando-lhes a vista, e por isso valendo-se de oculos, para que vejaõ a pouca duraçaõ da vida na representaçaõ de hum vidro; além da pensaõ de trazerem os olhos nas mãos, que os podem perder, ou quebrar. A outros, cahindo-lhes os dentes, symbolo das forças corporaes; para que se emendem, e não se fiem das forças do corpo, e vençaõ seus appetites, e deixem o espirito dominar a carne. Ja retalhando-lhes a outros a cara com rugas, e frangimentos; porque se não desvanecaõ com a gentileza, e formosura. E a muitos, fazendo-se-lhes brancos os cabellos como neve; porque conheçaõ que ja estão no inverno da velhice, e que se vão chegando ás portas da morte: para que se tirem das janellas da vida, em que se estão divertindo com tantas vaidades, devendo só tratar do bem do espirito.

Quasi me vay doendo ja o cabello. (disse o Capitão) Supponho, Senhor Capitão, lhe disse o Pastrano, que não serám os da cabeça: porque como vos vejo com cabelleyra postica, e se mette de permeyo o tecido da coyfa; não receyo que vos chegue á carne. Ainda assim, (disse o Capitão) homens ha tam levados da presumpçaõ, que nem no fio da capa querem que lhes toquem.

Bem me receava eu, Senhores: (disse o Pastrano) e por essa razão hia tomando os meus salvos conductos. Tam fóra estais, Senhor Pastrano, (disse o Capitão) do sentido com que vos fallo, que, para melhor me explicar, vos hey de trazer aquelle proloquio por exemplo, que diz: Que muitos lançaõ huma verde, para colherem huma madura.

E como na arvore de vosso entendimento se achão taõ bellos pomos da discriçaõ ; só por colher a doçura delles , usey do presente gracejo.

Podeis continuar a vossa historia , Senhor Pastrano, (disse o Capellaõ) que todos estamos com grãde vontade de vos ouvir : e supposto que o Senhor Capitaõ metteffe aquelle parenthesis , foy mais por galanteyo , que de picado. Sim por certo ; (disse o Capitaõ) que do Senhor Pastrano nunca me poderey offender : porque , além de ser muy honrativo em suas palavras para com todos , tenho delle recebido muy particulares affectos de primor.

A tam sonora melodia (disse o Pastrano) respondaõ por mim os Anjos. Porém havemos de assentar em hum partido , meus Senhores , e vem a fer : que se algum se vir magoado nesta minha narração , conheça que não he o meu intento molestá-lo : porque todo o meu designio he conversar moralizando , e não murmurar satyrizando. Assim o promettemos observar. (disseraõ todos) Pois direy. (disse o Pastrano)

Parti deste Sitio ; e chegando á Cidade da Bahia , saltey em terra. E depois de ter passado varias ruas , e ver muitas casas abertas , não achey quem me offerecesse agasalho : e alli me confiderey qual outro Peregrino só em Jerusaleem. E tomando por huma rua menos frequentada de gente , vi dentro de huma casa estar hum homem assentado em huma cadeira , lendo por hum livro : faudey-o , correspondeo-me cortezmente. Pedi-lhe, me fizesse favor mandar vir hum pucaro de agoa : disse-me que entrasse , e deo-me assento. E vendo huma mulher assentada em hum estrado , cosendo em huma almofada , a faudey : a qual com muy bello

bello termo , e honesto recato , me conrespondeo : e chamando logo por huma escrava , por nome Diligencia , lhe mandou que me trouxesse agoa. E depois que faciey a fede , e lhe dey os agradecimentos ; me perguntou o dono da casa , onde era eu morador , e a que negocio tinha vindo á Cidade.

Sabey , Senhor , (lhe respondi eu) que sou assistente nõ Sertão. Tive huma carta de hum meu parente do Reino de Portugal esta frota , na qual me faz avizo , que saõ fallecidos meus pays , e me deixáráõ de legitima quatro mil cruzados. E porque , para bõa arrecadação delles , me pede lhe remetta huma procuração , e que vá esta passada por India , e Mina ; venho agora tomar parecer com hum Letrado , como poderey escusar este inconveniente de mandar á India , e á Mina , tanto pela distancia dos lugares , como por não ter pessoas de conhecimento naquellas partes.

Tudo se poderá fazer , e negociar até a manhã ás nove horas do dia. (me disse o dono da casa) Pague-vos Deos (lhe disse eu) a bõa nova , que me dais , e o favor que me fazeis. E pegando o dono da casa em papel , e penna , me perguntou o como me chamava , e os nomes das pessoas que haviaõ de fer meus procuradores. E depois de lho eu dizer , fez elle huma breve escrita , e chamou por hum escravo por nome Promptidão , e com o escrito o mandou á casa de hum Tabellião , para que lhe fizesse aquella procuração , e que estivesse feita no dia seguinte até as oito horas.

E vendo-me eu tão obrigado a favor tão gratuito , lhe disse : Perdoay-me , Senhor , se parecer atrevido em tomar esta confiança : que para me-

lhor me poder reconhecer por criado desta casa, tomára que me dissesseis o como vos chamaeis, e esta Senhora. Sabey, Senhor, (me disse o dono da casa) que eu me chamo o Desengano, e minha Irmã Dona Verdade.

Graças a Deos, (lhe disse eu) que já cheguey a ver-me na casa do Desengano, e na sala da Verdade. Celebráráõ elles muito o meu dizer. E como era já noite, mandou o Desengano que viesse a cea, a qual se tinha feito com Diligencia, e Promptidão, por ordem da Verdade. E depois me deráõ agasalho com muy bõa cama, onde passley a noite.

A repetidos ecos de estrondosos tambores, e sonoros clarins despertey: porque vinha amanhecendo o dia, e por isso com taõ alegres salvas de contentamento se lhe rompia alvorada. Levantey-me; e achando de pé o Desengano, muy cortezmente o faudey: e não tardou muito Dona Verdade, que sem rebuços, nem ceremonias, a ambos nos deo os alegres dias. E em quanto se preparou o almoço, que promptamente chegou, se vestio o Desengano: e depois de almoçarmos, pedindo eu licença a Dona Verdade, sahimos para a rua.

Caminhamos logo para hum a Igreja, onde ouvimos Missa. E depois sahindo della, a poucos passos encontramos com dous horrendos, e espantosos vultos negros, vestidos de preto, que me causáráõ pavor; porque vinhaõ com gorras mettidas nas cabeças, e caudas a rasto: e reparey que ambos vinhaõ descalços; sem duvida, porque delles se não dissesse, que eraõ demonios com botas.

Perguntey ao Desengano: Que vultos eraõ aquelles, que mais me pareciaõ fantasmas, que

cor-

corpos vivos? Respondeo-me: Que eraõ dous escravos de hum homem rico, que tinha fallecido, os quaes lhe andavaõ sollicitando o enterro. Bem se poderá tambem cuidar, Senhor, (lhe disse eu) que assim como naquellas fórmas lhe andaõ os escravos no mundo tratando do corpo, estejaõ os demonios no inferno atanazando-lhe a alma. Não quero que valha este meu dizer, como sentença definitiva; porèm póde-se entender, como razão discursiva. E quanto melhor fora, que todo aquelle superfluo gasto se mandasse dizer em Missas, ou dá-lo aos pobres pelo amor de Deos pela alma do defunto! Porque verdadeiramente semelhantes trajes mais causaõ horror, e espanto, do que piedade, ou edificação a quem os vê.

Fallais com muito acerto, Senhor, (me disse o Defengano) porèm haveis de saber, que procede isto, pela mayor parte, de que assim como vivem os ricos no mundo com loucas presumpçoens, até na hora da morte querem mostrar as suas vaidades. Isto não he dizer que se deixe de dar sepultura aos mortos, segundo o que manda a Igreja, e se usa nas terras onde foraõ moradores; porque assim o aconselha o Espirito Santo: *Secundum judicium contege corpus illius.* (Eccl. 38. 16.) Quer dizer: Que enterremos os mortos ao uso dos fieis, como he em cada terra costume, para que não haja no enterramento cousa que se note, ou escandalize. Porèm dera eu de parecer (se mo pedissem) que nos occupemos mais em multiplicar suffragios, que em exceder nas demasiadas pompas dos enterramentos; por se não vir a perder tudo por vaidade: e que deixemos esses solemnes enterramentos para os Principes, que se lhes devem fazer em razão de estado.

Dalli a poucos passos, vimos entrar hum homem por huma casa dentro, e sahir logo benzendo-se, e fazendo grandes espantos. Perguntey ao Desengano: Que homem era aquelle? Respondeo-me: Que era hum Doutor em Medicina, a quem chamavaõ Medico: e que sem duvida fora visitar ao enfermo a quem assistia; e como o achasse morto, hia fazendo aquellas visagens, para que cuide o povo que não póde morrer o enfermo sem licença do Medico. Pois, Senhor, (lhe disse eu) que sciencia he essa, que não conheceo esse Medico a graveza da enfermidade pelos pulsos, e mais symptomas do achaque, para lhe applicar o remedio; ou desenganar ao doente que morria? Porque dos homens he o errar; (me disse o Desengano) que se elle conhecesse a doença, e lhe applicasse os remedios convenientes, talvez que não morresse o enfermo; porque diz o Castelhana: La enfermedad conocida, sanada está. A'lém de que, tambem as enfermidades tomão varios termos, já por se complicarem os humores, já pelas influencias dos Planetas, que dominão nos corpos sublunares. E muitas vezes succede applicar o Medico hum remedio muy presente a hum enfermo, segundo a arte, e regra da Medicina, para a faude; o qual vem a ser hum refinado veneno para a morte, ou pela debilidade dos corpos, ou tambem pelo muito enchimento, e carga dos humores.

Dessa fórte, Senhor, (lhe disse eu) assentemos por maxima certa, e infallivel, que só Deos he o verdadeiro Medico. Ninguem o póde duvidar; (me respondeo o Desengano) porque os Medicos, o mais que podem fazer, he applicar os remedios: porém Deos he o que dá a faude. Por isso lá dizia aquel-

le

le celebre Medico Castelhana, quando o chamavaõ para ir a curar algum enfermo: Si no es llamamiento de Dios, yo le tengo de dar salud.

E depois de termos andado breve espaço, vi na mesma rua huma Ermida, ou Capella, muy pintada, e armada, com muitos vidros, e vasos, com huma alampada acceza diante de hum nicho, e com assentos por huma, e outra parte, onde esta-vaõ alguns homens assentados. Perguntey ao Desengano: Que Capella era aquella? Esta casa, que vedes, Senhor, (me disse o Desengano) he huma Botica, que serve de guardar medicamentos, para os vender aos enfermos. E todos aquelles vasos, que alli estaõ, e o mais que nella se vê, (lhe perguntey eu) servem para a faude dos doentes? A metade da metade, he o que poderá servir; (me disse o Desengano) porque os mais, além de serem de outro clima, por velhos já estaõ corruptos.

Pois se isso assim he, Senhor; (lhe disse eu) melhores remedios, e medicamentos temos nós no Brasil, por novos, e por isso mais vigorosos, e benevolos, por serem do mesmo clima, onde, por natural razão, melhor devem obrar nos corpos, que delles necessitaõ. Não tenho, Senhor, a menor duvida nesse particular; (me disse o Desengano) porque tenho ouvido dizer, que na America ha tantas virtudes nas plantas, oleos, agoas, e pedras, como se pôdem achar nas mais partes do mundo: o ponto está em haver quem as conheça, para o ministerio da faude.

A este tempo, chegamos á casa do Tabelliaõ, a quem o Desengano no dia antecedente tinha mandado fazer a procuração: e entrando dentro do Escritorio, o achamos com muitos homens, que to-

dos estavaõ tratando de suas causas. Tirey eu por dinheiro, e o lancey emcima do bofete, em que estava o Tabelliaõ escrevendo: o qual assim como ouvio tinir as moedas, largou a escrita, em que estava occupado, e pegou em hum livro, que lhe chamou de notas; (sem a qual não ficou o Tabelliaõ, pelo arrebatado modo com que deixou as mais partes, por acudir ao dinheiro) e me disse que me assinaffe naquelle livro, o que eu promptamente fiz: e logo me entregou o traslado da procuração. E assim como nos vimos servidos, delle nos despedimos, e dos mais, que no escritorio estavaõ: e o Tabelliaõ nos trouxe até a porta, com grande cortejo, e primor.

Com muita razão se diz, Senhor: (disse eu ao Defengano) Que muy grande Cavalheiro he o Senhor D. Dinheiro. E supponho deve ser, por andar vestido de armas brancas. Não duvido que assim seja, (me disse o Defengano) para com aquelles, que lhe vivem tributarios ao seu dominio. E logo dalli despedio o Defengano ao escravo Promptidaõ, para que fosse reconhecer a procuração a casa de outro Escrivaõ, e assinar o reconhecimento pelo Juiz das Justificaçoens.

E continuando nós os passos, fomos até a Praça, onde nos sentamos junto da Casa da Moeda: e dalli me mostrou o Defengano o Palacio dos Governadores, a Casa da Relação, e a cadea em que estaõ os prezos. Vi andar passeando huns homens pela Praça, vestidos á cortezãa; e perguntey ao Defengano: Que homens eraõ aquelles, que alli andavaõ passeando? Saõ Mercadores, (me respondeo o Defengano) que andaõ vendo o como poderãõ tirar os cabedaes huns aos outros, com seus tratos, e dis-

e distratos : e porque alguns querem carregar mais do que suas forças pôdem , vem a quebrar nos cabedaes. E como se sabe (perguntey eu ao Desengano) quando quebraõ , ou estaõ para quebrar ? Pela mayor parte , (me respondeo o Desengano) he quando compraõ caro , e vendem barato : ou tambem quando largaõ as suas casas , e vão buscar as Religioens , para nellas assistirem , sem serem Religiotos , nem fazerem penitencia de seus peccados.

A este tempo vi passar huns homens com humas varas nas mãos , andando muy apressadamente. Perguntey ao Desengano : Que homens eraõ aquelles ? Respondeo-me : Que eraõ Meirinhos , os quaes deviaõ ir fazer alguma diligencia por parte da Justiça , e por isso hiaõ com tanta pressa. Sem duvida estes devem ser os homens , (disse eu ao Desengano) de quem li hum livro , intitulado *Tempo de agora* , composto ha mais de oitenta annos ; no qual diz o Author que vira na Cidade de Lisboa , estando em certa rua , vestir a hum o jubaõ antes da camisa. Não seria sem causa ; (me respondeo o Desengano) porque a Justiça castiga , para emendar dos erros.

Dalli a breve instante vi andar a correr huns homens com papeis nas mãos , e outros debaixo dos braços. Perguntey ao Desengano : Que homens eraõ aquelles , que tão apressadamente corriaõ , cheyos de papeis ? Respondeo-me : Que eraõ Solicitadores , e Requerentes , os quaes andavão enganando , e enganando-se. Como assim , Senhor ? (lhe perguntey eu) Enganando as partes , que os occupão em seus negocios ; (me respondeo o Desengano) porque raras vezes lhes fallão verdade:enganan-

do-se, porque se mettem no inferno pelo que muitos obraõ naquella occupação, contra justiça, e razão, fazendo disso pouco caso.

Vi tambem huns homens, e atraz delles huns escravos com sacco ás costas, e tinteiros, e penas nas mãos. Perguntey ao Defengano: Que homens eraõ aquelles, e para onde hiaõ? Respondeo-me: Que eraõ Escrivães, e Tabelliães: e que hiaõ para a Audiencia. E quaes daquelles officios (lhe perguntey eu) são melhores, e mais rendosos? Respondeo-me: Que não havia officio bom para homem ruim; nem officio ruim para homem bom. Que todos os officios davão de comer a quem os servia, e de vestir a quem os trabalhava; e só enriquecião a quem furtava. E que por isso se dizia por ironia: Pobre do filho, que seu pay não foy ao inferno! Isto he, pelo que neste mundo furtou, para o deixar rico.

Ainda não tinha o Defengano acabado de dizer a ultima palavra; quando vi entrar na mesma casa da Audiencia huns homens, e atraz delles huns moleques com papeis. Perguntey ao Defengano: Que homens erão aquelles, que tambem encaminhavão os passos para a Audiencia? Disse-me o Defengano: Que erão Doutores em Leys, os quaes aconselhavão as partes para porem pleitos, e demandas: e que tambem fazião petições, artigos nos feitos, razoens a final, e tudo o mais nas causas, por serem homens graduados, e professores na faculdade de Juristas.

Muy entendidos devem ser esses homens, pois aconselham aos mais. (disse eu ao Defengano) Alguns ha tambem ignorantes. (me respondeo o Defengano) Porque lá conta Belchior de Santa Cruz

Due-

Dueñas na sua *Floresta Hespanhola*, que estando certo Letrado huma noite no seu escritorio lendo o Livro *Secretos de la naturaleza*, achou que escrevera o Author, que todo o homem de barba larga era tolo : pegou em huma véla acceza, e vendo-se a hum espelho, tanto chegou a fia véla, que lhe pegou o fogo nas barbas ; e depois de as apagar, com muita pressa, tomou o Livro, e lhe escreveo á margem estas palavras : *Probatum est*. Sobre ser ignorante, não deixou de ser pouco acautelado esse Letrado ; (disse eu ao Defengano) porque vendo o fogo tão perto das barbas, não prevenio o perigo. Porém tomára que me dissesseis, qual das Sciencias he mais nobre, se a dos Legistas, se a dos Medicos.

Responderey (me disse o Defengano) com o que li no livro de Frey Amador Arraez, *Dialogo 8. fol. 220*. Escreve este Author, que perguntando-se huma vez em hum Estudo de Grecia, quem havia de preceder, se os Legistas, se os Medicos : foy concluido, que deviaõ ir diante os Advogados : porque quando se faz alguma justiça, o ladraõ vay diante, e o algoz atraz. Muito mal os definio esse Author, por certo. (disse eu ao Defengano) Eu supponho (respondeo o Defengano) que devia escrever apaixonado : porque se não póde negar, que qualquer dessas Sciencias he muito para prezada, e digna de estimaçaõ.

Eis-que neste tempo vi huns homens com humas hastas nas mãos, e emcima humas cruces de ferro, com capacetes nas cabeças. Perguntey ao Defengano : Que significavaõ aquelles homens tão armados ? Respondeo-me : Que eraõ Sargentos de Infantaria. E de que servem estes homens na milicia ?

licia? (lhe perguntey eu) Respondeo-me o Defengano: De comerem as praças dos Soldados na paz; e na occasião da guerra, acautelarem-se do perigo. E quando restituem aos Soldados o que lhes comem? (lhe perguntey eu) Quando succede accrescentarem-nos nos postos, (me respondeo o Defengano) com lhes darem largas licenças para não entrarem de guarda. Por isso (lhe disse eu) vejo tantos Soldados nesses Sertoens, faltando a suas obrigaçoens dos presidios das Praças.

Vinha a este tempo passeando pela praça hum Clerigo de Ordens menores, todo arregaçado; porém com huma grande corcova nas costas, e descoberto, com o barrete na mão, ao rigor do Sol. Perguntey eu ao Defengano: Que causa teria o Prelado para dar Ordens áquelle Estudante, com hum defeito tão deforme? Sendo que tinha ouvido dizer, que dispunha o sagrado Concilio Tridentino, que se não ordenassem homens, que tivessem defeitos naturaes. Senhor, (me respondeo o Defengano) nada tem de carcunda aquelle Clerigo: e supposto que o pareça pelo enchimento que lhe vedes, he em razão de ajuntar parte da loba, e capa, para mostrar a vestia, calçoens, e meyas de feda. E que causa tem, (perguntey eu outra vez ao Defengano) para vir descoberto ao rigor do Sol? Sabey, Senhor, (me respondeo o Defengano) que o motivo de vir assim descoberto, he para que lhe vejão a coroa, e saibaõ que já tem Ordens. Pelo contrario o fazem os calvos, (lhe disse eu) segundo o que diz Quevedo: Que antes querem que os tenham por descortezes, do que tirar os chapéos, porque lhes não vejaõ as calvas.

Chegou a este tempo o escravo Promptidaõ com
a pro-

a procuração reconhecida, e já de todo corrente. E logo nos levantamos; e indo passando pela cadeia, nos chamou hum prezo, e alli com lagrimas, e rogos me pedio huma esmóla. Pergunrey-lhe: Quantos tempos havia, que estava prezo; e porque causa viera alli? Sabey, Senhor, (me respondeo o prezo) que haverá dous annos que estou nesta enxovia. E a causa, porque estou aqui, foy, porque, sendo eu official de marceneiro, deixey o meu officio, por ir á Costa da Mina. Para apresto da viagem, e fazer huma carregação, pedi duzentos mil reis a risco: e depois de ter feito hum bom negocio em escravos, me roubáraõ huns piratas. Não obstante a minha perda, chegando a esta Cidade, me executou o meu credor, e como não tive com que lhe pagar, requereo ao Ministro me mandasse para esta prizão, onde estou padecendo intolleraveis misérias, além do grande aperto.

Porque me confidero huma cavilha de torno de Serralheiro, sem destas grades me poder tirar. Estou morando na mesma casa do algoz, e junto de malfeitores de mortes, e latrocínios; e posto ao rigor do carcereiro, que he peyor que hum Comitre de galé. A fome me consome, a sede me cega, os piolhos me mordem, a farna me abraza, o calor me assa, o frio me regela, o fedor me acompanha, o aperto me opprime, a calma me abraza, a miseria me tyranniza: e finalmente, meus Senhores, he isto cá outro clima de muy diversa Regiaõ; e de muy infestados ares. Com estar dentro desta mesma Cidade, me confidero em hum mar tempestuoso embarcado, em huma tormenta desfeita. Comparo este lugar com o inferno dos corpos vivos,

vos, que nelle vem a parar, pelos grandes tormentos, e apertos, que nelle padecemos.

Por isso se diz (disse o Desengano ao prezo) que o homem que em hum dia quer ser rico, no outro o enforçaõ. Que esperaveis que vos succedesse, á vista de largares o certo pelo duvidoso; pois já ouvirieis dizer: Quem tem officio, tem beneficio. A quantos tem succedido, por largarem o fôcego de suas casas, e a companhia de suas mulheres, e filhos, pelos interesses dos cabedaes; virem a perder o credito, a honra, a mesma vida, e talvez a propria alma, (que he o que mais se deve temer) pela demasiada ambição? E se não, vede. Todos esses cabedaes grangeados com tão grande desvêlo, tanto que morre hum desses ambiciosos, cá ficão nas mãos de outros interesseiros, servindo-lhes esse ouro, e prata de correntes para lhes prenderem as almas, e precipitá-los no abyfmo do inferno.

Fallais com muy larga experiencia, Senhor; (lhe respondeo o Prezo) e eu o tenho tambem experimentado em mim; porque com esta minha prizaõ perdi casa, e mulher, e de meus filhos me tenho apartado. Em quanto usey do meu officio; tive com que passar a vida: mas como me não quiz contentar com minha fôrte, vim a soffrer por força a minha desgraça.

Ora, Senhor, (disse eu ao queixoso Prezo) peço-vos que vos conformeis muito com a vontade de Deos: porque já ouvirieis dizer, que nenhum se vio prezo, que se não visse solto. E então ficareis com mais largas experiencias, para melhor vos saberes haver nos vossos negocios; e não obraceis cousa alguma sem maduro conselho: e este vos peço que não

fe-

seja de quem vós quizeres, senão de quem vos quizer. E sabey que muitas vezes permite Deos que padecemos semelhantes trabalhos, e molestias, para nosso bem: porque lá se nos ensina nas Bemaventuranças, que Bemaventurados são os que hão fome, e sede de justiça, porque elles serão fartos. E supposto que esta fome, e sede de justiça se entenda espiritualmente no que devemos obrar no serviço de Deos; tambem se póde tomar no sentido presente, se nos resignarmos com a sua santa vontade. E logo lhe dey huma esmóla, de que ficou muy agradecido o prezo; e delle nos despedimos.

Depois de nos havermos apartado da cadeia, fomos andando por huma rua, onde vimos huma casa de sobrado, que tinha humas sacadas para fóra, e nellas andar passeando hum homem muy apressadamente, fazendo muitas visagens, e batendo com a mão na testa. Perguntey eu ao Desengano: Que homem era aquelle, que tão apaixonado se mostrava; porque na verdade mais parecia hum louco furioso, do que homem que estava em seu juizo?

Sabey, Senhor, (me respondeo o Desengano) que he hum Poeta, que alli mora: e sem duvida deve estar para fazer alguns versos, ou glossar algum mote; e porque lhe não corre bem a Musa, por isso anda tão inquieto. Muy rendoso deve ser esse officio; (lhe disse eu) pois tanto lhe custa exercitá-lo. Sabey, Senhor, (me disse o Desengano) que não deixa de ser huma Arte de grande trabalho, e quebradeiro de cabeça: e com tudo isso, succede pela mayor parte vir a não render cousa alguma a quem nella se occupa. Mas antes aconte

tece

tece grangear muitos inimigos, se dá o Poeta em fer maldizente, e satyrizante nos versos que faz; além de se expor ás notas do vulgo: porque os ignorantes os motejaõ, os criticos os reprovaõ, os politicos os vituperaõ. E só os discretos os louvaõ por saberem que lá differaõ os sabios antigos, que os Poetas fallavaõ ao Divino, por ser huma arte, que necessita de muito entendimento, e grandes partes, para se obrar bem.

E de que partes necessita hum homem, (perguntey eu ao Desengano) para ser bom Poeta? Primeiramente, (me respondeo) he necessario ser muy lido em toda a lição das Letras Divinas, e humanas: conhecer todos os Signos, e Planetas celestes: saber as fabulas dos antigos, e suas origens. E para ser universal, deve entender todas as Sciencias, artes, e officios: e depois disso, estar muy presente nas regras, e preceitos da arte Poetica, para saber de quantos pés se compõem o verso que pertende fazer, e de quantas syllabas: e ver se acabaõ em agudos, ou quebrados; fugindo dos longos, e curtos. Deve tambem accommodar, e enxerir ao intento as fabulas, equivocos, e pancadas, no sentido de que trata. E finalmente, he hum processo infinito, dizer o de que carece hum Poeta, para fazer bem os versos.

Dessa sorte, Senhor, (lhe disse eu) me parece que ha mister hum homem desses huma cabeça mayor que o corpo, para accommodar, e recolher tanta fabrica poetica. Não vos pareça, Senhor, (me disse o Desengano) que necessita de pouca capacidade, de entendimento, e juizo: e com isto ser assim, muita gente os tem por loucos. E de que procederá isso, Senhor? (perguntey eu ao Desengano)

engano) De verem, (me respondeo elle) que se occupão os Poetas com tanto trabalho, e desvêlo em cousa que tão pouco lhes rende, e aproveita; e como só tratão de fazer versos, não procurão do que necessitão para se poderem remediar. E daqui procede pela mayor parte serem pobres, por desprezarem as riquezas, que os mais homens (e talvez de menos entendimento) tanto prezão.

Já a este tempo estavamos defronte da casa do Poeta, a quem saudamos; e elle nos conrespondeo com muy grande primor, e cortezia. E logo disse o Poeta ao Desengano: Sabey, Senhor, que aqui estou de pela manhã até a estas horas, sem poder glossar hum mote, que se me pedio glossasse: tenho escrito duas folhas de papel, e ambas risquey, sem poder acabar a glossa.

Poder-se-ha, Senhor, repetir o mote? (lhe perguntou o Desengano) Sim por certo. (lhe disse o Poeta)

M O T E.

Que he o melhor Poeta,

Eu o glossára assim, (lhe disse o Desengano.)

G L O S S A.

A penna, que mais discreta
Ao Divino descrever,
Destes se póde dizer
Que he o melhor Poeta.

Agora venho eu a entender, Senhor Desengano,

no, (lhe disse o Poeta) que melhores são os vossos repentes de caminho, do que os meus vagares de pensado.

E despedindo-nos do Poeta, entramos em huma rua menos frequentada de gente: quando vimos vir passeando hum galhardo mancebo, custosamente vestido de grãa vermelha, guarnecido de luzentes galoens de prata; com huma cabelleira branca toda apolvilhada; chapeo pardo na cabeça, no qual trazia hum rico cairel de ouro, com plumas brancas: e no pescoço huma cravata rendada; com hum bastão na mão. Acompanhavaõ-o muitas mulatas, e crioulas bem vestidas: e atraz desta comitiva o seguiaõ dous pagens, e huma cadeira de andas custosamente ornada de luzentes vidraças crystallinas. E reparando, notey que trazia por calçoens huma saya vestida, porèm á moda Franceza. E loge perguntey ao Desengano: Que individuo quimerico, ou fantastico era aquelle, que eu não sabia distinguir? E se era alguma machafemea, a quem chamão Hermaphorditas?

Bem conheço, Senhor, (me respondeo o Desengano) que he o vosso reparo fundado em muita razão. Porèm sabey, que o que tendes visto, he huma mulher casada, a qual, por lhe fazer a vontade o marido, sendo Portugueza, a traz vestida á Franceza, com todo aquelle apparato; ou, para melhor dizer, desalinho.

Quem tal cuidára! (disse eu ao Desengano) Que chegassemos a ver nas matronas Portuguezas semelhantes modas no vestir! Aquellas, que de todas as mais nações do mundo foraõ veneradas, e invejadas tanto pelas suas inexplicaveis virtudes, como pela modestia com que se ornavão quando sahiaõ fóra

fóra de suas casas ! E basta que chegou a dizer hum grande personagem Estrangeira estando em Lisboa : Que mais receava conversar com hum Matrona Portugueza , do que tratar com os Cavalheiros Lusitanos : porque estes eram em extremo muy Cortezaons , e Palacianos ; e aquellas muy feveras , recatadas , e no vestir muy honestas.

Fallais com muito acerto , Senhor Pastrano : (me disse o Delengano) porèm mais para se estranhar , e notar , he ver o como se tratam neste tempo alguns Portuguezes , que mais parecem representantes figuras de Comedias , pela variedade das modas de que usam ; do que esforçados Soldados , ou Cortezaons Lusitanos. Sendo que foy huma naçam , que fez temer Roma , assombrar Castella , pasmar França , admirar Inglaterra , fugir Hollanda , castigar o Othomano , sujeitar a India , cativar a Ethiopia , dominar a America : finalmente aquelle pasmo do esforço , que conquistou , dominou , rendeo , e venceu todas as quatro partes do mundo , com poder , saber , destreza , e valentia , como o publicão esses Annaes da Fama por todo o Orbe.

E por isso parece que , de invejotas , as Dalilas das mais naçoens se conjuráraõ contra os esforçados Samsoens Portuguezes para os destruirerem , até que lhes fizeram cortar os cabellos , tirando-lhes as forças ; mettendo-lhes coifas nas cabeças , que são as cabelleiras , untadas de oleos amansativos , e polvilhadas com pós de cegueira , para que não vejaõ o como os enganaõ , e amansaõ ; tirando-lhes as fortes espadas , e mettendo-lhes rocas nas cintas , isto he , os cotós , e espadins , de que usaõ agora os cegos , e melindrosos Portuguezes.

He isto tam certo, que vós digo, que ha homens, que, por não desfincharem os crespos topetes das cabelleiras, antes se deixarão abraçar do Sol, e molhar da chuva, do que pôrem os chapéos nas cabeças. E outros vi eu, que, por lhes não cahirem os pês das cabelleiras, não abaixarão as cabeças, ainda que lhes fação grandes cortezias. E sendo que sabem todos, que manda a Igreja, que todos os annos se nos ponhão pês de cinza nas cabeças, para que tenhamos lembrança da morte, e para que vejamos que em pó nos havemos de tornar; agora estou vendo que os lançam os homens para se esquecerem da morte. E o peyor he, que ainda muitos velhos, devendo com mais razão ter presente esta lembrança; pelo contrario o estão fazendo, por se esquecerem do que deviaõ sempre cuidar. Oh cegueira dos viventes! Oh desgraça dos mortaes! Quem te pudera emendar, e desenganar, antes de chegares a teu precipicio, e perdição!

E vede agora como poderão estes taes ser ligeiros Soldados, e destros guerreiros, vivendo com tantos melindres, e resguardos. Porém nasce esta desgraça, sem duvida, por andarem os Portuguezes cegos, e prézos pelos cabellos pelas mãos das mais naçoens. A este respeito vos contarey o que vi, sendo bem rapaz, trazerem as mulheres por enfeites, e toucados nas cabeças: e vinha a fer, que se usava naquelles tempos huma moda, que chamavaõ patas, feitas tambem de cabellos, porém prézos em arames. Foy crescendo tanto a demasiada moda, e com tam superfluo custo, que havia patas, que custavaõ vinte, trinta, quarenta, e cincoenta mil reis: e tam deformes, que para poder

poder entrar huma mulher com este enfeite nas Igrejas, era necessario que estivessem as portas desimpedidas de gente. Vieram depois a chamar a este uso defenganos. Correram os annos, até que se defenganárao desorte, (com serem mulheres) que lançárao as patas fóra de si; e nem por isso ficárao feas.

Assim tambem he justo que succeda agora aos homens com a presente moda, ou abuso das cabelleiras, de que fallamos. No principio chamao aos cabellos postiços, cabelleiras; agora chamao-lhes perúcas) devendo chamar-lhes *Spelum-cas*, que em Latim quer dizer covas de Ladroens; porque com ellas roubaõ os Estrangeiras o dinheiro daquelles, que lhas compraõ para se enfeitarem. Melhor dissera, para se çujarem: porque, antes destas modas estrangeiras, vestiaõ-se os Portuguezes, para andarem limpos; e hoje vestem-se, para se çujarem. E isto com tanto custo, e dispendio, que bem se pudéra escusar, como d'antes se escusava; e nem por isso deixavaõ de ser muy prezados, e estimados, e tal vez que mais livres de tantas offensas contra Deos.

Até por conveniencia se devia escusar esta desnecessaria moda: porque, se vissem com attenção os Portuguezes a quantidade de ouro, e prata, que sahe todos os annos do Reyno de Portugal, e suas Conquistas para os Reynos, e terras estranhas, a troco destas drogas; haviaõ de repellar-se, e lançar de si fóra as cabelleiras. E entam veriam, e conheceriaõ que os não desamparou tanto a próvida Natureza, que os não cobrisse de cabellos sufficientes para se repararem das injurias do tempo, e lhes servirem de compostura para o rosto.

Porém muitos, por falta deste conhecimento, ou por ingratos a este beneficio, estão cortando os seus próprios cabellos, e tal vez muito melhores que os que compraõ por dinheiro, para se ornarem, ou çujarem de cabellos alheios: sendo tal vez estes de Hereges, gallicados, e cheyos de outros males contagiosos; se ja não são de animaes irracionaes. Aquí se me offerecia muito que vos dizer; porém passo de salto, por me não embarçar em cabellos.

Finalmente, se isto bem considerassem os esforçados Portuguezes, tornariaõ a pegar nas suas fortes espadas, com que fizeraõ tantas proezas por todo o mundo; e largariaõ os ridiculos cotós, e espadins, de que fazem agora tanta estimaçaõ.

Dir-me-haõ alguns destes professores de semelhantes usos, e amantes das cabelleiras: Que as modas antigas ja não parecem bem, por velhas. Mas a isso lhes respondo, que os vestidos não fazem aos homens; porém sim os homens aos vestidos. Porque ja ouvirieis dizer, que a purpura não fez o Orador.

Demais que, bem antigos são os habitos nos Religiosos; e nem por isso deixaõ de ser muy prezados, e bem vistos de todos. E nos Seculares, velhas, e bem velhas são as bécas dos Ministros Desembargadores; e nem por serem velhas deixaõ de ser muy estimadas nas Cortes dos Principes, e de todo o povo muy respeitadas.

Porém o que he mais para sentir, e chorar nesta tam esclarecida naçaõ, he ver que sendo muy promptos em todos os seus cinco sentidos, se vao fazendo cegos, surdos, e mudos. Como assim, Senhor? (lhe perguntey eu) Porque haveis de saber,
(me

(me respondeo o Defengano) que o Judeo he cego, o Herege furdo , o Gentio mudo , e pela grande amizade , e correlação , que vão tendo os Portuguezes com estas infectas nações, vão tambem prevaricando por algumas dependencias.

E por essa razão tomára eu agora dar hum brado , que se ouvisse em todo o mundo , e defengasse a esta tam heroica nação , para que vissem , ouvissem , e fallassem , por zelo de Deos , e amor da Patria , como sempre o fizeram , procedendo firmes , e constantes na Fé Catholica : e por isso foram tam mimosos , e favorecidos de Christo Bem nosso , como a experiencia no-lo tem mostrado com tantos prodigios , e milagres. E nam cuidem as mais nações , que fallo apayxonado ; porèm sim fallo como Portuguez defenganado , e Irmaão da Verdade.

E nesta practica fomos tratando , até que chegamos a casa : e porque era ja meyo dia, achamos a meza posta , e jantamos. E depois de darmos graças a Deos , me pedio licença o Defengano para se recolher a passar a fésta : e me disse que tambem eu podia descansar. Escusey-me , dizendo-lhe que o nam tinha por uso , porque me fazia mal o somno meridiano.

Sahio a este tempo a Dona Verdade ; e depois de me saudar muy cortezmente , me disse: Ja que, Senhor Pastrano , vós , e nós tivemos a dita de vires a esta casa : quero tambem que leveis alguns documentos meus , que em algum tempo vos poderão ser de proveito , se os observares com recta intenção.

Por prendas de mayor estimação, Senhora Dona Verdade , (lhe disse eu) prezarey sempre os vof-

fos conselhos : porque sey que nunca poderey errar, sendo advertido, e ensinado por vossos discretos dictames

Avisos exemplares da Dona Verdade.

PRimeiramente, (me disse a Dona Verdade) vos encommendo muito que seja o antidoto para vossa alma o santo amor de Deos : e a Remora para o não offenderes, o seu santo temor. No mais, que obrares, fazey por amar com temperança. Servi com cuidado. Soffrey com paciencia. Fallay com medida. Visitay sem molestia. Prometty o que puderes dar. Não digais tudo o que souberes. Dissimulay as offensas. Não vos tomeis com os que mais podem. Não sejais facil em crer tudo o que ouvires. Não julgueis de ligeiro, sem primeiro cuidar. Não concedais tudo o que se vos pedir. Não sejais prompto em prometter. Não vos resolvais sem maduro conselho. Não sejais facil em tratar a todos com risco de feres desestimado. Tratay verdade com todos. Fugi da lizonja. Procuray emendar em vós, o que vos parece mal nos outros. O que não quizeres que se saiba, não o digais a outrem. Sede reportado no fallar sem necessidade. Tende por certo, que o silencio assegura ao prudente, e acredita ao nescio. Se tiveres occasião de mandar, sede antes pio, que rigoroso : porque melhor he perdoar com brandura, que castigar com severidade. Fugi de officios publicos; porque he certo que, quem lida com papeis, não póde passar sem penas, e raras vezes se acha na corrente dos negocios paz no espirito : e vede, que ter hum olho no Ceo, e outro na terra, cau
fa

fa fealdade. Nam vos queirais mortificar por outrem , mettendo-vos no inferno. Fugi de toda a confusão ; porque a melodia melhor se ouve no silencio. Fazey por aproveitar o tempo em boas, e tantas occupaçoens ; porque gastá-lo mal , he furtá-lo a Deos. A humildade de coração livra , e defende de innumeraveis perigos. Nunca desprezeis a outro , por humilde que seja , sendo sabio , e virtuoso. A todo Sacerdote respeitay muito ; porque são na terra Ministros de Deos. Finalmente, se não desprezares o mundo , e amares a Deos, e ao proximo , nunca podereis ter paz no espirito: porque todo o nosso cuidado deve ser amar a Deos como fonte , mar , Ceo , e centro das nossas almas.

Naõ sey com que palavras, Senhora Dona Verdade, (lhe disse eu) vos possa manifestar o quanto me reconheço obrigado dos grandes beneficios , que de vós, e do Senhor Desengano , vosso Irmaõ, tenho recebido ; pois me parece que nunca cabalmente os poderey pagar. Queira Deos dar-me saúde , e vida , para em parte me poder mostrar agradecido de tão bom agasalho, e saudaveis conselhos, que me tendes dado.

Sabey , Senhor Pastrano, (me disse a Dona Verdade) que nos não persuade a fazer-vos estes agasalhos o interesse da remuneração de vossa liberalidade : porque , supposto que não sejamos ricos de bens temporaes, não somos tão mendigos , que não possamos passar a vida sem experimentar essas insupportaveis misérias ; porque a divina providencia nos soccorre com que podemos viver: e , segundo o que lá diz o rifaõ, Rico he aquelle , que com o que tem se contenta. Isto , que tendes ex-

perimentado de nós nesta casa, costumamos fazer a todos os que nos parece que vivem defengados das vaidades do mundo, e ajustados aos dictames da razão, e preceitos divinos.

E levantando-se da fésta o Defengano, logo me deo todo o necessario para escrever para o Reyno: o que brevemente fiz, e dentro da carta metti a procuração, e a entreguey ao Defengano, para ma remetter para Portugal.

Alli passey toda a tarde em conversação com o Defengano, e a Dona Verdade. E fiquey admirado, e absorto, do que me contáraõ dos atrozes vicios, e horrendos peccados, que commettiaõ naquella Cidade os seus moradores, tanto sem pejo, nem temor de Deos: affirmando-me, que por isso receavaõ algum grande castigo á Cidade, e a seus habitantes. Até que anoyteceo, e me fizeraõ o mesmo agasalho, que ja me tinhaõ feito na noyte antecedente.

Despertey a tempo, que os Relogios da Cidade, sem que jogassem ao vinte, conformemente cincáraõ. E reparando, notey que, sendo isto no jogo erro, foy nos metaes acerto: porque como viraõ a Aurora, e logo hum luzeiro claro, suppuzeraõ ser o Sol, de quem se viaõ abasados; e por isso em silencio se ficáraõ no sagrado, mettidos em altas torres, porèm prezos a bom recado. E logo sahio o Defengano, e sua Irmãa Dona Verdade, e me deraõ os alegres dias, que eu acceitey com hum cordial affecto. E pedindo-lhes licença para seguir a minha viagem, (porque tinha ouvido dizer que os hospedes aos tres dias enfadaõ) com effeito delles me despedi, com demonstraçoens de muy grande agradecimento pelo bom agasalho, que me tinhaõ feito.

E che-

E chegando ao Caes da Cidade , acheý huma embarcação , que seguia derrota para o Porto de Santo Amaro, na qual me embarquey: e saltando em terra, me pôs a caminho ; e sem me doer pé, nem perna , com muy bom successo , cheguey a minha casa , haverá dous dias. Esta he , Senhores, a relação , que vos posso dar do que me succedeo na Cidade da Bahia.

Na verdade , Senhor Pastrano, (lhe disse o Capitão) que melhor nos não podieis satisfazer, pela agradavel narração , que acabastes de repetir. Porém o que me admira , he que em tam breve mapa tendais visto tanto mundo , e em tam pouco tempo tendais descoberto tantos successos. Pois sabey , Senhor Capitão, (lhe respondeo o Pastrano) que para ver o mundo, e o que nelle passa, não he necessario corrê-lo ; porém sim basta reparar no que nelle succede : e em quanto ao que vi, e ouvi na Cidade da Bahia , vos não disse a terça parte do que vos podia dizer. Fallais com muita certeza, Senhor Pastrano; (disse o Capellaõ) que está hoje este Estado do Brasil, e principalmente a Cidade da Bahia, peyor do que estive a Cidade de Lima , quando por semelhantes culpas foy castigada.

Ja que fallastes nessa materia, Senhor Reverendo Padre, (disse o Capitão) tomára que me contasseis esse successo : porque supposto que varias vezes tenha ouvido tocar nelle , nunca tive a dita de o ouvir repetir individualmente ; nem acheý pessoa , que me soubesse explicar o como acontenceo esse castigo , sendo tão notavel. Eu o tenho escrito. (disse o Capellaõ) Muito favor me fareis, Senhor Reverendo Padre, (disse o Capitão) se mo fize-

fazeres presente. E logo chamou o Capellaõ pelo Sacristaõ, e lhe mandou que trouxesse hum livro, que estava dentro de huma gaveta do caixaõ da Sacristia. E assim como chegou, conheci ser o mesmo, no qual me tinha lido o Sacristaõ a explicação do Quadro da vida humana. E nelle leo o Padre Capellaõ na fórma seguinte.

C A P I T U L O XXVII.

Copia de huma Carta escrita da Cidade de Lima ao Presidente das Chárcas, na qual se lhe conta o infeliz successo, e ruina, que causou o tremor da terra em toda aquella Cidade, aos 20. de Outubro de 1687. desde as 4. horas e meya da manhã, até as sette e meya do mesmo dia.

MAis tempo havia de hum mez, que huma Imagem de Nossa Senhora, que estava em casa do Doutor Joseph Calvo, (Ouvidor que foy desta Real Audiencia, de gloriosa memoria) estava suando, e chorando copiosissimas lagrimas continuamente, com admiração de muitas pessoas de conta, e dos Padres da Companhia de J E S U, que o hiaõ ver. E correndo fama, foy tambem o Senhor Vice-Rey com sua mulher, e familia a ver este prodigioso milagre. E posto que se hia divulgando, não se fazia caso de nada, nem diligencia alguma para applacar as demonstraçoens, que fazia a Virgem Santissima, como taõ piedosa, e verdadeira Mãe nossa.

Levou o Senhor Arcebispo para sua casa a santa Imagem: e adoecendo no mesmo tempo, se foi convales-

valescer ao Calháo de Lima, distancia de duas legoas desta Cidade, aonde concorria muita gente ao despacho da Real Audiencia, e tambem os da Armada, que sahio ao Domingo á tarde, aos dezanove deste presente mez de Outubro.

E logo no seguinte dia, ás quatro horas e meya da manhã, começou a tremer a terra piedosissimamente, para dar tempo aos dormentes, que se levantassem, e fugissem; porque hiaõ continuando os tremores de mayor a mayores, de tal sorte, que dentro em mayo quarto de hora chegou a tal extremo, que parecia ja o terrivel juizo, e que se acabava o mundo. Porque o ar dava bramidos, como touro: os edificios, portas, e janellas cahiaõ com tanto estrondo, como se em hum mesmo tempo tocassem cem caixas de guerra juntas; ou se dessem golpes em as portas, como nas trevas na semana santa. A terra ao mesmo tempo tremia de forte, que não havia pessoa, que pudesse estar em pé, mas prostrando-se por terra, sem achar refugio de piedade: temendo todos que se abrisse a terra, e nos tragasse a todos vivos; pois não se esperava outra cousa com a repetição grande dos continuos tremores.

Começáraõ logo a cahir os telhados, e paredes das casas, causando com isto mayor confusão a todos. O pó se levantava ás nuvens, cegando-nos esta turbação, e deixando-nos muito confusos pela muy pouca luz que a Lua em os principios de seu minguante nos communicava em tão infausa madrugada; demais que, alguns dias antes, não só a Lua havia escurecido, mas tambem o Sol, e as Estrellas; e nesta grande escuridade se não via, nem ouvia, mais que relampagos, e trovoens: mostrando-se

strando-se o Ceo triste da notavel ruina, que ameaçava aos homens a ira de Deos. E assim, por todas as ruas andavaõ homens, mulheres, e meninos nũs, e em camisa, do modo que fugiaõ de suas casas, chorando amargamente, e pedindo a Deos misericordia.

Na verdade se póde comparar esta Cidade com a de Ninive em aquelles tres dias de penitencia, com a prégação do Profeta Jonas: lembrando-nos alguns de nũs do Padre Frey Luiz Galindo, Servo de Deos, o qual oito dias antes deste terrivel espectaculo havia convidado aos ouvintes, a campanha tangida, que importava muito ao povo, que fossem ouvir seu Sermaõ á Igreja Mayor, Metropoli desta Cidade de Lima; e que não ficasse pessoa alguma, que lhe não fosse assistir no dia assignalado para o Sermaõ.

Ficou sentidissimo o dito Religioso da pouca gente que lhe assistio; porque não chegavaõ a doze pessoas. E pediu a estes poucos que o ouviram, fervessem de Prégadores a toda a Cidade, e da parte de Deos os admoestassem, que se guardassem da sua ira, e estivessem alerta até os dezoito de Outubro; porque haveria hum grande terremoto, e muy espantoso, o qual nunca se havia visto em estes Reynos, e por ultimo se assolaria toda esta Cidade. Que applacassemos a ira de Deos: porque nossas culpas occasionavaõ estes rigores, bem merecidos pelo protervo de nossos corações negligentes a taõ repetidas vozes de tantos Ministros Sacerdotes, e revelações de tantos Servos seus, que nos tem prégado com tantos sinaes antecedentes, e desigualdades de tempos. E com esta memoria, clamavaõ todos ao Padre Galindo, que, pois era

San-

Santo , intercedesse por todos.

Ao cabo de mais de meya hora cessou o tremor, e pudemos (aindaque com bastante risco) entrar em nossas casas antes que amanhecesse , e tirar nossas roupas de vestir. A's seis horas da manhã acudiram todos á Praça mayor , onde estavam os Prégadores exhortando a penitencia ; e dahi foram muitos aos Conventos a confessarem-se , e commungarem. E estando nestas diligencias , segundou outro mayor tremor , que o passado ; o qual derrubou todas as Igrejas, Conventos de Frades , e Mosteiros de Freyras , com o resto de todas as casas desta Cidade : de tal forte , que as paredes , que todavia haviaõ ficado em pé , estavam taes , que se mandáram derrubar , porque não causassem mais mortes das que causáram as que cahiraõ , que são innumeraveis ; e os mortos são de todos os estados ; porque haviaõ acudido a S. Domingos , e Santo Agostinho , e nas mesmas Igrejas os matou a todos o tremor , e na rua aos que hiaõ passando. Em S. Domingos cahiraõ dous grandiosos troços da torre , que hum a arrazou algumas Capellas , e outra todo o Coro , que apanhou debaixo infinita gente. E na dita Igreja escapáraõ sómente os que se acolheraõ para a Capella de Nossa Senhora do Rosario , a qual ficou sãa , e salva.

A torre de Santo Agostinho , com o resto do telhado do corpo da Igreja , cahio , e matou muita gente , que estava dentro della : na qual morreráõ tambem muitos Religiosos de Missa, Leigos, e Serventes , que até o presente se não averigua quantos foraõ , pela grande confusão em que todos estavamos com a repetição de tantos tremores, que, segundo os contemplativos , passavaõ ja de duzentos

tre-

tremores em tempo de oito dias.

Em o Convento de S. Domingos passou o mesmo por dentro, que no de Santo Agostinho, que tem enterrado debaixo de suas ruinas a infinita gente, de que tambem se não sabe o computo de quantos sejaõ mortos: e tudo he chorar, e gemer debaixo dellas, sem a ninguem se poder valer; e nós esperando outro mayor terremoto.

Cahio tambem o Convento de Santa Clara, assim a Igreja, como todo o Campanario, e Coro: e colhendo a muitas Freyras rezando, as sepultou, e a muitas Criadas, e Seculares, de que tambem se não sabe o numero; porque cahiram todas as Cellas de dentro, e as paredes da rua, que vay por detraz do Carmo. Sahiraõ por cima dellas as que escapáraõ, procurando a seus parentes, para que as recolhessem, vestissem, e sustentassem; pois sahiraõ as mais dellas nuas, da sorte que estavaõ em suas camas. Como sahiraõ as filhas de Dona Grimaneza, chorando pelas ruas, procurando a seu Pay, e Mãy, que estavaõ todos perdidos com sua familia em hum Horta; porque todas as suas casas, assim da Cidade, como fóra della, se tinhaõ arruinado com os grandes tremores: e ficáraõ as Freyras taõ pobres, que nem onde se recolhessem tinhaõ, mais que a Horta onde estavaõ amontoados, pedindo a Deos misericordia. E algumas Noviças, e Criadas, apartando-se dellas, sahiraõ pelos telhados, e andavaõ continuamente pelas portas, e arrebaldes, para sustentarem as pobres Freyras: e romperiaõ hum parede da Cerca, para lhes entrar o sustento, e esmólas; porque não havia lugar pelas portas, nem pateos, que cahiraõ. Em alguns lugares destes se ouviam vozes pedindo soccorro, que

que as tirassem debaixo daquellas ruínas : mas nam era possivel; por serem muitas as Cellas cahidas, humas sobre outras, e grande o risco que ameaçavaõ as outras, que estavaõ como dependuradas, para cahirem todos os instantes : e assim haõ padecido muita fome as que ficaraõ vivas debaixo das ruínas, sem se poderem remediar.

Tambem cahio o frontispicio da Igreja Cathedral, com sette abobadas da Capella : e as que não cahiraõ ficáraõ taõ damnificadas, que será forçoso derrubá-las, para se tornar a cobrir toda a Igreja de novo. Sómente o Sacrario ficou livre, sem ser tocado de nada destas ruínas.

Tambem cahio todo o Convento da Conceição : e as Freyras se sahiraõ todas com licença do Senhor Arcebispo, e se passáraõ a outro Convento, que de novo se fazia. Cahiraõ todos os demais Conventos de Freyras, do Prado, das Carmelitas de S. Joseph, de Santa Catharina, e o da Encarnação; e sómente ficou o das Carmelitas Descalças.

Cahiraõ as abobadas da Igreja de S. Francisco de meya laranja, e toda a Capella de Nossa Senhora de Aranzara; e sómente a Cerca não recebeo damno algum. Cahio tambem todo o Convento das Mercês, e o de S. João de Deos, com todas as Recolletas : como tambem a Igreja do Padre Castilho, com o meyo arco da Ponte. Cahio tambem S. Lazaro, e Santa Anna com todos seus Hospitaes: e os mais Hospitaes, o de S. Bartholomeu, o de Santo André, e Caridade. E finalmente, basta que em hum Cidade taõ populosa, como esta de Lima, com taõ copioso numero de Templos, não ficasse nenhum em pé, mais que o das Carmelitas Descalças,

calças, e o dos Padres da Companhia de JESU; fe-
bem que todo o Claustro se lhe arruinou. De
modo, que destes Templos, huns cahirão; outros,
he necessario acabá-los de arrazar, para se reedifi-
carem.

Tambem se arruinou todo o Palacio Arcebis-
pal, e cahiram os corredores pela parte de den-
tro. E do mesmo modo se arruinou o Palacio Real.
Cahirão as Salas das Audiencias, e toda a Sala do
Crime, e Tribunal de Contas; onde dizem os
Prégadores que se haviaõ feito tantas injustiças
contra os Póvos, cujos gemidos, e lagrimas che-
gáraõ ao Tribunal Divino, a provocar sua Divina
Justiça. Cahirão os Carceres, e a Enxovia desta
Cidade: e fugiram todos os presos, que aqui ha-
viam trazido dos Navios Collarios, que nesta Cos-
ta tem feito tantos estragos, e latrocinios, botando
gente em terra, e cativando muitos Póvos, e Lu-
gares, onde foraõ apanhados estes. E querendo fu-
gir da Cidade, a Virgem Nossa Senhora lhes ap-
pareceo dando-lhes claridade, para que se puzes-
sem em parte, onde cahindo as paredes lhes não
fizessem mal; e lhes mandou se fizessem Christãos,
como elles o publicáram: e pela manhã confes-
sando-se, e recebendo os Sacramentos da Igreja, ab-
jurarão a heresia.

Affolou-se finalmente toda a Cidade, sem ficar
coisa de proveito, e todos os Portaes da Praça em
contorno: quebráram-se os Pilares, cahindo gas-
toens, ramadas até a profundo; e as Tendas dos
Mercadores se affundáram, e tudo está debaixo des-
tas maquinas; e se vão desenterrando algumas rou-
pas. Em todos os Mosteyros de Frades, e Freyras
morreo muita gente, e tambem em todas as demais
casas,

casas, principalmente debaixo dos portaes dos Escrivães: porque com o repentino tremor das seis horas e meya, e haver-se escurecido a praça com infinito pó, os matavaõ as pedras, e telhas. Os corpos, que até o presente se tem tirado destas ruínas, passaõ de duzentos, e se haõ sepultado nos cemiterios sem fórma de enterro. Destes haõ sido muitas pessoas de conta, como D. João Ramirez com toda a sua grande familia, que morreraõ todos juntos debaixo do pateo de sua casa: porque querendo-se fahir fóra della, fugindo a tantos tremores; estava já a porta tapada com humastaipas, que tinhaõ cahido de cima, e lhes detiveraõ a fahida; e nelle mesmo tempo cahio o pateo, e os sepultou a todos.

Muitos fugiaõ das casas, temendo suas ruínas, mas na rua o pagavaõ; porque as casas, que cahiaõ, a muitos sepultavaõ. Parecia esta confusão hum dia de juizo, com a grande lastima dos viventes, que viaõ padecer, e ouviaõ gemer a tantos debaixo daquellas ruínas, sem nenhum lhes poder ser bom, nem valer.

O Calhao de Lima, que dista duas legoas desta Cidade, depois de assollada ella, se alagou: porque com o tremor das seis horas e meya para as sete da manhã, fahio o mar com tanta violencia fóra de seu curso natural, que levou todos os Indios, e seus ranchos, affogando-se todos, e entrou pelo Calhao pela porta do Petepaty, e pela porta do Rio, e pela principal; e depois de alagar todos os Templos, e casas, e affogar muita gente, milagrosamente escapáraõ algumas pessoas, que se subiraõ pelas muralhas.

O Senhor Arcebispo escapou, a Deos misericórdia, com huma perna quebrada: e vendo-se afogados todos os Clerigos, e Frades, sómente escapáraõ o Secretario, e o Mordomo do dito Senhor, ainda que bem molestados. Morreraõ affogadas as mulas da carroça, e cavallaria do dito Senhor, e a pé vieraõ todos os que escapáraõ, até huma legoa distante do Calhao; donde trouxeraõ ao Senhor Arcebispo, e a seus criados a huma horta de D. João Jozé da Cunha, e ahi se estaõ curando; tendo já feito Governador de seu Arcebisnado ao seu Provisor. Os Senhores Ouvidores escapáraõ tambem, a Deos misericórdia: e o Senhor Cura, com huma perna quebrada. O official de Justiça se vio enterrado; e sahindo livre, todo cheyo de terra, deo graças a Deos pelo haver livrado. Aos segundos tremores, ficou como espavorido; e por ver a Cidade arrazada por terra, se retirou para fóra della com grande pressa a pé, seguindo-o hum criado, até huma horta de D. Francisco, que está fóra da Cidade.

O Senhor Vice-Rey, e sua familia sahiraõ em camisa á praça; onde armou huma barraca, junto a huma Igreja de Nossa Senhora do Rosario, que de novo se fez, por haver escapado a Santa Imagem no Convento de S. Domingos. Tambem se andaõ fazendo outras muitas com grande pressa; como he a da Cathedral, e a do Padre Castilho. Porque como a praça he espaçosa, se acolhia a ella toda a gente que podia, fugindo das casas, e das ruas; porque viaõ não escapavaõ casas, nem Templos, onde ficasse pedra sobre pedra com os terremotos.

Mandou Sua Excellencia informar-se da gente que havia escapado na Praça, para se formarem os Tribunaes, e fazer Justiça; que sem duvida alguma se fará, e porá tudo em bom governo. Nomeou dous Alcaides: e a primeira couza que fizeram, forão dous fórnos; porque todos tinham cahido, e passava de dous dias que não havia pão, nem couza que se comesse, senão algum milho, e esse muy pouco. Hiaõ derrubando os vestigios da Cidade; sebem que os terremotos vão continuando, e matando a muita gente de novo: e neste estado, tudo são lastimas, e lamentações; porque não deixa de tremer a terra. Supposto que alguns Prégadores Servos de Deos asseguraõ estar Deos nosso Senhor applacado de sua ira, por intercessão da Virgem Santissima, e pelas grandes penitencias, que de presente se fazem.

Deixo os grandes, e feyos peccados, que referem os Prégadores haõ confessado muitos. E até os mesmos demonios tem confessado por exorcismos de endemoninhados: Que Deos nosso Senhor lhes havia dado licença a quatro legioens de demonios, para que assolassem esta Cidade, e Reino com tremores, fogo, agoa, e peste; mas que por intercessão da Virgem Santissima coarctou a licença, deixando-lhes sómente os tremores a seu cargo, que continuaõ com mais moderação. E que a Virgem Santissima andava pelas ruas desta Cidade detendo as paredes, para que não matasem toda a gente.

Com estas alegres novas se fez huma Procissão de sangue sexta feita vinte e quatro do corrente, e sahio do Convento dos Descalços. Hia nella o

Senhor Vice-Rey descalço de pé, e perna, com hum corda ao peſcoço, e hum campainha na mão, pedindo a Deos miſericordia. E aſſim mais hiaõ os de palacio do meſmo modo. A Senhora Vice-Rainha, com hum corda na garganta. Outras muitas peſſoas hiaõ com oſſos, e freyos nas bocas, e eſpantofas prizoens, e penitencias de ſangue. Tambem hiaõ todos os Clerigos, e Frades, com grandes penitencias, cobertos de cinza pela cabeça, e cara, com habitos de hervas, e cilícios, fõmente com as caras deſcobertas: e todõs os mais, aſſim homens, como mulheres, e meninos, Cavalheiros, e gente plebéa. Naõ faltou mais que a Real Audiencia. E havendo rodeado toda a Cidade, tornou a Prociffaõ aos Deſcalços.

No dia ſeguinte, Sabbado, fizeraõ nova Prociffaõ os Clerigos de S. Pedro, com muy notavel edificaçaõ, e exemplo para os Seculares, com horri-veis penitencias de ſangue, freyos nas bocas, e os mais delles rapados, e encinzados. E ſe continuavaõ grandes Sermoens, ſegundo, terceiro, e quarto dia de tremor.

Vieraõ novas de que ſe tinha aſſolado Cacabelica, e Pino; onde ſahio o mar de ſeu curso, e os navios, que eſtavaõ ancorados no porto, os pôs na praça: como tambem levou caſas, e Templos neſtas Provincias, com morte de mais de duas mil peſſoas.

O meſmo ſuccedeo na Requipa, Comele, Chincã, e Chiles, onde havia muita gente, aſſim Eccleſiaſticos, como Seculares, e todos acabáraõ a vida na Igreja, que levou o mar. Ao ſegundo tremor da manhã ſe aſſogáraõ cento e doze peſſoas
conhe-

conhecidas , e multidão de Indios , dos quaes sómente escapáraõ dous , que andavaõ pescando no mar. Os mortos se sepultáraõ onde tinha sido Igreja.

Em Chinca levou o mar todos os trigos , que estavaõ no porto para se embarcarem para esta Cidade ; como tambem levou muitas coufas , e muitas sementeiras , e novidades ; porque entrou pela terra dentro duas legoas , e pela costa abaixo mais de trezentas : de que se esperaõ grandes fomes , e peste ; como haõ vindo novas dos Valles , que morre muita gente. Chegáraõ dous navios de Chiles , e daõ por novas , que anda grande peste , e que tem abrazado a muitas Cidades , e Lugares com morte de mais de hum milhaõ de Indios.

Tivemos noticia de que a Armada , que hia para Panamá a buscar o Senhor Vice-Rey novo , se havia perdido , por causa dos tremores , e tempestades. E se he certa esta nova , perdido está este Reino ; pois não tinhamos outra defenõa neste mar. Depois tivemos outra noticia de que para a parte do mar se tinhaõ ouvido muitas peças de artilheria : donde se póde presumir , que vay bõa toda a Armada.

A perda de Lima chega a cem milhoens , segundo a conta do Padre Marito , e Escovar : e a não havemos de ver restaurada em nossas vidas. Os Servos se tapáraõ , e os caminhos ; e não ficou Igreja em pé. Vaõ-se acabando as rendas dos Morgados , e das Freiras , Vigarios , e Capellarias. Queira Deos nosso Senhor dar-nos sua graça , para o servirmos. Amen.

E assim como acabou o Padre de ler a Carta do successo da Cidade de Lima; disse o Capitão: Estupendo caso por certo, e digno de se trazer sempre na lembrança, para se evitarem tantos peccados, que actualmente se estão commettendo no mundo, e principalmente neste Estado do Brasil!

E he para notar, (disse o Capellaõ) que fica essa Cidade de Lima na mesma altura de treze grãos da Linha Equinoccial para o Sul, em que tambem está a Cidade da Bahia. E por esta circumstancia, ainda com mayor razão se deve temer algum castigo por causa dos grandes peccados, que nella fazem seus habitadores tanto sem temor de Deos.

Fallais com muito acerto, Senhor Reverendo Padre; (disse o Pastrano) porèm eu cuido que huma das razoens, porque Deos suspende a mão de sua Divina Justiça, e não tem já castigado esta terra; he pelo grande zelo, e fervorosa devoção, com que seus moradores tanto venerão ao Santissimo Sacramento, e com tanto dispendio de suas fazendas assistem ao culto Divino, e servem aos Santos.

He certo, e indubitavel, Senhores, (disse o Capellaõ) que se paga Deos muito de que os homens o venerem, e a seus Santos, como consta pelos grandes, e evidentes milagres, que tem succedido no mundo: e pertendê-los repetir eu agora, seria o mesmo que emprender esgottar o mar.

E pedindo licença o Padre Capellaõ aos que estavam no alpendre, se foy para a Sacristia a revestir, e sahio a dizer Missa. Chegando ao Offertorio,

torio, fez huma practica digna de muy grande edificação, pela doutrina com que a todos exhortou. E depois de ter acabado a Missa, tornou a vir ao alpendre, onde disse aos seus Fréguezes: Que pretendia seguir viagem naquella presente frota para Portugal. E que o encommendassem a Deos: porque elle o mesmo lhes promettia fazer nas suas orações, e sacrificio da Missa, pelo muito que a todos hia o brigado.

Ainda não tinha posto fim o Capellão a estas palavras; quando de todos os que estavam presentes foraõ tão repetidas as faudosas lagrimas, que o coração mais impedernido se renderia a sentimentos. Até que por todos os circunstantes respondeo o Capitão, dizendo:

Com muy larga experiencia se diz, Senhor Reverendo Padre, que o bem, para se sentir, primeiro se ha de perder. E como Vossa mercê tenha sido de tanta utilidade espiritual para nós, por isso com tão sentidas lagrimas estamos já experimentando a falta futura da sua presença. E muito mais se duplicaria em nós esta dor, se vissemos que esta sua viagem era constringida, ou violenta. Mas como nos persuadimos ser voluntaria, ficamos em parte satisfeitos, ainda que não livres de padecermos huma tão penosa ausencia de quem tanto desejamos ter presente.

Agora reconheço eu, Senhor Capitão, e mais Senhores, (respondeo o Capellão) com quanta razão disse Plauto, que os beneficios feitos a animos honrados, e generosos, vão já pagos da remuneração com que se galardoaõ. E assim o experimento agora, pelo cordial affecto, com que Vossas mer-

cês tanto se tem mostrado sentidos por causa desta minha viagem, que pertendo fazer. E bem lhes posso certificar, que, se me não obrigara a razão de ir assistir a minha Mãe, e amparar a duas irmãs donzellas, que deixey em Portugal; de boa vontade desprezaria os mayores haveres, e conveniencias, que se me offerecessem no mundo, só por gozar da assistencia de tão honradas companhias. E com effeito, de todos se despedio o Padre Capellaõ.

C A P I T U L O XXVIII.

Declara-se o Ancião com o Peregrino, e lhe diz que elle he o Tempo bem empregado: faz-lhe muitos avizos espirituaes para bem de sua salvação: e dá-se fim á primeira Parte deste Compendio.

TAõ obrigado, como satisfeito, Senhor Peregrino, me confidero ao agradavel estylo da vossa narração, e conversação moral, e Ascetica, que tivemos estes dias. (me disse o Ancião) E prescindindo de toda a lisonja, vos posso certificar que são os vossos documentos muy dignos de se observarem, por serem fundados na ley Divina, que são os dez Mandamentos, os quaes toda a creatura racional, tanto que chega a ter uso de razão, está obrigada a guardá-los, assim para bem de sua salvação, como para mayor honra, e gloria de Deos.

Por

Por esta razão , e porque tanto me tendes dado a conhecer os meritos de vosso bom procedimento , vos quero agora declarar quem sou : advertindo-vos porèm , que isto não costumo fazer , senão aos prudentes , bem inclinados , e amigos de Deos , aos quaes o vulgo com muito acerto chama ensinados do tempo. E não aos que vejo que são insensatos , e negligentes em acceitar os bons conselhos espirituaes , que se lhes dão ; e por isso vem estes taes a cahir em muitos erros , e ficar tão faltos de razão , como cheyos de peccados , sem temor de Deos.

E assim conhecey agora , que eu sou o Tempo bem empregado. De mim tem fallado varios Authores sagrados , e humanos : e que existo no mundo , desde o primeiro século em que Deos me fez , e toda esta maquina do Universo. E sabey que tambem hey de ter fim , e que será a minha duração tão sómente até se acabar o mundo : quando Christo vier a julgar a todos os homens dos bens , e males , que fizerão em sua vida , dando a cada hum o premio , e o castigo , segundo seus merecimentos. E então se cumprirá o que disse o Anjo , tendo hum pé no mar , e outro na terra , e jurando pelo Creador vivente para seculos dos seculos : Que não haveria mais tempo : *Quia tempus non erit amplius* : (Apoc. 10. 6.) porque dalli por diante não haverá mais que eternidade , a qual durará em quanto Deos for Deos , que será para sempre sem fim.

E esta eternidade , he necessario cuidarem nella os homens ; pois por falta desta consideração estão já muitos precipitados no inferno penando para sempre. E por contraposição , todos aquelles
que

que na eternidade cuidáraõ, e cuidaõ, estão, e estarãõ gozando da Bemaventurança para sempre sem fim.

Esta consideração se valeo David, quando disse: *Et annos æternos in mente habui.* (Psal. 76. 6.) E assim dizia o Santo Rey: que tanto que meditou na eternidade, lhe ficou tão impressa na alma, que muito mais que antes se deo ao serviço de Deos, e caminho do espirito. Corrobora-se melhor esta verdade, pelo que diz o Espirito Santo por Salomão, que todo o homem caminha para a casa de sua eternidade: *Ibit homo in domum eternitatis sue.* (Eccl. 12. 5.)

Esta consideração da eternidade foy a que fez a muitos Varoens sabios, e prudentes encher as Religioens, povoar os desertos, deixar as riquezas, e desprezar o mundo.

Assim succedeo a Thomás Moro, Chanceller mór de Inglaterra, reinando Henrique VIII. Foy este Ministro condenado á morte, por não querer seguir a heresia: e indo lhe fallar ao carcere sua mulher para o perverter, lhe perguntou aquelle sabio Varaõ: Quantos annos poderey viver? Respondeo ella: Que vinte, e ainda mais. Concluio elle assim: Vindes-me logo persuadir que troque vinte annos de vida por huma eternidade de penas. Se dissesseis vinte mil annos, dirieis muito; mas a respeito da eternidade, era nada. E assim sacrificou a vida pela defenſa da Religião Catholica.

E agora vos digo, e posso certificar, que este, e outros muitos Varoens, que na eternidade cuidáraõ, e cuidaõ, tem, e terãõ o premio daquella Bem-

Bemaventurança, com que Deos paga aos que nesta vida com boas obras de virtude cuidão na eternidade.

A experiencia ocularmente nos está mostrando, que toda a creatura racional, depois que morre, com huma das duas eternidades se vay encontrar. Ou com a da Gloria, cuja grandeza he inexplicavel, pelo incomparavel bem, de que gozão os que a ella vão: ou com a do Inferno, á qual S. Gregorio Papa chamou morte sem morte; porque morrendo-se sempre nella pelas penas, nunca se acaba de morrer, por serem eternas na duração. E assim vos avizo, que da eternidade nunca vos descuideis, se pertendeis com acerto encaminhar vossos passos no serviço de Deos.

He tambem muito necessario que vos não esqueçais de que haveis de morrer: porque não ha cousa mais importante para livrar aos homens de offender a Deos, do que a repetida lembrança da morte. E diz Santo Agostinho, que esta lembrança ha de ser de todos os dias, para que estejão os homens aparelhados para quando Deos os chamar a dar contas de suas vidas. (*Homil. 13. interrog. 5.*)

Porque he certo que Satanaz, acerrimo inimigo do genero humano, conhecendo que o melhor meyo para fazer peccar os homens, he o esquecimento da morte; tratou logo de tirar a lembrança della a Adam, e Eva no Paraizo, quando lhes disse: *Nequaquam morte moriemini*; (*Gen. 3. 4.*) e deste modo os fez cahir na culpa.

Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz o Espirito Santo: Lembra-te de teus novissimos, e nun-

e nunca peccarás: *Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.* (Eccli.7. 40.) E á vista de tão grande authoridade, vede agora de quanta importancia he a toda a creatura racional o trazer sempre muy presente esta lembrança, para evitar as occasioens de peccar.

Tambem vos quero fazer hum avizo muy importante, e necessario para a vossa salvacão; e vem a ser: Que fujais muito de que vos enganem os tres Inimigos da alma, que são: Mundo, Diabo, e Carne; porque todos são falsos, mentirosos, e por extremo pobres, e necessitados. E se não, vede, e reparay com attenção: Mundo, no idioma Latino, quer dizer couza limpa: e bem fabeis que o que está limpo, nada tem de seu. E todos estes haveres, que vedes no mundo, são de Deos, que os fez, e permittio que os produzisse a terra, para serviço, e ministerio das creaturas, usando delles licitamente; e para adorno das Igrejas, e culto Divino. E sendo assim, como he verdade, só Deos póde dar aos homens o de que necessitam para poderem viver, e sustentar-se nesta vida.

O demonio he huma creatura tão mofina, vil, e miseravel; que ainda o mais pobre mendigo necessitado, que ha, e póde haver, he mais rico que o demonio: porque além de viver o mendigo nas esperanças de gozar da eterna Gloria, pois está em via de merecer, vive fóra do Inferno. Porém o demonio tem perdido toda a esperança de ver a Deos: mora no mais infimo lugar da terra, que he o centro do Inferno: e tem perdido tudo, porque perdeu a graça Divina. E assim entendey

tendey, que quem se chega a huma creatura tão abatida, nunca póde ficar authorizado. E com ser isto verdade, teve confiança este misero para prometter a Christo no deserto (porèm foy pelo não conhecer) todos os haveres do mundo.

A Carne he tão pobre, e necessitada, que nada possui. E supposto que tenha enganado a muitos com gostos, e prazeres, honras, e deleites; o Santo Job, que bem a conheceo, lhe chamou Complexo de misérias: *Repletur multis miseriis.* (cap. 14. v. 1.) Não tem em si mais que a alma, que a sustenta: em lhe faltando esta, toda se prostra, e se converte em podridão, pó, e cinza. Finalmente, nada he: *Nihil est*; como a definio o mesmo Job.

E assim acabay de entender, que o Mundo, Diabo, e Carne nada possuem, nada tem, e nada podem dar: porque, além de ser isto verdade de Fé, a experiencia o tem bem mostrado. E supposto que tenham enganado, e enganem ainda hoje a muita gente boa; he porque estes taes vivem neste espaço do mundo, que he hum Hospital de loucos.

Finalmente, só Deos he a summa Verdade, e nunca faltou no que prometteo, nem ha de faltar. Só Deos he rico, e todo poderoso, por ser Senhor do Ceo, e da terra, do mar, e de todos os mais bens, e haveres deste mundo; porque os fez, e permittio que se produzissem para a conservação das creaturas: os quaes bens póde dar, e repartir com quem sua Divina Providencia quizer: e he tão bom pagador, que por hum dá hum cento.

Isto supposto, allentemos por maxima certa, e infallivel, que para merecerem os homens o Divino agrado, tambem he necessario fazerem de sua parte boas obras. E por isso vos advirto, que, em quanto ha tempo, e existis no mundo, vos occupeis em exercicios de boas obras no serviço de Deos, principiando por huma Confissão bem feita; que he por onde se começa a servir, e agradar a Deos, depois de perdida a graça do Baptismo.

Esta confissão se deve fazer com grande dor de haver offendido a Deos, e proposito firme de o não tornar a offender. Porque haveis de saber, que tambem Judas confessou a sua culpa, e se arrependeo de ter vendido a Christo, quando disse: *Peccavi tradens sanguinem Justum.* (*Matth. 27. 4.*) porèm foy huma confissão dos dentes para fóra, e huma dor de cabeça sem febre, ou calor; e por isso se não sangrou. Devia fazer huma confissão, como a que fez S. Pedro: o qual, depois que tambem peccou negando a seu Divino Mestre, fez huma confissão com grande dor de haver peccado, e proposito firme de não tornar mais a peccar, e ferindo seu coração com repetidos golpes: e por essa causa lhe sahiraõ as lagrimas pelos olhos, que saõ as sangrias da alma: *Flevit amarè.* (*Matt. 26. 75.*)

Tambem vos avizo, que vos não deixeis ficar muito tempo dormindo na culpa; confessay-a logo; porque o demonio se ha com os homens, como o lobo com as ovelhas: tanto que o lobo apanha a ovelha, logo lhe aperta a garganta, para que não bale, e seja ouvida do Pastor; porque

que teme lha tire das garras. Assim tambem o demonio : tanto que faz peccar o miseravel peccador , tapa-lhe a boca ; para que lhe não acuda o Divino Pastor JESU Christo, e mande a seus Ministros (que são os zelosos Confessores) a tirar-lho de suas infernaes garras.

E assim importa muito que , quando o peccador cahir na culpa , se vá logo confessar : e em quanto não tiver copia de Confessor , faça hum acto de contrição , com grande dor , e arrependimento de ter offendido a Deos , por ser quem he , tão amoroso , e digno de ser amado , propondo firmemente não tornar a offendê-lo ; porque o não prenda o demonio , e fique com elle parecido pelo peccado.

Porque he sem duvida que o homem , em quanto está em graça de Deos , he huma imagem , e similhança do mesmo Deos : *Ad imaginem & similitudinem nostram* : (*Gen. 1. 26.*) e depois que cahio no peccado , fica escravo , e prezo do demonio , e com elle parecido pelo peccado : *Qui facit peccatum , servus est peccati.* (*Joan. 8. 34.*) E David diz que fica semelhante aos brutos : *Comparatus est jumentis insipientibus , & similis factus est illis.* (*Psal. 48. 13.*) E para recuperar hum peccador a primeira imagem de Deos , e quebrar as fortes prizoens , com que o tem atado o demonio , e desfazer a imagem , e similhança , que com elle tem pela culpa ; he necessario quebrá-la , e desfazê-la com grande dor , e arrependimento , e lavá-la com muitas lagrimas de contrição , fazendo penitencias segundo suas forças. E por isso não basta só confessar a culpa , e dizer que tem sentimento ,
sem

fem o executar por obras de satisfação. Porque David, para ser perdoado de Deos, e tornar á sua Divina graça, fez grandes penitencias, e chorou continuamente, dizendo de todo o seu coração: *Misere-ri mei Deus &c.*

E depois de feita esta confissão, do modo que vos tenho dito, será também grande acerto occupares-vos na conversação dos vivos mortos, que são os bons livros espirituaes; para delles tomares a lição, e documentos mais importantes para os acertos da vida, e salvação da alma. Porque he sem duvida, que pela lição dos bons livros vem os homens ao conhecimento de toda a verdade, para melhor se aproveitarem no serviço de Deos.

E por isso diz S. João Chrysostomo, que he muy importante a lição dos livros sagrados, pois por meyo delles recebe a alma a santificação, e graça do Espírito Santo. (*Homil. 31.*) E S. Pedro Damião affirma serem estas as mais fortes armas contra o inimigo infernal. (*Lib. 6. epist. 3.*)

Finalmente, são muitos os louvores, que dão os Santos aos livros espirituaes. Santo Agostinho lhes chamou cartas, que vem aos homens do Paraizo. S. Basilio lhes chama dons, que manda Deos do Ceo, e sustento das almas. S. João Chrysostomo diz, que ao lê-los se abrem os Ceos aos homens. E Cassiodoro lhes chamou utilidade do Christianismo, thesouro da Igreja, e luz das almas.

De Santo Ignacio de Loyola sabemos, que o ler elle o *Flos Sanctorum* bastou para dar principio aos grandes progressos de suas virtudes, e santidade. E outros muitos, e innumeraveis Varoens, pela

pela liçam dos bons livros vieram a ser tam grandes Santos , como tereis lido , e ouvido contar.

E tambem vos advirto , que o ponto consiste na applicação com que se lem. Porque he muito para reprehender em alguns (como notou S. Gregorio) lerem só para parecerem sabios , e eruditos ; sem tenção de se aproveitarem. (*Lib. 20. Moral. cap. 8.*) Donde venho a concluir , que ler por sómente ler , e não por se aproveitar , virá a ser occasião de darem os homens mayor conta a Deos das suas negligencias , e pouca applicação.

Finalmente , são os Livros entre todas as al-fayas , a que com mais razão se ama , de quem sabe conhecer o preço das que merecem ser estimadas.

Tambem será grande acerto occuparem-se os homens na assistencia de ouvir os Sermoes de doutrina , em que se explica a palavra de Deos : a qual tem tanta efficacia de allumiar , e aqueclar as almas ; que muitos ouvindo-a reformarão suas vidas , e abrafados do amor divino , havendo sido grandes peccadores , ficáráo justos , e acabáráo santamente. E pelo contrario tem acontecido a muitos , que pela não quererem ouvir , e abusarem das inspiraçoens divinas , experimentáráo varias desgraças , e finalmente vieraõ a perder a mesma alma.

E por isso vos aviso , que vos não aconteça seguir os dictames de alguns , presumidos de sabios , que só vão buscar aquelles Prégadores de grande fama pelos subidos conceitos , e floridos no estylo. Porque estes taes ouvintes , como não são homens

de espirito , não gostão do espiritual , e só trataõ do temporal : como se a santa doutrina nam fora cousa tão necessaria para a salvação dos homens , e a não dictára , e ensinára o mesmo JESU Christo.

Pois sabey que , por conhecer o mesmo Deos o quanto he de proveito para as almas a santa doutrina , a ensinou aos homens quando esteve no mundo , e a mandou prégar pelos seus Santos Apostolos por todo o Universo , e escrever pelos Sagrados Evangelistas ; para que os seus Operarios , que são os Prégadores Evangelicos , a ensinassem aos homens. E assim entendey , que a fama voa ; porém a santa doutrina he firme , e solida : os conceitos poderão ser errados ; porém a doutrina he certa , e verdadeira : as flores murchaõ ; mas a doutrina he fructo , que sustenta a alma. Reparay no que diz S. Paulo : *Sermo meus , & prædicatio mea , non in persuasibilibus humane sapientie verbis , sed in ostensione spiritus . & virtutis .* (1. Corinth. 2. 4.) Os meus Sermoens (diz o Santo Apostolo) não se fundam em palavras vãs da humana sabedoria , mas sim em espirito , e virtude. Nas quaes palavras condena a eloquencia humana , e inculca a efficacia necessaria para reprehender os vicios , e mover o coração ao santo temor , e amor de Deos.

E para fazerem os homens mayor estimação da palavra de Deos , saibaõ que Deos he o que falla nos seus Ministros ; pois disse o mesmo Senhor : Que quem os ouve , o ouve a elle : e quem os despreza , o despreza a elle : *Qui vos audit , me audit : & qui vos spernit , me spernit .* (Luc. 10. 16.)

E por

E por isso lá bradava Deos ao seu povo, que o quizesse ouvir : e queixava-se de que o seu povo nem o queria ouvir , nem o queria entender. Povo meu, (lhe dizia Deos) se tu me ouvires, nam me has de offender com peccados, nem has de adorar a outro Deos mais que a mim. *Israel, si audieris me, non erit in te deus recens, neque adorabis deum alienum.* (Psalm. 80. 9.) E porque aquellas homens não quizerão ouvir a palavra de Deos, ficáraõ fóra da sua divina graça. E assim concludo, por consequencia infallivel, que todo aquelle, que foge de ouvir a palavra de Deos, he prescito. E se não, ouvi a Christo por S. Joaõ : *Qui ex Deo est, verba Dei audit. Propterea vos non auditis quia ex Deo non estis.* (Joan. 8. 47.) Quem he de Deos, ouve a palavra de Deos: por isso vós a não ouvis, porque de Deos não sois.

Pagar-me hey tambem muito, se vos occupares na Oraçam : por ser tam necessaria; que vos posso affirmar que não ha salvação sem Oraçam. Compara David o Oraçam á respiração, sem a qual se não póde viver hum só momento : *Os meum aperui, & attraxi spiritum.* (Psalm. 118. 131.) Porque todo o bem, que a alma alcança, he por meyo da Oraçam. Por meyo da Oração recebem os homens a sabedoria, conforme o que diz o Ecclesiastico: (cap. 51. v. 18.) *Quæsiui sapientiam palam in oratione mea.* E dizia Santo Thomáz, que mais tinha aprendido orando, que estudando. Finalmente, não ha cousa, que mais tema huma alma nesta vida, do que as suggestoens, e tentacoens do Demonio : e para estas deo Christo aos homens o remedio na Oração, naquellas palavras do Pa-

dre nosso: E não nos deixes cahir em tentação, mas livamos de mal. (*Matth. 6. 13.*) E por isso disse S. João Chrysostomo, que a tentação não se atreve a chegar á alma que tem Oração.

E o que resta para serem os homens de Deos ouvidos, he que fação muito por lhe merecerem a sua graça. Porque, como será possível acceitar Deos a Oração daquelle, que não guarda seus Mandamentos? Por isso Divid dizia: Bem sey que me não ouvirá Deos, se eu tiver peccado no meu coração: *Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet Dominus.* (*Psal. 65. 18.*)

Dirão muitos: Que não podem ter Oraçam, por serem seccos, frios, azedos, e amargosos por natureza. Mas a isso lhes responderey com hum exemplo bem vulgar, e vem a ser: Que tambem ha muitas fructas seccas, frias, azedas, e amargosas, como he a cidra, a laranja, o limaõ, o marmello &c., porèm com a doçura do açucar se fazem agradaveis de forte, que se gosta muito dellas. Mas he para advertir, que antes de receberem esta doçura, são curtidas, e cozidas. Assim tambem se devem primeiro curtir, e cozer os homens com a penitencia, para depois receberem nas almas o clarificado, ou calda do açucar da Oração, que lhes tem preparado o doce JESU. E por isso se chama no idioma Latino o homem bem ensinado, ou o que pertende aprender, docil: que supposto não signifique doce, com tudo tem grande connexão com a doçura, por estar capaz de aprender, e receber as virtudes mo-raes, e espirituaes, que são as verdadeiras doçuras da alma.

E af-

E assim vos aviso , que antes da Oraçam façais hum acto de contrição com grande dôr , e arrependimento de ter offendido a Deos , batendo nos peitos , e pondo depois juntas as mãos. Porque haveis de saber que , quantas vezes o peccador fere o peito com dôr , tantas vezes bate nas portas do Ceo para que lhe abraão , para ser ouvido ; e desperta a sua alma , para pedir perdão a Deos. E todas as vezes que ajunta as mãos orando , prende com laços de amor a seu amorosissimo JESU , para que o não castigue ; e lhe pede que o favoreça com sua graça.

Para o que , he necessario tambem deixar os vicios , e abraçar a virtude , fazendo penitencia , e fugindo da ociosidade ; por ser esta a causa de todas as culpas. E por isso lhe chamou S. Basilio mestra dos vicios : e S. Lourenço Justiniano , mãy das concupiscencias , e madrastra das virtudes. (*Hom. 8. Exam.*) E acrescenta o Santo : Que a ociosidade he a que lançou os alicerces ao inferno : porque , se he verdade que o peccado fundou o inferno , a ociosidade ensinou ao peccado.

E por ultima conclusam de tudo quanto vos tenho dito , e advertido , vos peço muito que ameis , observeis , e guardeis muy inteiramente a Ley de Christo , por ser só ella a verdadeira , que devem guardar todos os homens que se quizerem salvar. Porque supposto que logo no principio do mundo houve a Ley da Natureza , que guardáraão Adam , e seus descendentes ; e depois deo Deos a Moysés a Ley Escrita : foraão ambas , a respeito da Ley da Graça , como huns Regimentos , por onde os homens se governassem para se

naõ perderem, até que viesse ao mundo JESU Christo, verdadeiro Messias promettido por Deos aos Patriarchas, profetizado pelos Profetas, e por huns, e outros tam esperado. O qual, depois que chegou, e appareceo no mundo como verdadeira luz, para exterminar das almas as trevas da culpa; huma, e outra Ley encheo, e reformou, e fez a pura, e verdadeira Ley da Graça, por ser este Senhor o ultimo fim, e complemento da Ley, como lhe chamou S. Paulo: *Finis legis, Christus.* (Rom. 10. 4.) Porque toda a Ley antiga se referia, e encaminhava ao Filho de Deos, como a seu objecto, esperando finalmente a sua santa vinda, para aperfeiçoar, encher, e mudar na Ley da Graça, como este mesmo Senhor disse: *Non veni solvere legem, sed adimplere.* (Matth. 5. 17.)

E assim acabay de entender, que todas as mais Leys, e Seytas, que tem introduzido o Demonio no mundo por seus sequazes, sam falsas, adulterras, e erroneas; e só a Santa Ley da Graça he verdadeira: como tudo se póde ver das sagradas Letras, e se tem comprovado pelos grandes prodigios, que se viraõ na consummação desta santissima Ley da Graça, quando seu Legislador Christo verdadeiro Filho do Eterno Padre a consummou, e rubricou com o seu Preciosissimo Sangue naquelle jeroglyphico de toda a sua Sacratissima Payxaõ, Cruz bendita, na qual quiz morrer Crucificado para remir o genero humano: Arvore da vida finalmente, em contraposição daquella, em que Adam se contrahio na culpa original, inficiando com ella a todos os seus descendentes.

O que

O que tudo fez , e obrou este amorosissimo Deos feito Homem , para mostrar aos homens o seu grande amor , com que se dignou remir ao genero humano , que estava cativo pelo peccado commettido por Adam contra Deos : e para que os homens em todos seus trabalhos , e afflicçoens tivessem por este meyo , allivio , e descanso ; consolaçam em suas penas ; ancora firme nas tormentas desta vida ; e prendas certas da Bemaventurança.

E para que melhor entendais esta verdade , ouvi o que succedeo na morte de Christo , estando elle pendente na Arvore da vera Cruz , depois de ter experimentado tantos tormentos na sua Sacratissima Payxaõ. Tremeo a terra , quebraraõ-se as pedras , abriraõ-se as sepulturas , moveraõ-se os montes , cobrio-se de luto o mundo , eclipsou-se o Sol , e a Lua , dando sinaes , e demonstraçoens de sentimento da morte do seu Creador.

Estes prodigios , e outros muitos se viraõ naõ só em Judea , onde padeceo o Salvador , mas tambem em toda a terra. S. Dionysio Areopagita , famoso Astrologo , e Mathematico , sendo ainda Gentio sem ter luz da Fé de Christo , estando em Hieropoli Cidade do Egypto , e vendo huma cousa tam nova , e prodigiosa , como foy escurecer-se o Sol , e eclipsar-se milagrosamente com a interposiçaõ da Lua , contra toda a ordem natural ; admirado deste successo , exclamou : Ou Deos Author da natureza padece ; ou a maquina do mundo se desfaz !

Porque haõ de saber , todos os que isto naõ sa-

bem , que o eclipse do Sol não pôde acontecer, fenaõ em conjunçam do Sol , e da Lua , por se pôr esta entre a nossa vista , e o Sol. E o que succedeo na morte de Christo , foy em occasião que estava a Lua chea de todo , e distava do Sol cento e cincoenta grãos , em outro hemisferio inferior á Cidade de Jerusaleem , como referem varios Authores.

Os Sabios de Athenas, vendo este admiravel prodigio , fizeram entam hum altar para o Deos nam conhecido : e prégando depois S. Paulo naquella Cidade, disse que o Deos , não conhecido por elles , era Christo Deos , e Homem verdadeiro : e com esta prégação converteo a muitas Gentes.

Tambem se rasgou o véo do templo de alto abaixo ; e cahio a pedra superior da porta do mesmo templo. E os Anjos , que nelle estavam , differam estas palavras , que muitos ouviram : Vam-nos desta casa , e desta morada. Dando a entender áquelles cegos , e desgraçados moradores, que como ja havia outro templo , que era a Igreja Catholica, naquelle , que tinha sido a Synagoga, não deviaõ residir mais.

A'lèm destes evidentes prodigios , e outros muitos , que se viram por todo o mundo naquelle dia da morte do Redemptor : o Centuriam, Capitam da gente de guerra , confessou a Christo por verdadeiro Filho de Deos. Longuinho , depois que ferio o lado de Christo , vendo-se restituído á vista, por ter sido d'antes cego , se converteo , e confessou a Christo por verdadeiro Deos.

Finalmente, foy Christo morto, e sepultado: e ao terceiro dia refuscitou com estranho resplendor, e magestade de gloria, e foy visto por muitas vezes de sua Santissima Mãe; e depois appareceo a seus Discipulos, e ás Mulheres Santas. E tudo isto, que vos tenho dito, o affirmáraõ varios Authores; e os Santos Evangelistas o confirmáo como testemunhas de vista. (*Matth. 28. Marc. 16. Luc. 24. Joan. 20.*)

E porque vos não fique a menor duvida desta verdade, de como Christo foy, e he o verdadeiro Salvador, e Redemptor do mundo: ouvi o que delle disseráo os Patriarchas, e Profetas, muitos seculos antes de sua vinda ao mundo.

Primeiramente consta da Sagrada Escritura aquella grande promessa, que Deos fez a Abraham, a Isaac, e a Jacob, na qual lhes prometteo que seria delles descendente o verdadeiro Messias Christo JESU: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terræ.* (*Gen. cap. 22. v. 18. cap. 26. v. 4. & cap. 28. v. 14.*)

Isaias dá testemunho desta verdade em tres lugares da sua Profecia. No Capitulo 25. v. 9. *Ecce Deus noster iste: expectavimus eum, & salvabit nos:* Eys-aqui este he nosso Deos, que esperamos, e elle nos ha de salvar. No Capitulo 35. v. 4. *Deus ipse veniet, & salvabit vos:* O mesmo Deos em Pessoa ha de vir salvar-vos. E no Capitulo 45. v. 15. nam só chama a Christo Salvador, mas juntamente duas vezes Deos verdadeiro: *Verre tu est Deus absconditus, Deus Israel salvator.* O Santo Job diz: *Redemptor meus vivit: & in carne mea videbo Deum Salvatorem meum:* cap. 19. v. 25.

v. 25. & 26.) O meu Redemptor vive: e neste meu corpo hey de ver a meu Deos. Oseas, ou Deos em seu nome: *Et salvabo eos in Domino Deo suo*: Eu os salvarey no Senhor Deos seu. (cap. 1. v. 7.) Zacharias: *Et salvabit eos Dominus Deus eorum*: E salvá-los ha o Senhor Deos seu. (cap. 9. v. 16.) Habacuc no Capitulo 3. v. 2. onde fallando de Christo, diz: Que ha de consummar a obra da Redempção, padecendo no meyo dos annos a morte, para restituir a vida: *Domine opus tuum, in medio annorum vivifica illud*. E no mesmo Capitulo v. 18. diz: *Exultabo in Deo JESU meo*: Darey saltos de prazer no Senhor JESU Deos meu Salvador. David no Psalmo 24. v. 5. *Tu es Deus salvator meus*: Vós Senhor sois Deos meu Salvador. Micheas no Capitulo 7. v. 7. *Expectabo Deum salvatorem meum*: Esperarey a Deos meu Salvador. A'lèm de outros muitos lugares da Sagrada Escritura, nos quaes se vê certificada esta verdade; e vo-los não repito, por vos não molestar.

Finalmente, de todo o Testamento Velho, e Novo, e ditos dos Santos Padres, a quem venero como columnas da Igreja Catholica, consta que Christo he o verdadeiro Redemptor, e Salvador do genero humano. E por isso só a sua santa Ley devem guardar, e observar muy inteiramente todos aquelles, que se quizerem salvar: porque além de ser muy verdadeira, são suaves os seus santos preceitos, como o mesmo Senhor diz: *Fugum meum suave est*. (Matth. 11. 30.)

Deste grande bem, e luz se não aproveitáram muitos dos miseraveis, e pertinazes Hebreos, por estarem cegos, e cheyos de culpas, e peccados,

dos, quando veyo este Senhor ao mundo a remittellos, e enfiar-lhes a sua santa Ley, e doutrina: segundo o que affirma o Evangelista S. João: *Et lux in tenebris lucet, & tenebræ eam non comprehenderunt.* (cap. I. v. 5.) Fecháram tam obstinadamente os olhos aquelles homens a esta luz; que nem viram, nem conhecêram os horrendos males, que lhes haviam de succeder por causa das suas incredulidades; não obstante o serem tantas vezes advertidos pelo mesmo Christo Salvador do mundo, como refere S. Lucas: *Si cognovisses & tu... nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis.* (cap. 19. v. 42.)

Isto mesmo succede ainda hoje a muitos, que tem o nome de Christãos, e por estarem cheyos de peccados não pôdem ver esta verdadeira luz. São estes muy parecidos com huns Gentios, que nascem na Costa de Guiné, chamados Aflas: os quaes nada vem, nem enxergam de dia com a luz do Sol; mas sim depois que anoytece. Assim tambem os peccadores: nada vem, nem enxergam, ainda quando mais claramente se lhes mostra com toda a evidencia esta verdadeira luz da Santa doutrina de Christo, e só depois que lhes anoytece, com as trevas da morte, e tão carregados de peccados, conhecem, e vem o erro em que andavaõ nesta vida, tam defalumbrados da verdadeira luz; e lá se vam assar, e queimar para sempre no inferno, sem esperanza de verem a verdadeira luz, que he Christo Redemptor, e Salvador do mundo.

Tambem vos advirto, que se não tomares

os meus conselhos, e avisos, perdereis tres cousas: tempo, faude, e salvação. Tempo; porque me não achareis mais: faude; porque enfermareis no peccado: salvação; porque vos deixareis ir ao inferno. E vede que tambem Deos me ha de perguntar se vos fiz estes avizos: como ja ha muitos seculos advertio Jeremias reprehendendo aos homens de seus vicios, por desperdiçarem o tempo, que Deos lhes dava para o empregarem no seu santo serviço, e bem de sua salvação; quando lhes disse: *Et vocavit adversum me tempus.* (Thren. i. 15.)

E por ultima conclusam de tudo quanto vos tenho dito, vos peço pela sagrada Payxaõ, e Morte de JESU Christo, que cuideis muito de vagar nisto que vos aviso, em quanto de vós me despeço, por me ser preciso ir assistir a outro lugar; prommettendo-vos, que, se Deos vos dilatar a vida, tornarey a buscar-vos, para continuarmos a segunda Parte deste Compendio, quando tenhamos a dita de ser approvado o que nelle temos escrito.

E sem mais esperar resposta, da minha presença desappareceo o Tempo. E agora acabo eu de entender, (continuou o Peregrino) que falta o Tempo a quem o busca: o qual, como mensageiro de Deos, e ministro da fortuna, decretou faltar-me, quando eu mais o dezejava. E por esta razão, ferrarey agora as vélas do meu discurso, e narração, suspendendo a penna desta escrita; e lançarey ancora no mar da esperança, até que torne a chegar o Tempo bem empregado, para
conti-

continuarmos a segunda Parte deste Compendio, que vos promettemos, se Deos for servido.

Sujeitando-me em tudo quanto tenho escrito neste Livro, com rendida vòntade, á correcção da Santa Madre Igreja de Roma. E hey por não dito, tudo aquillo, que não for conforme aos divinos preceitos, e á nossa Santa Fé Catholica.

SO' A DEOS SE DEVE A GLORIA.

